

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL
UNESP – CAMPUS FRANCA**

ELAINE CRISTINA CAUN

**O ENGENHEIRO ANTÔNIO SOARES ROMÊO E A MODERNIZAÇÃO
URBANA DE RIBEIRÃO PRETO NOS TEMPOS DO CAFÉ (1913-1923)**

**FRANCA
2010**

ELAINE CRISTINA CAUN

**O ENGENHEIRO ANTÔNIO SOARES ROMÊO E A MODERNIZAÇÃO
URBANA DE RIBEIRÃO PRETO NOS TEMPOS DO CAFÉ (1913-1923)**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós graduação
em História da Faculdade de História,
Direito e Serviço Social, da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré requisito
para obtenção do Título de Mestre em
História. Área de Concentração: Cultura Política.**

**Agência financiadora: FAPESP
Orientadora: Prof^a Dr^a Márcia Pereira da Silva.**

**FRANCA
2010**

Caun, Elaine Cristina

O engenheiro Antônio Soares Romêo e a modernização urbana de Ribeirão Preto nos tempos do café (1913-1923) / Elaine Cristina Caun. –Franca : UNESP, 2010

Dissertação – Mestrado – História – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP

1. Antônio Soares Romêo – Biografia. 2. Ribeirão Preto (SP) – História urbana.

CDD – 981.552RP

ELAINE CRISTINA CAUN

**O ENGENHEIRO ANTÔNIO SOARES ROMÊO E A MODERNIZAÇÃO
URBANA DE RIBEIRÃO PRETO NOS TEMPOS DO CAFÉ (1913-1923)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do Título de Mestre em História. Área de Concentração: Cultura Política.
Agência financiadora: FAPESP
Orientadora: Prof^a Dr^a Márcia Pereira da Silva.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____
Prof^a. Dr^a. Márcia Pereira da Silva, UNESP/Franca

1^o Examinador: _____
Prof. Dr. Pedro Geraldo Tosi, UNESP/Franca

2^a Examinador: _____
Prof. Dr. Carlos Martins Junior UFMS/CEUA

Franca, 14 de setembro de 2010.

Dedico a José Evaldo de Mello Doin (*in memoriam*):
Professor, Mestre e Amigo.

*“Uns são homens;
Alguns são professores;
Poucos são mestres.
Aos primeiros, escuta-se;
Aos segundos, respeita-se;
Aos últimos, entrega-se.*

*Único é aquele que foi todos ao mesmo tempo, daí este vazio
Se hoje cheguei aqui e quero seguir em frente,
é porque fui colocada nos ombros de um gigante!”*

Autor Desconhecido. Adaptado pela autora.

AGRADECIMENTOS

Durante o período de realização do Mestrado, muitas foram as sugestões, dificuldades, ideias, apoios e auxílios para a realização deste trabalho.

Agradeço, primeiramente, ao apoio financeiro da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), instituição que financiou esta pesquisa. Tal auxílio possibilitou idas aos congressos e bibliotecas.

Agradeço à indispensável orientação da Prof^a Dr^a Márcia Pereira da Silva, que esteve presente nos bons e nos maus momentos da sinuosa caminhada e desenvolvimento desta pesquisa, e que em vários momentos da realização deste trabalho me ergueu e não me deixou desistir. Sinceramente, Márcia, nem eu mesma teria tanta paciência. Obrigada.

Aos professores que participaram da minha Qualificação. Ao Prof. Dr. Lélío Luiz de Oliveira, cujas contribuições nos ajudaram na importante centralização de nosso objeto de pesquisa. À Prof^a. Dr^a. Teresa Maria Malatian que realizou uma atenta leitura na qual suas sugestões metodológicas e contextuais foram excepcionais para a composição do presente estudo.

A todos os funcionários da UNESP/Franca que de alguma forma sempre estão do nosso lado para apoiar e incentivar as pesquisas. Além deles, os funcionários dos arquivos pelos quais passei e que, sempre com muita paciência, dedicaram seu tempo em prol deste estudo, em especial ao Mauro do Arquivo Público de Ribeirão Preto e a Maria Luiza do Arquivo da Politécnica em São Paulo.

Aos amigos presentes hoje e sempre que, apesar das minhas chatices, me proporcionaram as mais variadas formas de apoio, carinho e incentivo: Chayene Medeiros minha vegetariana predileta, Ivan Polo Rocha meu amigo dos debates e mais debates e Thaís Creolézio minha amiga, minha irmã, muitas vezes meu socorro. Obrigada por estarem sempre por perto.

E por último, e não menos importante, agradeço à minha família.

Ao meu parceiro da vida, William Campos Galvão, pelo amor, lealdade, amizade e pelo cuidado comigo. O que muitas vezes se torna a fonte da minha perseverança, garra e persistência. Agradeço-te por me ensinar a ver as cores do mundo, sem elas esse trabalho não passaria de uma ilusão.

À minha mãe e ao meu pai, Rosangela Franzoni Caun e Jorge Donizetti Caun, por todo o suporte e incentivo que me proporcionaram. Agradeço a paciência e ao apoio que me deram durante essa fase da minha vida. Só vocês sabem o quanto eu lutei e o quanto eu me reinventei para poder chegar aqui.

Ao meu irmão Lucas Franzoni Caun, pela alegria estampada no rosto e por todas as brincadeiras.

À minha querida avó, Nair Franzoni, que está sempre presente mesmo que por telefone e se preocupando com a minha saúde e alimentação. Eu estou bem! Pode ficar tranqüila!

E principalmente agradeço pela existência das duas pessoas mais importantes da minha vida, Raul e Pedro! Meus amores, meus filhos maravilhosos, que vocês tenham a capacidade de perceber o mundo com a mesma intensidade do amor que eu sinto por vocês! Nunca deixem nada para trás e sempre sigam em frente, mesmo que a saudade bater e te atrapalhar, eu sempre estarei aqui, sempre!

A todos que fazem parte desta minha vida que, sem vocês, seria como um vazio infinito. Muito obrigada!

Caun, Elaine Cristina. **O engenheiro Antônio Soares Romêo e a modernização urbana de Ribeirão Preto nos tempos do café (1913-1923)**. 2010. xxx f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2010.

RESUMO

Análise das transformações urbanas sofridas pela cidade de Ribeirão Preto, no período áureo da sua cafeicultura. Em especial, visualização das novas experiências urbanas através da figura de Antônio Soares Romêo, engenheiro municipal (1913-1923). O caráter de organizador das obras públicas garantiu para Antônio Soares Romêo uma imagem de benfeitor e modernizador da localidade. Dado seu *status* social de homem letrado e culto, Soares Romêo participava da sociedade ribeirãopretana junto com as elites cafeeiras e, rapidamente, alcançou o cargo público de engenheiro municipal da cidade. A urbanização de Ribeirão Preto, como em outras cidades do interior paulista desenvolveu-se de forma ambígua, fundada num ambiente extremamente difuso, rude e repleto de nuances. Nesse ambiente, o engenheiro edificava e controlava as obras públicas para o interesse de toda a população e ao mesmo tempo arquitetava residências particulares que visavam atender aos desejos e aos gostos da elite cafeeira, ávida por viver ares europeus em pleno sertão d'Oeste.

Palavras-chave: História Regional. Biografia. Urbano. Antônio Soares Romêo. Ribeirão Preto.

Caun, Elaine Cristina. **O engenheiro Antônio Soares Romêo e a modernização urbana de Ribeirão Preto nos tempos do café (1913-1923)**. 2010. xxx f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2010.

ABSTRACT

Analysis of the urbane transformations occurred in the city of Ribeirão Preto, in the golden age of coffee farming. Especially, picture of the new urban experiences by the character of Antônio Soares Romêo, city's engineer (1913-1923). The stamp of public works organizer ensured Antônio Soares Romêo an image of benefactor and renewer of the place. Given his social status of literate and refined man, Soares Romêo took part in Ribeirão Preto's society among the coffee elite men and, quickly, reached the city's engineer public office. Ribeirão Preto's urbanization, as in other countryside towns in São Paulo state, has developed in an ambiguous form, grounded in an extremely diffuse environment, rude and full of nuances. In this environment, the engineer built and controlled the public works for the interest of all population and at the same time architected private residences which aimed to please the wishes and tastes of the coffee elite, eager to experience an European atmosphere in the open countryside of São Paulo State.

Keywords: Regional History. Biography. Urbane. Antônio Soares Romêo. Ribeirão Preto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO 1 – Antônio Soares Romêo: um engenheiro de formação politécnica chega a Ribeirão Preto	
1.1 – Considerações preliminares – da biografia.....	15
1.2 – Lorena: infância e memórias.....	20
1.3 – A formação acadêmica de Antônio Soares Romêo	28
1.4 – Antônio Soares Romêo e a cidade de Ribeirão Preto	36
CAPITULO 2 – Ribeirão Preto, a elite cafeicultora, ambições de modernidade e o trabalho de um engenheiro	
2.1 – Os primórdios da cidade de Ribeirão Preto e a economia cafeeira....	42
2.2 – Crenças e desejos da sociedade ribeirãopretana.....	60
2.3 – Intervenções no plano urbano e arquitetônico.....	68
CAPITULO 3 – O trabalho do engenheiro Antônio Soares Romeo em Ribeirão Preto	
3.1 – Considerações sobre a “visão do habitar” da elite ribeirãopretana.....	77
3.2 – O Engenheiro Civil: obras particulares.....	85
3.3 – O Engenheiro Municipal: obras públicas.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
ANEXOS	126

INTRODUÇÃO

O prédio que fora outrora cadeia pública, baixo, sem aparência, sem hygiene, sem acomodações para as diferentes repartições municipais, sem ter sequer uma sala em que, fora das vistas do público, pudessem os vereadores conferenciar, era o que servia de sede à Câmara, quando tomamos posse dos nossos cargos. Além de muito inferior ao adeamento do município, envergonhando-nos sempre que tínhamos de receber visitas de diplomatas estrangeiros, o velho prédio não tinha, ao menos, um lugar para o arquivo da municipalidade (...). Era, pois, urgente construir-se o Paço Municipal, que se ostenta à Praça Barão do Rio Branco, elegante nas suas linhas, excelente em suas disposições internas, amplo, bem acabado, obra, enfim, que servirá condignamente de sede ao Governo do Município durante muitas gerações (...).

O exposto acima é trecho do Relatório do prefeito municipal de Ribeirão Preto, doutor Joaquim Macedo Bittencourt. O mesmo foi escrito em 15 de janeiro de 1920, como parte da prestação de contas do período em que o prefeito que esteve à frente da administração da cidade nos anos de 1909 a 1920.

O trecho do Relatório de Macedo Bittencourt é representativo do período. Fala do embelezamento da cidade, da ênfase no desenvolvimento urbano, do modelo higienista, da preocupação com as concepções estrangeiras e da epopéia arquitetônica voltada para a construção da urbe afeita à urbanização que se pretendia moderna nos primeiros anos da República no Brasil.

Não são poucos os exemplos de cidades brasileiras que aderiram às idéias de modernidade ecoadas da Europa, a exemplo das reformas no Rio de Janeiro de Pereira Passos. A difusão das concepções modernas européias esteve presente nas cidades do café, porém, de maneira fluída e ambígua. Ribeirão Preto, bem como outros municípios (a exemplo de Batatais, Araraquara e Franca), sofreu importantes modificações no cenário urbano, custeadas pela lucratividade do café, mas sob efeito das peculiaridades locais, dada as adversidades e diversidades do meio interiorano.

Com efeito, Ribeirão Preto vivenciou, nas primeiras décadas do século XX, um período de intenso crescimento urbano.

Inserido nesse contexto, a presente pesquisa objetiva refletir sobre as transformações urbanas que marcaram a cidade de Ribeirão Preto na passagem do século XIX para o XX, partindo da idéia de que o progresso almejado nesse período deve ser compreendido num contexto histórico mais amplo, iniciado na Europa no final do século XVIII (baseado nos princípios da burguesia industrial e iluminista) e que se estendeu durante os séculos XIX e XX para outros continentes do Mundo.

Em especial, analisamos Ribeirão Preto e suas novas experiências urbanas através da biografia de Antônio Soares Romêo, engenheiro municipal que atuou na cidade durante a administração de Joaquim Macedo Bittencourt e de João Rodrigues Guião. Ao mesmo tempo, abordamos o momento histórico (1913-1923), como parte integrante de um processo urbano em constante modificação desde 1874, quando se ergueu a primeira Câmara Municipal. Tomamos a biografia de Antônio Soares Romêo, historicizada na pretensão de modernidade de Ribeirão Preto, como foco central para a compreensão do desenvolvimento urbano de uma das cidades mais importantes do complexo cafeeiro paulista.

Antônio Soares Romêo nasceu em Lorena (município do Vale do Paraíba) no ano de 1886, estudou na Politécnica de São Paulo, formou-se em Engenharia Civil em 1912, trabalhou em Ribeirão Preto como engenheiro civil e municipal até que voltou para a capital, em 1934, como professor *lente* da mesma Instituição em que havia se formado.

O trabalho de Antônio Soares Romeo, bem como a construção da moderna Ribeirão Preto, foi marcado pela diversidade tributária de muitas idéias e concepções sobre a urbe. Da sua formação, Antônio Soares Romêo herdou as concepções de urbe advindas de sua cidade natal, da posição social de sua família. Na Politécnica teve contato com o positivismo, marcado por idéias progressistas e cientificistas da organização urbana, bem como foi aluno de Ramos de Azevedo (engenheiro arquiteto formado na Bélgica), o que lhe rendeu concepções mais voltadas para a arquitetura, a exemplo do embelezamento e da estética na apresentação das construções. As múltiplas influências sofridas por Antônio Soares Romêo na sua infância e formação são o tema do primeira Capítulo desse trabalho.

Para informações sobre os primeiros anos de vida e a formação de Antônio Soares Romêo recorreremos ao Arquivo da Politécnica de São Paulo, localizado na Universidade de São Paulo (USP). Convém salientar que, para além deste arquivo, as informações são esparsas, encontradas, aqui e ali, em pequenas notas de documentos oficiais.

Depois de formado, Antônio Soares Romêo foi contratado para o cargo máximo da Diretoria de Obras da cidade de Ribeirão Preto. Naquele momento, a administração da cidade estava entregue aos fazendeiros de café da região, grupo de diversas origens que comportava famílias tradicionais do local (entrantes mineiros), imigrantes europeus e antigos cafeicultores do Vale do Paraíba (local que então vivia o declínio do café). Exatamente por ser uma cidade quase que contemporânea a cultura cafeeira, Ribeirão Preto nasceu cosmopolita, permissiva à penetração de indivíduos de outros estados brasileiros, bem como de outros países. Nessa realidade, não foi incomum que migrantes e imigrantes se projetassem e, na medida em que enriqueciam, se tornassem auspiciosos políticos locais. Quanto mais acumulavam política e economicamente mais se afinavam com os ideais de modernidade e, por isso mesmo, acabaram por contratar o biografado para planejar as construções que financiavam.

Em Ribeirão Preto, Antônio Soares Romêo tornou-se rapidamente membro da elite e adquiriu *status* como engenheiro municipal. As melhorias implementadas durante sua gestão na Diretoria de Obras (1913-1923), a defesa da estética da cidade, e suas participações em meio à administração pública, resultaram numa intensa relação entre sua trajetória e a urbanização da cidade. Os cafeicultores defenderam a contratação de um profissional “instruído” para materializar a modernidade que eles conheciam do contato com cidades européias, a exemplo de Paris. Convém notar que a Paris que enchia os olhos da elite ribeirãopretana não necessariamente representava a modernidade apreendida por Antônio Soares Romêo na sua infância e formação. Assim, as expectativas daqueles que o contrataram foi mais um elemento de influência para o seu trabalho. No Capítulo 2 abordamos a história de Ribeirão Preto, no intuito de abarcar as várias percepções que a cidade tinha da modernidade e, portanto, as expectativas locais acerca do desempenho do nosso biografado.

Mas não bastava projetar; era preciso transformar as plantas em realidade. Para tanto é importante considerar a mão de obra disponível na cidade. O terceiro Capítulo analisa a materialidade das obras, marcada pelas múltiplas influências do profissional Antônio Soares Romêo, pelas pretensões daqueles que financiavam as construções e pelas competências dos trabalhadores que atuavam diretamente nas mesmas. No intuito de analisar a obra de Antônio Soares Romêo e sua importância para o progresso de Ribeirão Preto recorreremos às plantas da Diretoria de Obras do município assinadas pelo mesmo, obviamente contextualizadas na história da cidade. Aqui é importante salientar que existem várias plantas arquivadas da Diretoria de Obras assinadas por diferentes pessoas que submetiam seus trabalhos para aprovação da futura construção, com vistorias técnicas múltiplas. Nos dedicamos às obras cujas vistorias técnicas foram realizadas por Antônio Soares Romêo e as plantas de sua autoria. É no terceiro Capítulo que apresentamos e discutimos os projetos que ele assinou, procurando evidenciar como o ecletismo que marcou seu trabalho foi, na verdade, resultado das muitas influências que sofreu durante a formação e da complexa relação entre os múltiplos atores que conviviam nas cidades.

Acreditamos firmemente que por meio da biografia de Antônio Soares Romêo é possível analisar aspectos essenciais e fundantes do desenvolvimento de Ribeirão Preto que se materializam até os dias de hoje.

Este estudo está, portanto, inserido naquilo que denominamos de nova história política, especificamente no que tange às novas recomendações sobre o fazer biografia.

É possível encontrar diferentes formas utilizadas para a confecção de uma biografia. Este trabalho é tributário daquilo que conhecemos como biografia renovada. Os significados e as implicações desta escolha foram apresentados no primeiro Capítulo. Para o momento, basta a afirmação de que não buscamos descrever a vida de Antônio Soares Romêo em nome da própria descrição, e sim nos utilizarmos dos vestígios da sua experiência pessoal para a compreensão de uma história mais ampla, ou seja, a da urbanização do município de Ribeirão Preto.

No conjunto, a modernização de Ribeirão Preto e a vida de Antônio Soares Romêo se mostraram objetos de análise extremamente instigantes e inter-relacionados.

CAPITULO 1

Antônio Soares Romêo: um engenheiro de formação politécnica chega a Ribeirão Preto

1.1 Considerações preliminares – da biografia

Quando lia um livro, a biografia de alguém famoso, perguntei-me: então é isto que o autor chama a vida de um homem? E quando eu não estiver mais aqui, será assim que escreverão sobre a minha vida? (Como se soubessem realmente algo dela, quando até mesmo eu muitas vezes penso que nada ou pouco sei da minha verdadeira vida (Walt Whitman – 1871)

Resgatar fatos e ordenar informações a respeito da vida de outra pessoa é, sem dúvida, um trabalho difícil e delicado. Neste capítulo primeiro explicamos a vida e a formação da pessoa Antônio Soares Romêo, mesmo que esta seja uma tarefa realmente complicada. Insistimos no uso do termo “pessoa” no sentido que propõe Michel Mafesolli. O autor acredita que a modernização e o desenvolvimento urbano fizeram das cidades algo que comporta muitos espaços. Os cidadãos interagem nesses vários lugares, transformando-se em serem também múltiplos, não mais compreendidos apenas em sua individualidade. O autor propõe o uso de identidades, palavra que adota no plural ou, como prefere, atribui ao sujeito contemporânea/moderno muitas identificações.

De agora em diante, parece-me que o indivíduo deve dar lugar a outra coisa. O termo resta ainda a ser encontrado. Da minha parte, eu proponho aquele de “pessoa” no sentido etimológico do termo (persona). Isso significa que somos confrontados às “máscaras” e que nós temos menos identidades do que identificações. A aquisição da identidade era até agora o ápice da educação, o apogeu da sociabilização. Mas nós assistimos agora à passagem da identidade para as identidades múltiplas.¹

¹ MAFESOLLI. *Perspectivas tribais ou a mudanças do paradigma social*. p. 28.

Nesse sentido quando tratamos do indivíduo², obviamente falamos do grupo ou dos grupos sociais dos quais ele faz parte. Falar de Antônio Soares Romêo significa abarcar as várias dimensões do homem, do engenheiro civil, do professor, do letrado, do funcionário público, daqueles que se beneficiam da pujança do café.

O trabalho de Antonio Soares Romêo em Ribeirão Preto foi marcado por múltiplas influencias. Da infância, ele trouxe a memória da terra natal, da cidade marcada por ideais do Império. Teve contato com a ciência e o progresso, cultuados pelo pai, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo – IHGSP. Posteriormente ciência e progresso foram ideais afirmados pelo contato com Paula Souza, Engenheiro Civil formado pela Politécnica de Zurique e um dos fundadores da Politécnica de São Paulo. Um outro fundador deste Instituto, Ramos de Azevedo, era Engenheiro Arquiteto de formação belga, extremamente preocupado com ornamentação e beleza. Ramos de Azevedo foi professor de Antonio Soares Romêo no Curso de Engenharia Civil, o que rendeu ao nosso biografado o cuidado com a estética de seus futuros trabalhos. Mesmo tendo aulas com um engenheiro arquiteto, Antonio Soares Romêo não fugiu da formação da Engenharia Civil o que significava dedicar-se ao empirismo, ao utilitarismo, no sentido da prática, da utilização dos espaços e da resistência do material utilizado nas construções. Quando chegou a Ribeirão Preto, se viu contratado por elites cafeeiras ansiosas por reproduzir conceitos haussmannianos na urbe, mesmo que não soubessem muito bem como fazê-lo. Então Antonio Soares Romêo, nas muitas obras que assinou, foi também influenciado pelos ideais de civilização que ecoavam de Paris. Na prática, os esforços de desenvolvimento urbano de Haussmann, grande nome da urbanização parisiense, resultaram no ecletismo da arquitetura. Resta-nos ainda mencionar Antonio Soares Romêo era católico, batizado e casado nos rituais da Igreja e, portanto, afeito a moralidade e a ética Cristã, o que lhe facilitou o casamento com a filha de um membro da elite ribeirãopretana. Antonio Soares Romêo é assim mesmo, como todas as pessoas, influenciado pelas múltiplas sociabilidades que vivenciou ao longo de sua vida.

² Continuaremos a usar o termo indivíduo apenas para finalidade da escrita, mas, não desconsideramos o sentido coletivo da palavra.

As realidades sociais as quais o indivíduo é exposto são capturadas e incorporadas durante o período da sua existência, compondo visões de mundo do ser social. Roger Chartier afirma que as percepções e representações que os homens fazem de si e do mundo que os cercam são determinadas pelos conflitos e convergências de interesses dos grupos que compõem a sociedade.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujo desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas económicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio³.

No caso deste estudo os interesses do governo perrepista na cidade de Ribeirão Preto e a presença de Antônio Soares Romêo foram fundamentais para as modificações do cenário do município no que tange a modernização.

Antônio Soares Romêo foi personagem significativo e esteve enormemente envolvido com o desenvolvimento urbano de Ribeirão Preto no início da República. Por meio da história dele, podemos aprender elementos importantes da modernidade ribeirãopretana, fato que impôs a biografia.

As décadas de 1970 e 1980 presenciaram um salto qualitativo da relação entre História e biografia. Nesta época chegou o fim a rejeição da biografia pela História, vez que foram renovados o papel do indivíduo, da ação do homem (independente da sua posição econômica e social). A História que tinha sido muito influenciada por análises marxistas e deterministas, permite agora que se deixe de lado grandes interpretações baseadas nas estruturas para se dedicar também aos estudos dos grupos sociais e de seus membros.

³ CHATIER. *A história cultural: entre práticas e representações*. p. 17.

Inserida nos atuais debates da nova história política, a biografia renovada afasta-se daquela que já mereceu tantas críticas e que comumente chamamos de biografia tradicional.

As biografias tradicionais descreviam linearmente os fatos vividos pelo indivíduo ao longo do seu tempo de vida. Esse tipo de biografia é identificada com uma história que privilegia os grandes homens e feitos, perpetuando uma visão dos fatos históricos a partir dos vencedores.

Nas biografias renovadas, por sua vez, encontramos a necessidade de problematizar a existência do indivíduo, sendo possível inferir experiências que ampliem as conjunturas particulares, alcançando nexos e contornos mais generalizantes. É como se, por intermédio das experiências particulares dos sujeitos, se abrissem inúmeras possibilidades de análises que permitissem compreender as situações para além dos aspectos da individualidade⁴. Os elementos de formação das vivências individuais são gestados nas experiências sociais de cada um e dos grupos aos quais pertencemos.

O historiador deve considerar os procedimentos metodológicos sugeridos pela nova biografia que, utilizando-se do indivíduo, busca o diálogo permanente com a sua realidade contextual. Biografar alguém é dialogar com os problemas de seu tempo. Segundo Phillippe Levillain,

(...) a biografia reassume uma função a meio caminho entre o particular e o coletivo, exercício apropriado para identificar uma figura num meio, examinar um sentido adquirido por uma educação distribuída a outros segundo os mesmos modelos, analisar as relações entre desígnio pessoal e forças convergentes ou concorrentes, fazer o balanço entre o herdado e o adquirido em todos ou domínios.⁵

Acerca dos desafios que o Historiador enfrenta quando se propõe a fazer biografia lembramos-nos de Pierre Bourdieu. O autor escreveu , em 1986, o texto intitulado “A Ilusão Biográfica”. Nele, Bourdieu já alertava para o problema de o historiador, ao biografar alguém, tentar dar um sentido lógico e

⁴ Mais uma vez lembramos a sugestão de Michel Mafesolli para a caracterização dos homens enquanto portadores de várias individualidades, propondo então, que o biografo considerem a pessoa, palavra que já comporta múltiplos desejos, comportamentos, hábitos nos diferentes lugares que compõe a mesma cidade.

⁵ LEVILLAIN. *Os protagonistas: da biografia*. p.165.

cronológico para a vida da pessoa e, ao fazê-lo, acabar construindo um texto por demais imaginário e apresentado como realidade absoluta.

produzir uma historia de vida, tratar a vida como uma historia, isto é, como um relato coerente de um sequencia de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum de existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.⁶

Historiadores desafiados pelas criticas de Bourdieu começaram a pensar uma biografia que nada tinha a ver com o heroísmo dos “grandes homens” descrita por Jacques Le Goff como “tradicional, superficial, anedótico, cronológica, sacrificada a uma psicologia ultrapassada e incapaz”⁷.

A biografia histórica renovada aparece depois disso como uma aquisição da historia social. Não se tratava mais de examinar os heróis, mas os atores célebres ou não que fossem capazes de revelar uma época. É neste sentido que a proposta dessa Dissertação foi construída: tomamos o indivíduo (ou pessoa, como queria Mafesolli) para analisar a época da Primeira República no Brasil, especificamente a modernização do município de Ribeirão Preto.

Fugindo da tal “ilusão biográfica” questionada por Bourdieu, Le Goff procura demonstrar como a vida individual gera questões e instiga uma historia problema. Segundo o autor uma vida pode contar tantas outras, já que a vida da pessoa biografada converge com fatos e forças sociais, assim como o indivíduo, suas idéias, representações e imaginários convergem para o contexto social.

A vida de Antônio Soares Romêo, personagem a ser estudado, segundo a perspectiva da biografia renovada, permitiu medir uma serie de fenômenos ocorridos na sociedade cafeeicultora; da sua infância, formação e vida profissional foi possível analisar o quadro dos discursos deste período, revelar a cidade no período do desenvolvimento da cafeeicultura.

⁶ BOURDIEU. *A Ilusão Biográfica*. p. 185

⁷ LE GOFF. *Comment écrire une biographie historique aujourd'hui*. pp. 48-53.

1.2 Lorena: infância e memórias

Antônio Soares Romêo nasceu na cidade de Lorena, no Vale do Paraíba, interior de São Paulo, em três de março de 1886. É válido lembrar que a cidade de Lorena vivia da economia cafeeira e que nas últimas décadas do século XIX passava por uma difícil situação em virtude da decadência da lavoura do café e da libertação dos escravos, sem indenização aos senhores.

Caracterizar a cidade de Lorena é importante como ponto fundante da formação e das percepções sociais de Antônio Soares Romêo. Conforme já mencionado anteriormente, elementos que marcaram as obras de Antonio Soares Romêo quando de sua passagem por Ribeirão Preto, desde as concepções de progresso e ciência até a efetividade da plantação das palmeiras imperiais.⁸

Lorena, cidade situada no Vale de Paraíba, no estado de São Paulo cresceu pelo poderio do café imperial. Sua postura era de negação do arcaico colonial; seu baronato, intimamente ligado ao prestígio social e às facilidades de vida na corte, teve papel relevante na melhoria da cidade. A elite local buscava proximidade com a capital do Império, no sentido dos hábitos, das aparências, enfim, de tudo aquilo que olhos podiam alcançar.

Os lorenenses se orgulhavam em ostentar símbolos da corte portuguesa. A cidade era, por exemplo, conhecida como a “capital das palmeiras”. É interessante notar que, em Lorena, um dos grandes símbolos de poderio eram os jardins ornamentados com as palmeiras imperiais, copiadas dos jardins da corte, que cercavam a Praça da Matriz e decoravam os lugares da elite. A ostentação representada pelas palmeiras fez parte da infância de Antonio Soares Romêo que vivenciava o crescimento destas plantas que orgulhavam os moradores e também simbolizavam a força imperial.

A idéia de classe e distinção das palmeiras prosseguiu durante a República. A planta era tida como alegoria do bom gosto. Antonio Soares Romêo projetou na Diretoria de Obras de Ribeirão Preto o jardinamento da Praça Schimith, localizada em frente à estação ferroviária hoje rodoviária municipal, e o entorno do córrego da Av. Jerônimo Gonçalves, mandou plantar

⁸ Trataremos desse assunto no decorrer deste Capítulo.

ali as tais palmeiras, com mudas diretamente trazidas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Chamou-nos a atenção o fato de que a memória da infância superou as recomendações do estilo aprendido no Curso Superior que freqüentou posteriormente. Destacamos aqui a importância da memória para a formação do indivíduo. A cerca do assunto, Maurice Halbwachs elaborou, em 1925, uma espécie de sociologia da memória coletiva.

Para Maurice Halbwachs a memória individual se faz a partir da coletiva, de lembranças elaboradas no interior dos grupos sociais. O autor afirma que podemos acionar a memória coletiva por meio de lembranças advindas de recordações alheias. Afinal, completa Halbwachs, a maioria das lembranças que temos não são inteiramente nossas, mas produto de tudo o que vimos, ouvimos dizer, enfim, de trocas e percepções compartilhadas com aqueles com os quais convivemos em diferentes momentos de nossa existência.⁹

É neste sentido que acreditamos que as palmeiras plantadas em Ribeirão Preto representam o reviver da memória coletiva que Antonio Soares Romêo naturalmente trazia (e/ou tinha) da sua cidade natal.¹⁰

Ainda sobre as palmeiras escreveu o memorialista ribeirãopreto Prisco da Cruz Partes:

⁹ HALBWACHS. *A memória coletiva*.

¹⁰ Aqui não conseguimos resistir a tentação de inferir os possíveis motivos que levaram Antonio Soares Romêo a reproduzir, em Ribeirão Preto, um dos cenários da sua infância com as referidas palmeiras. Parece-nos, obviamente recorrendo ao arcabouço teórico da memória, que ele procurava conforto e segurança. Talvez buscasse fazer do município de Ribeirão Preto seu novo lar, recompondo aspectos do universo do qual outrora tinha feito parte. Tais idéias nos remetem a personagem de “Dom Casmurro”, obra do escritor Machado de Assis. Ele mesmo ao terminar de reconstruir a casa em que vivera na infância, “dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela que desapareceu”, notou que ali havia “o mesmo contraste da vida interior (...) pacata, coma exterior (...) ruidosa, e mesmo assim sentiu um enorme vazio. Diante do fracasso da empreitada, tentou explicar para si mesmo os motivos de ter-se imposto todo aquele trabalho: “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e a esta lacuna é tudo” A lembrança de Machado de Assis nos parece pertinente, uma vez que o autor, homem que viveu em meio às grandes transformações do final do Império no Brasil foi, como muitos de sua época, estranho a modernidade. O autor escreveu Dom Casmurro no emblemático ano de 1889. Coincidência ou não, nem a Dom Casmurro, tampouco a Antonio Soares Romêo bastou a reconstrução de espaços da infância. A personagem de Machado de Assis resolveu escrever um livro para acertar as contas com o passado, Antonio Soares Romêo voltou ao lugar de sua formação...saiu de Ribeirão Preto para lecionar na Politécnica de São Paulo, local em que tinha se formado. Ver: ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. 1. ed. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008. pp. 05 - 09.

(...) É um prazer observa-las dando-nos a impressão que aquelas imperiais palmeiras, desejam competir com seus tamanhos, aos mais altos aranhas-céus do Rio de Janeiro! Assim serão também no futuro as palmeiras de Ribeirão Preto, quando elas tiverem a idade de suas irmãs bi-centenárias: os seus troncos, com seus caules e suas alturas serão iguais àquelas plantadas por D. João VI. Mas somente os nosso tetranetos terão a ventura de contempla-las com essas grandiosidades! Agora há uma particularidade ignorada por muitos que residem nesta cidade: essas palmeiras que são o orgulho de nossas praças foram plantadas em 1913 (...). Naquele ano a nossa cidade já era considerada como a terceira do interior paulista e com as reformas havidas, nova aparência era deparada ante o grandioso empreendimento do Prefeito, o saudoso Dr. Macedo Bittencourt, o Engenheiro Dr. Romêo (...). Hoje constituí um deslumbramento para as nossas vistas, quando as observamos nos aristocráticos Logradouros, essas graciosas plantas, crescendo cada vez mais, e parecendo sorrirem diante da Terra Roxa, tão fértil pródiga para uem vive nela.¹¹

A cidade natal de Antônio Soares Romêo é, no período imperial, geograficamente importante, pois situava-se no caminho entre São Paulo e a corte tornando-se assim um importante centro articulador entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo. A cidade, de origem colonial, sofreu diversas transformações com a burguesia surgida da cultura cafeeira.

Os poderosos barões do café imperial, enriquecidos com a economia agrária e escravista, financiavam melhoramentos de infraestrutura e de questões relacionadas à beleza e à ornamentação da cidade. O ideal era a

¹¹ PRISCO. *Ribeirão Preto de outrora*. p. 37. A importância que as palmeiras passavam a ter para Ribeirão Preto é óbvia. As mesmas, desde que foram plantadas por determinação de Antonio Soares Romêo, passaram a integrar o universo de Ribeirão Preto e a memória local. A população se identificava com essas palmeiras que compunham o jardim da antiga Praça Schmidt (nome dado em homenagem ao cafeicultor Francisco Schmidt, grande proprietário da primeira metade do século XX). A identificação dos moradores locais com as referidas palmeiras foi comprovada na reação dos munícipes diante da retirada das plantas de seu local de plantio. O fato é que a área sofria inundações freqüentes, coisa que teoricamente poderia ser evitada com a canalização do rio. No entanto, as palmeiras impediam tal canalização. Persistiu o dilema: Ribeirão Preto deveria ou não tirar as palmeiras dali? Depois de anos de impasse, a prefeita eleita em 2008, em conjunto com a Sra. Liliam Rosa, então secretária do Patrimônio de Ribeirão Preto, decidiram pela retirada das plantas ação minimizada pela intenção de transferir às árvores para um parque municipal da cidade. Em virtude da resistência da população, no local que estavam as palmeiras transplantadas foi erguido o "Memorial às Palmeiras Imperiais". O episódio, no momento da escrita deste texto, esta longe do seu epílogo, tendo em vista que as obras apenas se iniciaram, que ainda há árvores no local e que ninguém garante a sobrevivência daquelas já levadas para o parque, dado os anos que já possuem. Permanece a disputa entre a memória e a decisão da administração de Ribeirão Preto eleita em 2008.

capital do Império, modificada de rude à “bela” com a chegada da corte e a da Missão Francesa.¹² No conjunto, apesar de situada em território bandeirante, os usos e costumes dessa localidade vieram por influencia da corte.

O baronato local teve papel fundamental para o financiamento dos melhoramentos urbanos nestas localidades. A formação do baronato brasileiro, diferentemente do português, ocorreu por títulos de nobreza, conseguidos através de “atos de lealdade ou mesmo doações de bens materiais ao Império”.¹³

A elite econômica agrária paulista, composta pelos senhores do café, passou a participar da balança de exportações brasileira. O Império “prestigiava” estes senhores do dinheiro, que ganhavam títulos e status na região. A elite loranense integrava este contexto.

A doação de grandes somas para a construção de templos religiosos (a matriz, em que se empregou material diretamente importado da Europa, e a igreja de São Benedito, cujo risco foi entregue ao francês Charles Peyrouton, o mesmo que projetou o palácio dos Condes de Nova Friburgo, no Rio - o atual palácio do Catete - e o palacete do Barão de Lessa, em Pindamonhangaba) e, sobretudo, a inauguração de um Engenho Central, iniciativa das famílias Castro Lima e Vicente de Azevedo, resultaram na concessão de numerosos títulos e ordens honoríficas, entre os anos de 1879 e 1884. Criaram-se os títulos de Viscondessa de Castro Lima, Barão de Moreira Lima (logo elevado a Visconde) e segundo Barão de Castro Lima, além do que numerosas comendas e oficialatos da Rosa e de Cristo foram distribuídos entre seus próximos parentes.¹⁴

O período auge da cidade de Lorena foi alcançado na década de 1880. No ano de nascimento de Antônio Soares Romêo, o imperador Pedro II e sua esposa D. Tereza Cristina hospedaram-se na cidade durante viagem a São Paulo.¹⁵ Hospedar o Imperador neste período era sinal de grande prestígio local.

¹² Para compreensão dos moldes europeus na capital do império brasileiro ver TAUNAY, Alphonse D'Escragnolle. *A Missão Artística de 1816*.

¹³ MOURA. *Visconde de Guaratinguetá: um fazendeiro de café no Vale do Paraíba*, 2002.

¹⁴ Idem p. 105.

¹⁵ D'ELBOUX. *Uma promenade nos trópicos: os barões do café sob as palmeiras-imperiais, entre o Rio de Janeiro e São Paulo*, 2006.

Em 1886, ano de nascimento de Antônio Soares Romêo, começou a construção da Matriz da cidade de Lorena. A Matriz, obra de Ramos de Azevedo, um dos profissionais que mais tarde o influenciaria, tornaria um dos símbolos de grandeza da região.

Neste período Ribeirão Preto era uma freguesia que lutava para organizar minimamente o alinhamento das ruas. Até o ano de 1889, Ribeirão Preto ainda não tinha suas vias calçadas, nem mesmo macadamizadas.

Chamou-nos a atenção o fato de que as duas cidades (Lorena, cidade natal de Antônio Soares Romêo e Ribeirão Preto, lugar privilegiado nesta pesquisa) passavam, no final do século XIX, por momentos bem diferentes. Enquanto Lorena crescia na ânsia de abandonar o passado colonial e adquirir ares europeus, Ribeirão Preto ainda enfrentava questões de infraestrutura próprias do início das cidades: organização das ruas, calçamento, provisão de alimentação e demais produtos necessários ao cotidiano da população.

Anos mais tarde, o quadro descrito anteriormente já havia mudado. No início do século XX Ribeirão Preto sofreu grande desenvolvimento, enquanto assistia a decadência das cidades do Vale do Paraíba.

Mas o que explica esta nova realidade? Um elemento que ajuda na resposta desta pergunta é a diferença de relacionamento dos habitantes das duas cidades em relação aos novos tempos anunciados pela República. Enquanto os Barões do Café da “Princesa do Paraíba” tinham uma postura tradicional, regrada pelo Império, com sua agricultura baseada no escravismo e na falta de técnicas agrícolas, o que resultava no esgotamento do solo da região para o plantio do café, Ribeirão Preto se apresentava como um município novo, com ares menos conservadores. Com exemplo mencionamos o fato de que, na 5ª Legislatura da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, por indicação de Rodrigo Pereira Barreto, no dia 03 de agosto de 1887, foi aprovada por unanimidade a libertação dos escravos na cidade. Foi então criado o Livro da Redenção para ser assinado pelos proprietários que aderissem a essa idéia.¹⁶

¹⁶ Câmara Municipal – Memória / As Legislações Municipais: 1874 – 2004. Ribeirão Preto, p.21.

Voltado para a entrada do imigrante, o município de Ribeirão Preto, diferentemente da Lorena escravista, cultivou o café com a preocupação de aplicar técnicas inovadoras nas plantações, que ao invés do modelo adotado por Lorena que se alinhavam aos morros, seguiam as curvas de nível prevenindo erosões.

Lorena era um nicho voltado às melhorias e necessidades de aparência e ostentação que o neoclássico Imperial impôs àqueles que tinham a força motriz para a imposição de uma possível civilidade na colônia. Tal civilidade era mais aparente do que oculta, uma vez que não significava o rompimento com as tradições políticas do Império.

As memórias e tradições familiares da infância de Antônio Soares Romêo certamente influenciaram sua vida. O personagem estava acostumado a conviver em meio a idéias de progresso e elites ávidas ao dinheiro e aos luxos que o café proporcionava. Antônio Soares Romêo conheceu o mundo em que as elites cafeeiras eram progressistas por um lado (no que concernem as benesses da modernidade) e conservadora por outro, no sentido de que não queriam abrir mão da rede de poderes locais.

São claras as ligações entre o baronato local e a família Romeo. Seus padrinhos de batismo foram Antonio Rodrigues de Azevedo Ferreira, Barão de Santa Eulália¹⁷ e sua esposa D. Eulália Moreira Rodrigues de Azevedo.

A madrinha de Antônio Soares Romêo, D. Eulália Moreira Rodrigues de Azevedo era Irma do Conde Moreira Lima, personagem fundamental e financiador das melhorias da cidade de Lorena. Enfim o ator social Antônio Soares Romêo desde a infância vivenciava o mundo dos títulos e da imponência da tradição do café.

Para além dos ilustres padrinhos, Antônio Soares Romêo era filho de José Francisco Soares Romêo. Na busca da compreensão de quem era seu pai, enveredaremos pelo terreno da genealogia.

¹⁷ Antonio Rodrigues de Azevedo Ferreira conseguiu o título de Barão próximo ao final di Império. Neste período a economia dos produtores de café que ainda se baseavam na mão-de-obra escrava foi abalada pela crise do escravismo no Brasil e a conseqüente Lei Áurea. Como medida paliativa em defesa da antiga elite escravocrata Imperial, esses proprietários foram agraciados com títulos de nobreza.

Em textos desconectados e fragmentados de documentos encontramos várias menções à família Soares Romêo. Encontramos referências à uma pessoa chamada José Elias Soares Romêo Júnior, escritor português veio para o Rio de Janeiro¹⁸ trabalhar com o comércio segundo Valéria Augusti. Segundo a autora José Elias Soares Romêo voltou para Portugal em 1868, local onde exerceu a função de “guarda livros” do Banco Comercial de Braga durante o período de 1873 a 1878. Este português foi escritor, colaborando com periódicos durante o tempo que estava no Brasil. Foi também correspondente do Retiro Literário do Rio de Janeiro e Cavalheiro da Ordem de Cristo. Tem livros publicados¹⁹ e ainda aparece em alguns documentos como crítico literário²⁰. Defensor da literatura e da intelectualidade brasileira, José Elias Soares Romêo respondeu às provocações de Antero de Quental. Antero de Quental, no folheto “Bom senso e bom gosto”, publicou texto intitulado “Carta ao Exmo. Sr. Antônio Feliciano de Castilho” em que afirmava que “as obras de Feliciano de Castilho somente agradavam aos leitores do Império do Brasil, “uma turba de gente que nunca lei nem pensou”. José Elias Soares Romêo saiu em defesa não de Feliciano de Castilho, mas do povo e da literatura brasileira, escrevendo

Julga sua Sra., que o Brazil é um paiz atrazado em civilização ou habitado unicamente por gente boçal? Conhece o estado da literatura brasileira? Se o conhece, como nega aquilo que sabe, e se não conhece, como falla d’aquilo que ignora?²¹

Nota-se que José Elias Soares Romêo era letrado, português, morou e gostava do Brasil. Curiosamente ele apareceu citado em livro do Instituto

¹⁸ AUGUSTI. *Polêmicas literárias e mercado editorial Brasil-Portugal na segunda metade do século XIX*. Disponível em

<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/polemicas.pdf>.

¹⁹ Dentre as publicações de José Elias Soares Romêo estão: *Armas e Letras*, 1880; *Nas margens do minho*, 1881; *Homenagem a Camões por a ocasião do seu centenário a 10 de junho de 1880*, 1880; *Recordações Literárias*, 1877; *O Marquez de Pombal*: conferência realizada no Club Familiar Thaliense aos 23 de abril de 1882, 1882; *As letras do Brazil*: duas palavras acerca de um folheto do srn. Antero de Quental, 1886.

²⁰ Fonte: DICIONÁRIO BIBLIOGRÁFICO PORTUGUÊS, Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicáveis a Portugal e ao Brazil. Continuados e ampliados por Brito Aranha. Revisto por Gomes de Brito e Álvaro Neves, Lisboa, Imprensa Nacional, 23 vol, 1858-1923.

²¹ ROMÊO. *As letras no Brazil: duas palavras ácerca de um folheto do Snr. A. do Quental*. p. 05.

Geográfico de Lisboa. Lembramos que o pai do nosso biografado foi sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo.

Além de referências à José Elias Soares Romêo, também encontramos menção à um homem chamado Antônio José Soares Romêo, este na obra intitulada “Jornais e Revistas Portugueses do século XIX”, de Gina Guedes Rafael e Manuela Santos, aparece, em 1885, como proprietário e fundador de um folheto semanal (“O Campeão Cerverense”) da cidade de Vila Nova de Cerveira, m Portugal. Tratava-se, segundo a mesma fonte, de um semanário literário recreativo.²²

Não sabemos exatamente qual a relação e parentesco entre esses homens de sobrenome “Soares Romêo”. Salientamos apenas que o sobrenome “Soares Romêo” aparece sempre relacionado à pessoas letradas, de bom posicionamento intelectual e social.

Seguindo a tradição da família, José Francisco Soares Romêo, pai do nosso biografado, foi intelectual e sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo (IHGSP), já que seu nome aparece nas atas desse Instituto²³

Mas o que significava ser sócio fundador do IHGSP?

Os trabalhos do Instituto começaram no período de transição do Império para a República. Entre seus fundadores estavam homens letrados inspirados pelo liberalismo, pelo darwinismo social e pelo positivismo, que acreditaram na função “iluminadora da ciência”.

Era sintomático, alias, que a inauguração dos trabalho do instituto ocorresse às vésperas da posse do primeiro presidente civil da Republica – o paulista Prudente de Moraes, personalidade que integrava o seu rol de fundadores. Desde cedo e durante toda a Primeira Republica, momento em que São Paulo firmou sua posição hegemônica na Federação, o IHGSP gozaria de grande prestígio, inserindo-se na órbita do poder político dominante do Estado²⁴.

²² RAFAEL e SANTOS. *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*.

²³ Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, volume I, 1895, pág. 219.

²⁴ CELSO FERREIRA, Antonio. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870 - 1940)*. p. 94.

A análise do quadro de presidentes, sócios-fundadores e demais ingressantes no período que se estende até 1940 revela uma entidade, sem dúvida, inteiramente integrada ao mundo oficial de São Paulo. Quanto aos primeiros, eram sempre homens de poder, representativos das correntes nacionais conservadoras: foram seus presidentes honorários Prudente de Moraes (1894), Barão do Rio Branco (1901), Rui Barbosa (1908) e Afonso de E. Taunay (1939); e presidentes efetivos Cesário Mota Jr. (1894), Duarte de Azevedo (1897), Luiz Piza (1912), Altino Arantes (1916), Afonso Antonio de Freitas (1922) e José Torres de Oliveira (1930). Dos 139 fundadores sócios-fundadores, boa parte ocupava os mais altos cargos políticos estaduais e federais. Além do próprio presidente da República, participaram da sua criação o presidente do Estado (Bernardino de Campos), os secretários estaduais da Justiça (Rubião Júnior) e da Agricultura (Teodoro Dias de Carvalho), o prefeito de São Paulo (Pedro Vicente de Azevedo), os presidentes do Senado e da Câmara dos Deputados do Estado (José Alves Guimarães Junior e Luis de Toledo Piza e Almeida), membros da comissão executiva do Partido Republicano Paulista (como Francisco de Paula Rodrigues Alves), juizes do Supremo Tribunal Federal, deputados, senadores, ex-prefeitos, ex-ministros e vários outros líderes republicanos, especialmente Campos Salles e Francisco Glicério. Alguns deles eram figuras notáveis do final do Império, como Antonio da Silva Prado e Pedro Vicente de Azevedo.²⁵

José Francisco Soares Romêo foi um dos fundadores do IHGSP e membro da elite do estado que incluía pessoas como Cezário Motta, Antônio Pizza e Paula Souza. O último foi, inclusive, um dos fundadores da Escola Politécnica, lugar em que posteriormente estudaria Antônio Soares Romêo.

Ser filho de alguém relacionado ao IHGSP significava conviver com pessoas que sabiam da importância da ciência e da cultura, pessoas dedicadas ao novo e ao progresso.

Dos tempos de infância Antônio Soares Romêo capturou da convivência com o pai a ânsia e as imagens do progresso; de Lorena o gosto por alguns elementos do Império, a exemplo das palmeiras.

1.3 A formação acadêmica de Antônio Soares Romêo

²⁵ CELSO FERREIRA, Antonio. A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870 - 1940). pp. 99 - 100.

Assim como os filhos da elite de Lorena, Antônio Soares Romêo saiu da cidade para completar seus estudos na Capital do estado de São Paulo.

O ensino em Lorena, segundo José Geraldo Evangelista, era, no mínimo, complicado em termos de qualidade:

a qualidade do ensino ministrado nessas escolas secundárias poderia não ser satisfatória, quando sabemos que o Dr. Rodrigues Azevedo mandou seu filho Arnolfo para o Colégio Moretz Sohn de São Paulo e depois para o Menezes Vieira, do Rio de Janeiro.²⁶

Antônio Soares Romêo completou seus estudos secundários no Ginásio da Capital do estado de São Paulo, Instituto de ensino que na época era equiparado ao Ginásio Nacional, e os terminou no ano de 1905, com 19 anos de idade. Desde que saiu de Lorena para estudar na capital do estado, Soares Romêo nunca mais voltou para a cidade em que vivenciou a infância.

Em 1906, terminado os estudos no Colégio, com vinte anos de idade, requereu a matrícula no Curso de Engenharia na Escola Politécnica de São Paulo; foi aceito e começou aí sua formação profissional (Vide **Figura 01**).

A escolha pela profissão de engenheiro civil ia ao encontro da demanda técnica que o Estado de São Paulo necessitava depois do enriquecimento vindo do café.

É, portanto nesse cenário de modificações gerais, quando São Paulo alcança posição privilegiada, com crescente urbanização e industrialização, além da valorização de aspectos técnicos e tecnológicos no contexto regional e internacional, que se cria a Escola Politécnica de São Paulo.²⁷

A Escola Politécnica de São Paulo foi criada pela lei nº 191, de 24 de agosto de 1893, em resposta a necessidade técnica do estado. Em discurso de inauguração de 15 de fevereiro de 1894, Cesário Motta Junior retrata:

Possuímos os mais gigantes sistemas fluviais e quase não temos navegação; temos a lavoura e falta-nos o braço, temos a matéria-prima, e não temos a fábrica, temos a mina, e não possuímos o mineiro, cumpre-nos resolver tudo isso,

²⁶ EVANGELISTA, J. G. *História do Colégio São Joaquim (1890-1940)*. p. 39.

²⁷ MOTOYAMA. *Escola Politécnica*; 110 construindo o futuro. p. 45.

Frente as várias transformações que o estado de São Paulo vivenciava, a Escola Politécnica surgiu com metodologias de ensino e pesquisa voltadas para o positivismo e o cientificismo que caracterizavam o período da sua fundação.

A valorização da ciência era importante para os politécnicos. Em artigos publicados pela Revista de Engenharia, estes acadêmicos sempre se referiam a hierarquia da ciência proposta por Auguste Conte em seu Curso de Filosofia Positiva, a exemplo do artigo do politécnico Lúcio Martins Rodrigues, de 1911:

A solução envolve certos conhecimentos astronômicos indispensáveis, o que lhe dá uma feição extremamente interessante sob o ponto de vista científico. A astronomia vem uma vez mais demonstrar sua alta importância e justificar sua posição fundamental na escala hierárquica das Ciências, tal como foi estabelecida pelo grande gênio Auguste Conte.²⁹

O ensino politécnico acreditava nos resultados qualitativos da aprendizagem de seus alunos, ensinando-os a partir de características fundamentais da ciência positivista como o empirismo, as ciências naturais e o esforço da comprovação.

Roque Spencer Maciel de Barros, no livro “A Ilustração brasileira e a idéia da Universidade”, faz um paralelo bem objetivo entre o positivismo e estes intelectuais progressistas no Brasil:

A lei dos Três Estados positivista é um instrumento adequado para a explicação da realidade da época. O positivismo oferecia, para a obra da renovação nacional, o principal. E este era o “ponto de encontro” da intelectualidade progressista do fim do Império.³⁰

Concordando com Roque Spencer, Marcos Ferreira Santos expõe a importância da educação e do positivismo para a educação brasileira da primeira República.

²⁹ Fonte: RODRIGUES. Uma questão de higiene. In: *Revista de Engenharia*, n. 6, nov. 1911, p. 169.

³⁰ BARROS. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. p. 196.

O ensino propedêutico deveria ser destinado unicamente à elite nacional em sua febre de “bacharelismo”. A necessidade de se ter um filho na família que fosse padre (no mytho jesuítico do “padre”), vai sendo gradativamente sendo substituído pelo filho “doutor”. E o espírito do tempo fará com que este doutor seja essencialmente positivista. Ele será o arauto do progresso que virá a partir da ordem. Daí também a necessidade de “doutores” que tragam este progresso (numa tradição essencialmente jurídica), bem como dos militares a garantirem a indispensável “ordem”. Não por acaso, no Brasil, se construirá uma Igreja Positivista. Neste particular, nos parece que o mytho jesuítico “falou mais alto”.³¹

Imbuída da necessidade de formar “doutores positivistas”, como bem demonstrou Marcos Ferreira Santos, a Escola Politécnica absorveu os preceitos positivistas, principalmente na questão do empirismo.³² Insistiram os fundadores da Politécnica, em associar a teoria científica com a prática em laboratórios.

Em Ata de fundação do Instituto Politécnico de São Paulo, Antônio Francisco de Paula Souza, um dos fundadores, argumentou a associação entre prática e teoria:

Nas escolas modernas de engenharia do tipo mais elevado, o ensino profissional abrange, além dos cursos teóricos, a prática de oficinas e laboratórios. Esta união da teoria e da prática é reconhecidamente o método mais eficaz para o ensino técnico e profissional, portanto desse modo se concretizam as noções, se desenvolve o hábito da observação, da análise, de precisão no modo de operar e se preparar enfim o jovem engenheiro para, com mais facilidade, iniciar sua carreira e assumir, após curto tirocínio na vida prática, posições de confiança e responsabilidade. A Escola Politécnica de Zurique representa um dos principais estabelecimentos de ensino profissional na Europa e a instalação de suas oficinas e de seus laboratórios de mecânica aplicada é um exemplo dos mais importantes do desenvolvimento do ensino técnico.³³

³¹ SANTOS, M. F. *A educação brasileira na Primeira República: O “Doutor” Positivista*. São Paulo. Faculdade Marcelo Tupinambá, 1993. p. 02. Texto originalmente utilizado no Programa de Pós-Graduação em Musicoterapia e Educação Artística da Faculdade Marcelo Tupinambá disponível em <http://www.marculus.net/textos/primeira%20republica.pdf>.

³² Para o estudo empírico, a razão não é capaz de operar a não ser pela via da experiência concreta. Todo esforço da ciência e da filosofia devem se restringir à encontrar leis que regem os fenômenos observáveis.

³³ Fonte: PAULA SOUZA, TELLES, FREIRE, CARVALHO. História da Escola Politécnica de São Paulo. In *Anuário da Escola Politécnica de São Paulo de 1908*, p. 30

Portanto um dos elementos que marcou a formação de Antonio Soares Romêo, por influencia da Politécnica, foi a ciência positivista.

No entanto, convém notar que a Politécnica como qualquer outra academia tinha linhas de orientações gerais, mas contava com profissionais que priorizavam ênfases diferenciadas, a exemplo do empirismo (notadamente parte do positivismo) de Paula Souza e da preocupação com a estética de Ramos de Azevedo.

Antônio Francisco de Paula Souza foi o primeiro diretor da Escola Politécnica de São Paulo; sua formação de engenheiro civil foi na Escola Politécnica de Zurique na Alemanha, fato que influenciou diretamente a forma como se estruturou o ensino da Politécnica de São Paulo. Nos primeiros anos de funcionamento, a Instituição apostou na associação do ensino prático ao teórico, à moda alemã. Foi programada a parte prática de cada curso oferecido, cruzando o ensino prático com o técnico, em gabinetes e laboratórios que serviam para exercitar a prática e desenvolver estudos experimentais.

A prefeitura de Ribeirão Preto teve sua experiência com os laboratórios de teste da Escola Politécnica quando foi oferecida a ela uma proposta de calçamento com paralelepípedos da região da Santa Casa de Misericórdia até o Cemitério Municipal, hoje Avenida Saudade³⁴. Nesta proposta, feita pelo construtor Giacomo de Giacomo da cidade de Franca, em 11 de abril de 1914, o material para o calçamento seria uma pedra de cor rosa retirada da pedreira de Visconde de Parnahiba. Por indicação da comissão de finanças e também do engenheiro municipal Antônio Soares Romêo foi pedido o envio deste material para o Gabinete de Resistências dos Materiais da Escola Politécnica de São Paulo, chefiado por Paula Souza, para fazer a denominada “prova de pedra”, com o intuito de averiguar a qualidade do material. O teste concluiu que o material apresentado não era próprio para o calçamento de ruas com tráfego de carroças. Nota-se a importância do conhecimento politécnico de Antônio Soares Romêo, uma vez que a não realização dos testes certamente teria prejudicado o tráfego no município.

Antônio Soares Romêo concluiu o curso de Engenheiro Civil oferecido pela Escola Politécnica de São Paulo, com duração de seis anos.

³⁴ APHRP. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Públicas; Série: Proposta para execução de serviços; Data 1914; pasta nº 127.

Neste curso, os três primeiros anos eram destinados a todos os cursos de engenharia oferecidos pela Instituição e os três últimos eram voltados para as especialidades da engenharia escolhida. O primeiro ano tinha matemática, física e desenho; os dois anos seguintes contavam com geometria, cálculo, química e topografia. Já os três últimos anos abraçavam cadeiras específicas da engenharia civil. Antônio Soares Romêo concluiu o curso em 1912, ano em que a instituição formou ao todo onze engenheiros civis e um engenheiro industrial.³⁵

Além de Paula Souza, outra grande influência sofrida por Antônio Soares Romêo na sua formação acadêmica foi a do também fundador da Politécnica e do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo, Ramos de Azevedo. A influência deste professor foi importante para que possamos compreender os motivos pelos quais as plantas desenvolvidas por Antônio Soares Romêo têm aspectos impecáveis e detalhamentos incomuns parecidas com trabalhos de engenheiros arquitetos, mesmo tendo ele se formado como engenheiro civil.

Ramos de Azevedo era engenheiro arquiteto, o que imprimiu ao Curso de Engenharia Civil da Politécnica uma grande preocupação com aquela ciência e, em conseqüência disso com aspectos da aparência das construções. Explica-se: os engenheiros arquitetos, ao contrário dos civis, tendiam a se preocupar com a aparência das construções previstas nas plantas, enquanto que os últimos notadamente se dedicavam mais aos cálculos de estrutura predial. Para os alunos da Politécnica as duas características (ou ênfases) estavam presentes, uma vez que o engenheiro arquiteto Ramos de Azevedo lecionava tanto no curso de Engenharia Civil, quanto no curso de Engenharia da Arquitetura.

Nascido em São Paulo Ramos de Azevedo considerava-se campineiro. Fez estudos primários em Campinas. Em 1872 começou a trabalhar com companhias ferroviárias. Posteriormente foi para a Europa estudar engenharia civil na Bélgica em Gand, uma Universidade de ensino liberal e democrático. Na ocasião, desistiu do Curso de Engenharia Civil para

³⁵ Associação dos Antigos Alunos da Escola Politécnica – Lista de Formados 1895-1992 – Ed. Expressão e Cultura, São Paulo, 1993, p. 04.

se tornar Engenheiro Arquiteto, função que vai desempenhar com reconhecida competência.

O fato de Ramos de Azevedo ser um Engenheiro Arquiteto de formação embutiu na constituição das grades de ensino da Escola Politécnica uma preocupação exarcebada com a formação e o conhecimento da arquitetura. Para os discentes do Curso de Engenharia Civil, entre eles Antônio Soares Romêo, Ramos de Azevedo ministrava a disciplina “Elementos da Arquitetura” em que tratava, em 18 Capítulos, das intervenções que necessariamente deveriam ocorrer em qualquer obra. Começava com os indígenas indo até a arte dos vitrais, passando por carpinteiros, marceneiros, ferreiros eletricitistas etc. O final do curso se dava com análises dos elementos de higiene das habitações e da composição dos edifícios.³⁶

Analisando a perfeição dos desenhos, os cuidados com a estética e com a arquitetura dos edifícios projetados por Antônio Soares Romêo em Ribeirão Preto (vide **Figura 02**), parece-nos nítido que a influência do professor Ramos de Azevedo, juntamente com a proposta da Escola Politécnica de associar a arquitetura pelo viés da engenharia, fez com os trabalhos futuros de seus alunos engenheiros civis, além das preocupações com as estruturas dos materiais e resistência dos prédios, se voltassem para o que era considerado agradável aos sentidos.

Cabe ainda mencionar que a Escola Politécnica de São Paulo formava seus alunos com a mentalidade do progresso, voltada para a utilidade das construções, da necessidade de modernização e da busca de novas propostas de racionalidade do espaço e das novas técnicas do mundo moderno, com o firme propósito de colocar seus discípulos rapidamente no mercado de trabalho, sempre considerando a escassez de profissionais gabaritados para a função da engenharia. Assim aconteceu com Antônio Soares Romêo, formado em 1912.

Conforme já sugerimos, da experiência enquanto aluno da Politécnica, Antonio Soares Romêo incorporou elementos da ciência positivista, do progresso e utilidade das construções, bem como, a necessidade de prever a aparência das mesmas nas plantas que desenhava.

³⁶ LEMOS. *Ramos de Azevedo e seu escritório*. p. 45.



Figura 02 – Planta original do Grande Hotel, hoje Hotel Brasil situado na Avenida Jerônimo Gonçalves em Ribeirão Preto, executada por Antônio Soares Romêo de 1921 (destacamos a preocupação com os detalhes arquitetônicos) - Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1921; pasta nº 42.

1.4 Antônio Soares Romêo e a cidade de Ribeirão Preto

Um ano antes em 1911, o então prefeito de Ribeirão Preto Joaquim Macedo Bittencourt fez propostas à Câmara Municipal para a criação do cargo de Diretor de Obras. A idéia era que tal diretor fiscalizasse, a contento, o cumprimento do Código de Postura Municipal.

Nos anos que Antônio Soares Romêo completou seus estudos de Engenharia na Escola Politécnica de São Paulo, o Dr. Arnolpho Rodrigues de Azevedo, filho do Barão de Santa Eulália, seu padrinho, era o representante do Terceiro Distrito, pela cidade de Lorena, nos Diretórios Políticos do Partido Republicano Paulista o PRP. Na mesma época, o representante por Ribeirão Preto era o Coronel da Cunha Diniz Junqueira o mesmo que apoiava o governo do prefeito Macedo Bittencourt. Nota-se aqui as tradições familiares

entrelaçadas a interesses políticos locais entre o biografado e a cidade de Ribeirão Preto. O ápice dessa relação foi o fato de Antônio Soares Romêo ter saído da capital e ido trabalhar em Ribeirão Preto.

Em dezembro de 1912 Antônio Soares Romêo terminou a graduação em Engenharia Civil. Em janeiro de 1913 já era o chefe da Diretoria de Obras do município de Ribeirão Preto, sendo ele um profissional apto à função.

Pouco tempo depois de chegar na cidade, Antônio Soares Romêo “entrou de vez” para a elite da localidade através de seu casamento. O engenheiro se casou com Carolina Ferreira Gomes, no dia 31 de julho de 1913.³⁷

Carolina Ferreira Gomes era filha de Joviano Augusto Gomes e Guilhermina Ferreira Gomes, família tradicional de Ribeirão Preto.³⁸ A irmã de Carolina Ferreira Gomes, cujo nome não sabemos, casou-se com Camillo de Mattos, advogado que, em 1929, assumiu a prefeitura de Ribeirão Preto.

O casamento de Antônio Soares Romêo e Carolina Ferreira Gomes foi proveitoso para ambos os lados. Para Carolina significava casar-se com um “doutor”, o que para a época era considerado como “bom partido”. Em contrapartida para Antônio Soares Romêo o casamento era a “cartada final” para ser aceito definitivamente pela elite em Ribeirão Preto.

Antônio Soares Romêo (vide **Figura 03**) deixou de ser filho de uma família tradicional do Vale do Paraíba para ser ele próprio responsável por uma família da elite ribeirãopretana. Não por outro motivo acreditamos que ele, ao incorporar elementos das memórias da infância em Lorena no município de Ribeirão Preto (a exemplo das palmeiras imperiais) tentou, conforme já tratamos anteriormente, reproduzir espaços de segurança e familiaridade.

Como consta no livro B nº 15 de Registro de Casamentos do Primeiro Cartório Civil, seus padrinhos foram a alta elite da cidade, entre eles o próprio Prefeito Macedo Bittencourt. O prefeito, neste caso, passou de chefe à padrinho de casamento, tornando as relações de “cumpadres” evidenciadas na administração pública da prefeitura de Ribeirão Preto.

³⁷ Fonte: 1º Cartório Civil de Ribeirão Preto, Livro B, nº 15, Folhas 130-V, Registro de Casamentos.

³⁸ Documentação sobre Joviano Ferreira Gomes foi encontrado no Diário Oficial do Estado de São Paulo de 26 de abril de 1931, nº 95, anno 41, p. 3260, cobrando uma dívida de Hippólito.Porto Netto, cafeicultor que hipotecou uma fazenda de café para o pagamento da dívida à Joviano Ferreira Gomes.

Do casamento com Carolina Gomes, Antônio Soares Romêo teve dois filhos: Paulo Gomes Romêo e Suzana Gomes Romêo.³⁹ Os filhos do casal não fugiram à regra da família Romêo.



Figura 03 – Quadro original da Diretoria de Obras de Ribeirão Preto. Homenagem à Antônio Soares Romêo - Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Diretoria de Obras; Subgrupo: Obras Públicas; Série: Quadros, s/d.

³⁹ Tentamos insistentemente, no decorrer do período em que realizamos esta pesquisa, entrevistar Suzana Gomes Romêo. Diante da negativa da mesma, conseguimos apenas breve conversa ao telefone, ocasião em que Suzana afirmou não ter tido contato com o pai. Disse ter recordação, pautada em relato dos avós maternos, que após o falecimento da mãe, no ano de 1918 por decorrência da Gripe Espanhola, ela e o irmão foram entregues ao casal (avós maternos). Os avós maternos moravam em Ribeirão Preto, na residência de Camilo de Mattos, (prefeito da cidade em 1929), então marido da tia de Suzana. Ela afirmou ainda que o pai mesmo tendo morado na mesma cidade por longo tempo, nunca teve contato com os filhos. Não pudemos confirmar as informações que, no geral, serviram para que Suzana Gomes Romêo se negasse a gravar entrevista alegando nada ter a informar sobre Antônio Soares Romêo.

Segundo os arquivos da Coordenadoria Geral da Universidade de Campinas (UNICAMP)⁴⁰, Paulo Gomes Romêo, nascido em 1916 em Ribeirão Preto, dois anos após o casamento de seus pais era médico Especialista em Ortopedia e Traumatologia. Paulo foi contratado pela UNICAMP em 1969 como professor colaborador e chegou ao posto de vice-reitor da Instituição. Dentre os cargos e títulos que recebeu, destacam-se: Membro da Comissão Organizadora da UNICAMP (1965 a 1966); Diretor Técnico do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo – USP (1956 a 1969); Secretário da Educação do estado de São Paulo (1974); Presidente do INAMPS no estado de São Paulo. Paulo Gomes Romêo faleceu no dia 4 de março de 2000.

A filha de Antônio Soares Romêo, Suzana Gomes Romêo foi professora do grupo escolar Prof. Antônio Candido Correa Guimarães Filho⁴¹, em São Paulo; publicou livros sobre pedagogia pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: em 1979 um texto intitulado, “Você e os Problemas da Linguagem”; e, em 1981, “Você e os problemas da audição”.

Para uma visão mais clara do parentesco de Antônio Soares Romêo vide **Quadro 01**.

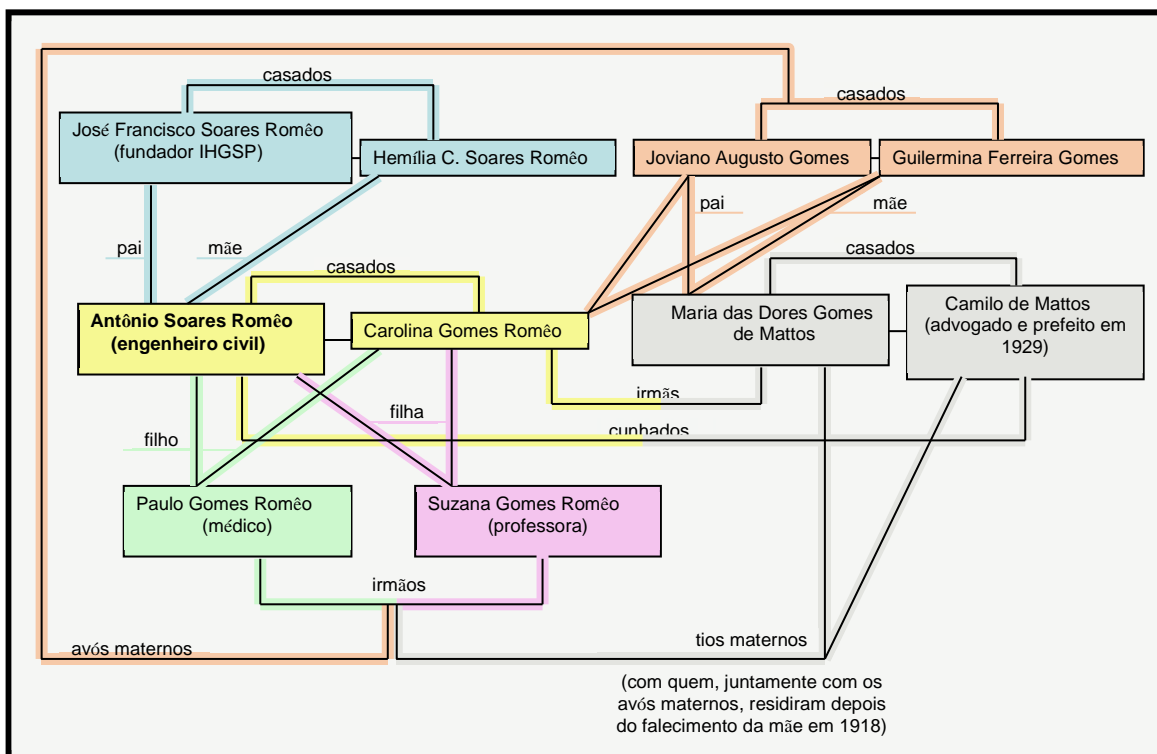
Antônio Soares Romêo foi Diretor de Obras da municipalidade do ano de 1913 a 1923, e, deixou o cargo para exercer a função de professor, como o Relatório do Prefeito Dr. João Rodrigues Guião relatou no ano de 1925.

tendo-se exonerado do cargo de engenheiro municipal o Dr. Antonio Soares Romeu, por ter sido nomeado lente do Gymnasio local, foi nomeado em seu lugar o Dr. Jonas Pompéia, o qual, por sua vez, exonerou-se desse cargo em 15 de Março, tendo sido nomeado interinamente o Dr. Nelson de Carvalho Junqueira.⁴²

⁴⁰ Fonte: OIP – 2157/69 – processo de vida funcional e/ou pesquisar QH. Arquivos da UNICAMP.

⁴¹ Fonte: Diário Oficial do Estado de São Paulo – pag. 22. Poder Executivo de 27/05/1967 disponível em: [HTTP://www.jusbrasil.com.br/diarios/4561745/dosp-poder-executivo-27-05-1967-pg-22/pdview](http://www.jusbrasil.com.br/diarios/4561745/dosp-poder-executivo-27-05-1967-pg-22/pdview)

⁴² APHRP - Relatório apresentado em sessão de 15 de abril de 1925, pelo Dr. João Rodrigues Guião – prefeito municipal- p. 20.



Quadro 1 – Relações de Parentesco de Antônio Soares Romêo.

Em 1931, Antônio Soares Romêo pediu remoção do Ginásio local para o Ginásio da Capital⁴³, deixando o município de Ribeirão Preto para lecionar em São Paulo.

Em 1934 passou a ser professor na mesma Escola Politécnica em que se formou. Neste ano, a Politécnica começou a fazer parte da Universidade de São Paulo, sofrendo uma reformulação de seu corpo docente. Grande parte dos professores contratados neste ano eram europeus, ao todo eram treze estrangeiros e mais três brasileiros; entre os últimos estava, Antônio Soares Romêo que assumiu a cadeira de física.⁴⁴

Em depoimento sobre sua relação com a Física, Marcelo Damy, ex-aluno da politécnica relembra a atuação de Antônio Soares Romêo e o descreve como um homem culto:

Naquela ocasião, só se estudava Ciências – sobretudo Física, fazer o curso de engenharia elétrica. Ao fim do terceiro ano,

⁴³ Fonte: Diário Oficial do Estado de São Paulo – pag 1525 de 22/02/1931, disponível em: [HTTP://www.jusbrasil.com.br/diarios/3844230/dosp-diario-oficial-22-02-1931-pg-1525](http://www.jusbrasil.com.br/diarios/3844230/dosp-diario-oficial-22-02-1931-pg-1525)

⁴⁴ HAMBURGER. *A ciência nas relações Brasil - França: 1850 - 1950*. p. 269.

em 1934, surpreendeu-me o surgimento da Faculdade de Química e Matemática – com alguma profundidade – na Escola Politécnica. Como eu gostava de eletricidade, resolvi Filosofia. A cadeira de Física, da Politécnica, estava vaga, sendo preenchida por alguns professores contratados como o engenheiro Francisco Gayotto, excelente professor de Física Clássica, mais tarde substituído por Antônio Soares Romêo que era um professor do Gynasio do Estado – também engenheiro, um homem culto.⁴⁵

Antônio Soares Romêo assumiu a 13ª cadeira de Física da Universidade de São Paulo, função que exerceu até janeiro de 1942⁴⁶.

Foi durante a sua estada em Ribeirão Preto, a frente dos serviços municipais da Secretaria de Obras que Antonio Soares Romêo conviveu com as ambições de modernização das elites cafeeiras, confessamente inspirados na Paris de Haussmanniana. Nesta ocasião Antonio Soares Romêo tinha influencia da ciência positivista, da necessidade de especificações de aparência das construções, das memórias da infância da arquitetura inspirada em Haussmann. No Capítulo 03 demonstramos como todas essas tendências informaram o trabalho do nosso biografado. Para o momento e antes disso, interessa-nos dimensionar a cidade de Ribeirão Preto, tema do Capítulo 02 desta Dissertação de Mestrado.

⁴⁵ DAMY, Marcelo. *Revolução no ensino da Física*. Estudos Avançados. São Paulo, v. 08, n 22, dez, 1994, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000300007&lng=en&nrm=iso

⁴⁶ Fonte: Diário Oficial do Estado de São Paulo – p. 18. Poder Executivo de 12/12/1942, disponível em <http://jusbrasil.com.br/diarios/4117876/dosp-poder-executivo-12-12-1942-pg-18>

CAPITULO 2

Ribeirão Preto, a elite cafeicultora, ambições de modernidade e o trabalho de um engenheiro

2.1 Os primórdios da cidade de Ribeirão Preto e a economia cafeeira

O surgimento de Ribeirão Preto foi ocasionado por colonizadores migrantes das Minas Gerais, fugidos da decadência da mineração.

O clima quente da região, que para os pessimistas se anunciava como um deserto de pó, similares as plagas africanas, formou lentamente uma população instável.

O município de Ribeirão Preto começou a se constituir em agosto de 1856⁴⁷. Como a localidade pertencia a São Simão, os muitos serviços eclesiásticos, dentre outros, somente estavam disponíveis naquela localidade. Então, os moradores do lugar que mais tarde se tornaria Ribeirão Preto escreveram à D. Antônio de Mello solicitando que ali se instalasse uma paróquia, em vista da distancia que deveria ser percorrida pelos fiéis. O pedido foi negado com a alegação de que aquele povoado (futura cidade de Ribeirão Preto) não possuía sequer lugar digno para que uma missa fosse realizada.

Nota-se que apesar do clima quente e da “rudeza” de seus primeiros moradores àquela porção de território tinha algo que mais tarde resultaria na prosperidade local: o solo fértil e altamente produtivo.

O memorialista Rubens Cione, ao tratar do inicio da formação da cidade já destacou a importância do solo ribeirãopretano, mesmo que de forma exagerada para o período histórico do qual trata:

... O Primeiro Ciclo, que vem da penetração do território então tomado por densas florestas, feitos por homens de barba hirsuta e gibão de couro, que ficaram deslumbrados ante a riqueza da mata virgem, o solo roxo, rico em húmus e levantaram os primeiros arranchamentos. Eram aventureiros, sem dúvida, os posseiros – como sempre acontece – desbravadores que se instalaram entre o córrego do Retiro e do Ribeirão Preto...⁴⁸

⁴⁷ Ver: Almanach Illustrado de Ribeirão Preto de 1913.

⁴⁸ CIONE. *História de Ribeirão Preto*. p. 348.

Em dois de abril de 1870, doze anos após o primeiro pedido dos ribeirãopretanos para a instalação de uma paróquia no local, o povoado foi elevado a categoria de Distrito de Paz, recebendo a denominação de São Sebastião do Ribeirão Preto. Essa concessão foi feita graças a doações de terras para a organização do patrimônio eclesiástico. No ano seguinte, em 1871, o Distrito foi promovido a município e alguns anos depois foi elevado a Comarca ficando assim completamente independente de São Simão.

A fundação e a constituição do patrimônio eclesiástico foram elementos marcantes para o surgimento da cidade de Ribeirão Preto. Henrique Caldeira demonstra como com 62 alqueires, em 1853, a igreja consolidou o patrimônio eclesiástico.⁴⁹

Ribeirão Preto passou muito rápido de freguesia, ou seja, circulação de terras que formam uma paróquia, para a condição de vila, fato que significou maior autonomia administrativa. Os esforços para a aquisição de autonomia política, somados a divulgação da qualidade da terra para o plantio do café resultaram na valorização da terra e nas migrações de cafeicultores de outras regiões tradicionais, como o Vale do Paraíba, tornando a região de Ribeirão Preto em poucos anos mais atrativa do que até então as tradicionais da cultura cafeeira. A história de vida de Antônio Soares Romêo exemplifica esta afirmação.

Luiz Pereira Barreto publicou em 1876, no jornal “A província de São Paulo”, uma série de artigos intitulados “A Terra Roxa”, sendo estas as primeiras publicações sobre Ribeirão Preto. Estas publicações evidenciavam a qualidade da terra para o plantio do café. Rubens Cione acredita que Pereira Barreto tinha pretensões de que a terra roxa desta região se tornasse motivo para discussões entre “agricultores, literatos, estadistas, comerciantes, homens de ciência que nela encontrariam matéria abundante para toda sorte de considerações econômicas, sociais, políticas e filosóficas”.⁵⁰

Com efeito, a terra roxa, especialmente com o café, rendeu fama nacional e internacional no município de Ribeirão Preto, o que representou

⁴⁹ Para a compreensão do valor imobiliário e também das relevâncias que o patrimônio eclesiástico surte na cidade ver CALDEIRA. *Economia Cafeeira: Ribeirão Preto a capital do café: estudos sobre os imóveis e negociantes durante a expansão cafeeira no final do século XIX*.

⁵⁰ CIONE. *História de Ribeirão Preto*. p. 30.

novas perspectivas de desenvolvimento para a cidade. Sobre o assunto escreveu Henrique Caldeira:

... um setor urbano praticamente inexistente na década de 1870 tem-se, 20 anos após, uma nova aparência na paisagem local. O centro urbano passou a ser impulsionado pela cafeicultura, a ter sua própria base de sustentação demonstrada pela importância do comércio de arrecadação total do município. Os profissionais liberais também foram atraídos para a localidade, provavelmente em consequência dos ímpetos de crescimento que a economia ribeirão pretana mostrou...⁵¹

No início a cidade de Ribeirão Preto enfrentou problemas estruturais que não facilitaram a organização espacial no município. A cidade começou com o traçado em forma de tabuleiro de xadrez da área central, crescimento populacional acelerado e carregado de ambigüidades. O descontrole do crescimento foi fator importante que influenciou a racionalidade do espaço público e a forma adquirida pela normatização das posturas de civilidade para ribeirão preto.

A chegada de novas pessoas, e conseqüentemente de novas possibilidades de desenvolvimento para Ribeirão Preto, fez com que os projetos de melhorias urbanas se multiplicassem. Em 1870 Ribeirão Preto não tinha infra-estrutura nenhuma, não havia calçamento nas ruas, nem abastecimentos e água e esgoto.⁵² Várias obras públicas básicas precisavam ser feitas em vista de uma população crescente.

A chegada da via férrea da Companhia Mogiana também foi sem dúvida um marco para a história da cidade de Ribeirão Preto. Depois da chegada dos trilhos, no ano de 1883, a cidade começou a exigir melhores estruturas que comportassem esse progresso inovador. Em 1890 teve início uma forte preocupação, por parte da Câmara Municipal, com relação ao abastecimento de água e da rede de esgoto.

⁵¹ CALDEIRA. *Economia Cafeeira*: Ribeirão Preto a capital do café: estudos sobre os imóveis e negociantes durante a expansão cafeeira no final do século XIX. p.38.

⁵² Esses dados foram recolhidos da Edição Comemorativa da Edilidade Ribeirãopretana, produzido em seu primeiro centenário, 1874 – 1974, que trata sobre os Aspectos Históricos da Câmara Municipal de Ribeirão Preto e relatos da vida administrativa da Vila de Ribeirão Preto da primeira fase histórica do legislativo municipal. Para a consulta dos quadros urbanos ver páginas 13-18.

Com a ferrovia, teve início a implantação de um projeto de desenvolvimento urbano para Ribeirão Preto, nos anos de 1880-1890. A partir deste momento o governo da cidade passou para as mãos dos “Coronéis do café” e do Partido Republicano Paulista, responsáveis pela difusão do ideário de progresso.

No final do século XIX, Ribeirão Preto começou a exigir símbolos de modernidade da *Belle Époque*.

A *Belle Époque* foi um período da história europeia que começou no final do século XIX e durou até a Primeira Guerra Mundial. Esta foi uma época marcada por muitas transformações culturais, por uma expansão do modo de vida urbano e industrial e pela consolidação dos ideais burgueses, como o liberalismo, o nacionalismo e a democracia.

A este período Erick Hobsbawm denomina como a “Era dos Impérios”, época de novidades que causavam êxtase na população em geral. As descobertas da ciência, da medicina e da indústria propiciavam uma sensação de conforto para as pessoas em geral.

De meados dos anos 1890 à grande guerra a orquestra tocou no tom maior da prosperidade...A afluência, baseada no *boom* econômico, constituía o pano de fundo do que ainda é conhecido no continente europeu como a “bela época”(*belle époque*)⁵³

Na Europa, a *Belle Époque* precedeu a Primeira Guerra Mundial, foi caracterizada como uma época de ouro, com grandes conquistas materiais e tecnológicas, como a luz elétrica e o telefone, entre outras inovações das últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX.

A Primeira Guerra Mundial afetou brutalmente o continente europeu no que tangia ao quadro internacional econômico e financeiro. A época de ouro europeia tornou-se, a partir da guerra, uma agradável lembrança.

A *belle époque* foi de fato paraíso que seria perdido após 1914. Para os homens de negócio e os governos posteriores à guerra, 1913 seria o ponto de referência primeiramente, ao qual eles esperavam retornar, deixando para trás uma problemática. Visto dos nublados e conturbados anos do pós-

⁵³ HOBBSAWM, *A era dos Impérios*. p. 27.

guerra, os movimentos excepcionais do último *boom* anterior a ela faziam figura de ensolarada “normalidade”, a que ambos aspiravam retornar, em vão.⁵⁴

No Brasil a *Belle Époque* é vista com os mesmos ares de progresso que a evolução tecnológica oferecia à Europa. Isso foi possível porque a lucratividade do café permitiu o acesso a todo este conforto que as inovações propiciavam. Os membros da elite do café tinham uma ligação com a França, neste momento Paris era a cidade capital,⁵⁵ era em Paris que aconteciam e floresciam os desejos da elite cafeeira.

O estremecimento da economia da Europa, causado pela Primeira Guerra Mundial, intensificou a entrada de produtos norte americanos no mercado brasileiro. Nota-se que nem os Estados Unidos, nem o Brasil participaram efetivamente da guerra, se comparados com a Europa. Esta relação com os Estados Unidos não é motivo para concluir que entre nós, os brasileiros, findaram-se as relações da elite cafeeira com os hábitos franceses. As influencias francesas seguiram como exemplo de civilidade para os cafeicultores.

Portanto, com ares europeus e influencias do mercado americano que proporcionou nova cultura, como o carro, o aeroplano, o *jazz* etc., a *Belle Époque* no Brasil se estendeu para além da *Belle Époque* europeia. Somente com a crise do mercado de café, em 1929, é que a “era de ouro” brasileira, e sobretudo a paulista, chegou ao seu momento de decadência, sendo assim aos poucos minada.

Entre os vários elementos de progresso, destacamos a modernidade das cidades.

Neste momento as cidades são vistas como um palco para o espetáculo da modernidade, tanto no comportamento social, quanto no exibicionismo das novidades. No continente europeu, mais especificamente na França, acreditava-se na necessidade de modernizar as cidades, para que fosse possível usufruir das possibilidades que as inovações ofereciam.

⁵⁴ HOBBSAWM, *A era dos Impérios*. p. 27.

⁵⁵ Para o conceito de cidade capital ver SALGUEIRO, Heliana Angoti. Da temática, dos atores e suas idéias in *Cidades Capitais do século XIX*.

Em Paris, a cidade vista como um burgo medieval não mais correspondia ao estilo de vida que a modernidade exigia. Na capital da França, Georges Eugene Haussmann foi o responsável pela reforma urbana que transformou Paris de burgo à referência de evolução urbana.

Como expôs Antoine Picon, Paris passou a ser uma espécie de “cidade máquina”:

O pensamento urbano dos engenheiros de Haussmann afigurava-se, sob muitos aspectos, como herdeiro das preocupações que surgiram no decorrer do século XVIII referente a circulação... Aos olhos das elites do século XVIII, a cidade deixava de se apresentar como uma entidade imóvel correspondente às descrições que acentuavam sua antiguidade, sua história e seus principais monumentos, para tornar-se sede de funções políticas e econômicas claramente identificadas. O exercício desta função devia passar, doravante, pela intensificação e o controle de um conjunto de movimentos e fluxos tanto naturais quanto humanos. Era necessário, antes de tudo, assegurar a livre circulação do ar, da água e da luz a fim de combater os miasmas da cidade grande... Considerando a perspectiva de um aumento dos fluxos naturais e humanos que então passavam a caracterizar o espaço urbano, as elites das Luzes reconheciam na cidade uma capacidade de crescimento que também rompia com as representações da *cité*.⁵⁶

Para que os problemas estruturais da cidade medieval fossem sanados, muito em virtude das exigências da modernidade, Haussmann implementou, em Paris, uma proposta urbanística inovadora, com grandes avenidas que cortavam a cidade e sempre se encontravam no centro (vide **Figura 05**). Esta proposta, além de facilitar a locomoção e evidenciar o ponto referencial, possibilitou uma aparência estética perfeita; nela os quarteirões são em forma de triângulos formando, portanto, adequada e simétrica geometria espacial.

Um exemplo de cidade brasileira que se apropriou deste estilo de urbanismo é Belo Horizonte que, pelo menos nas áreas mais antigas, mantém esse traçado até os dias de hoje (Vide **Figura 06**⁵⁷).

⁵⁶ PICON. Racionalidade técnica e utopia: a gênese da haussmannização in *Cidade Capitais* pp. 67-69.

⁵⁷ Figura extraída do livro de Heliana Angote Salgueiro, *Cidades Capitais*. p. 172.



Figura 05 – A Paris de Haussmann, o Arco do Triunfo, um dos símbolos da França extraída de <http://www.linernaute.com/paris/magazine/diaporama/06/paris-vu-du-ciel/1950/images/2.jpg>



Figura 06 – Planta da cidade de Belo Horizonte. Cia de Artes Gráficas do Brasil, Rio de Janeiro, 1895. Museu Abílio Barreto, Belo Horizonte.

Na América Latina, pelo menos até meados do século XX, mesmo após o surgimento de outros recursos e modelos de planejamento urbanísticos, o exemplo de Haussmann seguiu predominando sobre todas as novas concepções.⁵⁸

O ideal haussmaniano ecoou para as terras brasileiras, influenciando fortemente as intervenções urbanas de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, a partir da década de 1870. Entre as influências destacam-se a geometrização do espaço, a domesticação da natureza, a construção de grandes avenidas e bulevares. A necessidade de demolir um passado colonial foi representada nos sentimentos de uma elite nacional disposta a aprender as lições urbanísticas de Haussmann em Paris e introduzir, à sua maneira, o Brasil na modernidade.

O café, produto de exportação brasileira, como *planta de civilização* – no conceito braudeliano⁵⁹ – ao aportar nas principais cidades européias do século XIX, Paris e Londres, trouxe para o Brasil republicano os modelos urbanos de administradores municipais, como o Barão Haussmann em Paris ou dos progressos técnico-científicos e industriais durante a era vitoriana (1851-1901). A hipótese criada é a da produção cafeeira como promotora do processo urbano na cidade de Ribeirão Preto, nos primeiros acordos da República (1890-92).

Nos tempos republicanos, o café representou a mola do progresso em Ribeirão Preto. O café produziu a cidade, as ruas, avenidas, praças e prédios, enfim materializou os espaços públicos. A necessidade de se urbanizar a localidade assegurava aos coronéis um novo *locus* de decisões políticas nacionais e valorizações cafeeiras. A presença desses homens no cenário urbano revela-nos uma singularidade histórico-cultural das terras do café e nos coloca à frente de um fenômeno denominado *modernidade*, cujas raízes se remontam à ascensão de uma burguesia industrial disposta a eliminar os vestígios da tradição européia.

Na ânsia de modernizar Ribeirão Preto, a elite local julgou necessário a aplicação e fiscalização das regras dos Códigos de Postura. Esse desejo de implementar o progresso passava necessariamente pela preocupação de expor

⁵⁸ ROMERO. *Latinoamérica: las ciudades y las ideas*. p. 282-3.

⁵⁹ BRAUDEL. As estruturas do cotidiano. In: *Civilização material, economia e capitalismo*. p.92.

a te mesmo impor o poder que o dinheiro do café proporcionava a estes homens. O fato é que as intervenções que deveriam ser realizadas no município precisavam de mãos capacitadas para o emprego de suas normas.

Apropriando-se dos projetos urbanísticos empreendidos por Haussmann em Paris (aeração, arborização, higienização do espaço urbano), tal qual Pereira Passos no Rio de Janeiro – irmão mais velho do prefeito municipal Macedo Bittencourt⁶⁰, utilizando a régua e o compasso⁶¹, Antônio Soares Romêo interveio parcialmente numa malha urbana em processo de transformação, desenhada desde finais do século XIX. Pressupõe-se, assim, uma revisão da cidade baseada em princípios ordenadores e remodeladores dos espaços urbanos, inspirados em modelos europeus.⁶²

É bom lembrar que essa investigação não se presta ao estudo de transposições de modelos, tendo em vista a influencia dos elementos locais no processo de modernização de Ribeirão Preto. Mesmo assim convém salientar que os estudos de transposição de modelos, a nosso ver, não devem ser considerados ultrapassados, visto que, como um prisma que reflete sua luz em vários locais e com múltiplas cores, tais estudos ainda guardam muitas oportunidades de pesquisa. Sobre tais estudos, afirmou Heliana Angotti Salgueiro:

A história local, uma “modulação” particular da história global, especialmente se pensarmos na circulação cultural entre os atores - “circulação” entre aspás, já que a unilateralidade caracterizava o século XIX, com o privilégio de certos modelos. Mas esse desequilíbrio, bem como os ritmos temporais específicos no espaço de cada história, não invalida as idéias comuns: confirma-se o cosmopolitismo dos modelos malgrados os diferentes níveis de apropriação e as possibilidades diversas de sua materialização em cada estudo de caso.⁶³

⁶⁰ PAZIANI. Construindo a *Petit Paris*: Joaquim Macedo Bittencourt e a *Belle Époque* em Ribeirão Preto (1911-1920).

⁶¹ Sobre a *haussmanização* no interior paulista ver: DOIN, José Evaldo de Mello. A régua e o compasso nas terras do café: a haussmanização das cidades do interior paulista na República Velha. *Anais do XI Encontro Regional de História*, "História e Exclusão Social", p. 54-57. Universidade Federal de Uberlândia, Centro de Ciências Humanas e Artes, XI Encontro Regional de História, ANPUH/MG, 27 à 31 de julho de 1998.

⁶² SALGUEIRO. Revisando Haussmann: Os limites da comparação (o caso de Belo Horizonte). São Paulo, *Revista USP*, nº 26, junho/agosto 1995, p. 197.

⁶³ SALGUEIRO. *Cidades Capitais do Século XIX*. pp. 20-21.

A implantação um projeto de desenvolvimento urbano para Ribeirão Preto, interligava-se, de forma intrínseca, com as transformações culturais no universo urbano da Europa da segunda metade do século XIX.⁶⁴ Com efeito, o salto técnico-científico e industrial da Inglaterra vitoriana, que propiciou os melhoramentos de novos potenciais energéticos como a eletricidade, a higiene, veículos automotores, cinema, etc., e as revoluções de Paris em 1848 e 1871, implementadores dos signos burgueses de ordenação urbana (razão e técnica) e liberdade de consumo (modas, teatros, cafés...), serviram de objeto de desejo e inspiração de uma elite local que queria transformar Ribeirão Preto na *Petit Paris*, apelido cedido à cidade ao gozo das elites locais.

Em Ribeirão Preto o café representou o principal produto da base da economia agrária do município. O Estado de São Paulo detinha três quartos da produção cafeeira do país e a cidade de Ribeirão Preto representava uma quantia elevada deste coeficiente fazendo-se, portanto, um município com elevado grau de importância neste centro.

A importância e até a dependência dessa cultura agrícola para o município de Ribeirão Preto ficou evidente nas Atas Municipais:

“Foi resolvido que se desse as informações que o governo pede em circular de 22 de outubro do último, no sentido de demonstrar que este município, é exclusivamente próprio para o plantio do café, e que apesar de já ter milhões de pés de café plantados teria um numero muito mais superior de tivesse forças para cultivá-los e que quando a indústria não é ousada neste município de base essencialmente agrícola. Que existe alguns criadores de gado, porém que estes estão passando para o plantio do café e quando ao mais que consta na dita circular, há no município ainda ser muito novo”⁶⁵

A plutocracia dos Coronéis do café e proprietários de terras traduzida em poder político impôs uma teia de submissões e dependências dentro do sistema. A lucratividade econômica proporcionada pelo café gerou a essa elite

⁶⁴ MUMFORD. *A cidade na história*. p. 648. Para ver essas transformações no Brasil: CARVALHO. *A formação das almas: O imaginário da República no Brasil*. p. 166; SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, N. (org.). *História da vida privada no Brasil (3): República: da Belle Époque à era do rádio*. pp.7-48.

⁶⁵ Ata Municipal de 22 de dezembro de 1878 – citado em ACRA FILHO. *A economia cafeeira e a política oligárquica do município de Ribeirão Preto*. p. 160.

cafeeira a garantia do poder privado, legitimado no público, ao apropriar-se dos meios legais da administração.

Hannah Arent, em *A Condição Humana* retrata a fusão das esferas públicas e privadas no mundo moderno:

...com a ascendência da sociedade, isto é, a elevação do lar doméstico (oikia) ou as atividades econômicas ao nível público, a administração doméstica e todas as questões antes pertinentes à esfera privada da família, transformaram-se em interesse 'coletivo'. No mundo moderno, as duas esferas constantemente recaem uma sobre a outra(...)⁶⁶.

No caso de Ribeirão Preto, configurou-se uma espécie de esfera pública burguesa⁶⁷, analisada por Habermas, na qual os preceitos e condutas reservados à esfera privada passam a ser expostos no âmbito do público. Exemplo disso é o investimento do dinheiro público para fins daquilo que os coronéis julgavam interessante para a manutenção das lavouras cafeeiras, à exemplo, os abatimentos de impostos sobre terras da lavoura cafeeira em tempos de dificuldades de produção.

Em *O Contorno: poder e modernidade*, Balandier reflete sobre as crises de representação e identidade da política e do poder no mundo das técnicas modernas. As conclusões de Balandier nos remete para a ritualização da política e do poder na modernidade, na qual a força que legitima este poder não se encontra na figura do indivíduo, mas sim naquilo que ele denomina de corpo místico, ou seja, o poder não é apenas referente a pessoa, mas a uma construção imaginária que envolve a coletividade num dinâmico conjunto de símbolos, tradições e marcos corporais “que materializam e exprimem parte do simbólico do poder”⁶⁸.

Para exemplificar a análise anterior, basta nos remetermos à figura simbólica do Coronel Francisco Schmidt, um dos maiores produtores de café do país que possuía em si próprio a força da tradição – marcado por insígnias patenteadas de coronel e Rei do Café⁶⁹. Em contato direto com as modernas

⁶⁶ ARENDT. *A condição humana*. p. 42.

⁶⁷ Para este conceito usamos as idéias de HABERMAS. *A mudança estrutural pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. pp. 33 e 34.

⁶⁸ BALANDIER, *O contorno: poder e modernidade*..

⁶⁹ Fonte: Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto, 1913.

técnicas de comunicação da cidade, Francisco Schmidt garantiu a expressão “Rei do Café” e por consequência a extensão do seu poder decisório à população ribeirãopretana. Neste caso, ainda concordando com a concepção de Balandier, o corpo físico (Schmidt) e o místico (Rei do Café) se uniram numa só imagem capaz de romper a barreira entre o público e o privado.

A partir do momento em que esta elite cafeeira assumiu a administração da municipalidade, suas pretensões íntimas extrapolaram para o mundo exterior. Através da normatização do público, a elite controlava coisas que sempre estiveram na esfera do privado, como os hábitos e comportamentos.

A respeito da normatização da conduta pública citamos três artigos do Código de Posturas do Município de Ribeirão Preto do ano de 1921, promulgado pelo prefeito João Rodrigues Guião, dispostos no Título IV: Dos costumes públicos, comodidades dos habitantes e dos divertimentos públicos:

Art. 162 – É proibido gritar, salvo para pedir socorro, e bem assim fazer alarido, cantar pelas ruas e lugares públicos e por qualquer modo perturbar o sossego público. Os infractores incorrerão cada um na multa de 20\$000.

Art. 268 – Nenhum mendigo poderá esmolar pelas ruas, praças e outros lugares públicos. O que for encontrado infringindo esta disposição será conduzido e entregue à polícia para os fins legais.

Art. 270 – O bando de ciganos que for encontrado no município será intimado a retirar-se imediatamente para fora dos limites deste, e, si no final de 24 horas, não tiver obedecido a intimação, incorrerá o respectivo chefe na multa de 50\$000 e será detido até que o bando se retire efetivamente. Se não for conhecido o chefe, as penas desse art. serão impostas a qualquer dos indivíduos que fizeram parte do mesmo bando.

Nestes artigos é possível visualizar regulamentos da fala, de ações várias, de quem era ou não bem vindo ao município. As leis e regulamentos do Código de Posturas foram elaborados pela Câmara Municipal, formada pelos cafeicultores.⁷⁰ Assim podemos concluir que ao gosto da elite a cidade era regida.

⁷⁰ Álbum Comemorativo do Centenário da Câmara Municipal de Ribeirão Preto. 5º legislatura. p. 21.

Estes homens que obtinham o poder de regulamentar até mesmo o comportamento social através de legalidades não eram unicamente “uma elite”, mas sim grupos dominantes, que detinham o dinheiro e controlavam a política, a mídia e a sociedade civil.

No aspecto da formação destes grupos dominantes da primeira República na cidade de Ribeirão Preto percebemos a existência de vários tipos de pessoas.

Participantes da cena, estes atores políticos provinham de diversos mundos. Para além da força da tradição das famílias, como no caso da família Junqueira, que dominava a política local principalmente sob a figura de Quinzinho Junqueira, houve também homens que eram símbolos de respeitabilidade que fizeram fortuna de outra forma que não aquela dos laços familiares, a exemplo de Francisco Schimith que era alemão e fez sua fortuna e prestígio nas terras do café.

Assim a elite local era formada por vários grupos, de tradições familiares, de estrangeiros enriquecidos, muitas vezes com um caráter até mesmo arrivista. Também faziam parte dos grupos os bacharéis, como o prefeito Joaquim Macedo Bittencourt, médico que sustentou seu cargo por nove anos, e Antônio Soares Romêo. Diferentes pessoas, com diferentes tradições que ao fim formavam em Ribeirão Preto uma elite heterogênea.

São vários interesses e variadas as “visões de mundo” dos grupos que mais influenciavam a política ribeirãopretana. Este município, desde o princípio, possui caráter mais aberto ao novo e menos tradicionalista, afeito às novidades, a receber o de fora.

Diferente de uma oligarquia cafeeira, Ribeirão Preto presenciava uma plutocracia do dinheiro instalada em sua política. O grupo dominante, formado por elites com heterogeneidades explícitas, visto os vários atores e suas máscaras. É necessário ainda enfatizar que interesses esses personagens tinham em comum, sendo o maior deles o desejo de modernizar Ribeirão Preto, ao sabor dos ares europeus.

Transformar Ribeirão Preto em uma cidade capaz de sustentar e dispor das revoluções tecnológicas que a *Belle Époque* proporcionava era uma vontade própria desta elite que dispunha do dinheiro para gozar de determinadas facilidades e luxos.

Thomas Walter, ao tratar do Coronel Quinzinho Junqueira, afirma a aproximação entre o interior de São Paulo e a sofisticação européia.

Quinzinho Junqueira era um homem de caráter igualmente fascinantes... era um aristocrata. Sua família... já morava na região há algumas gerações. Originalmente criadores de porcos e pecuaristas, tornaram-se cafeicultores e prosperaram. A riqueza lhes deu oportunidade para adquirir cultura no sofisticado mundo europeu. Apesar de poucos membros da família terem tido uma educação formal, praticamente todos foram educados na infância por alguns dos melhores tutores particulares que o dinheiro podia comprar. Eles haviam viajado pela Europa e adquirido gostos apurados e maneiras sofisticadas.⁷¹

Os donos do café entraram em contato com a idéia de modernização européia, principalmente a parisiense, (visto que Paris era o modelo da civilização da *Belle Époque*).

Vários fatores podem ter resultado neste relacionamento entre os cafeicultores de Ribeirão Preto e a Europa. A onda de possibilidades de enriquecimento que o café gerou neste período atraiu para a cidade um número grande de imigrantes de descendência européia que consigo trouxeram hábitos, profissões, estilos etc. É necessário especificar que neste momento nos referimos à imigração européia que povoou a área central da cidade; não estamos nos reportando, portanto, aos imigrantes contratados para o trabalho na lida dos cafezais, mas sim àqueles que com a gana do dinheiro instalaram-se na cidade e, via de regra, acabaram formando importantes comércios na cidade, por este motivo podemos perceber vários pontos comerciais com nomes europeus nas fachadas (ver **Figura 07**).

Além da imigração européia, a mudança que ocorreu com o café imperial e republicano fez com que vários produtores da área do Vale do Paraíba investissem nas lavouras de Ribeirão Preto. Como já analisado no capítulo anterior, os cafeicultores do Vale do Paraíba tinham relações diretas com a capital do Império no Rio de Janeiro que por sua vez era um nicho de exemplos de civilização a ser alcançada.

⁷¹ WALKER e BARBOSA. *Dos Coronéis à Metrópole*. p. 63.



Figura 07 – Anúncio do comércio de propriedade de estrangeiros italianos.⁷²

Alguns membros da elite que participavam do cotidiano da cidade de Ribeirão Preto tinham acesso a Europa, como é o caso de Santos Dumont. (ver **Figura 08**⁷³).



Figura 08 – Primeira viagem de automóvel de São Paulo à Ribeirão Preto, em 1916. No carro: Alberto Santos Dumont, Conde Silvio S. Penteado, Tte. Prado, Major Luís Fonseca, Sebastião Prado.

⁷² Fonte: *Almanach Illustrado de Ribeirão Preto*, 1913.

⁷³ Disponível em: *Catalogo Memória fotográfica de Ribeirão Preto*. p. 40.

As ferrovias e os trilhos também foram responsáveis por muito da influência da modernidade européia na cidade. Era pelos trilhos que as novidades chegavam a Ribeirão Preto: os materiais de construção e artigos de luxo, como os mármore das escadarias dos prédios mais luxuosos.⁷⁴

No Almanach Ilustrado da cidade de Ribeirão Preto encontramos referências a respeito da ferrovia e das benesses que a Companhia Mogiana trouxe para a cidade de Ribeirão Preto.

Não podemos deixar de registrar n'estas poucas linhas o benefício que esta importante via férrea na tem prestado a Ribeirão Preto, principalmente para as obras de Caridade, como Matriz, Palácio Episcopal, Externato Agostiniano, Santa Casa de Misericórdia, Sociedade Amiga do Pobres e tantas outras quantas existem nesta cidade, a Cia Mogiana tem transportado gratuitamente todos os matérias de construção moveis e utensílios.⁷⁵

A Companhia Mogiana significou a facilidade para exportar o café levando o produto até o porto de Santos e daí para a Europa; pelo caminho contrario era possível a chegada no interior paulista de mercadorias importadas que atendiam às expectativas da elite ribeirãopretana.

Do mesmo jeito que a ferrovia facilitou o transporte entre a capital e o interior, este fato pode ser ilustrativo quanto a facilidade do ir e vir a São Paulo, por exemplo, para as discussões políticas do Partido Republicano Paulista que tinha sede na capital do estado.

São Paulo, nas primeiras décadas do século, já contava com requisitos da modernidade. Na capital também era uma preocupação a evolução do plano urbano e o embelezamento das cidades, muitas cafeicultores do interior possuíam palacetes em São Paulo⁷⁶. Também neste período arquitetura de Ramos de Azevedo já transformava a cidade de São Paulo numa urbe com ares luxuosos (ver **Figura 09**⁷⁷).

⁷⁴ Para compreensão do leva e traz de mercadorias sob os trilhos na região da Companhia Mogiana ver TOSI. *Capitais no Interior: Franca e a historia da indústria coureiro-calçadista (1860 – 1945)*, em especial o Capítulo 3 - Nos trilhos da transformação.

⁷⁵ Fonte: Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto, 1913.

⁷⁶ Para a compreensão das edificações paulistanas ver: HOMEM. *O palacete paulistano*.

⁷⁷ Foto retirada de CARVALHO. *Francisco Paula Ramos de Azevedo*. p. 349.



Figura 09 – Residência de Barbosa de Oliveira, projeto de Ramos de Azevedo. Fonte: portfólio Ramos de Azevedo, biblioteca do Condephaat. Foto: João Musa.

É importante salientar que dos grupos dominantes que participavam a pretensão de modernidade na cidade de Ribeirão Preto nem todos foram de fato a Paris, mas absorveram o imaginário da modernidade européia. Daí a importância do imaginário que será mais bem analisado no próximo subitem.

A ânsia da modernidade no município de Ribeirão Preto foi de fato uma característica desta *Belle Époque* tardia que ocorria por conta do café. José Evaldo de Mello Doin afirma que o café, como produto gerador de riquezas, que movimentava o mercado financeiro na terra de homens que evidenciavam a necessidade de uma civilidade e de uma modernidade, gerou no interior paulista uma *Belle Époque* moldada à *sui generes*, denominada pelo autor de *Belle Époque* caipira.

... Essa expansão estabelece a enorme dianteira das terras do café sobre as outras regiões do país. O mundo do *coffee business* se engloba e sofisticava. Entupida de dinheiro, sua elite

quer a todo custo modernizar-se. Aquelas vilzinhas, aqueles vilarejos que poucos anos antes eram apenas um parco aglomerado de casebres, anônimos, insignificantes, entregues a modorra sonolenta da rotina, num repente acordam tomados de pressa ingente para entrar no bonde da história e atingir as benesses do progresso e da civilização, acordados que foram pelo aroma forte e instigante daquela bebida dadivosa. Rápido crescem e tomam formas de cidades. Centros bafejados pela força da grana que constrói e destrói coisas belas. Admirável mundo novo que mescla sem possibilidades de separação o arcaico e o moderno. Era a *Belle Époque* caipira que tomava conta dos corações e das mentes das cidades no interior paulista...⁷⁸

Nessa aura de transformações, o interior paulista não se excluiu ou se encolheu diante das novidades; pelo contrário, a gente *caipira* participou desse processo, e, contra a maré da historiografia urbana, exerceu um domínio e prestígio de caráter mundial, que lhes conferiu um desenvolvimento urbano peculiar que, muitas vezes, antecipou-se às próprias capitais. Por exemplo, o Teatro Carlos Gomes, construído no centro da Praça Quinze de Novembro na cidade de Ribeirão Preto em 1897 – obra financiada pelo coronel Francisco Schmidt – antecipou-se ao Teatro Municipal de São Paulo, edificado em 1911.

Diversas cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Araraquara, São Carlos, Porto Alegre, Belo Horizonte, no tocante à urbanização, foram influenciadas pelo que primeiro ocorreu no continente europeu. França, Inglaterra ditavam as inovações (embora estivesse ocorrendo modernizações das urbes em outros países europeus); Estados Unidos da América materializavam o exemplo de país jovem a ser seguido no rumo do progresso.

A urbanização de Ribeirão Preto desenvolveu-se de forma ambígua, fundada num ambiente extremamente difuso e repleto de nuances.

Como afirma José Antônio Acra Filho a respeito de Ribeirão Preto,

as articulações da sociedade serão definidas através da realidade social: as suas dimensões não foram concebidas como independentes dos homens que a viviam, suas ações e

⁷⁸ DOIN, José Evaldo de Mello. *O capitalismo bucaneiro: dívida externa, materialidade e cultura nas terras do café*. Tese (Livre-Docência defendida na disciplina de História Contemporânea no Departamento de História da FHDSS/UNESP). Franca: FHDSS/UNESP, 2001, p.307.

relações mobilizavam, unificavam e davam sentido aos componentes do cosmo social desta sociedade cafeeira.⁷⁹

É fato que a elite sabia o que queria uma cidade capaz de absorver as novidades, urbanizada, “civilizada”. Para que esta proposta de modernização fosse concreta houve a necessidade de contratar pessoas com conhecimentos específicos para o trabalho. Em Ribeirão Preto uma dessas pessoas foi o engenheiro Antônio Soares Romêo.

2.2 Crenças e desejos da sociedade ribeirãopretana

Antônio Soares Romêo entrou em cena na administração pública de Ribeirão Preto como engenheiro municipal e chefe da Diretoria de Obras.

A função do engenheiro municipal surgiu como um dos principais elementos de transformação urbana da cidade.

O cargo de Engenheiro Municipal parece ter sido extinto em determinados momentos pela Prefeitura. Estes períodos não ficam definidos nos Relatórios, como indica o Relatório de 15 de janeiro de 1920 do prefeito Joaquim Macedo Bittencourt:

...a Camara não tinha repartição de obras quando assumimos a direcção do município. Fora, annos antes, suprimido o cargo de engenheiro municipal e as obras que aqui faziam, quer públicas quer particulares, não eram submetidas á devida fiscalização, entregues aquellas a empreiteiros, nem sempre escrupulosos, e estas as livre arbitrio doa proprietários, que raramente observavam as disposições do Código de Postura (...) Em vista de tudo isto, quando, em 1911, apresentei ao Conselho Municipal o projecto do orçamento para o exercício seguinte, nelle inclui a verba necessária ao pagamento de um diretor de obras e propus que se creasse de novo o cargo de engenheiro municipal, expondo aos Srs. Vereadores os motivos que me levavam a julgar indispensável esta medida. Approvada a minha proposta e creado o cargo, nomeei para exerce-lo o Dr. Mario de Salles Souto, que pouco tempo depois, o deixou por se ter mudado para a capital do Estado, sendo substituido pelo Dr. Antonio Soares Romeo, que ainda hoje o exerce com reconhecida competencia. Assim, sob a direcção deste

⁷⁹ ACRA FILHO. *A economia cafeeira e a política oligárquica do município de Ribeirão Preto*. pp. 5 e 6.

ilustrado profissional, tendo como seu auxiliar o Cap. Jarbas Vieira de Souza, diligente e honesto funcionario que tão bons serviços tem prestado ao municipio, ficou organizada em 1912 a repartição de obras, que tem a seu cargo não só elaborar os projectos e plantas e dirigir as obras públicas municipaes, como também fiscalisar as obras particulares.⁸⁰

Neste documento é visível a necessidade da supervisão e padronagem que as configurações do mundo moderno exigiam. Tópicos da higiene das habitações, como ventilação, iluminação e a disposição adequada dos aparelhos sanitários aplicavam-se pelas regras estabelecidas em Códigos de Posturas municipais.

É possível perceber a vontade, por parte do então prefeito perrepista, de utilizar as tecnologias de época, aplicando os Códigos de Posturas para que, enfim, pudesse ser a cidade reconhecida pela sua civilidade. Para as práticas e aplicabilidade do conhecimento técnico que esta tarefa exigia, Macedo Bittencourt procurou e selecionou mãos capacitadas para desempenhar a função de engenheiro municipal.

Entre os critérios de seleção do Partido Republicano Paulista sempre foi privilegiada a convivência, os laços de amizade, as origens comuns, que, na realidade eram fatores decisivos para manter uma unidade ideológica dentro do partido.

Ênio Casallechi explica que a escalada de representatividade pessoal dentro do governo perrepista era uma tarefa complicada:

a ascensão passava por uma longa corrida de obstáculos. O primeiro e o mais importante eram o de origem social: jamais um representante da classe trabalhadora, numa sociedade em largo progresso material, atingiu qualquer posição ocupada pela elite.⁸¹

Para a aplicação das novas experiências da engenharia e arquitetura foi então chamado para o cargo Antônio Soares Romêo, um ator social que, além de freqüentar a elite e ser aparentado com o chefe político perrepista de Lorena, trouxe para Ribeirão Preto as técnicas aprendidas na Politécnica de

⁸⁰ APHRP - Relatório apresentado em sessão de 15 de agosto de 1920, pelo Dr. Joaquim Macedo Bittencout. pp. 28 e 29.

⁸¹ CASALECCHI. *O Partido Republicano Paulista (1889-1926)*. p. 237.

São Paulo, local em que ensinava o ilustre Ramos de Azevedo, professor desta instituição e que é certamente um ícone da modernidade para a questão arquitetural brasileira. Como visto anteriormente neste estudo, são os vestígios do positivismo vigente e fervoroso no início do século XX.

O discurso ideológico da administração de Ribeirão Preto é o mesmo do Partido Republicano Paulista, ou seja, tem como lema progresso, tecnologia, civilização e elementos afins.

O prefeito municipal Macedo Bittencourt (1911-1920) compunha forças com a elite financeira e política, com nomes como Quinzinho Junqueira, chefe político de Ribeirão Preto e líder perrepista regional, coronéis do café, entre eles Coronel José Martimiano da Silva e Coronel Manoel Maximiano Junqueira, para, enfim, culminar em uma administração que seguia os ideais republicanos e vislumbrava o progresso.⁸²

O discurso político usado pela administração local engendrou uma retórica progressista, ou seja, usava léxico específico, formulas, e estereótipos, regras e formas de argumentação. Todos estes recursos consolidavam a identidade do governo. Esta sociedade agrária que estava a frente da administração de Ribeirão Preto enxergava o desenvolvimento urbano mais para sustentar a retórica progressista que para estimular a transformação da sociedade como veremos no próximo subitem.

Quanto às ideologias e culturas políticas do Partido Republicano Paulista, é perceptível a necessidade da inserção da idéia de progresso, das tecnologias, dos avanços da chamada civilização⁸³ no mundo atuante dos cafeicultores e nas cidades produtoras de café. Há uma expectativa em torno da cidade que Ribeirão Preto quer se tornar.

Os projetos urbanos foram momentos de articulação entre ação, intenção, discurso e desenvolvimento técnico.⁸⁴

No momento em que Antônio Soares Romêo assumiu a supervisão das aplicabilidades das normas relacionadas a construção contidas nos

⁸² Para a compreensão detalhada da administração de Macedo Bittencourt e da ânsia causada pela modernidade nesta candidatura ver PAZIANI. *Construindo a Petit Paris: Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920)*.

⁸³ O conceito de civilização deste contexto pode ser analisado em STAROBINSKI. *As Máscaras da Civilização: ensaios*.

⁸⁴ Sobre o discurso ideológico no urbanismo ver CAMPOS. *Os rumos da cidade: Urbanismo e Modernidade em São Paulo*. pp.11-199.

Códigos de Postura, surgiu a questão da ostentação do patrimônio arquitetônico da cidade como uma representação social local e de importância múltipla para o entendimento da cultura política implementada pelo partido atuante.

O imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade. Trata-se de uma produção coletiva, já que o imaginário social faz-se também do depositário da memória que o indivíduo, enquanto membro de vários grupos, forma na sua vivência cotidiana. Nessa dimensão, identificamos as diferentes percepções dos atores em relação a si mesmos e de uns em relação aos outros, ou seja, como eles se visualizam como partes de uma coletividade.

Socialmente o imaginário designa o estruturante originário de uma dada sociedade, o que torna possível as diversas organizações humanas. Como um dos elementos fundantes do que se chama “realidade”, possui uma relação com ela muito mais complexa do que o aspecto ilusório e espetacular atribuído tanto no uso mais freqüente do termo, quanto nos meios psicanalíticos. A existência do imaginário está diretamente ligada às suas relações “profundas e obscuras” com o simbólico. O imaginário necessita do simbólico, tanto para exprimir-se, quanto para existir.⁸⁵

Além de o imaginário usar o espaço como meio de subsistência, ele se projeta nele tornando-se inventor de situações concretas. Assim, a racionalidade tecnocrata de organização espacial, aplicada por Antônio Soares Romêo, juntamente com o financiamento dos cafeicultores reproduziram na cidade de Ribeirão Preto a ideologia progressista.

A propagação de necessidade de ordenamento e higienização, as tais pretensões modernas, foram tomando forma sob a inspiração de seus executores. Ergueu-se, através da arquitetura e do urbanismo, cenários monumentais destinados ao próprio teatro político que, por sua vez, colocou as massas influenciadas numa via de mão única, que construíram e/ou transformaram a cidade numa força criativa imposta que manifestava suas ambições e excessos.

⁸⁵ CASTORIADIS. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. pp.175 e 176.

O poder que essas representações ideológicas exerceu foi capaz de modificar espaços, hábitos, costumes e até mesmo de inventar novas tradições. Em Ribeirão Preto, esta valorização do espaço, como medida de exposição de poder e ostentação patrimonial foi aplicada e efetuada por este projeto modernizador, sonho a ser alcançado pela elite local e que a plutocracia permitia executar.

A respeito desta imposição, Georges Balandier discute em seu livro O Contorno:

Ao contrário do indivíduo desarmado (ou quase), e principalmente no meio urbano, o poder situa-se fortemente armado para traduzir em obras monumentais a paisagística sua ideologia e sua grandeza, para marcar de forma durável a memória coletiva. Em todos os tempos as civilizações, este poder deu uma materialidade arquitetural à imagística através da qual ele diz quem é e afirma sua pretensão de se inscrever definitivamente na história.⁸⁶

Para a administração da cidade de Ribeirão Preto construir de outro modo, refazer uma sociedade antes agarrada à rudez eram desejos veementes. A cidade utópica passou a ser uma idealização que substituiu a cidade real com seus problemas estruturais e desordens, moldada imperfeitamente pelos homens no curso da sua história. E foi exatamente para tornar tecnicamente possível a realização deste imaginário ordenador que Antônio Soares Romêo foi contratado pela administração ribeirão-pretana e passou a fazer parte da elite técnica que possibilitava o ideal ser real.

Bronislaw Baczko, seguindo uma perspectiva mais política da questão da imaginação e do imaginário social, ressalta: “está em moda associar a imaginação e a política, o imaginário e o social”⁸⁷. Essas relações encontram-se nos discursos políticos e ideológicos em relação às Ciências Humanas. Objetivar a análise da questão política é ver a “imaginação” e o “poder” unidos na exaltação, na denúncia, no *slogan* e no simbolismo; enfim, nos discursos e nas ações dos atores políticos.

Antônio Soares Romêo foi um desses atores políticos; edificava e controlava as obras públicas em nome do interesse de toda a população e ao

⁸⁶ BALANDIER. *O Contorno: poder e modernidade*. p. 242.

⁸⁷ BACKZO. *Imaginação social*. p.298.

mesmo tempo arquitetava residências particulares que visavam atender os desejos e os gostos da elite cafeeira, ávida para viver ares europeus em pleno sertão d'Oeste. Nem sempre os interesses da população coincidiam com os do engenheiro e estes com os dos cafeicultores.

Era a modernidade, um valor que alimentava o imaginário social do mundo ocidental. No entanto, a modernidade é essencialmente movimento, mobilidade, que torna evidente o impossível, mas com as portas abertas a vários possíveis, sendo assim tende a um estranhamento de identificação das novas configurações e deu suas interpretações.

Em uma constância de rupturas em que as conseqüências geradas põem em risco aquilo que garante ao homem estabilidade, como em um jogo, o futuro é visto tanto pelo lado pessimista frente às novas experiências, como pelo lado otimista que crê que a ciência e a técnica garantirão um futuro melhor. A modernidade é o sinal da incerteza, é a abertura dos espaços individuais e sociais ao novo, que causa uma crise de interpretações, cabendo assim à retórica modernista o papel de dissimular a ignorância ou a incompetência.

Ribeirão Preto enfrenta o projeto modernizador com grande otimismo, talvez a explicação desta particularidade seja a garantia de sucesso que a associação dinheiro/poder político parecia proporcionar.

A modernidade caipira não excluiu a localidade, que participou e pressionou o poder público em nome de melhorias urbanas, fosse se utilizando daquele poder – atas municipais – ou reinventando práticas culturais de elite – fundação de jornais, não pagamento de impostos. Era a fronteira movediça entre as esferas da exclusão e da inclusão.

É nítido e nada surpreendente que essas mudanças trouxessem consigo novos hábitos e costumes que passaram a ser valorizados. Os cafeicultores transferiram suas casas para os locais já infraestruturados, motivados pela organização e agilidade das suas atividades, centros produtores e comerciais com bancos e agências de financiamento, por exemplo. Em resumo era de interesse da elite política e econômica que os cursos técnicos fossem valorizados.

Estes núcleos urbanos progressistas que abrigavam essa elite cafeeira precisavam, na visão oficial, de gente capacitada para a aplicação

técnica de recursos como sistema de transporte e serviços de água encanada, esgoto tratado e luz elétrica. Com o mesmo intuito, passam a ser adotados estilos como o neoclássico, a art-nouveau, o neocolonial e, sobretudo o eclético que, além de buscar melhorias na urbanização e higienização, buscavam embelezar a feição de residências urbanas coloniais em busca de ostentação e riqueza proporcionadas pelo êxito da cafeicultura.⁸⁸

Ribeirão Preto traz consigo esta visão. Indiscutivelmente, a obra deixada pelo engenheiro é motivo de ostentação, não somente para o período analisado, mas inclusive para os dias de hoje. Nota-se a ostentação do patrimônio na maneira como os prédios eram apresentados nos Almanachs e jornais da época:

Companhia Antartica Paulista – O edifício onde estão installados a fabrica, os escriptorios e as varias dependencias desta filial, honra sobremaneira da Capital d’Oeste. E’ inconstestavelmente um prédio do mais aprimorado gosto artístico.⁸⁹

O sumptuoso Theatro Carlos Gomes, onde têm debutado os melhores companhias. E’ um edificio que embelleza e honra a nossa “urbe”. Muito concorreu para levar a effeito a construcção do mesmo o cel. Francisco Schimidt.⁹⁰

Edificio da Sociedade Recreativa – Como vêm os leitores, este predio é um verdadeiro mimo da moderna architectura. O seu conjunto e os seus menores detalhes isso attestam.⁹¹

Enquanto instrumento de uma ideologia dominante, a arquitetura estaria materializando não somente seu significado primeiro, intrínseco a qualquer objeto arquitetônico, aquele de ocupação do espaço urbano, volumetria que impõe outro olhar, se não a toda cidade, mas ao seu entorno imediato, mas incorpora um segundo significado, num contexto de modernização da cidade, implementação de medidas ordenadoras e transformadoras pelo viés do controle tanto sanitário quanto social, além de estético.

Sendo assim, o projeto modernizador que sustentou o sentimento de ostentação estava centrado nas decisões e ações específicas da elite.

⁸⁸ TOLEDO. *São Paulo: três cidades em um século.*

⁸⁹ Almanach Illustrado de Ribeirão Preto.

⁹⁰ Idem.

⁹¹ Idem.

Naturalmente, para alcançar êxito, o projeto de modernização deveria ser legítimo. Para tanto, o discurso foi instrumento importante. A elite falava de modernização, difundia determinadas concepções de modernidade, fundamentava o discurso em construções reais e tentava inculcar nas mentes dos mais desprivilegiados que o progresso agradaria a todos, mesmo que na prática o civilizar significasse também excluir.

É notável a presença de uma ideologia arquitetural e urbanística no começo do século XX em Ribeirão Preto. Ou seja, havia uma representação que a elite e também o Partido Republicano Paulista faziam – e impunham aos outros – das relações por eles mantidas em sua realidade arquitetural, obedecendo obviamente à razões de variados interesses político-sociais, na busca de legitimar o projeto modernizador mostrando suas vantagens e poderio.

A legitimação tornava o projeto de modernização algo natural, alguma coisa da qual se deve participar e não questionar e, como tal, caberia a todos. À elite obviamente era a maior beneficiária de tudo o que implicava tal projeto: dos prazeres da cozinha, das roupas e costumes e do cotidiano, importados da Europa; dos deleites das encenações e concertos musicais no Teatro ao ambiente urbano provido de melhorias na infra-estrutura, construção e ajardinamento de praças para passeios diários.

O relatório apresentado pelo prefeito Macedo Bittencourt, em 1920, ressaltou a necessidade de tornar a visão pública da cidade algo que agradasse os olhos acostumados ao belo:

Para suprir esta falta de legislação, foi apresentada, em uma das nossas sessões, uma indicação no sentido de se dividir a cidade em circunscricções, estabelecendo-se para cada uma delas um typo ou padrão de casas obrigatório, pelos quaes se deveriam guiar os constructores na canfecção dos seus projectos. Essa indicação porem, não foi convertida em lei porque a Camara não achou opportuna para a nossa cidade, onde se pagam elevados alugueis, porque as construcções não se fazem na proporção do augmento da população, e poderiam diminuir, se se lhes creassem qualquer obstáculos. Deste modo, só de um meio era lícito á Prefeitura lançar mão para lhe impedir que se levantassem a effeito projectos, cuja approvação lhe era requerida, de casas de má apparencia, que enfeiam as cidades, despertando censuras á administração: era chamar os requerentes para aconselhalos a melhorarem suas plantas, fazendo-os verem que com

pequeno dispêndio dariam maior valor às suas propriedades e mandando que a repartição de obras lhes fornecesse gratuitamente os desenhos das fachadas. E isto felizmente se fazia quasi sempre com resultado, porque raramente esses conselhos deixavam de ser attendidos, corrigindo-se assim, sem arbitrariedade, a deficiência da lei e conseguindo-se dar outro aspecto á cidade pela melhor architectura de suas construções.⁹²

2.3 Intervenções no plano urbano e arquitetônico

Construindo a cidade com praças, ruas, jardins, prédios, sistemas de água e esgotos, pontes, arborizações e canalização de rios, além de sua habilidade para edificações de grande porte, Antônio Soares Romêo ajudou na modernização de Ribeirão Preto, otimizando a vontade de poder de uma sociedade amparada pela lucratividade cafeeira e pelas ações dos coronéis.

O Almanack Illustrado de Ribeirão Preto do ano de 1913 aponta como foi a situação das construções prediais do município no ano:

... Existem no município mais de 10.225 prédios, sendo 3.104 na cidade, 199 compreendidos na area suburbana, 165 em Villa Bonfim e 6.757 exclusivamente ruraes.

Na cidade ha 2.818 prédios habitados, sendo 30 sobrados, 23 assombrados, com o porão habitável, e 2.765 terreos.⁹³

A presença viva das mudanças na paisagem urbana da cidade pode ser notada nas passagens de alguns periódicos da época. Outra prova desse processo foi o crescimento do setor comercial nas áreas centrais da cidade.

Segundo Valéria Valadão, a partir de 1911, surgiu como reflexo da riqueza gerada pelo café um número significativo de imigrantes para trabalhar, menos nas lavouras e mais nas atividades comerciais e industriais da cidade.⁹⁴

No *Almanach Illustrado de Ribeirão Preto*, de 1913, existem referências a vários estabelecimentos oriundos da presença imigrante: *Charutos Stender*,

⁹² APHRP: Relatório apresentado em sessão se 15 de janeiro de 1920, pelo Dr. Joaquim Macedo Bittencourt. p. 30 e 31 (a redação é original do documento).

⁹³ *Almanach Illustrado de Ribeirão Preto*. (Nota: a versão original desta obra não consta numeração).

⁹⁴ VALADÃO. *Memória arquitetônica em Ribeirão Preto*.

*Casa Brancato, A Notre Dame de Paris, Au Bon Marché, Casa Tavares, Drogeria e Pharmacia Italiana Pelosi, Diederichsen & Hibbeln, Antártica, Casa Selles, entre outras.*⁹⁵



Figura 10 – Esta foto do *Banco Construtor*, data de 1917, atesta a pujança da família de imigrantes alemães, os Diederichsen, que possuíam negócios variados, desde fazendas de café a serralherias, de madeireiras a banco. Fonte: *Ribeirão Preto: memória fotográfica*. Organizado por Carmem Cagno, Ribeirão Preto: Colégio, 1985. pág. 67.

Foi nesta aura de transformações que, em 1913, Antônio Soares Romêo, com competência técnica, assumiu o cargo de chefe da Diretoria de Obras de Ribeirão Preto, segundo proposta de Macedo Bittencourt, respondendo diretamente aos interesses da administração, do prefeito e em cadeia do Partido Republicano Paulista.

Como chefe da Diretoria de Obras Antônio Soares Romêo foi a resposta para as necessidades técnicas que a pretensão civilizatória exigia. Entre suas intervenções incluíram-se o calçamento de paralelepípedo nas ruas centrais, a canalização do córrego e o embelezamento da Avenida Jerônimo Gonçalves (1913-18), melhorias do matadouro local, projetos de praças, como a Praça Antônio Honório, projetos de água e esgoto, a estação da Metalúrgica Cia., o alinhamento de ruas e praças, a construção de *boulevares* e de um coreto na Praça XV de novembro em 1913 e a construção do Paço Municipal, atual Prefeitura Municipal.

⁹⁵ *Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto*.

Representando os anseios da elite cafeeira, ansiosa pela introdução de novas experiências e paisagens urbanas, Soares Romêo e tantos outros administradores, dinamizavam a *petit Paris* com benefícios modernos, como água, luz, praças e igrejas, à medida em que o café expandia seus limites geográficos.

Segundo o arquivo de plantas e edificações do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto, Antônio Soares Romêo também atuou como engenheiro civil, deixando uma importante obra realizada em projetos particulares que resultam hoje em patrimônio histórico da cidade de Ribeirão Preto.

Entre as obras particulares estão a reforma do prédio da CIA Antártica Paulista, a residência do Coronel José Martimiano da Silva, a edificação do Hotel Brasil, prédio este que está inserido em um projeto de restauração pela USP/Ribeirão Preto que pretende instalar ali seu curso de música. Soma-se ainda a residência de Daniel Kujfiszki, uma reforma do prédio do Banco Construtor, a residência do futuro prefeito e cunhado Joaquim Camilo de Mattos (1929-1930).

No período áureo da economia cafeeira, o centro da cidade começava a ser ocupado crescentemente pelo comércio e por residências. Na medida em que se enriqueciam, os moradores de bairros distantes, como o Barracão, dirigiam-se rapidamente para as ruas centrais e transformavam a própria moradia em dois compartimentos, casa e estabelecimento comercial.

O aumento desse tipo de residência no centro da cidade levou o então prefeito Macedo Bittencourt a cobrar altos impostos comerciais e imobiliários, que assumiam a função receituária da municipalidade nos momentos instáveis do café. Com essa receita, mais os acúmulos da produção cafeeira, foi possível a construção do Palácio Rio Branco em 1917, prédio da Prefeitura de Ribeirão Preto.

As obras públicas, realizadas durante o período em que Antônio Soares Romêo atuou como engenheiro municipal, foram construídas em observância a laços estreitos com os interesses privados. A arquitetura, resultado da ascensão do ecletismo francês na segunda metade do século XIX, foi integrada no plano urbanístico da cidade.

O dinheiro e o lucro da cafeicultura eram os responsáveis pelo avanço urbano de Ribeirão Preto. No ano de 1918, houveram crises de instabilidade cafeeira, porem estes obstáculos, como a guerra na Europa⁹⁶, a epidemia da gripe espanhola⁹⁷, uma grande geada que causou um prejuízo de 30% dos lavouras de café⁹⁸, não foram capazes de arruinar a economia local que acaba sendo controlada pelas fortunas dos cafeicultores. Somente a Queda da Bolsa de Nova York, em 1929, e a conseqüente desvalorização do café fizeram com que estas fortunas não mais garantissem a estabilidade econômica do município.

⁹⁶ GUERRA EUROPEIA – Da ata de 16.04.1917 – O Dr. Veiga Miranda a referente moção que vae a mesa e é lida pelo senhor Secretário: “A Camara Municipal de Ribeirão Preto, considerando a gravidade do actual momento político internacional, em que o Brasil se viu forçado a reagir altivamente contra os bárbaros processos de guerra, rompendo as suas relações com a Allemanha e dipondo-se a todas as emergências decorrentes dessa desassomburada attitude, não pode deixar de manifestar o seu apoio e solidariedade aos altos poderes da Republica, no que, alias, não faz mais do que interpretar os sentimentos de toda a população deste município”.

⁹⁷ A GRIPE ESPANHOLA – Da ata de 26.10.1918 – “Continuando com a palavra o mesmo vereador (Dr. Macedo Bittencourt, Prefeito) trouxe ao conhecimento da Camara as medidas que por si e juntamente com o Dr. Delegado de Saúde, tem tomado, providenciando desde já para a hypothese muito provável de ser o nosso município atingido pela epidemia reinante no Rio de Janeiro e São Paulo sendo certo que a gripe embora com caracter muito benigno já existe na cidade; que assim havia consultado as pharmácias sobre se dispunham dos medicamentos necessários ao tratamento da população e obtendo resposta de que esses medicamento ellas os possuíam para o serviço normal, telegraphara ao Governo solicitando providencias urgentes; que já contractara o aluguel de um prédio para a installação de um hospital, caso venha haver necessidade disso e ainda hoje acabava de receber um offerecimento do dr. Theodomiro Uchoa pondo a disposição da camara, dois de seus prédios nesta cidade para a installação de pontos de socorros médicos: que se a epidemia da gripe se desenvolver neste município com a mesma virulência com que lastra no Rio de Janeiro ou mesmo com a intensidade com que atacou os municípios medidas promptas em favor não só das classes desprotegidas mas também de toda a população; que todavia, em se tratando da verdadeira calamidade publica é de se esperar toda a solitudine por parte do Governo do Estado em vir em auxilio deste município no caso de ser elle assim tão tristemente flagellado, mas sendo possível que por se alastrar a epidemia em todo o Estado não possa o Governo tomar immediatas providencias era prudente que o municipio se fosse aparelhando para enfrentar aquella situação e concluiu o mesmo verador pdendo a Camara recursos e que esta por seu presidente telefraphasse ao Presidente do Estado, solicitando a remessa de medicamentos de criação de um hospital para o tratamento de indigentes atacados de gripe.”

⁹⁸ Da ata de 15.07.1918 – “INDICAÇÃO. Considerando que a geada formada em todo o território do Estado nos dias 25, 26 e 27 de junho ultimo acarreou a lavoura cafeeira deste município incalculáveis prejuisos, inutilizando grande parte da lavoura sendo que o prejuizo em cafeeiros é avaliado pelos mais optimistas em 30%; considerando que esse verdadeiro cataclisma abalou profundamente a fortuna pública e particular intimamente ligadas no Estado de São Paulo a boa ou má sorte da lavoura de café; considerando mais que, sendo o pagamento do imposto de cafeeiros segundo a lei orgânica da municipalidade, lançado e cobrado sobre as plantas que se encontram em franca procução ficará paralyzada pelo menos por dois annos; considerando que, aos poderes públicos compete, tanto quanto possível na alçada de suas attribuições, e de accordo com as leis que regem a matéria providenciarem no sentido de serem pelo menos suavizados os encargos e ônus que pesam sobre a classe mais importante e laboriosa do Estado.

Observando o mercado imobiliário de Ribeirão Preto enquanto Antônio Soares Romêo era o responsável pela Repartição de Obras é possível notar que nos anos de 1918 a 1920 houve queda nos pedidos de aprovação para a construção de obras na cidade, conforme demonstra o gráfico abaixo:

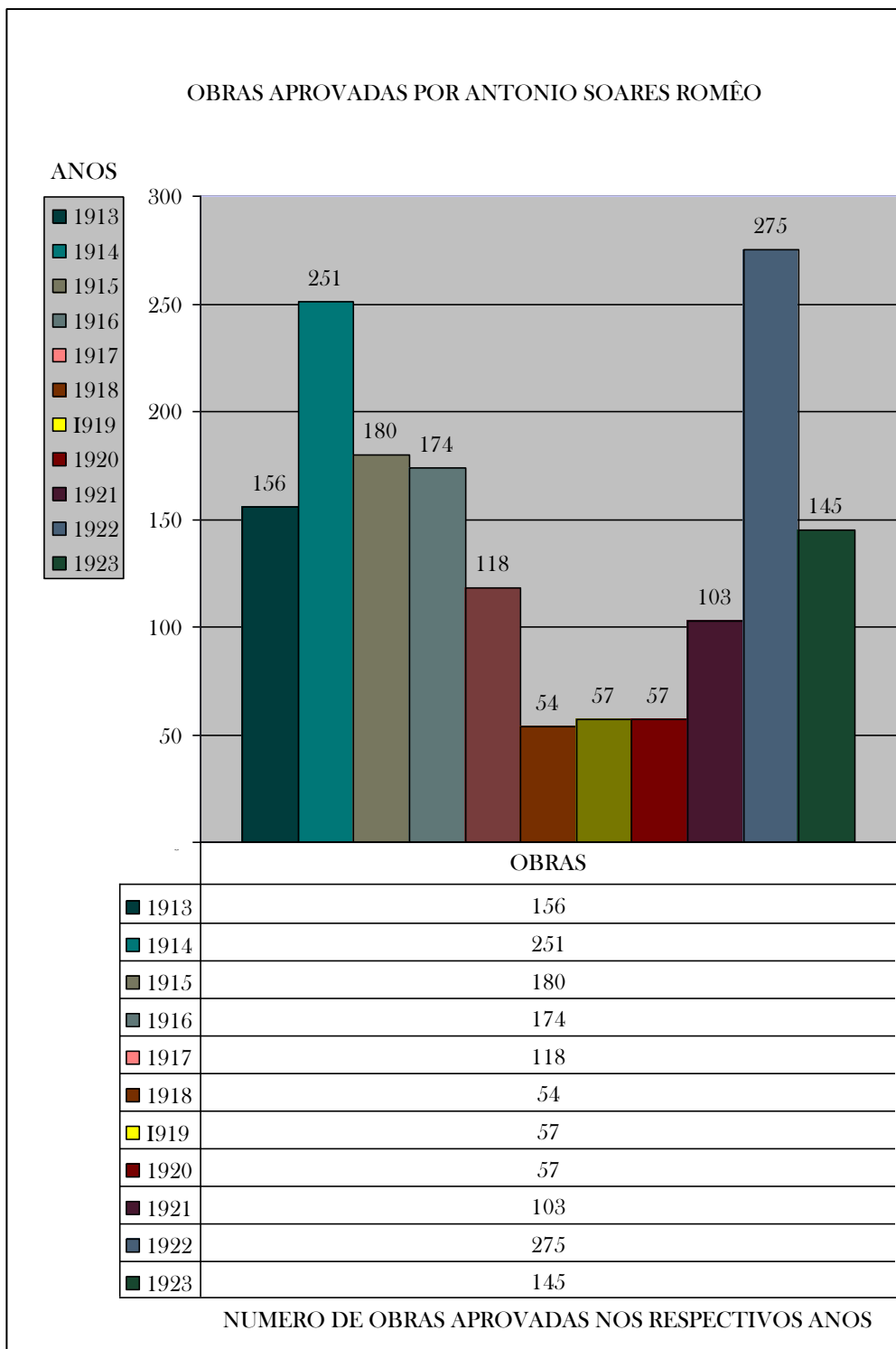


Gráfico 01 – Número de vistos técnicos de aprovação de plantas da Diretoria de Obras de Ribeirão Preto assinados por Antônio Soares Romêo dos anos de 1913 até 1923.

Assim é possível perceber que o ano de 1918 (com os três “gs” já mencionados: gripe, guerra e geada) influenciou a economia municipal, mas logo após dois anos a estabilidade e o crescimento urbano prosseguiram.

Para além das instabilidades da economia cafeeira, a crescente população de imigrantes causou problemas para a urbe durante os anos que Antônio Soares Romêo chefiou a Repartição de Obras.

A elevação de Ribeirão Preto à condição de cidade atraiu uma massa de imigrantes europeus, não apenas para o trabalho nas lavouras de café, mas também para a ocupação crescente das áreas urbanas, o que serviu como forma de angariar verbas para a municipalidade, através da cobrança de altos impostos da população residente no centro e áreas adjacentes. Ademais, os estrangeiros europeus introduziram na cidade novos costumes, hábitos, e uma nova maneira de pensar, com novas referências culturais. Estes ainda trabalharam maciçamente na construção. Porém, a chegada maciça destes estrangeiros, exigiu da municipalidade uma infra-estrutura que ainda não existente na cidade. Para absorver essa população crescente e desordenada foi necessário adaptações, principalmente na área central da cidade, local onde a elite residia.

As cidades paulistas em geral revelaram engenheiros, arquitetos, mestre-de-obras, pedreiros, marceneiros, carpinteiros, pintores, todos das mais variadas origens e conhecimentos, surgindo assim não um novo estilo, mas vários.

Visto esta chegada e os povos que usufruíam da cidade, embora o projeto de modernização fosse uma pretensão da elite, a cidade presenciava um considerável aumento da população que, atraída pelo *eldorado* cafeeiro, passava a ocupar os espaços centrais criados pelos e para os coronéis (área formada pela atual Praça XV de Novembro), e exigindo da municipalidade a introdução dos novos signos do mundo moderno, como sistemas de água e esgotos, asfaltamento, arruamentos e iluminação pública, sendo assim, Antônio Soares Romêo têm fundamental importância no desenvolvimento da cidade e na aplicabilidade dos Códigos de Postura, uma vez que era responsável pelo funcionamento da Diretoria de Obras, bem como pela função de engenheiro municipal.

Além das intervenções urbanísticas e arquitetônicas, este “ar francês” era encontrado nos hábitos e costumes, como se ele fosse o símbolo do processo civilizatório. Como já afirmou Norbert Elias, foi comum na história o constante moldar e disciplinar de hábitos e comportamentos desde as primeiras regras de atitude e etiquetas, até a normatização e coerção que garantem o controle do Estado e do poder.⁹⁹

Durante o período de sua atuação, Antônio Soares Romêo dedicou-se muito aos melhoramentos da cidade de Ribeirão Preto, sendo que, no período de sua chefia, foram assinados por ele cerca de mil e quinhentos vistos técnicos dentro da diretoria de obras, e realizadas cerca de cinquenta e seis construções, assinadas como engenheiro civil, como consta nas documentações de aprovações de plantas da Diretoria de Obras do período, hoje guardadas pelo Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Para administrar as obras e embelezar a cidade de Ribeirão Preto, Antônio Soares Romêo se apropriou dos modelos de civilização, progresso e transformação urbanas em voga nas grandes cidades brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo, e nas duas metrópoles mundiais, Paris e Londres *fin-de-siècle*. O ecletismo entra em cena como o estilo a ser alcançado como veremos no capítulo 3.

Diferentemente de Salvador, Belém, Pernambuco e Rio de Janeiro que receberam discípulos da Missão Francesa que trouxeram para o Brasil o estilo neoclássico, marca registrada do nosso Império, São Paulo não conheceu, antes da fundação da Escola Politécnica de São Paulo, grandes nomes da arquitetura. No entanto, a cultura cafeeira altera esse quadro. O interessante é notar que, ao contrário do Rio de Janeiro e/ou de Paris onde os arquitetos eram formados pelos Institutos de Belas Artes, em São Paulo a arquitetura era uma especialidade da engenharia. Destaca-se, por exemplo, a importância das disciplinas de arquitetura nos cursos de Engenharia Civil.

São Paulo deve a formação desta elite técnica racionalista à Escola Politécnica. Muitos de seus alunos, assim como Antônio Soares Romêo, buscaram o conhecimento técnico exigido por essa pretensão de modernização

⁹⁹ ELIAS. *O processo civilizador*. uma história de costumes e formação do Estado e civilização.

na instituição politécnica e de lá partiram para por em prática aquilo que lhes fora ensinado.

A própria criação e o desenvolvimento da Escola Politécnica de São Paulo mostram a grande demanda de conhecimentos técnicos e tecnológicos, tendo em vista a expansão cafeeira, a acumulação de capital e as indústrias que começavam a se instalar na região.

As funções sociais desempenhadas por técnicos e engenheiros no complexo cafeeiro paulista adquiriram importância e foram ampliadas na medida em que a cultura do café se expandia. A crescente do café e sua economia agroexportadora fez com que ocorresse o surgimento de vários nichos urbanos, dentre os quais Ribeirão Preto, ligados diretamente ou indiretamente ao café, bem como instalações de ferrovias agilizando o transporte e o escoamento da produção; sem contar a onda migratória européia que, conforme já mencionado, influenciou diretamente na urbanização e na formação de culturas destes nichos urbanos.

Todas essas mudanças justificam a organização de uma Instituição pública de ensino técnico e tecnológico no estado de São Paulo. Inovações como a energia elétrica, o desenvolvimento de motores de combustão nos transportes, o aço e o ferro, melhores tanto na qualidade quanto na quantidade, os avanços da química no setor têxtil, os estudos de eletromagnetismo – rádio – possibilitaram, desenvolveram e aperfeiçoaram técnicas de alta complexidade.

...Com investimentos significativos em educação e pesquisa, os norte americanos e os alemães, conseguiram criar eficientemente infra-estrutura para a atividade industrial construída para extensa rede de universidades e laboratórios de pesquisa e desenvolvimento ... os dois países começaram a ameaçar a hegemonia inglesa. Assim a produção industrial norte americana, que detinha o quinto lugar em 1840, assumia em 1860 a quarta posição, para finalmente conseguir o primeiro lugar em 1894, superando a Inglaterra com o dobro da sua produção...¹⁰⁰

Bertrand Gille acredita na valorização da engenharia como pré-requisito para impulsionar avanços nas técnicas modernas, no contexto

¹⁰⁰ MOTOYAMA. *Escola Politécnica, 110 anos construindo o futuro*. p. 37.

internacional entre a segunda metade do século XIX e a Primeira Guerra Mundial.¹⁰¹ No Brasil, em um projeto de modernização e usufruto de benesses proporcionadas pelo conforto material, os paulistas enriquecidos com o café incentivaram o estabelecimento de escolas técnicas e de engenharia em São Paulo com o intuito de facilitar a manutenção e o aprimoramento de elementos como a urbanização das cidades, as ferrovias, a eficiência das técnicas agrícolas, o uso constante de maquinário de beneficiamento do café, fertilidade do solo etc.

As mudanças do cenário urbano, enriquecido pela cafeicultura com novos edifícios públicos e particulares, ampliavam automaticamente o mercado de trabalho paulista para uma elite técnica¹⁰², especificamente para os engenheiros formados na Escola Politécnica.

¹⁰¹ GILLE. *Histoire des Techniques*. p. 728-9.

¹⁰² “Adotamos como conceituação de elites técnicas e constituição de um grupo de profissionais, recrutados pelo Estado segundo um procedimento definido, mantidos como corpo organizado para alcançar fins determinados e possuidores de uma formação específica cujo conteúdo é delimitado com alguma precisão no conjunto do conhecimento humano” DIAS, José Luciano de Mattos. *Engenheiros: profissão e elite técnica*. In. GOMES. *Engenheiros e economistas: novas elites burocráticas*. p. 13.

CAPITULO 3

O TRABALHO DO ENGENHEIRO ANTÔNIO SOARES ROMÃO EM RIBEIRÃO PRETO

3.1 – Considerações sobre a “visão do habitar” da elite ribeirãopretana

As visões do habitar em Ribeirão Preto nas décadas de 1910 e 1920 foram marcadas pela ambição de progresso de elites voltadas para a civilização nos moldes europeus¹⁰³, conforme já discutimos nos Capítulos anteriores. Também já demonstramos como, nas visões de mundo dessas pessoas, a civilidade se associou aos hábitos de higiene pessoal, do como vestir-se, das transformações do espaço doméstico, dos espaços públicos; quase tudo o que fugisse desse ideal de civilidade era motivo de negação e preconceito.

Com a chegada da ferrovia se intensificaram as importações, para além exportação do café. O consumo e os bens industrializados chegavam mais facilmente através dos trilhos até o interior do estado de São Paulo.

No que se referem ao habitar, estas importações, facilitadas pela ferrovia, trouxeram inovações para os utensílios domésticos. Sobre a chegada desses novos equipamentos, Maria Cecília Naclério Homem, no texto intitulado O Palacete Paulistano, escreveu:

Em matéria de utensílio doméstico, os fogões de ferro de muitas bocas substituíram os fogões caipiras. Eram os chamados “fogões econômicos”, norte americanos. Gastavam menos lenha e possuíam chama mais duradoura, sendo equipados com serpentinas. O fogão econômico trouxe consigo a bateria de ferro, que substituiu a de barro. Os moinhos de café aliviaram o uso do pilão. Chegaram leiteiras e cafeteiras de cobre, máquinas de costura, batedeiras de ovos e de manteiga, máquinas de fazer sorvete e de moer carne e tabuas de bife. Surgiram os picadores de carne, espanadores, escovas, ratoeiras, baldes par *toilette*, oleados e malas de viagem. O uso das banheiras foi outra grande novidade, tendo

¹⁰³ Visões de civilização agregadas às concepções de modernidade apareceram, no discurso e no fazer histórico, como inspiradas na Europa, mesmo que nem todos os novos utensílios e equipamentos fossem de lá importados.

sido instaladas em dormitórios ou nos quartos de banho construídos nos quintais. Apareceram as primeiras rodas de borracha para os carros de tração animal. Moveis estofados e dourados franceses para a sala de visitas e moveis ingleses para a biblioteca e escritórios substituíram os moveis tradicionais. Guarda-roupas, criados mudos, escrivainhas, *toilettes* com tampos de mármore, penicos e escarradeiras invadiram os quartos e as salas. Multiplicaram-se as cortinas, os estofados, tapetes, vidros, cristais, porcelanas, espelho, quadros, retratos, molduras, lareiras, pratas e bronzes.¹⁰⁴

A cidade, local em que queria residir esta população civilizada¹⁰⁵, era o lugar dos negócios, das disputas políticas e das decisões econômicas. Para que o espaço da cidade fosse representante direto dessa imagem que buscava as elites foram necessárias várias intervenções, entre elas o sistema de iluminação pública, de água, de esgoto, o calçamento das vias etc.

Para compatibilizar-se com a modernidade, a construção civil vivenciou transformações quanto aos métodos de construção. Os tijolos e a alvenaria substituíram outros métodos, como a construção de taipa. Outros materiais como mármore, gesso, cal, telhas francesas, e cimento apareceram junto com o crescimento das edificações.

A cidade de Ribeirão Preto refletiu durante o período de modernização os códigos da burguesia e de uma sociedade europeizada no interior de São Paulo. Para que a cidade fosse uma imagem concreta, e não somente utopia de seus administradores, a mão-de-obra da construção civil foi fundamental.

Chamou-nos a atenção a multiplicidade das tradições daqueles que executavam as obras destinadas ao projeto de modernização.

Já abordamos, nos capítulos anteriores, os múltiplos elementos que compuseram a formação de Antonio Soares Romêo. Ele havia convivido com a exaltação do Império na infância em Lorena, com a formação científica, positivista e empírica da politécnica, aprendeu cuidados com a aparência das construções nas apresentações de plantas como Ramos de Azevedo.

¹⁰⁴ HOMEM. *O Palacete Paulistano*. p. 56.

¹⁰⁵ Importante salientar que apesar dessa elite obter uma lucratividade baseada na economia agrária, viviam na cidade e não no campo, visto que a cidade era o local que facilitava os negócios do café, pois, era nela que estavam os bancos, as agências financiadoras, os comércios de equipamentos e a cultura e lazer em geral.

Na opinião de arquitetos como Ramos de Azevedo o espaço é visto como forma de expressão que informa o homem, de forma consciente ou não, e o torna detentor de sentidos passíveis de formalização para a operação do espaço. Para a arquitetura, um elemento fundamental na organização do espaço é a estética e a arte:

(...) um arquiteto distanciado dos problemas de Estética é um manco das duas pernas, e a obra por ele proposta, ainda que pare em pé, vale tanto quanto aquela que desaba, mal-se tira a ultima escora: nada (...)¹⁰⁶

Pensando em Antonio Soares Romêo, podemos afirmar que às influências da infância e às visões de Ramos de Azevedo somou-se a formação do engenheiro civil, extremamente voltada para a praticidade e utilidade das construções, com planejamentos que propiciassem progresso e incorporassem as benesses do novo.

Antônio Soares Romêo vinha da formação da Politécnica de São Paulo, mas os cafeicultores que financiavam os empreendimentos tinham contato mais estreito com a Paris de Haussmann e se encantavam com a aparência da Avenida central do Rio de Janeiro, projeto de Pereira Passos.

As formas como os cafeicultores ribeirãopretanos viam a modernidade e a desejavam marcou profundamente os projetos de Antonio Soares Romêo.

As possibilidades de produção material e organização do espaço, incluindo questões de engenharia e arquitetura, dependem diretamente da ideologia que orienta o grupo social que ali se insere.

(...) Aliás, aquilo que se denomina sob o conceito de ideologia só adquire realmente uma plena materialidade ai intervir no espaço social, isto é, os intervir no espaço existente ou ao criar um espaço específico. É possível mesmo indagar se as questões da manipulação e ocupação do espaço, e uma breve análise da história dos grupos sociais revelaria que se os conflitos ideológicos não se resumem apenas no conflito pelo espaço (exclusão de pessoas de um dado espaço segregação nem determinado espaço, reservar certos espaços para tais e

¹⁰⁶ COELHO NETTO. *A construção do sentido na arquitetura*. p. 15.

tais classes, afasta-las ou reuni-las conforme o caso, privar de espaços, etc) ela é, no fundo, essencialmente isso (...)¹⁰⁷

A representação que os homens fazem de si mesmos, da realidade que os cercam, marcadas pelas projeções e desejos do futuro, do vir a ser, e do que, de certa forma, querem impor aos outros necessariamente se refletem na organização do espaço, da materialidade das urbes. A compreensão e a formulação do espaço, público e privado, na arquitetura e na urbanística, não se limitam à determinação das formas, à disposição das coisas, mas relacionam-se com as representações sociais, com a economia política da sociedade, entendida enquanto produção, distribuição, troca e consumo.¹⁰⁸

Se a crença daqueles que orientam a produção do espaço afeta a materialidade das construções, não podemos deixar de afirmar que o trabalho de Antonio Soares Romêo foi marcado pelas concepções dos cafeicultores ribeirãopretanos, já que os mesmos financiaram a urbanização do referido município no período desta pesquisa. Tais cafeicultores inspiravam-se na modernidade anunciada pela capital francesa na formulação do que desejavam para Ribeirão Preto.

No segundo capítulo desta dissertação já informamos como a Paris de Haussmann se transformou das “cidades dos burgos” para a “urbe moderna”, fazendo jus à fama de cidade luz também para modelos de engenharia e arquitetura. Nesse processo, como se tratava de reformar o já feito e não do construir do nada, o resultado das transformações dos engenheiros de Haussmann não obedeceu a nenhum estilo. Marcada por permanências e mudanças, a Paris da modernidade virou exemplo de ecletismo. Ecletismo, aliás, que bem serve para a compreensão das intenções em Ribeirão Preto, quando do desenvolvimento do município. Falamos em “intenções ecléticas” para abarcar as múltiplas influências do engenheiro Antonio Soares Romêo, o querer imitar Paris dos cafeicultores e a mão-de-obra disponível para as construções.

Os fazendeiros, cafeicultores de Ribeirão Preto admiravam a aparência e ansiavam pelo acesso aos bens de consumo que a dita

¹⁰⁷ Idem. p. 117.

¹⁰⁸ COELHO NETTO. *A construção do sentido na arquitetura*.

modernidade francesa parecia facilitar, mas pouco ou nada compreendiam das técnicas necessárias para fazê-la. Assim, nos parece que entre o técnico Antonio Soares Romêo e o cafeicultor havia significativo espaço de estranhamento, mais ou menos como a diferença entre a modernização e o embelezamento. Soma-se ainda o fato de que o profissional planejava as construções, mas não as executava. A mão de obra especializada para a construção civil era oriunda quase que exclusivamente da Itália, pessoas também conhecidas como *capomaestres*. Ora, num momento de múltiplas mudanças, a capacidade produtiva superava a de vigilância. O resultado foi anseios ecléticos de embelezamento franceses por parte dos financiadores/cafeicultores, materializado em planejamentos progressistas/utilitaristas dos técnicos e execução neoclássica italiana (presente nas fachadas).

Coerente com esta complexidade, o estilo eclético enquadra-se perfeitamente na imagem da modernidade que Marshall Bermann constrói no livro “Tudo que é solido desmancha no ar: Aventura da Modernidade”. Para esse autor, a modernidade é uma constante fluidez de valores, é o sentir-se em casa em meio a um redemoinho, é a perplexidade diante de turbilhões de sentimentos e fatos. E à isso o ecletismo se converge com primor.

Segundo Carlos Lemos:

Um estado de espírito. Sim, o Ecletismo teria surgido de um estado de espírito sempre olvidado pela maioria dos historiadores muito atentos às formas tangíveis, aos produtos finais, às expressões estilísticas. Esse Ecletismo que assim vemos pressupõe coletividade imbuída de uma libertação romântica que todas as vezes acaba traindo a Razão. O Ecletismo é uma questão de firmação personalista de cada um na multidão. O Ecletismo, então, seria a somatória das criações individuais, cada qual com sua explicação. Ecletismo é a linguagem eufórica da liberdade calcada na nova tecnologia. Só o Ecletismo resolveria coerentemente os novos programas arquitetônicos. Varias frases assim soltas e algo desconexas nos ocorrem quando estamos agora a pensar com insistência nesse aspecto *psíquico – social* que ocorre na definição daquilo que se convencionou chamar de Ecletismo.¹⁰⁹

¹⁰⁹ LEMOS, Ecletismo em São Paulo. In. *Ecletismo na arquitetura brasileira*, p.70.

Luciano Patetta, arquiteto e professor de História da Arquitetura na Faculdade de Milão, acredita que o Ecletismo era a cultura própria de uma classe burguesa que dava primazia ao conforto, amava o progresso, as novidades, especialmente quando estas melhoravam sua condição de vida. Ainda segundo o autor, os técnicos profissionais que aplicavam na prática as regras deste “novo” a ser alcançado muitas vezes copiavam monumentos antigos e se preocupavam tanto em corrigir os erros e anular as irregularidades que acabavam realizando obras completamente diferentes do modelo original e, por conseqüência, criavam um novo estilo.¹¹⁰

Representante direto do estilo eclético, o Palácio Rio Branco, construído em 1917 para ser a nova sede da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, se caracterizou pela suntuosidade de sua fachada, seu luxo e sua funcionalidade interna. Através de suas *mansardas*¹¹¹ pudemos perceber a aproximação, mesmo que parcial, com os projetos arquitetônicos do Palácio Campos Elíseos em São Paulo (baseado na Ópera *Garnier* parisiense), e o Hôtel-de-Ville de Paris, ambos destinados para os governos dos respectivos municípios.

Como expôs Carlos Lemos, o ecletismo é uma questão de afirmação do indivíduo, de cada um na multidão. É a somatória das produções arquitetônicas aparecidas a partir do primeiro quartel do século XIX, que associou-se ao Neoclássico histórico surgido, por sua vez, como uma reação ao barroco.

A abastança do café chegou à província de São Paulo somente depois que o mesmo suplantou a cana no antigo quadrilátero paulista. Em 1867 foi construída a estrada de ferro pelos ingleses na cidade de Santos. Santos, a partir de 1871, passou a ser o principal porto da região e mandava para São Paulo, pelos trilhos da ferrovia, as “novidades do mundo”.¹¹²

A capacidade de mobilidades de “gentes e coisas” da ferrovia fazia das regiões que percorria terreno fértil para o Ecletismo, sinônimo do progresso e linguagem do poder econômico.

¹¹⁰ PATETTA. Considerações sobre o ecletismo na Europa. In: FABRIS. (org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. p. 13

¹¹¹ Por mansarda entende-se:telhado formado por águas quebradas, com duas inclinações, sendo a inclinação inferior quase vertical e a superior quase horizontal.

¹¹² LEMOS. *O ecletismo em São Paulo*. p. 69-99

Carlos Lemos chama a atenção para a importância da compreensão de que o fazendeiro do café é diferente do latifundiário do açúcar que vive dentro do mundo rural; o cafeicultor é um viajante e não abdica das funções urbanas, é político, e ao mesmo tempo banqueiro, jornalista, magistrado, traz a estrada de ferro e é a partir daí que o Estado se desenvolve. Com a ferrovia, chegaram à região imigrantes dos mais variados lugares, com diversas formações, desde os mais ignorantes até pessoas de alta qualificação.¹¹³

A materialização de um ecletismo *sui generes* urbano somente foi possível em Ribeirão Preto porque esse município tem características peculiares em relação a algumas outras cidades do complexo cafeeiro. Algumas delas são de origem bem mais remota, complexos urbanos que conservaram características conservadoras, de cultura política que não permitia as pessoas recém chegadas uma rápida ascensão social.

Para a compreensão das obras realizadas por Antônio Soares Romão em Ribeirão Preto, é necessário um aprofundamento nas especificidades locais das intenções de civilidade. A cidade de Ribeirão Preto esboçou um estilo arquitetônico *sui-generes* baseado no ecletismo europeu.

Como observado no segundo capítulo deste texto dissertativo, os produtores de café da cidade de Ribeirão Preto que dominavam a política e a administração do município tinham um laço estreito com as cidades da Europa, sobretudo com Paris, a capital eclética de Hausmann.

Ao pensarmos no ecletismo, como proposta de estilo arquitetônico, deparamo-nos com a problemática das suas múltiplas possibilidades, e conseqüentemente surgem questões que nos instigam: O que é eclético? E o que foi o eclético para Ribeirão Preto?

A resposta parece simples quando pensamos nos vários “néos”: o neogótico; o neocolonial; o neoclássico; o neorenascentista, e também nos “arts”: o *art nouveau*; o *art déco*; o *art’s and grafts*. No entanto, cada um desses conceitos carrega suas especificidades. Sendo assim, o ecletismo, a mistura desses vários conceitos, torna-se mais complexo e, por conseqüência, instigante.

¹¹³ FABRIS. *Arquitetura brasileira*.

O ecletismo, somatória de diferentes conceitos arquitetônicos, surgiu na Europa em reação ao estilo barroco. A idéia era combater os exageros da decoração pesada do barroco; para isso usou o neoclássico histórico que defendia a volta dos clássicos da arquitetura, como a romana, a grega e o gótico francês.

Percebemos que no caso da cidade de Ribeirão Preto o ecletismo não foi usado por motivos como o europeu, de renovação de estilo, mas sim como apropriação de cultura estrangeira. Não existia nos primórdios da cidade de Ribeirão Preto absolutamente nada de obras barrocas, a intenção do eclético aqui apareceu como idéia daquilo que era civilização. O ecletismo das terras do café surgiu não em reação a um estilo pré-existente, mas pela falta de estilo, visto a precariedade das primeiras construções do município.

Era próprio do estilo eclético, fosse na Europa ou no Brasil, o neogótico francês e neoclássico romano, duas tendências aceitas concomitantemente. E se tratando de ecletismo, para além do neogótico e o neoclássicos, os vários outros “néos” também apareceram,

(sobre o ecletismo) Até podemos dizer: seria a liberdade ou a licença de criar, de recriar, ou combinar formas, de misturar ornamentações próprias de estilos definidos regionalmente pela Europa afora. Nesta hora explicar o Ecletismo é buscar a miscelânea.¹¹⁴

Percebe-se, no entanto, que “a mistura”, no caso do município de Ribeirão Preto, foi além dos estilos arquitetônicos. A miscelânea de interesses e “saber fazer” das várias dimensões desta sociedade se estampou nos prédios da cidade.

A arquitetura em Ribeirão Preto passou por um salto qualitativo que, na realidade, recebeu interpretações e reinterpretações dos atores sociais. As novidades arquitetônicas que mudaram a estética da cidade surgiram tanto na classe alta, com seus interesses ostentatórios, quanto na classe técnica, no caso Antônio Soares Romêo, e ainda foi influenciada pela cultura dos imigrantes que, na ânsia do dinheiro que o café proporcionava, fixaram-se na

¹¹⁴ LEMOS. *O ecletismo em São Paulo*. p. 70.

região produtora e ali espalharam suas tradições e seus conhecimentos, principalmente na construção civil.

Os estrangeiros que possuíam experiências em trabalhos da construção várias vezes conseguiam licenças para desenvolvê-los em Ribeirão Preto: eram os “arquitetos licenciados”. A maioria dessas pessoas que assinavam obras como licenciados eram italianos. Em Ribeirão Preto, entre os nomes mais freqüentes encontrados nas plantas da Diretoria de Obras estavam Celso Bombonatti, Vicente Zanoro, Paschoal Vincenzo, Vicente Zennaro, Vicente Lo Giudice, Antônio Terreri, Ernesto Terreri, Aristides Finotti, Antônio Columbaretti, José Dompietro, Pedro Giroto, todos italianos, os “*capomaestres*”.

Estes italianos traziam consigo as lembranças daquilo que sabiam fazer na Itália, colocaram a sua força de trabalho a disposição dos cafeicultores que tinham uma intenção afrancesada e de técnicos, que com posturas positivistas programaram a higiene e civilidade. Era o ecletismo. A mistura completa de estilos, com várias propostas e várias necessidades em um só lugar. Estas intenções se entrelaçaram e acabaram por inventar um estilo eclético “*sui generes*”, com as especificidades locais e revelador das condições sociais desse período cafeeiro nesta região.

3.2 O Engenheiro Civil: obras particulares

Antônio Soares Romêo, durante o período de 1913 a 1923, assinou como engenheiro civil obras particulares que, ainda hoje, são consideradas exemplos de patrimônio arquitetural do município de Ribeirão Preto.

Na documentação da Diretoria de Obras, sub-grupo Obras Particulares, que atualmente é preservada pelo Arquivo Histórico de Ribeirão Preto, pesquisamos todas as plantas existentes no arquivo, aprovadas para edificação durante os referidos anos. Com esse esforço pudemos encontrar aquelas de responsabilidade de Antônio Soares Romêo como engenheiro civil, contratado particularmente para desenvolver projetos de edificações.

Durante os anos de 1913 até 1923 encontramos 56 projetos assinados por Antônio Soares Romêo.

Observando a evolução arquitetônica da cidade de Ribeirão Preto, dos seus primórdios até o trabalho realizado pelo aqui biografado, percebemos as intenções da municipalidade e o caminho que a proposta de trabalho deste engenheiro percorreu na busca do “ideal eclético”.

Nas plantas particulares, a mistura eclética abarca as intenções do engenheiro e o querer do proprietário que o contratou. Muitas vezes, estas vontades pessoais distorciam o ecletismo. Este fato pôde ser observado pelas intenções de “ser” Paris dos cafeicultores, donos do dinheiro, que plagiavam a arquitetura eclética europeia, descaracterizando o real motivo do surgimento eclético europeu, ao mesmo tempo em que a classe intermediária ribeirãopretana, a exemplo dos comerciantes, se apropriava daquilo que a elite já tinha distorcido. Tudo isso resultou até mesmo na falta de senso de estética das construções, que acabaram por ser imitações reduzidas de modelos distorcidos europeus, mas que desejavam manter aparências de civilidade.

Ribeirão Preto, por não possuir um passado colonial, desde a sua fundação já possuía construções com estilo imperial.

No entanto, alguns exemplares de arquitetura da cidade demonstram que a ornamentação das primeiras casas praticamente não existia, mesmo sendo as mesmas propriedades de famílias tradicionais da localidade. Um exemplo claro disso é a casa que foi de propriedade de Francisco Junqueira e que nada tinha de ecletismo (vide **Figura 11**). Depois da onda de modernidade que atingiu a cidade, a família Junqueira se mudou para um edifício com padrões ecléticos, como condizia à elite.

Pelas concepções de Carlos Lemos, a primeira casa dos Junqueira está inserida no contexto das primeiras edificações que abandonam o colonial pelos desejos de modernização vindos com a Corte, no entanto, esta estrutura não se diferencia muito da antiga casa colonial. O autor descreve esse tipo de construção da seguinte maneira:

...a planta típica da casa térrea, casa assoalhada, de corredor central e, para cada lado desse eixo simetria, as salas de receber na frente da construção. Atrás a varanda ocupando toda a largura do terreno (...) vê-se que este partido não passa

de uma versão modernizada ou sùmula final das plantas coloniais porque ainda sujeito às limitações do sistema construtivo, telhado só de duas águas, despejando a chuva escorrida para os fundos e para a rua. Nada de terrenos recortados, de águas furtadas e calhas escondidas em interseções reentrantes de plantas de cobertura. Cumeeiras sempre paralelas aos alinhamentos. Janelas, só nas paredes externas (...) nas fachadas, as molduras tímidas, as pilastras pouco salientes (...) eram também o máximo que a rude técnica construtiva e o pobre repertório de materiais disponíveis permitiam.¹¹⁵



Figura 11 – Primeira residência do Cel. Quinzinho da Cunha, onde hoje se encontra o prédio Diederichsen, foto s.d. Fonte: *Ribeirão Preto, Memória Fotográfica*. Ed. Colégio, Ribeirão Preto, 1985, p. 59.

As primeiras práticas arquitetônicas ribeirãopretanas eram realizadas por pessoas sem a formação específica de engenheiros graduados. Construções com os projetos mais bem definidos só apareceram na cidade no último quartel do século XIX. Portanto, a cidade não conheceu o estilo

¹¹⁵ LEMOS. *Alvenaria Burguesa*. p. 35.

neoclássico difundido pela Missão Francesa trazida pela Corte e ensinado na Academia de Belas Artes aos arquitetos do Rio de Janeiro, este estilo de construção chegou à Ribeirão Preto somente por reflexos¹¹⁶ da capital de São Paulo, do Vale do Paraíba e da região do Bananal.

O neoclássico que se apresentou na cidade de Ribeirão Preto (e que começou antes do esforço de modernidade) foi trazido pelo imigrante italiano, principalmente aqueles que se envolveram na construção civil, os “*capomaestres*”, ou mestre de obras.

Exemplares desta produção podem ser vistos na localidade com características da arquitetura neoclássica, como a clareza construtiva, paredes de tijolos, revestidos e pintados com cores claras, corpo de entrada saliente, com escadarias, colunatas e frontões, o interior bem decorado e o exterior sempre resgatando obras clássicas. Um exemplar deste estilo na cidade de Ribeirão Preto é o Teatro Carlos Gomes, financiado pelo “Rei do Café” Francisco Schimith e inaugurado em 1897. Chamou-nos a atenção a data de construção do Teatro, considerando que o Teatro Municipal de São Paulo seria construído anos mais tarde. Mesmo assim, o interior teve, antes da capital, obra de tamanha envergadura (vide **Figura 12**).



Figura 12 – Fachada principal do Teatro Carlos Gomes, obra de Ramos de Azevedo, patrocinada por Francisco Schimith o “Rei do Café”, foto s.d. Fonte: *Ribeirão Preto: O passado manda lembranças*, Volume II, pag. 25.

¹¹⁶ Especificamos “reflexos” porque os exemplos a serem seguidos foram raros vista a dificuldade de locomoção entre o interior e a capital antes da conexão pelos trilhos da ferrovia.

As novidades, trazidas com o “saber fazer” do estrangeiro, fizeram parte do cotidiano ribeirãopretano. Algumas técnicas, inovadoras da construção civil, chegaram à cidade pelas mãos dos recém-chegados, mas o viver desses estrangeiros, de um modo geral, foi definido pela mistura daquilo que era novidade segundo a expectativa do povo hospedeiro. Com o tempo o neoclássico se afirmaria enquanto eclético e se misturaria a outras tendências. Ali havia necessidades múltiplas: as do cafeicultor; do aventureiro que se instalou na cidade em busca de dinheiro; do italiano; do alemão; da elite; do comerciante; do político; das crianças; dos velhos; enfim tudo interferindo e edificando o espaço, daí uma cidade impar.

O “novo saber” dos *capomaestres* fez parte dos costumes e dos métodos de construção na cidade. O neoclássico desses profissionais apareceu no campo da construção civil e fez escola nos “modos do fazer” as construções da cidade. No momento em que Antônio Soares Romêo chegou a Ribeirão Preto, as intenções de ordenamento das edificações e os “novos métodos” de construção que nosso biografado trouxera tiveram que se adaptar a mão-de-obra italiana já existente no município.

O saber dos *capomaestre* somado ao trabalho do politécnico Antônio Soares Romêo, que buscava o novo, exigiu novos materiais que o mercado fornecedor local não podia oferecer naquele período, eis a explicação das sucessivas importações.

grande parte dos materiais ditos de acabamento foi durante muitos e muitos anos importada, como vidros, lisos, lapidados, fosqueados, coloridos ou espelhados; como os vitrais das igrejas e palacetes; como as ferragens em geral, chapas de cobre para a produção de calhas e condutores; chapas de zinco, de ferro zincado, lisas ou onduladas; papeis de parede, lisos ou decorados em relevo estampado; telhas de cerâmica vindos da Marselha; arames e pregos galvanizados; cimento em barricas; ornatos e moldes de gesso; tinta a óleo, ingredientes vários para a composição de massas de revestimentos, de betumes para impermeabilização; manilhas vidradas, mármore variado, especialmente os de Carrara; mosaicos, ladrilhos e azulejos, branco e decorados; aparelhos sanitários; tubos e canos para a instalações hidráulicas; peças, grimpas, grades, guarda-

corpos, colunas de ferro forjado ou fundido e, incrível, madeira.¹¹⁷

No Almanack de 1913, vários foram os anúncios correspondentes à importação de materiais de construção, em especial o anúncio da Companhia Mechanica e Importadora de São Paulo. Esta publicação anuncia que a cidade de Ribeirão Preto possuía um representante da loja em questão, chamado Alberto Barbosa, e que a empresa também possuía um escritório em Londres, portanto, importações diretas. A seguir alguns materiais anunciados como artigos de importação:

Para industria, commercio e lavoura: machinas a vapor, motores, dynamos, turbinas hydraulicas, bombas, rodos d'agua, machinas para serraria, machinas para toas as industrias, cobre, chumbo, pontos de Paris, parafuzos, eixos, macoes, correias, óleos, tintas, vernizes, lubrificantes, arame farpado, tijolos refratários, carvão de pedra, carvão para forja, e coke, materiais para gazistas, funileiros, materiais para estradas de ferro, vagonetes, Decauville, trilhos, desvios etc.¹¹⁸

A obtenção de materiais de construção sempre foi problemática. A madeira, por exemplo, se tornou um material de difícil acesso porque, com o passar do tempo e o aumento das construções, este material vinha cada vez de mais longe e era difícil comprar madeiras de boa qualidade, o “pinho-de-riga” foi muito usado neste período.

Outro material importante para a proposta de arquitetura de Ribeirão Preto foi a cal que, além de ser usada nas edificações, também fazia parte da composição das tintas.

A pintura à cal era, antes de tudo, desinfetante e muito usada na higienização dos ambientes e acreditamos seja originária

¹¹⁷ LEMOS, Carlos. *Alvenaria Burguesa*, p. 36.

¹¹⁸ Fora estes materiais citados, este anúncio punha à disposição do mercado muitos outros materiais de construção que poderiam chegar pelos trilhos do trem. Almanach Illustrado p.108.

dessa constatação o atual uso da caiação dos troncos de árvores, especialmente aquelas dos pomares domésticos.¹¹⁹

O Almanach Ilustrado, do ano de 1913, aponta para o fato de Ribeirão Preto possuir um depósito de cal de propriedade de Mauricio Gincal.¹²⁰ No Código de Posturas do ano de 1902, que regrava as ações da Secretaria de Obras regida por Antônio Soares Romêo, o Capítulo II, que tratava da higiene das habitações, falava da importância da cal e da obrigação da utilização do material:

Art. 259 – Todos os prédios dentro da cidade e povoações do município serão caiados durante o mez de Março de cada anno, e pintados de dous em dous annos, tanto no interior como na frente e oitões, salvo as determinações especiaes impostas pela autoridade sanitária. O infrator incorrerá a multa de 30\$000 e, si dentro de dez dias, não fizer a caiação ou pintura, será a multa elevada a 50\$000, e repetida de oito em oito dias independente de nova intimação, até o cumprimento da obrigação.

Os prédios que interiormente não forem caiados, mas pintados a óleo, deverão ter a renovação da pintura de dous em dous annos pelo menos, incorrendo o proprietário nas mesmas penas estabelecidas neste artigo.¹²¹

Outro material constante nas obras de Antônio Soares Romêo foi o ferro. As estruturas metálicas foram marcas registradas do *art nouveau*. O ferro, pela sua maleabilidade, era capaz de assumir formas variadas e até mesmo de reproduzir imagens naturais como os galhos de árvore e movimentos curvos, típicos da natureza, que eram a intenção do *art nouveau* (vide **Figura 13**).

O *art nouveau* foi usado pelo politécnico em várias obras, a exemplo do Palacete Camilo de Mattos. Este palacete é importante tanto para a obra como para a vida de Antônio Soares Romêo. Como já foi dito no primeiro capítulo, Camilo de Mattos era cunhado de Antônio Soares Romêo que, a pedido do primeiro, projetou a residência que hoje é considerada um dos patrimônios históricos de Ribeirão Preto (vide **Figura 14**).

¹¹⁹ LEMOS. *Alvenaria Burguesa*, p. 44.

¹²⁰ Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto, 1913

¹²¹ APHRP. Código de Posturas do município de Ribeirão Preto de 1902. p. 99.

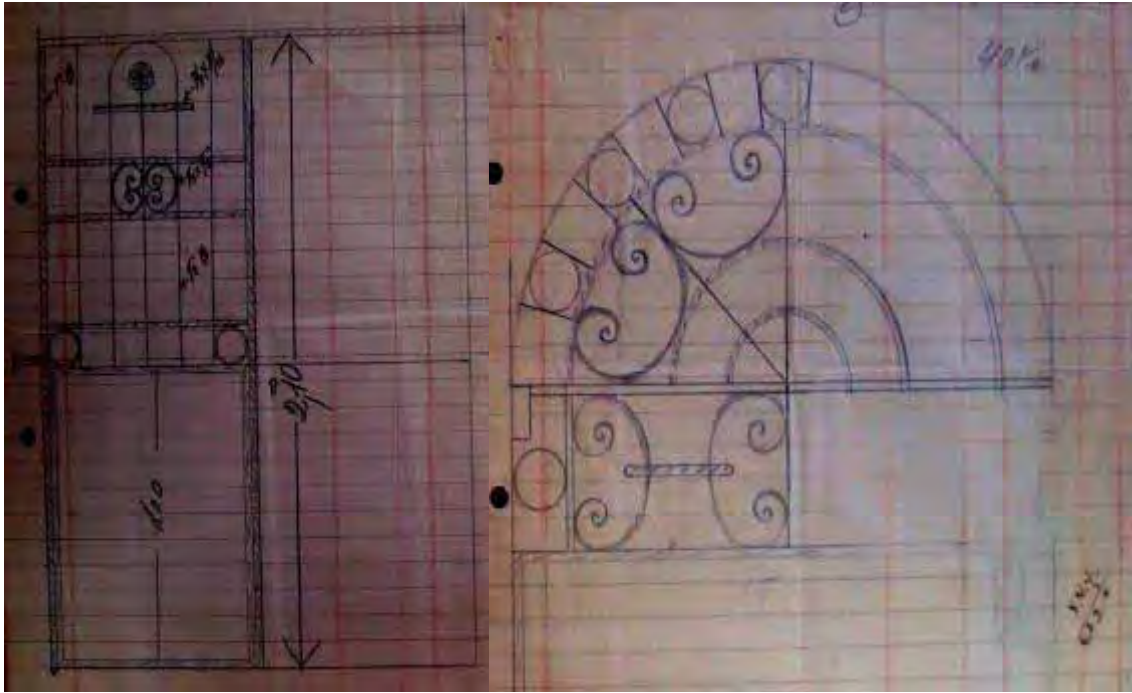


Figura 13 – Desenhos de portões e a sofisticação que os detalhes que o ferro possibilitava. Planta de Antônio Soares Romêo. Fonte. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Serviços Municipais; Subgrupo: Abastecimento e Preços; Série: Plantas; Data 1914/33; pasta nº 25.



Figura 14 – Palacete Camilo de Mattos, obra de Antônio Soares Romêo, disponível em http://farm4.static.flickr.com/3226/2611147442_7d4d221cd7.jpg. Desconhecemos a data da foto.

Este imóvel é instigante porque a planta não consta em nenhum arquivo da cidade. Em um trabalho de conclusão de curso de graduação em arquitetura Cristiane Ferreira Martins se propôs a reproduzir os detalhes deste prédio e a sua história. Segundo a autora a residência da família Camilo de Mattos, que fica na esquina das ruas Tibiriçá e Duque de Caxias, foi construída em 1922, pelo construtor prático italiano Ernesto Terreri e projeto edificado por Antônio Soares Romêo.¹²²

Esta casa é representativa de uma classe da sociedade que prestava serviços especificados para a economia cafeeicultora. Camilo de Mattos, assim como seu cunhado Antônio Soares Romêo, era mais um dos “doutores” da cidade. Era advogado, ganhou espaço na cidade pela profissão, e chegou até a se prefeito da cidade em 1929.

A residência da família Mattos refletia preocupações com o “programa de necessidade de uso” que equivalem aos estudos de Carlos Lemos sobre as casas deste período. Por “programa de necessidade de uso” o autor compreende o projetar os edifícios, seus cômodos e estruturas em consonância com a finalidade de cada construção. Em reprodução da planta original pela arquiteta Cristiane Ferreira Martins podemos perceber a disposição dos cômodos, típica do ideal burguês (vide **Figuras 15 e 16**¹²³).

No palacete Camilo de Mattos houve a preocupação, por parte do engenheiro, com as estruturas de sustentação e cobertura dos edifícios. As janelas são maiores em relação as primeiras construções (como a antiga Casa Junqueira). Os telhados urbanos saíram da simplicidade de duas águas; nas plantas observamos que o atender aos desejos da ostentação passou a ser meta nas construções de Antônio Soares Romêo, principalmente com o *art nouveau*. Os projetos apresentavam telhados de soluções complexas, com vários planos recortados.

¹²² Como este edifício não contém planta de aprovação registrada nos arquivos da Diretoria de Obras, entramos em contato com a autora para a confirmação das informações. Cristiane Ferreira Martins informou que toda a história deste prédio contida em seu trabalho foi coletada através de entrevistas com o filho de Camilo de Mattos, Luiz Augusto de Mattos, hoje falecido, que no momento da sua pesquisa ainda residia no palacete. Foi Luiz Augusto que informou que aquela residência foi Antônio Soares Romêo, seu tio, o responsável pelo projeto.

¹²³ Esta imagem foi modificada da original. Para uma melhor visualização, neste estudo adicionamos as cores no desenho de Cristiane Ferreira Martins encontrado em seu trabalho de conclusão de curso.



Figura 15 – Planta Palacete Camilo de Mattos, obra de Antônio Soares Romêo, 1º pavimento.

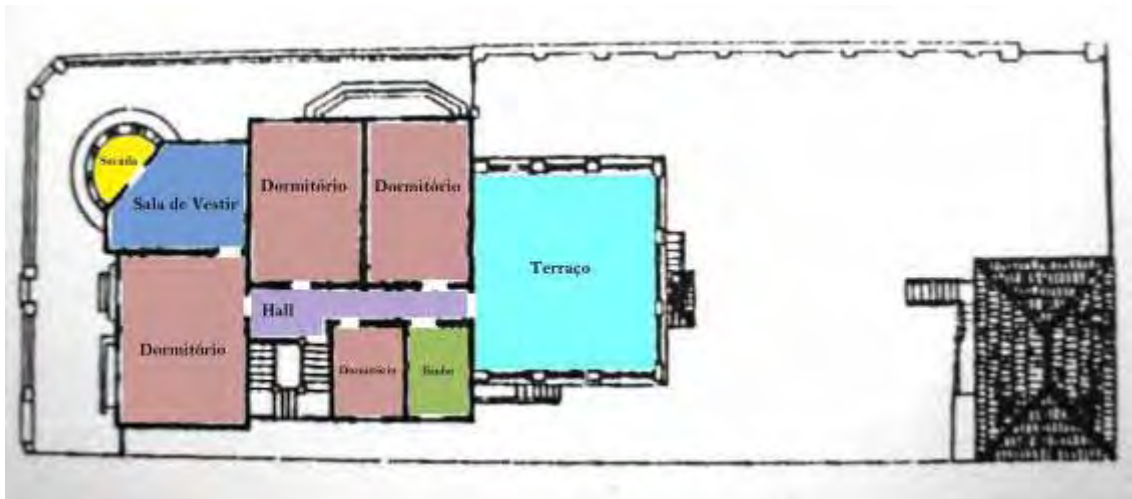


Figura 16 – Planta Palacete Camilo de Mattos, obra de Antônio Soares Romêo, 2º pavimento.

Assim como todas as casas da elite, esta edificação possuía porão. Os porões dos edifícios também acompanharam o ritmo da onda higienista do período. Sobre as construções elevadas por porões, Carlos Lemos afirma:

Todas essas casas invariavelmente possuíam porão que a lei vigente exigia para afastar o assoalho da umidade do solo. Essa providencia possuía também outros méritos, pois evitava fossem os cômodos dianteiros devassados por quem passasse pela calçada, o que acontecia com as antigas construções térreas (...). Foram extremamente comuns porões de 2,00 e

2,20m de altura, destinados a depósitos e dormitórios de empregados.¹²⁴

Em Ribeirão Preto, cidade de clima quente e seco, os porões eram obrigatórios mesmo que o terreno não tivesse problemas com umidades. Esta fiscalização cabia à Diretoria de Obras, segundo o Código de Postura de 1902:

Art. 60 – Os porões que, tendo a altura máxima de dois metros e cinquenta centímetros, forem aproveitados para dependências da casa, terão o solo revestido pelo modo prescrito no § único do art. 56.

§ 1º - Os porões terão para o exterior mezzaninos ou aberturas de cinquenta centímetros quadrados no mínimo, para o conveniente arejamento; e quando nelles forem feitas divisões, estas terão as aberturas necessárias para a fácil e completa circulação de ar.

Taes divisões nunca poderão ter menos de dez metros quadrados de área livre.

§ 2º - Em caso algum poderão ser aproveitados os porões para deposito do corpos susceptíveis de decomposição, nem para moradia de pessoa alguma.¹²⁵

O Palacete Camilo de Mattos também tem garagens, outra exigência das elites de Ribeirão Preto. O dinheiro do café proporcionou um aumento significativo da quantidade de veículos nas ruas. Nas residências desses endinheirados proprietários de automóveis o local que era destinado à antiga cocheira foi substituído pela garagem. Além do Palacete Camilo de Mattos, nas plantas analisadas no Arquivo Histórico de Ribeirão Preto, muitos foram os pedidos de ampliação de propriedade para a inclusão de garagem (vide **Figura 17**).

¹²⁴ LEMOS. *Alvenaria Burguesa*. p. 98.

¹²⁵ APHRP. Código de Posturas do município de Ribeirão Preto de 1902. p. 106.

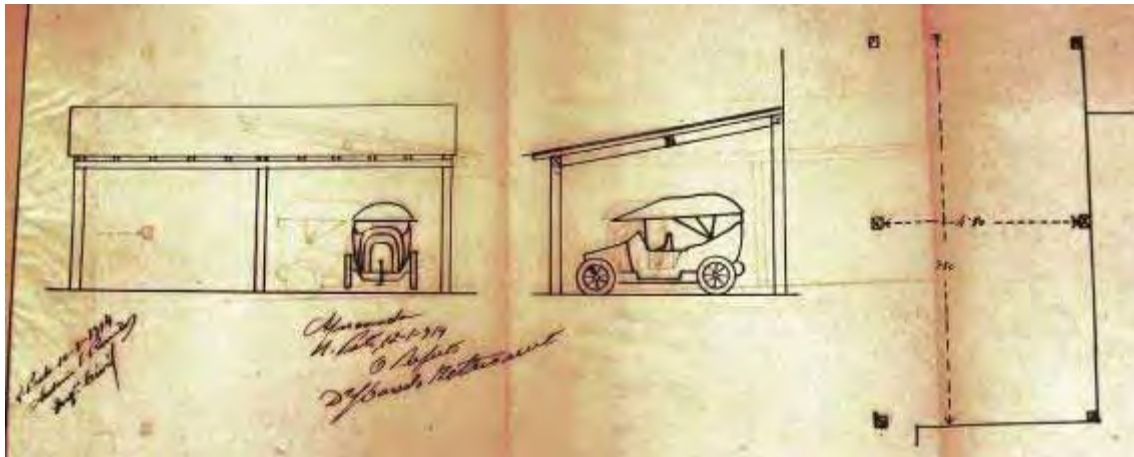


Figura 17 – Planta de uma garagem projetada por Antônio Soares Romêo. Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1914; pasta nº 03.

Além das aparências e ostentações o ideal de ser “civilizado e limpo” também foi nítido na cidade. A simples existência de banheiros já era um avanço em comparação às muitas fossas. O banheiro destas casas, via de regra, se localizava próximo a cozinha (vide **Figura 18**). A aproximação entre o banheiro e a cozinha era comum, pois propiciava economia de tubulação de ferro galvanizado, material caro e importado. Em Ribeirão Preto, obras adaptadas ao moderno, com pouco orçamento para a construção, seguiram o mesmo exemplo.

A proximidade entre o banheiro e a cozinha possibilita a análise sócio-econômica dos residentes nos prédios. As plantas arquitetônicas revelam o posicionamento do banheiro ao mesmo tempo em que indica a posição econômica de uma determinada família. Quanto mais perto o banheiro da cozinha, mais econômico era o projeto. Inversamente, quando encontramos banheiros nos andares superiores é um indício de pujança econômica, pelo gasto elevado que este tipo de edificação exigia.

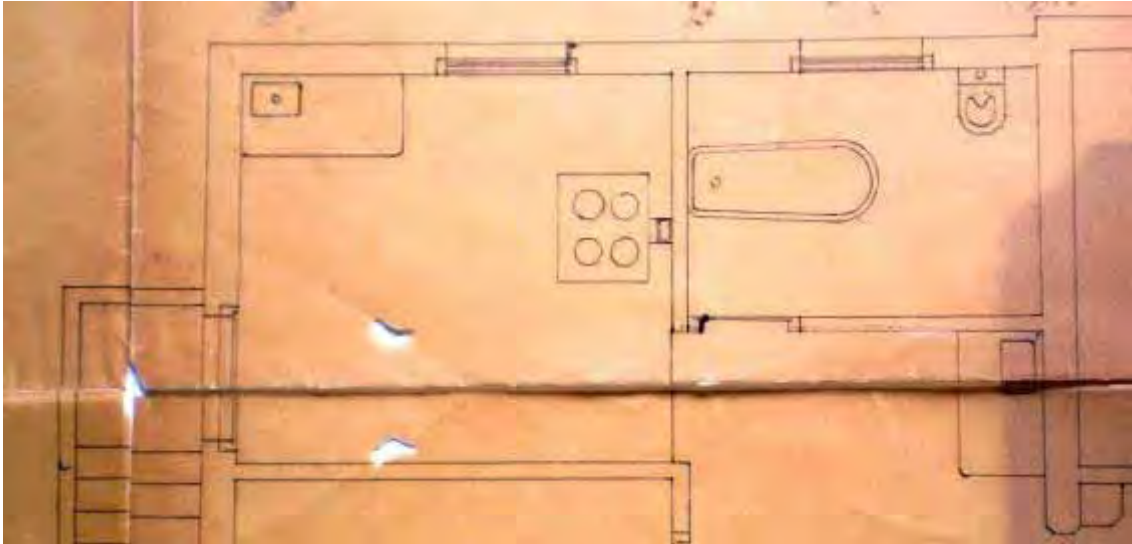


Figura 18 – Proximidade entre cozinha e banheiro. Planta de uma residência projetada por Antônio Soares Romêo. Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1919; pasta nº 33.

Assim como o palacete Camilo de Mattos os palacetes da cidade de Ribeirão Preto, moradas da elite, exibiam seus “*toilettes*” nos andares superiores. Exemplo de casa elitizada foi a própria residência de Antônio Soares Romêo, que possuía banheiro no segundo andar (vide **Figura 19**). Somente a elite econômica poderia ter em suas residências o conforto de banheiros no andar superior. Os desenhos arquitetônicos da Diretoria de Obras de Ribeirão Preto são documentos capazes de informar a posição social de atores que viviam dentro desta cidade de administração plutocrática.

Questões de individualidades do “ser moderno” mostraram-se nas plantas desenvolvidas por Antônio Soares Romêo, sobretudo pela presença do “*hall*” nas residências.

As casas dos donos do dinheiro em Ribeirão Preto eram bem definidas quanto à funcionalidade dos espaços. Essas edificações dividiam-se em três zonas: a de serviço; a de estar e a de repouso. O uso *hall*, ou salão central, foi uma solução que permitiu o acesso das pessoas de uma zona a outra, sem a necessidade de passar pela terceira. Antônio Soares Romêo desenhou vários projetos que apresentavam o *hall* como solução de trânsito interno na residência. Diferentemente das casas antigas que não definiam o lugar de cada um, as casas ditas modernas separavam, e muito, o lugar de cada das pessoas: empregados ao fundo, gente que interessa na frente.

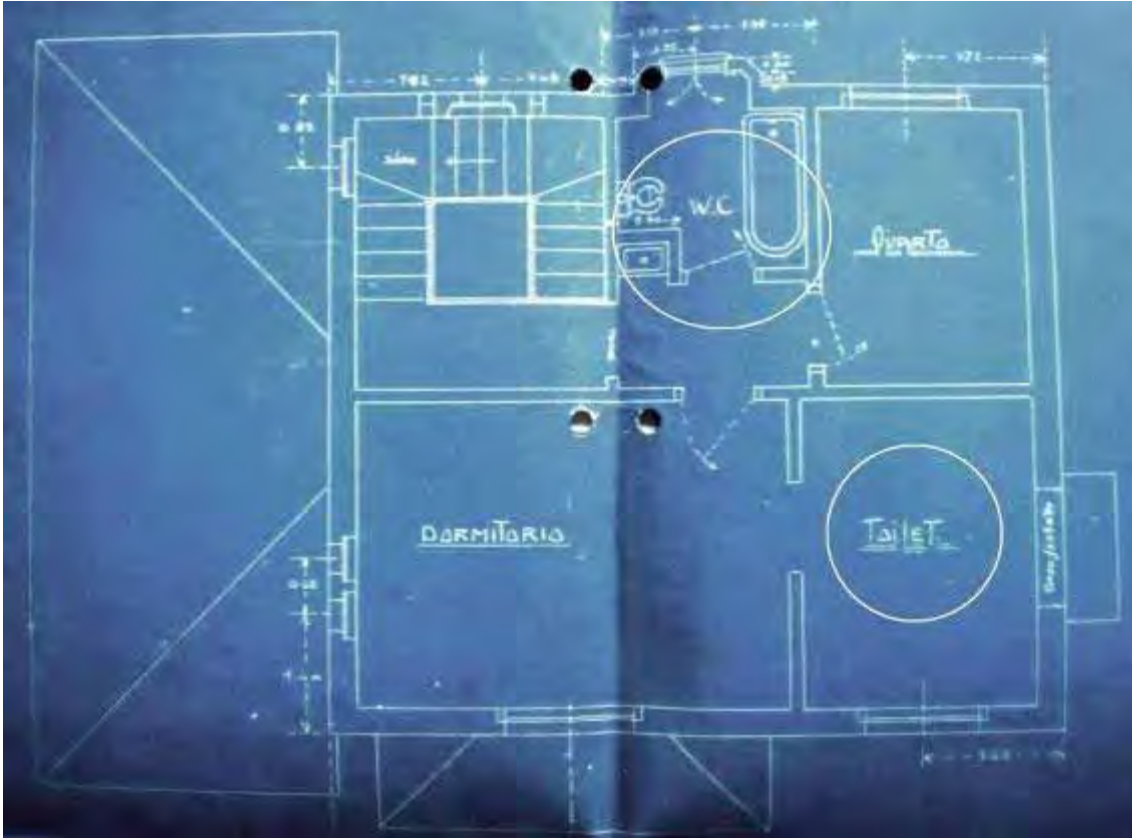


Figura 19 – Planta da residência de Antônio Soares Romêo. Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1922; pasta nº 114.

O *hall* nestas edificações era uma espécie de salão de distribuição de acessos. A parte da frente da casa, que se abria ao exterior, clara e ventilada, geralmente ficavam as salas de visitas; estes cômodos, sempre bem decorados internamente, concentravam os objetos de luxo e tudo aquilo que poderia ser exibido ao visitante. Este era o lugar dos lustres de cristais e a decoração era minimalista ao modo afrancesado do *art nouveau*.

No caso das edificações assobradas do *hall* saíam escadas que davam acesso aos cômodos íntimos, destinados ao descanso, que geralmente ficavam no andar superior.

Por fim, nas distribuições destas casas resta ainda observar as áreas destinadas aos serviços. A “área suja” das casas ficava sempre aos fundos, lugar que não se pode ver, aonde podia se camuflar, se esconder. As cozinhas eram praticamente lugares para se isolar, ficavam sempre dispostas no fundo

dos terrenos. Agregados a esta área “suja” das cozinhas estavam os quartos de empregados.

A higiene das habitações foi motivo de atenção nos Códigos de Posturas de 1902 e 1921 que, a exemplo do uso da cal, regraram a vida privada do mesmo modo que a vida pública.

Antônio Soares Romêo edificava e planejava as casas da elite, assinando os projetos como engenheiro civil, e aprovava as próprias plantas como engenheiro municipal, ou seja ele produzia e fiscalizava o próprio serviço.

3.3 O Engenheiro Municipal: obras publicas

Como chefe da Diretoria de Obras, Antônio Soares Romêo foi responsável pelo melhoramento urbano da cidade de Ribeirão Preto, muitas vezes sendo ele o profissional que desenhava e redefinia as melhorias propostas pela Câmara Municipal.

Questões de urbanismo muitas vezes foram deixadas de lado na historiografia do ecletismo, que concentrou sua atenção na linguagem arquitetônica, deixando de lado a evolução da cidade e os projetos urbanos. No entanto, assim como a evolução das edificações a cidade também presenciou modificações inéditas para que o fenômeno da modernidade pudesse ser sustentado, a exemplo do crescimento populacional, dos automóveis etc.

Para que a cidade de Ribeirão Preto deixasse de ser um simples vilarejo e se tornar a “*Petit Paris*”, como os cafeicultores desejavam, foram necessária estruturas físicas que suportassem os processos modernizadores que a cidade absorvia. De nada adiantaria as edificações seguindo a ordem do progresso nas questões de higiene se a cidade não acompanhasse as mesmas medidas.

Na busca de uma proposta real de apropriação do moderno, e não apenas de uma aparência moderna, a cidade de Ribeirão Preto buscou resolver problemas fundamentais como o caso da distribuição de águas, sempre problemático na cidade. As ações municipais ficavam entre a realidade e a idealização.

Ao contrário das cidades da Europa que possuíam passado medieval e ruas sinuosas, questão que fizeram o urbanismo europeu tratar da intervenção na cidade preexistente, através da transformação dos antigos muros de defesa em alamedas arborizadas para passeio, e aberturas de ruas retilíneas e mais plausíveis com o aumento populacional europeu, na região do café o que ocorreu foi uma adaptação dos modelos urbanísticos europeus. No interior de São Paulo as ruas já eram traçadas de uma forma mais retilínea desde o começo das cidades. As teorias do urbanismo, para a realidade das cidades brasileiras, foram quanto a questão do crescimento das mesmas, que deixavam de ser pequenos vilarejos e cresciam com a prosperidade do café.

Ribeirão Preto é uma cidade que possui o alinhamento das suas ruas no formato de tabuleiro de xadrez, diferente da Paris de Haussmann ou de Belo Horizonte que se apropriou do modelo francês. Este traçado em xadrez surgiu na cidade desde a fundação, com as primeiras ruas e travessas (vide **Figura 19**). Na medida em que a cidade foi crescendo este alinhamento foi se prolongando, originando o traçado da área central em linhas retas.

Percebemos que as propostas de melhorias urbanas para a Europa aqui se tornaram as propostas iniciais de urbanismo. Em Ribeirão Preto não foi preciso reorganizar a cidade, mas fazer a cidade surgir como o centro de decisões políticas e capaz de se adaptar ao progresso.

O traçado em linha reta condiz com a proposta de urbanismo de Le Corbusier que acreditava que a arquitetura e o urbanismo eram indissociáveis, utilizando-se sempre da racionalização do espaço, sistematização do habitat comum. Para o autor a geometrização era ponto fundamental para o bom funcionamento das cidades.

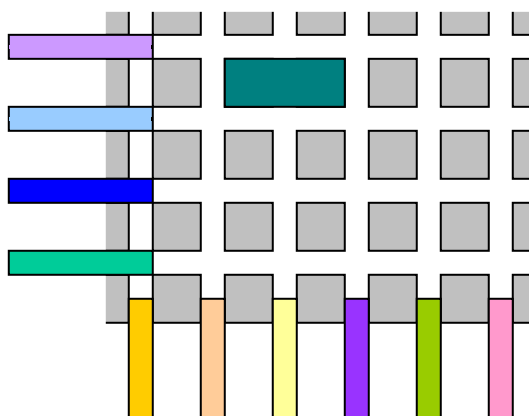
Ora, uma cidade moderna vive praticamente de linhas retas; construções dos imóveis, dos esgotos, das canalizações, das ruas, das calçadas, etc. A circulação exige a linha reta é sadia também para a alma das cidades. A curva é prejudicial, difícil e perigosa ela paralisa.

A linha reta está em toda história humana, em toda intenção humana, em todo ato humano.

É preciso ter a coragem de contemplar com admiração as cidades retilíneas da América. Embora o esteta se abstenha, o moralista, pelo contrário, poderia ficar ali mais tempo que se poderia imaginar em princípio.

A rua curva é o caminho dos asnos; a rua reta, o caminho dos homens.¹²⁶

Área Central da cidade de Ribeirão Preto - 1874



	Largo da Matriz
	Rua 4 de Junho – Posteriormente Rua Duque de Caxias
	Rua Nossa Senhora das Dores – Posteriormente Rua Mariana Junqueira
	Rua Esperança – Posteriormente Rua Visconde do Rio Branco
	Rua Bonfim – Posteriormente Rua General Osório
	Travessa Botafogo – Posteriormente Rua Saldanha Marinho
	Travessa Alegria – Posteriormente Rua Amador Bueno
	Travessa Boa Vista – Posteriormente Rua Álvares Cabral
	Travessa das Flores – Posteriormente Rua Tibiricá
	Travessa do Comércio – Posteriormente Visconde de Inhaúma
	Travessa Lage – Posteriormente Rua Barão do Amazonas

Figura 19 – Primeiras ruas e travessas do município de Ribeirão Preto.

Ribeirão Preto foi uma cidade que desde seu princípio seguiu a forma ideal proposta pelo urbanista francês Le Corbusier, suas ruas retilíneas já eram aptas a serem prósperas. No entanto, a mescla entre o arcaico e o moderno gerou vários problemas para a urbe; houve projetos de melhorias que não raro não saíam do papel.

A administração pública de Ribeirão Preto, como vista no segundo capítulo, sempre esteve nas mãos dos Coronéis do café, e cada um deles tinha propostas e interesses pessoais que acabam influenciando nas decisões em relação ao uso do dinheiro público para as reformas necessárias na cidade.

¹²⁶ CHOAY. *O urbanismo*. p.188.

Rodrigo Paziani afirma que a cidade de Ribeirão Preto tentava com rigor esconder a cidade que não agradava aos olhos do homem civilizado.

Simultaneamente tal qual como um jogo de espelhos, uma cidade indesejada insistia em emergir no cenário idealizado pelas administrações municipais. Se o movimento de pessoas e mercadorias dos *fonfonados* e dos *films* ou até mesmo as incessantes reformas no espaço urbano acenavam para uma perspectiva otimista do trajeto histórico e, especialmente, dos hábitos e comportamentos dos indivíduos na cidade, por outro lado a permanência de costumes e de situações cotidianas ditas *arcaicas*, bem como os velhos sintomas de crise dos equipamentos e o retorno das epidemias forçavam as autoridades públicas a empreender sempre e constantemente *novas* cruzadas em defesa de um *progresso material* que andasse, *pari passu*, àquele festejado pelas elites através da atividade agrícola.¹²⁷

Ao mesmo tempo em que a modernidade melhorou a vida destas pessoas endinheiradas pela produção cafeeira, como os luxos, as ostentações, os palacetes, os lustres de cristais, as escadarias de mármore etc., também trouxe problemas, como o asseio público e privado, a higiene, a circulação e utilização dos bons materiais de construção, a estruturação das ruas para os automóveis. Foi o processo civilizador que trouxe à tona os movimentos de vai e vem do arcaico e o moderno.

Foi neste contexto de necessidade de fiscalização e melhoria urbanas por parte da administração de Ribeirão Preto que Antônio Soares Romêo chegou à cidade com a função de organizar o serviço a ser feito.

O Prefeito da cidade de Ribeirão Preto Macedo Bittencourt, que assumiu o cargo em 1911, afirmou em relatório administrativo do ano de 1920 que era prioridade da municipalidade a contratação de um profissional que pudesse coordenar os serviços da Diretoria de Obras que há tempos estava estagnada. Essa decisão não foi questionada pela Câmara Municipal que aprovou o projeto.

A partir de então Antônio Soares Romêo assumiu o cargo de engenheiro municipal da cidade durante os anos de 1913 a 1923, e mesmo depois da sua retirada do cargo continuou auxiliando em projetos municipais

¹²⁷ PAZIANI. *Redescobrimo a Petit Paris*. p. 161.

como consta nos documentos da Diretoria de Obras, hoje mantidos pelo Arquivo Público Municipal.

O diploma de bacharel em Engenharia Civil pela Escola Politécnica e o título de doutor encheram os olhos dos cafeicultores que precisavam da cidade pronta para modernidade. A modernidade ansiada pelos cafeicultores não necessariamente era a mesma do engenheiro. Para June Hahner a proposta de modernidade dos donos do dinheiro nem sempre previa a questão da salubridade. No texto *Pobreza e Política* o autor afirma que:

Para os fazendeiros que controlavam a máquina do governo estatal, melhorias urbanas significavam prédios luxuosos, parques e largas avenidas arborizadas, ligando o centro da cidade aos seus novos bairros residencial, em vez de água adequada, iluminação¹²⁸ ou rede de esgoto para toda a comunidade urbana.

A idéia de civilização, também pelo espaço público sistematizado e não só pelos belos edifícios, partiu do engenheiro que, formado em um Instituto de cunho positivista e progressista, estava ligado a preceitos urbanísticos como os de Le Corbusier, enquanto que os donos do dinheiro, os cafeicultores propunham a modernidade que viam em centros europeus e nas capitais brasileiras.

Por esse motivo, podemos constatar que na cidade de Ribeirão Preto ocorreram incoerências entre o luxo e o lixo, a exemplo dos lustres de cristais nas salas de visitas dos palacetes, quase que revestido pela poeira do saibro que revestiam as ruas da área central.

A questão da poeira foi muito incômoda para a população de Ribeirão Preto no começo do século XX. A cidade, por ter clima muito quente e seco, não era capaz de assentar a poeira que subia das ruas pelas carroças e pelos automóveis.

O calçamento foi um dos grandes problemas para Antônio Soares Romêo. O problema do pó foi assunto recorrente nas reclamações da população nos jornais da época:

¹²⁸ HANHER. *Pobreza e Política*: os podres urbanos no Brasil, 1870/1920. p. 167.

Efectivamente parece ter-se auzentado desta cidade esa respeitável matrona – A Hygiene pública.

À prefeitura incumbe o dever de fazel-a voltar pressurosa a nossa terra, para não nos expor à conseqüências nefastas.

Se não é licito esperar na presente estação uma chuva torrencial, como se faz mister, para lavar a grossa camada de pó existente nas ruas; é, entretanto de grande necessidade uma medida efficaz no intuito de ser removido das o pó, de conseqüências nefastas para a saúde pública.

Mas como removel-o?

Com uma varreção à noite, alta noite, depois de umedecido com uma eficiente irrigação diurna.

Depois disto, o ideal seria uma imitação da irrigação feita em Piracicaba a cidade modelo de uma cidade adeantada, que muito preza a hygiene e a saude pública.¹²⁹

Diante das várias reclamações da população, o Prefeito Macedo Bittencourt tentou justificar as ações tomadas pela prefeitura em uma entrevista cedida ao jornal *Diário da manhã* no ano de 1913:

O calçamento tem sido sempre aumentado. Assim foram calçadas a Avenida Antártica, ruas Saldanha Marinho, Prudente de Moraes e outras. A prefeitura dota este critério: calça primeiro as ruas mais afastadas, em torno da cidade, e depois o centro mais habitado, para evitar que as enchurradas e veículos tragam para cá, pó e lama. E pouco a pouco, muito breve teremos a cidade reformulada em seu calçamento.

O pó é questão difícil de se resolver. A irrigação das ruas é preocupação da Câmara, chegando a fazer um serviço especial de canalização do Córrego do Retiro, serviço que tende a melhor com a aquisição de automóveis apropriados.

Acho, conclui o Dr. Macedo, o pó é de difícil extermínio, (...).

Empenhamos, entretanto, exforço, para eliminal-o, que não é só pesadelo do povo, como fantasma da prefeitura.

No documento acima mencionado podemos perceber a indicação do Prefeito Macedo Bittencourt em relação à canalização do Córrego do Retiro. Esta obra foi projetada por Antônio Soares Romêo (vide **Figura 20**).

¹²⁹ “Catropiando” (09.06.1909). APHRP. *A Cidade*, ano V, maio/agosto 1909.



Figura 20 – Avenida Jerônimo Gonçalves, com as palmeiras imperiais. Foto de J. Mattos, obtida a partir da chaminé da Companhia Cervejaria Paulista. Fonte: *Ribeirão Preto; o passado manda lembrança*. p. 11.

Este local representava uma vergonha para a cidade, era uma localidade vista como inunda e insalubre, após o término da obra o local foi considerado como um dos mais belos da cidade, sendo motivo de orgulho para a população. A Avenida Jerônimo Gonçalves foi aberta e foi construído um passeio público no local. Neste mesmo lugar, conforme indicação de Antônio Soares Romêo, foram plantadas as palmeiras imperiais que, posteriormente, tornaram-se símbolos de identificação da população de Ribeirão Preto.

Como o problema do calçamento e do prolongamento das ruas era corrente, muito foram os pedidos de prolongamento do calçamento das ruas que Antônio Soares Romêo assinou e deferiu na sua gestão da Diretoria de Obras.

No ano de 1928, quando Antônio Soares Romêo já não era mais o engenheiro municipal, o problema quanto ao prolongamento das ruas que permitiam o acesso dos bairros mais afastados ao centro da cidade persistiu. No mesmo ano a Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto pediu à Antônio Soares Romêo (mesmo ele não sendo mais o responsável pela Diretoria de Obras) que fizesse o levantamento das ruas existentes e realizasse uma prospectiva a respeito dos prolongamentos necessários para a solução do

problema. Através deste documento podemos visualizar as intenções de Antônio Soares Romêo quanto às questões urbanísticas.

Ilmo. Sr. Cel. José Martiniano da Silva,
M. D. Prefeito de Ribeirão Preto

Com este tenho a honra de entregar a V. Exa. a parte da planta cadastral, compreendendo cinco mappas de dous metros por um metro e meio, cada uma. Com esta parte que entrego, ficam regularizados todos os alinhamentos compreendidos dentro da seguinte delimitação: Linha férrea de São Paulo e Minas, avenida Cesário Motta ou ribeirão do Retiro, rua Tamandaré e córrego do Tanquinho. (...).

Cumpre-me notar que em toda esta zona (chamada Barracão) não existe um só praça, insto em uma extensão de cerca de 70 alqueires; actualmente, esta falta de praças não oferece inconvenientes, porquanto as edificações são ahi esparsas; para o futuro, entretando, esta ausência de praças constituirá uma grande lacuna. Conveniente seria, pois, que a Camara legislasse, em fassa da planta que é a imagem da cidade, para prever desde já estes inconvenientes.(...).

Attendendo ao que se manda no Código de Posturas Municipaes, em seu art. 1º, "as ruas conservarão em seus prolongamentos, a mesma largura que tem", todos os alinhamentos foram feitos de tal modo que as ruas todas ficarão com treze metros de largura, com exepção das seguintes, em virtude do que foi há muito aprovado, isto é, da planta do núcleo colonial Antonio Prado; - Avenida Saudade ou ficará com vinte metros de largura, rua (avenida) Capitão Salomão que terá vinte metros de largura, rua Luiz Barreto que ficará com dezesseis.

Ficando em a disposição de V. Exa. e da Camara para qualquer esclarecimento que se torne necessário, subscrevo-me com alta estima e consideração.

Antônio Soares Romêo
Ribeirão Preto, 2 de Janeiro de 1928.¹³⁰

O relatório acerca dos prolongamentos e calçamento feito por Antônio Soares Romêo foi mais um projeto deixado de lado pela administração da cidade.

Quando o problema do pó cessava, no período das chuvas, outro pior aparecia. As enchentes causadas pelas águas pluviais sempre causaram grandes desconfortos. O processo de reformulação do Córrego do Retiro foi

¹³⁰ APHRP. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Uso e Ocupação do Solo; Série: Processos; Data 1915/1955; pasta nº 168.

uma tentativa de Antônio Soares Romêo em solucionar o problema das enchentes; infelizmente o projeto pendeu mais para o lado da ornamentação que para o da salubridade. As enchentes continuaram mesmo após a remodelação daquele espaço (vide **Figura 21**).



Figura 20 – Vista da Rua General Osório no último quarteirão antes da Avenida Jerônimo Gonçalves durante enchente. Ao fundo Estação Ribeirão Preto da Cia. Mogiana. Foto de Aristides Motta. Fonte: ARHRP; Série Fotos; nº 95.

É válido lembrar que os produtores de café que mandavam e desmandavam na administração pública de Ribeirão Preto não se preocupavam mais com a questão de higiene do que com as de ostentação. Na visão dos mesmos a parte da cidade que “merecia” recursos para a melhoria das condições de vida era a área central e os lugares da elite. Sobre o assunto, escreveu Rodrigo Paziani:

Estes gastos, porém, não eram distribuídos uniformemente pelo perímetro urbano: no chamado “1.Distrito” – vias públicas localizadas nas partes alta e baixa do centro – eles eram bastante superiores em relação ao “2.Distrito” – Vila Tibério, Retiro, Barracão. (...) esses moradores de bairros participavam – sob risco de contínua falta de melhoramentos – da aventura de modernização pressionando o poder público.¹³¹

¹³¹ PAZIANI. *Redescobrimo a Petit Paris*. p. 176.

Antônio Soares Romêo era o técnico que respondia aos desejos da elite e, por também fazer parte dela, demonstrou, no seu trabalho, aquilo que o dinheiro podia comprar. Para aqueles que o dinheiro não era o maior trunfo, as questões do urbanismo não foram atendidas como deveriam.

Ribeirão Preto já despontava como uma das cidades mais importantes do estado de São Paulo. Entre as melhorias realizadas pela Diretoria de Obras no período desta pesquisa estão as apontadas no Relatório de Macedo Bittencourt no final de sua administração. Segundo o prefeito as obras realizadas pela Diretoria de obras foram:

- Dos Prédios: O Paço Municipal; o quartel dos bombeiros; o triturador de lixo; Salgadeira de Couro para o Matadouro; Banheiros Públicos; Horto Municipal.
- Das Construções Civas: O passeio da Praça 15 de novembro; 3 galerias de esgoto totalizando 560 metros de galerias, bueiros.
- Das Pontes: 17 pontes de madeiras, construídas dentro e fora do perímetro urbano, e uma ponte de cimento armado sobre o córrego Ribeirão Preto na altura da Duque de Caxias.
- Das Reformas: Matadouro Municipal; Mercado Público; Jardins; Bosque Municipal; Muro do cemitério da Saudade e de Vila Bonfim; a residência do prefeito, o prédio da Câmara.

Nas plantas e documentações da Diretoria de Obras de caráter público ainda encontramos vários tipos de obras que Antônio Soares Romêo: Projeto para a reformulação do Matadouro Municipal; Praça Antônio Honório; Reforma de prédios religiosos como o do Seminário; Igreja Nossa Senhora do Rosário da Vila Tibério; plantas de loteamento de terrenos; mapas da urbe como o patrimônio da fábrica; uma estação ferroviária que ficava na Companhia Metalúrgica; Projeto de uma escola (hoje Colégio Industrial).

Além de projetos, encontramos relatórios variados como os de construção de pontes, de construção de estradas, sobre a distribuição de água e esgoto, requerimentos de custas das obras, muitos indeferimentos em obras

particulares, e cerca de 1400 vistos técnicos cedidos a obras que o engenheiro avaliou durante o cumprimento do dever de chefe da diretoria de obras.

Ribeirão Preto, apesar das ambigüidades entre o arcaico e o moderno, foi uma cidade que evoluiu e se transformou em um lugar respeitável, não só pelo poderio que o café oferecia, mas também por ser um município estruturado e centro comercial para a região norte do estado de São Paulo. O crescimento ocorreu em pouco tempo; os jornais da época demonstravam o avanço da cidade e exaltavam a sua prosperidade:

Ribeirão Preto merece na realidade o renome, que já se goza de uma das cidades mais prosperas do Brasil, já não falamos da riqueza agrícola que, visto que por essa face, o nosso município suplantava todos os do paiz e de fora do paiz. Falamos do progresso material.

Ribeirão é. Como todos sabem, uma cidade nova. Graças á sua riqueza, á sua posição geográfica e ao espirito de iniciativa dos seus habitantes, tomou rápido crescimento, tornando-se como que capital da zona.

Em abril de 1915 a cidade comunha-se de 2681 edificações, numero na verdade bem elevado para uma povoação que há 30 annos não significava coisa nenhuma.

De abril de 1915 até hoje, ou em um período de 2 annos, foram levantadas mais 604 edificações, que elevaram para 4285 o numero de prédios que actualmente conta a cidade.

Vê-se, pois, que neste dois últimos annos, a despeito de toda a crise que avassala o mundo, a media de construções mensaes em Ribeirão Preto orça por 26, ou mais de uma construcção por dia, se levarmos em conta apenas os dias úteis.

Mas, não se resume apenas nisto o nosso progresso. Em parallelo com o numero de edificações cresce a população da cidade, que actualmente se deve aproximar de 25 mil habitantes, o numero de escolas publicas e particulares, que ascende a 28, com uma freqüência média de 3200 alumnos, o commercio, a industria e, enfim a vida intensiva.

No que respeita a vehiculos, sabe-se officilmente da existência de 120 automóveis, 53 carros de praça, 198 sitrolys e 1003 carroças.

O valor locativo dos prédios do município (aluguel annual) segundo dados officiaes, atinge presentemente a respeitável cifra de 2.732:728\$.

Desde o ligeiro resumo já se pode ter uma idéia da nossa significação actual, assim como do nosso crescente desenvolvimento¹³²

¹³² “Ribeirão Preto autêntico” (21.03.1917). FBNRJ. *A Cidade*, ano XIII, jan/jun 1917.

Antônio Soares Romêo viveu, construiu, contribuiu, enfim, participou deste momento de transformações brutais na cidade de Ribeirão Preto. Dentre as edificações públicas que projetou, talvez a de maior relevância para a sua carreira tenha sido a construção do Paço Municipal, o Palácio do Rio Branco (vide **Figura 21**). O edifício teve sua inauguração em maio de 1917; foi construído para ser o centro das decisões políticas do município, o prédio conta com 600m² de superfície coberta, possui dois pavimentos, porão, chegando a 1800m² de área construída.



Figura 21 – Fachada do Palácio do Rio Branco, obra de Antônio Soares Romêo do ano de 1917, atualmente o prédio comporta a Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. Foto s/d. *in*: Ribeirão Preto 2000, Revista Comemorativa.

No andar térreo desta construção havia as salas da prefeitura, a procuradoria, a secretaria, a biblioteca, a tesouraria, o vestíbulo de entrada e a Repartição de Obras. Era neste prédio, projetado por Antônio Soares Romêo, que funcionava a diretoria que ele próprio chefiava.

No segundo andar ficavam as salas de sessões (salão rosa), a sala de comissões, o gabinete do presidente da Câmara, o do Prefeito Municipal e um salão nobre para recepções.

O “programa de necessidades” ao qual o edifício se encaixou condizia com os requintes exigidos pela elite. O prefeito Macedo Bittencourt relatou, em um documento de 1916, os materiais para a confecção da fachada do prédio. Exemplo dos materiais requeridos à prefeitura, pelo engenheiro Antonio Soares Romêo, foram: 100 telhas de imitação francesa; 6000 telhas imitação de Marselha, 88 metros quadrados de azulejos holandeses e 68 metros lineares de guarnição alemão de 152 x 152 metros.¹³³

O Palácio do Rio Branco exibia toda a ostentação que a elite procurava; o interior foi decorado com móvel do Liceu de Artes e Ofício de São Paulo. Estes eram móveis considerados exemplos do que melhor existia em termos de mobílias no período. Além dos móveis, a pintura das paredes internas do prédio ficou a cargo de Torquato Bassi, que detalhou o prédio com o estilo *art nouveau* (vide **Figuras 22 e 23**).

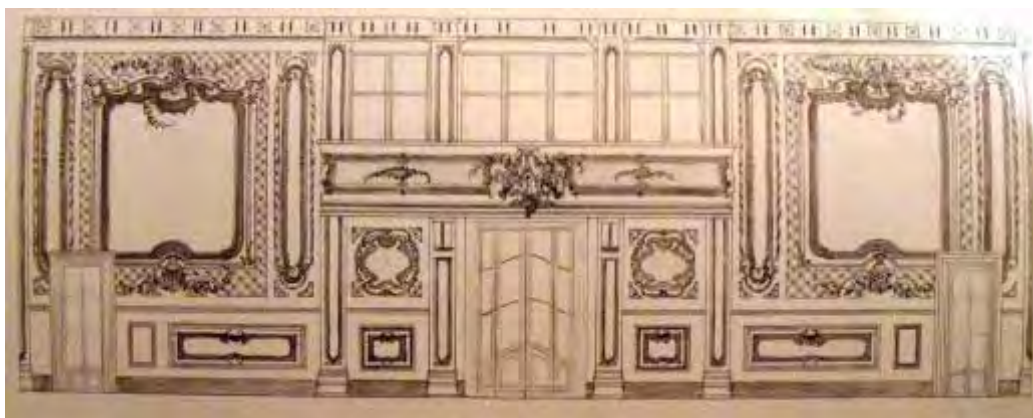


Figura 22 – Mural da parede lateral do Salão Nobre do Palácio do Rio Branco, Autor Torquato Bassi, o estilo *art nouveau* e o detalhamento com motivos naturais. Imagem Extraída de *A pintura na Capital do Café* de Maria Eliza Borges, p. 94.

¹³³ APHRP. *Pedido de materiais para a construção do prédio para a Câmara Municipal*. (Paço). Fundo: Prefeitura/Câmara Municipal; Grupo: Diretoria de Obras (1916-1923); Subgrupo: Construção do Paço Municipal.



Figura 23 – Detalhe da parede lateral do Salão Nobre do Palácio do Rio Branco, Autor Torquato Bassi, o estilo *art nouveau* e o detalhamento com motivos naturais. Imagem Extraída de *A pintura na Capital do Café* de Maria Eliza Borges, p. 96.

Na documentação existente sobre a construção do Palácio do Rio Branco, além das plantas de telhados, porão e pavimentos, existe uma planta de aparência da construção (vide **Figura 24**), imagem realmente impressionante quanto ao detalhamento e a precisão do resultado final do projeto. Este tipo de planta é incomum neste período. Somente um prédio com a importância que teve o Paço Municipal para a cidade mereceu trabalho tão minucioso por parte do engenheiro.

Além da planta baixa de todos os lados do prédio e das plantas de perspectivas de aparência, na documentação sobre a construção do prédio consta ainda propostas de fachada, de calçamento do redor e de embelezamento externo do prédio; Relatórios dos cálculos das paredes e disposição das salas, e instalações sanitárias; todos os pedidos de móveis e decoração, como cortinas e objetos de decoração e, para finalizar, todo o pedido do ferro que foi utilizado na construção.

Esta construção é a imagem do ecletismo em Ribeirão Preto, nela podemos ver o luxo e ostentação perseguida pela elite, os relatórios, cálculos e sistematização para a disposição de cômodos projetos pelo técnico positivista que usou o *art nouveau* na decoração e nas janelas de sua obra, para o agrado dos chefes e, para finalizar a mistura, a parte externa no edifício que somente recebeu proposta para a sua realização de construtores italianos, motivo pelo

qual podemos explicar as paredes mais retas e lisas e de cor pastel, típica do neo-renascimento e da competência dos *capomaestres*.



Figura 24 – Planta de perspectivas de aparência do prédio do Palácio do Rio Branco, elaborada por Antônio Soares Romêo. Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1915/16; Pasta; Paço Municipal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o final do século XIX e, sobretudo, nas primeiras décadas do período republicano o Brasil conheceu a urbanização de muitos de seus municípios. Ribeirão Preto, palco dessa pesquisa, passou por intenso processo de desenvolvimento, propiciado pelos lucros da produção cafeeira.

As intenções de modernidade das elites locais se aproximavam dos exemplos parisienses, mas, na materialidade dos desejos, conviveram com as competências da mão de obra disponível e, sobretudo, com a formação dos engenheiros contratados. Aqui nos dedicamos a Antônio Soares Romêo.

O conjunto do trabalho de Antônio Soares Romêo, bem como as observações pertinentes a sua vida em Ribeirão Preto, seus interesses e relações sociais revelam uma faceta importante da urbanização de uma cidade que, em virtude da intensa pretensão de modernidade, combinou conhecimento técnico com a pluralidade cultural dos diferentes habitantes que abrigava.

Mais do que um espaço geográfico, a cidade de Ribeirão Preto revelou uma complexa relação entre elementos arcaicos e modernos – os coronéis e seus produtos diretos: os cinemas e os teatros – enraizados no imaginário de seus habitantes.

Tornar a cidade um cartão-postal do país e demonstrar, em público, o *espírito burguês* foram os objetivos da elite local, bem como o intuito do engenheiro municipal. Esse *espírito* ficou explicitado nos frutos materiais da empreitada.

Na verdade, os mandatários locais, que abarcavam uma variedade de pessoas e grupos, originaram uma elite multifacetada, bárbara e civilizadora, excludente e includente. Os mesmos tinham variadas e ambíguas idéias, bem ao sabor da modernidade que é, em si mesma, contraditória.

A biografia de Antônio Soares Romêo revela várias dimensões da urbanização de Ribeirão Preto. Demonstra que a cidade que se pretendeu moderna, na verdade se constituiu de muitas possibilidades, muitos desejos, variadas concepções do novo e de civilização; todo esse conjunto que denominamos ecletismo.

Em síntese, as ações de Antônio Soares Romêo foram pautadas por múltiplas dimensões: representava o progresso e a novidade das técnicas racionalistas importadas, era membro da velha elite agrária do Vale do Paraíba e ainda respondia aos interesses de permanência política dos novos grupos de cafeicultores locais. Explica-se: significava, ao mesmo tempo, a mudança e a permanência. Mudança para um mundo de modos civilizados, mas permanência de antigos valores políticos que protegiam o grupo de cafeicultores no poder local.

Chamou-nos a atenção o fato de que a história do desenvolvimento de Ribeirão Preto vai ao encontro da historiografia das cidades, tributária das muitas influências, vivências e ações dos seus diferentes habitantes, dos múltiplos quereres que se materializam na urbe que deve, no limite, se constituir no lar das elites e dos excluídos, de todos esses atores do drama das cidades modernas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRA FILHO, J. A. *A economia cafeeira e a política oligárquica do município de Ribeirão Preto: subsídios para os estudos das oligarquias cafeeiras paulista*. São Paulo, Dissertação Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1981.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. trad. Roberto Raposo. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. 1. ed. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

AUGUSTI, Valéria. *Polemicas Literárias e mercado editorial Brasil-Portugal na segunda metade do século XIX*. I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED. 8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em:
<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/polemicas.pdf>

BALANDIER, Georges. *O Contorno: poder e modernidade*. trad. Suzana Martins, Bertrand-Brasil, 1997.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. trad. Antônio C. Leal & Lídia Santos Leal, Rio de Janeiro: Tijuca Ltda., s.d.

BACKZO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: ENCICLOPÉDIA EINAULDI. Portugal: Imprensa Nacional/ Casa da moeda, 1985.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. 1959.

BAUDELAIRE, Charles. Sobre a modernidade. In: TEIXEIRA Coelho (Org.). *Coleção Leitura*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BEIGUELMAN, P. *A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1968.

BENÉVOLO, Leonardo. *História da cidade*. 2 ed., São Paulo: Perspectiva, 1993.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 14 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BOADA, Luis. *O espaço recriado*. São Paulo: Nobel, 1991.

BORGES, Maria Elizia. *A pintura na capital do café. [Ribeirão Preto]: sua história e evolução no período da Primeira República*. Franca: FHDSS/UNESP, 1999. (Série História local, nº 10).

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

BRANDÃO, C. R. *Os caipiras de São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, Coleção Tudo é História, v. 75, 1983.

BRAUDEL, Fernand. As estruturas do cotidiano. In: *Civilização material, economia e capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. v. 1.

_____. O jogo das trocas. In: *Civilização material, economia e capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. v. 2.

BRESCIANI, Maria Stella (org.). *Imagens da cidade: As cidades nos séculos XIX e XX*. 1. ed., São Paulo, ANPUH/ SP: Marco Zero, FAPESP, 1994.

BRUNO, Ernani Silva. *São Paulo, terra e povo*. Porto Alegre: Editora do Globo, 1967.

_____. *História e tradições da cidade de São Paulo*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1984, v. 3, (Metrópole do café 1872/1918 – São Paulo de agora 1918-1954).

CALDEIRA, Henrique. *Economia Cafeeira: Ribeirão Preto a capital do café: estudos sobre os imóveis e negociantes durante a expansão cafeeira no final do século XIX*. São Paulo: Edição Independente, 2004.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. trad. Diogo Mainardi. 12 reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

CAMPOS, C. M. *Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo*. São Paulo: SENAC, 2002.

CAPELATO, M. H. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, 1994.

CASALECCHI, José Ênio. *O Partido Republicano Paulista (1889-1926)*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,

CELSO FERREIRA, Antonio. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870 - 1940)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

CHALHOUB, Sidney. *A cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. & PEREIRA, Leonardo Affonso M. (org.). *A História Contada: Capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARLOT, Monica & MARX, Roland (org.). *Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Trad. Lucy Magalhães; Revisão de Francisco Falcon. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Coleção Memória das cidades, 1993.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHOAY, Françoise. *O Urbanismo: utopias e realidades - uma antologia*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003 (Coleção Estudos; 67).

COELHO NETTO, J. Teixeira. *A construção do sentido na arquitetura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

CUNHA, Marcos Vinícius da. *Educação e política em Ribeirão Preto: fundação e primeiros anos Ginásio do Estado*. 1994. Dissertação (Mestrado – História), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

_____. *O velho Estadão: educação e poder nos anos de ouro do Ginásio Otoniel Mota*. Ribeirão Preto: Palavra Mágica, 2000.

DEL BRENNA, G. R. Ecletismo no Rio de Janeiro (séc. XIX-XX). In FABRIS, A. (org.) - *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel; USP, 1987.

D'ELBOUX, Roseli Maria Martins. *Uma promenade nos trópicos: os barões do café sob as palmeiras-imperiais, entre o Rio de Janeiro e São Paulo*. *An. mus. Paul.*[online]. 2006, vol.14, n.2, pp. 193-250. ISSN 0101-4714. doi: 10.1590/S0101-47142006000200007.

DOIN, José Evaldo de Melo. A régua e o compasso nas terras do café: a *haussmanização* das cidades do interior paulista na República Velha. ANAIS DO XI ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA. "História e Exclusão Social", p.54-57. Universidade Federal de Uberlândia, Centro de Ciências Humanas e Artes, XI Encontro Regional de História, AMPUH/MG, 27 a 31 julho de 1998.

_____. *O capitalismo bucaneiro: dívida externa, materialidade e cultura nas terras do café*. Tese (Livre-Docência defendida na disciplina de História Contemporânea no Departamento de História da FHDSS/UNESP). Franca: FHDSS/UNESP, 2001.

_____. O *flâneur* maltrapilho: a reinvenção da modernidade pelos excluídos das reformas de Rodrigues Alves / Pereira Passos. ESTUDOS DE HISTÓRIA (Faculdade de História, Direito e Serviço Social - UNESP), Franca, n. 2, 1998. p. 83-91. v. 5

_____. Botando abaixo: a reinvenção dos espaços pelos escorraçados de Pereira Passos. In: História e exclusão Social XI Encontro Regional de História Associação nacional de História - ANPUH -MG, 1998, Uberlândia. Anais do XI Encontro Regional de História. Associação Nacional de História - ANPUH - MG. Uberlândia: ANPUH, 1998.

_____. Entre Gênero & Arte: a mão feminina na urdidura do modernismo. *Revista Caderno Espaço Feminino*. Uberlândia, MG: nº 14, v.11, Universidade Fed de Uberlândia, 2005.

_____. Olhar, desejo e Paixão: Lazer e prazeres nas terras do café. *ArtCultura*, Uberlândia: v. 1, p. 40-53, 2000.

DONNE, M. D. *Teorias sobre a cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: Introdução a arquetipologia geral*. Trad. Hélder Godinho, Lisboa: Presença, Coleção Métodos, 1989.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. In: *Uma história dos costumes*. 2 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. I.

EVANGELISTA, J. G. *História do Colégio São Joaquim (1890-1940)*. São Paulo: Salesianas Dom Bosco, 1991.

_____. *Lorena no século XIX*: Pref. de Nice Lecocq Muller. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1978

FABRIS, Annateresa. (org.) - *Eclétismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel; USP, 1987.

FARIA, R. S. de. *Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930): o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina*. Dissertação (Mestrado em História apresentado ao IFCH, UNICAMP). Campinas: UNICAMP, 2003.

FOLLIS, Fransérgio. *Modernização urbana na Belle Époque paulista*. São Paulo: Unesp, 2004.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Trad. de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

GILLE, Bertrand. *Histoire des Techniques*. Paris: PUF, 1978.

GHIRARDELLO, N. A arquitetura tradicional e os novos paradigmas urbanos do século XIX. In: ANAIS DO VII SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO. Salvador: VII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2002.

_____. *A influência do Sistema Métrico francês na ortogonalidade das cidades*. Bauru: Revista Educação Gráfica, 1997. v. 1.

GOMES, Ângela de Castro. *Engenheiros e economistas: novas elites burocráticas*. Rio de Janeiro: Ed da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

_____. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HANHER, June. *Pobreza e Política: os podres urbanos no Brasil, 1870/1920*. Brasília: Ed UnB, 1993.

HALBWACHS, Maurice, e BENOIR Laís Teles. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HAMBURGUER, Amélia Império. *A ciência nas relações Brasil - França: 1850 - 1950*. São Paulo: Ed. USP, 1996.

HARDMAN, Francisco Foot (org.). *Morte e progresso: Cultura brasileira como apagamento de rastros*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

HOBBSAWN, Eric John. *A era dos impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

_____ e RANGER, T (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOMEM, M. C. N. *O Palacete Paulistano: e outras formas de morar da elite cafeeira*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura*. 2 ed. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1980.

HUNT, Lynn (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.

LE GOFF, Jacques. "Comment écrire une biographie historique aujourd'hui", *Le Débat* 54, 1989.

LEMOS, C. A. C. *A república ensina a morar (melhor)*. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Arquitetura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

_____. *Alvenaria Burguesa*. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. *Ramos de Azevedo e seu escritório*. São Paulo: Pini, 1993.

LEPETIT, Bernard. Das capitais às praças centrais. Mobilidade e centralidade no pensamento econômico francês. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (org.). *Cidades capitais do século XIX: racionalidade, cosmopolitismo e transferência de modelos*. São Paulo: EDUSP, 2001.

LEVILLAIN. Os protagonistas: da biografia. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

LOVE, Joseph. *A Locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira (1889-1937)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, v. 57, Coleção Estudos Brasileiros.

_____. Um segmento da elite política brasileira em perspectiva comparativa. In: *A revolução de 30: seminário Internacional*. Brasília: UnB, 1983.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social*. In: *Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia*, nº 23. EDPUCRS, abril 2004.

MARX, Karl. *As lutas de classes na França (1848-1850)*. São Paulo: Global, Coleção Bases, 1986. v. 49.

MARX, Murillo. *Cidade no Brasil terra de quem?*. São Paulo: Nobel/USP, 1991.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Trad. Lamberto Puccinelli. São Paulo: EPU, 1974, v. I.

MOTOYAMA, Shozo. *Escola Politécnica, 110 anos construindo o futuro*. São Paulo: EPUSP, 2004.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: O espírito do tempo I (Neurose)*. 5 ed. Trad. Maura Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

MOURA, C. E. M. D. *O Visconde de Guaratinguetá: um fazendeiro de café no Vale do Paraíba*. São Paulo: Studio Nobel, 2002.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. 12 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965, v. 2.

_____. *A cultura das cidades*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Nietzsche, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PADILHA, M. *A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001.

PATETTA, Luciano. Considerações sobre o ecletismo na Europa. n: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1987.

PAZIANI, R. R. *Construindo a Petit Paris: Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920)*. Tese (doutorado em História e Cultura). Franca: FHDSS/UNESP/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2004.

_____. Poder político e modernização urbana: a trajetória de Joaquim Macedo Bittencourt em Ribeirão Preto na Primeira República (1905-1920). São Paulo: *Revista Histórica* Arquivo do Estado de São Paulo/Imprensa Oficial, n. 10, out/nov/dez 2003.

PECHMAN, R. M. (org.) *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

PECHMAN, Robert Moses. Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular. In: BRESCIANI, Maria Stella. *Imagens da cidade: as cidades nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Anpuh/Marco Zero/Fapesp, 1994.

PEREIRA, R. M. *O municipalismo de Washington Luís em sua atuação em Batatais (1893-1900): aspectos da modernização urbana do interior paulista na República Velha*. Dissertação (Mestrado em História e Cultura). Franca: FHDSS/UNESP/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 1998.

_____. Reforma urbana e construção da ordem: o traçado da política higienista no interior paulista – o caso de Batatais (1890-1900). Goiânia: *Sociedade e Cultura*; Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, v. 2, n. 1 e 2, dez/jan 1999.

PESAVENTO, S. J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano* – Paris; Rio de Janeiro. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

PORTO, Antônio Rodrigues. *História urbanística de São Paulo (1554 - 1988)*. São Paulo: Carthago & Forte, 1992.

RAFAEL, Gina Guedes, e SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Bibliografias BN. Lisboa: Ministério da Cultura, Biblioteca Nacional, 1998.

REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003

ROIZ, Diogo da Silva. *Casas de Espetáculo: a trajetória do Teatro Carlos Gomes em Ribeirão Preto, entre 1897 e 1905*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História). Franca: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/CAPES, 1998.

ROMÃO JUNIOR, José Elias Soares. *As letras no Brasil: duas palavras acerca de um folheto do Snr. A. do Quental*. Braga: Typ. de Domingos G. Gouvea, 1866.

ROMERO, José Luis. *Latinoamérica: las ciudades y las ideas*. 2 ed. México/Argentina/Espanha: Siglo Veintiuno, 1976.

REIS, Márcio Andreza dos. *Do eldorado do café à modernidade de Ribeirão Preto (1890-1910)*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História). Franca: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 1998.

REIS FILHO, N. G. *Aspectos da engenharia civil em São Paulo, 1860-1960*. São Paulo: CBPO/Kosmos, 1989.

_____. G. Cultura e estratégias de desenvolvimento. In: DE LORENZO, H. C. & COSTA, W. P. (orgs.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

_____. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. *Algumas experiências urbanísticas do início da República: 1890-1920*. São Paulo: Cadernos do LAP, 1994.

ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do Iluminismo*. 5 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. A cidade Iluminista. *REVISTA USP*. São Paulo: 1995, n. 26, pp. 154-163.

_____. *Mal-estar na modernidade: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
SALGUEIRO, Heliana Angotti. Revisando Haussmann: Os limites da comparação. A Cidade, A Arquitetura e os Espaços Verdes: o caso de Belo Horizonte. *REVISTA USP* (São Paulo), 1995. v. 26.

_____. *Cidades Capitais do Século XIX*. São Paulo. Ed. da Universidade de São Paulo, 2001.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, Estudos Urbanos 5, 1993.

SANTOS, Marcos. *A educação brasileira na Primeira República: O "Doutor" Positivista*. São Paulo. Faculdade Marcelo Tupinambá, 1993. Texto originalmente utilizado no Programa de Pós-Graduação em Musicoterapia e Educação Artística da Faculdade Marcelo Tupinambá disponível em <http://www.marculus.net/textos/primeira%20republica.pdf>.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. 5 ed. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à era do rádio*. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

_____. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Orfeu extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. A Vitória-Régia do Tamisa. p. 04-07. In: *Caderno Mais!*, Folha de São Paulo, São Paulo, 32p. n. 467, 21.01.2001.

SILVA, Éder Donizete da. *A história contada através da arquitetura de uma rua*. Dissertação (Mestrado – História), FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 1998.

SILVA, Eduardo. *As queixas do povo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

STAROBINSKI, Jean. *1789: Os emblemas da razão*. Trad. Maria Lúcia Machado, São Paulo: Companhia das letras, 1989.

_____. *As Máscaras da Civilização: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

_____. *A invenção da liberdade: 1700-1789*. Trad. Fulvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 1994.

TAUNAY, Alphonse D'Escragolle. *A Missão Artística de 1816*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1983 (Temas brasileiros, 34).

TOLEDO, Benedito L. de. *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

TOSI, Pedro Geraldo. *Cultura do café e cultura dos homens em Franca: A influência da ferrovia para a sua urbanização*. ESTUDOS DE HISTÓRIA (Faculdade de História, Direito e Serviço Social - UNESP), Franca: 1998. p. 113-145. v. 5, n. 2.

_____. *Capitais no interior: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860-1945)*. Franca: UNESP, 2002.

TUON, L. I. *O cotidiano cultural em Ribeirão Preto (1880-1920)*. Dissertação (Mestrado em História apresentada à FHDSS/UNESP). Franca: FHDSS/UNESP, 1997.

VALADÃO, Valéria. *Memória arquitetônica em Ribeirão Preto*. Franca: 1997. 265p. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social de Franca, Universidade Estadual Paulista.

_____. Imigração e introdução de novos hábitos habitacionais em Ribeirão Preto. In *Estudos de História*. Revista do Curso de Pós-Graduação em História. Nº 1. Franca: São Paulo, 1994.

VARGAS, Cláudia R. *Da cidade luz à morada do sol: Bento de Abreu x Araraquara - perfil de um personagem na biografia de uma cidade (1908-1916)*. Franca: 1997. 80p. Monografia (Trabalho de conclusão de curso em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social de Franca, Universidade Estadual Paulista.

_____. *Os descaminhos da cidade: Bento de Abreu e as faces da modernidade urbana*. ESTUDOS DE HISTÓRIA (Faculdade de História, Direito e Serviço Social - UNESP), Franca: 1998. p. 93-111. v. 5, nº 2

VESENTINI, José William. *A capital da Geopolítica*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1987

ZAMBONI, Maria Célia. *A Mogiana e o café: contribuições para história da Estrada de Ferro Mogiana*. Franca: 1993. 164p. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista.

WALKER, T. W., BARBOSA, A. S. de. *Dos coronéis à metrópole: fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XX*. Ribeirão Preto: Palavra Mágica, 2000.

ANEXO I

FONTES LEVANTADAS

No acervo da Fundação da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

A CIDADE. Ribeirão Preto: jan/mar 1905 a 1925. Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

No acervo do Arquivo do Estado de São Paulo

JORNAL DE NOTÍCIAS. Ribeirão Preto: ano XI, n. 334, dez 1903. Pasta 29, "Interior de São Paulo", VAR-064.

O LÁBARO. Ribeirão Preto: ano I, n. 15, jan 1904. Pasta 29, "Interior de São Paulo", VAR-064.

O RIBEIRÃO PRETO. Ribeirão Preto: ano I, n. 2, jan 1904. Pasta 29, "Interior de São Paulo", VAR-064.

O SETIMO DISTRICTO. Ribeirão Preto: ano I, n. 2, out 1893. Pasta 29, "Interior de São Paulo", VAR-064.

ARQUIVO JOAQUIM DA CUNHA DINIZ JUNQUEIRA (QUINZINHO DA CUNHA) - Quantidade: 2 caixas, 412 documentos e 513 páginas de documentos xerografados Datas-limite: 1886-1932 Conteúdo genérico: a documentação é referente à República Velha, e fornece elementos para o estudo das relações políticas nessa época. A correspondência provém de diversas localidades do Brasil. São comentários, opiniões e informações sobre a situação política, e solicitações feitas ao titular, que foi um influente membro da oligarquia cafeeira de Ribeirão Preto. Na documentação pessoal, encontram-se escrituras, notas fiscais, recortes de jornais e recibos. Aspecto marcante deste material diz respeito às ordens de pagamento ao Serviço de Alistamento Eleitoral, lista de eleitores, recibo de jornais que compravam anúncios feitos pelo Partido Republicano Paulista (PRP), e várias cédulas de títulos de eleitores em brancas e numeradas.

No Acervo do Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP

ALMANACH ADMINISTRATIVO, COMMERCIAL E INDUSTRIAL DA PROVINCIA DE SÃO PAULO (R/0495). São Paulo: 1886 - Exemplar em papel, n. de tombo R/0495.

ALMANACH LITTERARIO PAULISTA (R/0695). São Paulo: 1875-1880; 1883; 1884; 1885 - Exemplar em papel, n. de tombo R/0695.

ALMANAK ADMINISTRATIVO, COMMERCIAL E PROFISSIONAL DO ESTADO DE SÃO PAULO (R/0387). Incluindo indicador da Capital. São Paulo: 1897 - Exemplar em papel, n. de tombo R/0387.

No acervo da Biblioteca Altino Arantes de Ribeirão Preto

IL BRAZILE E GLI ITALIANI (publicazione Del Fanfulla)- Tipografia della S.A I. G. A. Milano. Genova, 1906.

ALMANACH ILLUSTRADO DE RIBEIRÃO PRETO DE 1913 – Estatístico, histórico, comercial, agrícola, literário, informações e variedades – Primeiro Ano de Publicação. Ribeirão Preto: Editores Sá, Manaia & Cia., 1913.

No acervo da Biblioteca e Arquivo do Instituto Politécnico de São Paulo, USP-Butantã

Revista de Engenharia, nº 2, julho de 1911.

Revista de Engenharia, nº 4, setembro de 1912.

Revista de Engenharia, nº 2, julho de 1911.

Revista de Politécnica, nº 25, janeiro de 1909.

ANUÁRIOS DA ESCOLA POLITÉCNICA DE SÃO PAULO, publicados nos anos de 1900 a 1903, de 1905 a 1912.

HISTÓRICO ESCOLAR de Antônio Soares Romêo. Fundo: I; Caixa: 16; Pasta: 238.

No acervo do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA. Organização e apresentação por Carmen Cagno. Ribeirão Preto: Editora Colégio, 1985.

LE PAYS DU CAFÉ. Edition de propagande du Brasil Magazine tirée a douze mille exemplaires pour être distribuée a l'Exposition Universelle de Turin. Paris: Cussac & Chaponet, 1911.

FUNDO: PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. Documentos manuscritos. Grupo: Administração; Subgrupo: Diversos e requerimentos (1905-1918).

_____. Grupo: Administração; Subgrupo: Requerimentos solicitando reforma e/ou demolição de imóveis e pedidos de aprovação de plantas habitacionais (1914-1920).

_____. Grupo: Administração; Subgrupo: Diversos e requerimentos (1905-1918).

_____. Grupo: Administração; Subgrupo: Requerimentos solicitando reforma e/ou demolição de imóveis e pedidos de aprovação de plantas habitacionais (1905-1914).

_____. Grupo: Administração; Subgrupo: Requerimentos solicitando reforma e/ou demolição de imóveis e pedidos de aprovação de plantas habitacionais (1914-1920).

_____. Grupo: Administração; Subgrupo: Leis e decretos municipais (1893-1924).

_____. Grupo: Administração; Subgrupo: Balancetes (1896-1931).

_____. Grupo: Administração; Subgrupo: Tabelas de impostos e taxas municipais (1911-1934).

_____. Grupo: Representação; Subgrupo: Miscelâneas e representação (1911-1921).

_____. Grupo: Administração; Subgrupo; Códigos de Posturas da Câmara Municipal. 1 - Ribeirão Preto: Tipografia a Vapor do "Diário da Manhã", 1902. 2 - Ribeirão Preto: Tipografia Livro Verde, 1921.

_____. Grupo: Administração; Subgrupo: Registro de indicações aprovadas (1902-1914).

_____. Grupo: Administração; Subgrupo: Registro de Indicações aprovadas (1915-1922).

RIBEIRÃO PRETO – PREFEITURA/CÂMARA MUNICIPAL; Grupo: Administração; Subgrupo: Relatório do Dr. Joaquim Macedo Bittencourt (1920).

_____; Grupo: Administração; Subgrupo: Relatório do Dr. João Alves Meira Júnior (1920).

_____; Grupo: Administração; Subgrupo: Copiador da Diretoria de obras (1916 – 1923).

_____; Grupo: Administração; Subgrupo: Construção do Paço Municipal.

_____; Grupo: Administração; Subgrupo: Imposto predial, patrimônio, anuário demográfico, obras públicas, ofícios, petições e desapropriações.

FUNDO: INTENDÊNCIA MUNICIPAL; Grupo: Desenvolvimento rural e urbano; Subgrupo: Uso e ocupação do solo e obras públicas (1890-1902).

_____. Grupo: Desenvolvimento rural e urbano; Subgrupo: Uso e ocupação do solo e obras públicas (1890 - 1902).

_____. Grupo: Desenvolvimento rural e urbano; Subgrupo: Obras públicas com proposta para execução de serviços (1915).

Fundo: Intendência / Câmara Municipal; Grupo: Administração; Subgrupo: Registro de indicações aprovadas (1902 - 1914).

_____. Grupo: Administração; Subgrupo: Registro de Indicações aprovadas (1915 - 1922).

_____. Grupo: Administração; Subgrupo: Diversos e requerimentos (1905 - 1913).

_____. Grupo: Administração; Subgrupo: Requerimentos (1918); Assunto: Documento sobre a geada na cidade e diversas petições.

_____. Grupo: Administração; Subgrupo: Copiador da Diretoria de obras (1916 - 1923); Assunto: Construção do Paço Municipal.

_____. Grupo: Administração; Subgrupo: Inventário de bens e imóveis (1917 - 1922); Assunto: Doação de imóvel para a criação do Posto Zootécnico.

No acervo da Câmara Municipal de Ribeirão Preto

ATAS DA CÂMARA MUNICIPAL. Livro-caixa microfilmado, rolo 02-B, flash 01, n.º 6 (16 de maio de 1897 a 16 de novembro de 1902).

_____. Livro-caixa microfilmado, rolo 58-A, flash 04, n.º 9 (03 de agosto de 1907 a 15 de maio de 1912).

_____. Livro-caixa microfilmado, rolo 58-A, flash 06, n.º 10 (15 de maio de 1912 a 16 de abril de 1917).

_____. Livro-caixa microfilmado, rolo 04-B, flash 01, n.º 11 (26 de maio de 1917 a 16 de novembro de 1922).

No acervo da Biblioteca da UNESP – Campus de Franca

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO 1895. v. 1
São Paulo, Tipografia do “Diário Oficial”, 1913.

Fontes publicadas

AMARAL, Amadeu, 1875-1929 - **O dialeto caipira**: gramática, vocabulário. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, Brasília: INL, 1981.

ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO DE RIBEIRÃO PRETO - BITTENCOURT, Edgard de Moura. **Joaquim Macedo Bittencourt, meu pai**: recordações da casa paterna. São Paulo: Universitária de Direito, 1983.

_____. CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Legis Summa, II Volume, 1992.

_____. _____. **História de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 2. ed., III Volume, 1993.

_____. _____. **História de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Legis Summa, V Volume, 1997.

_____. EMBOABA, Osmani. **História da fundação de Ribeirão Preto**. São Paulo: Coleção da Revista de História, n. 6, 1955.

_____. GUIÃO, João Rodrigues. **O Município e a cidade de Ribeirão Preto (1822-1922)**. Ribeirão Preto: Livro comemorativo do 1º Centenário da Independência Nacional, 1923.

_____. JARDIM, Renato. **Reminiscências**. São Paulo: José Olympio, 1946.

_____. MIRANDA, José Pedro de. **Ribeirão Preto de ontem e de hoje**. Ribeirão Preto: El Dorado, 1971.

_____. PRADO Junior, Martinho. **In memoriam**. São Paulo: s/ed., 1943.

_____. PRATES, Prisco da Cruz. **Ribeirão Preto de outrora**. Ribeirão Preto: Livro

comemorativo do centenário da cidade, 1956.

_____. _____. **Relembrando o passado**. 2. ed. Ribeirão Preto: União/Academia Ribeirãopretana de Letras, II Volume, 1979.

_____. SANTOS, Plínio Travassos dos. **Ribeirão Preto histórico e para a história**. Ribeirão Preto: s/ed., 1948.

CAPRI, R. Barreto. **O Estado de São Paulo e seus municípios**. São Paulo: Typographia Pocai & Weises, 1912/13.

Edição Comemorativa da Edilidade Ribeirãopretana, produzido pela Câmara Municipal em seu primeiro centenário, 1874 – 1974

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. **Genealogia Paulistana**. São Paulo: Duprat & Cia, 1905. 9 v.

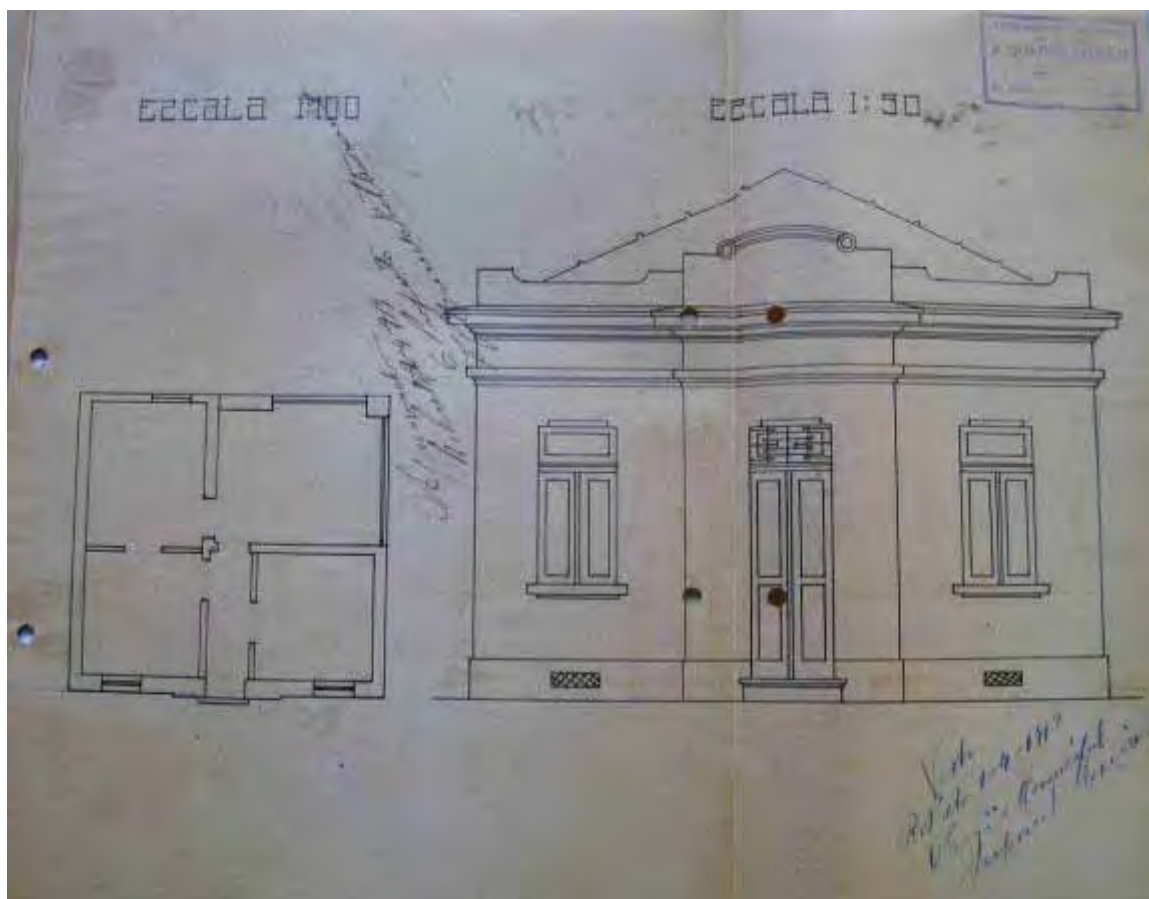
TAUNAY, A. E. **Pequena história do café no Brasil**. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1939.

ANEXO II

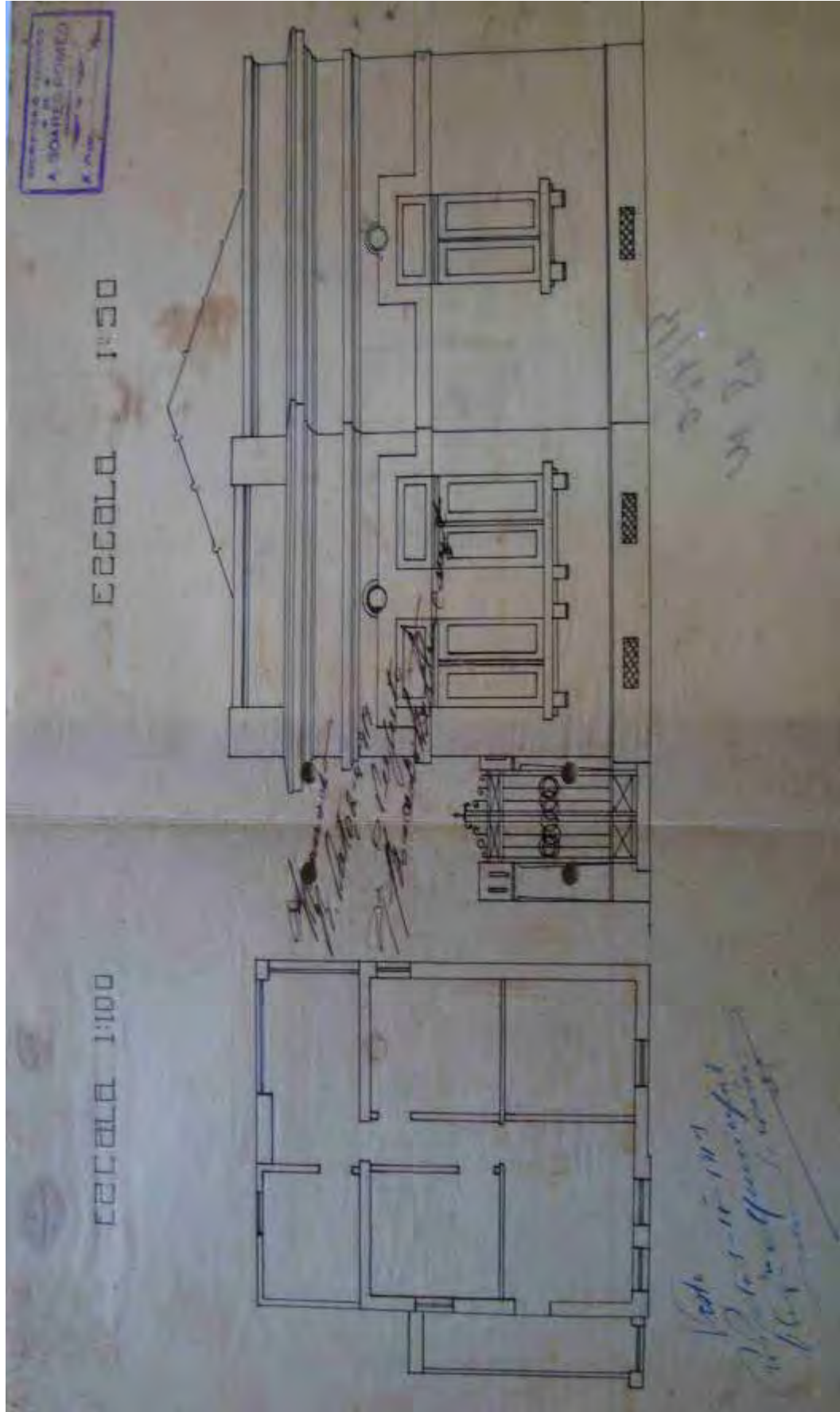
DOCUMENTAÇÕES DA REPARTIÇÃO DE OBRAS DO MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO PRETO DE 1913 A 1923

1. OBRAS PARTICULARES ASSINADAS POR ANTONIO SOARES ROMEO COMO ENGENHEIRO CIVIL.

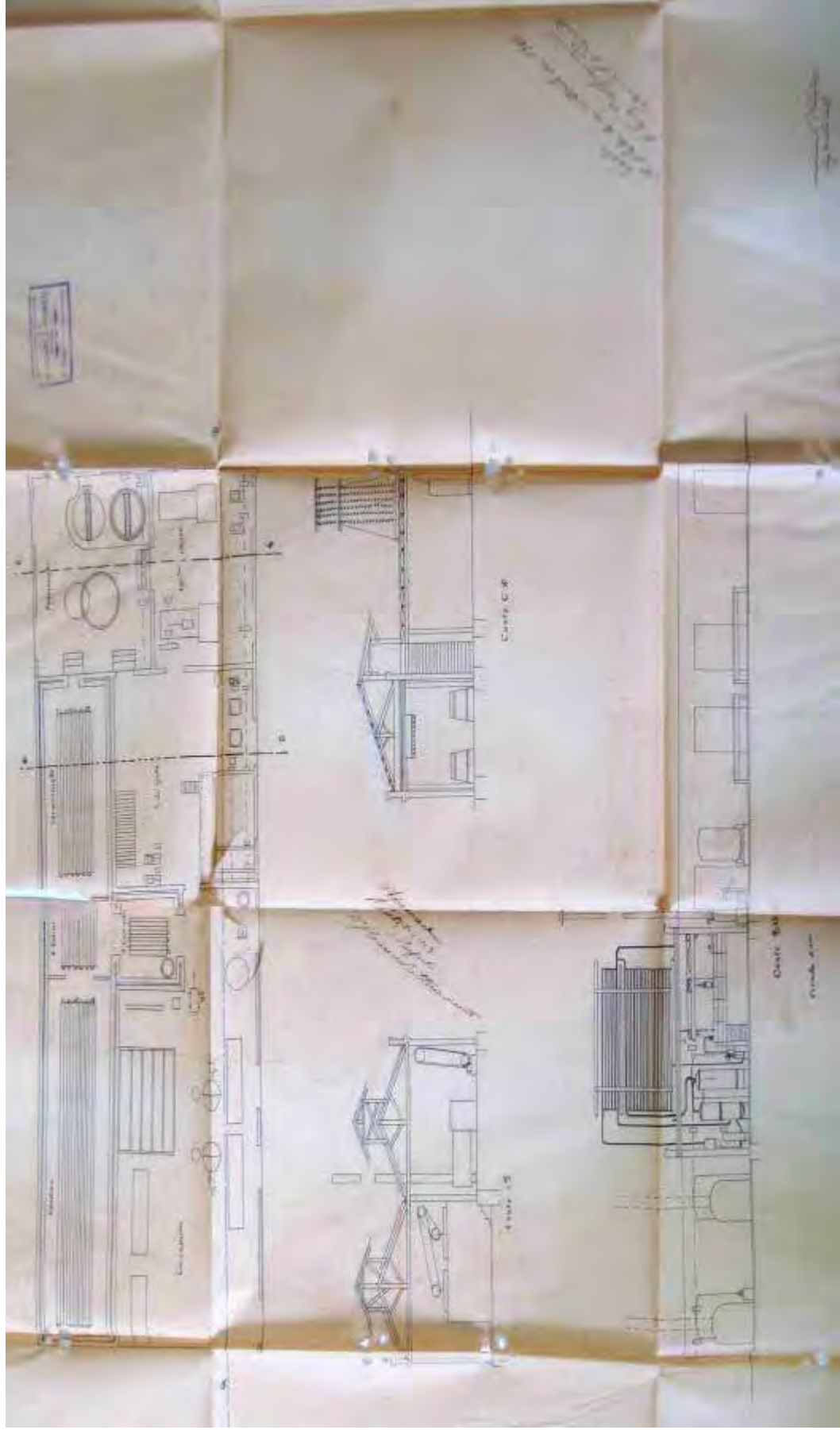
1.1 1913



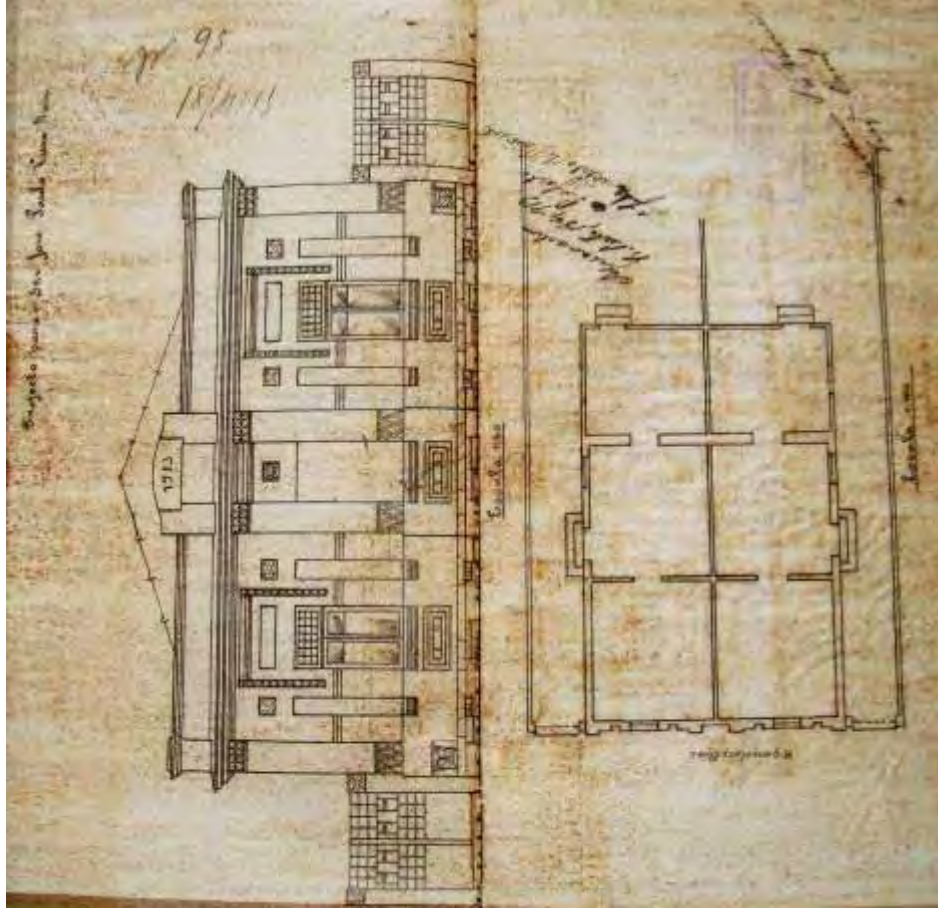
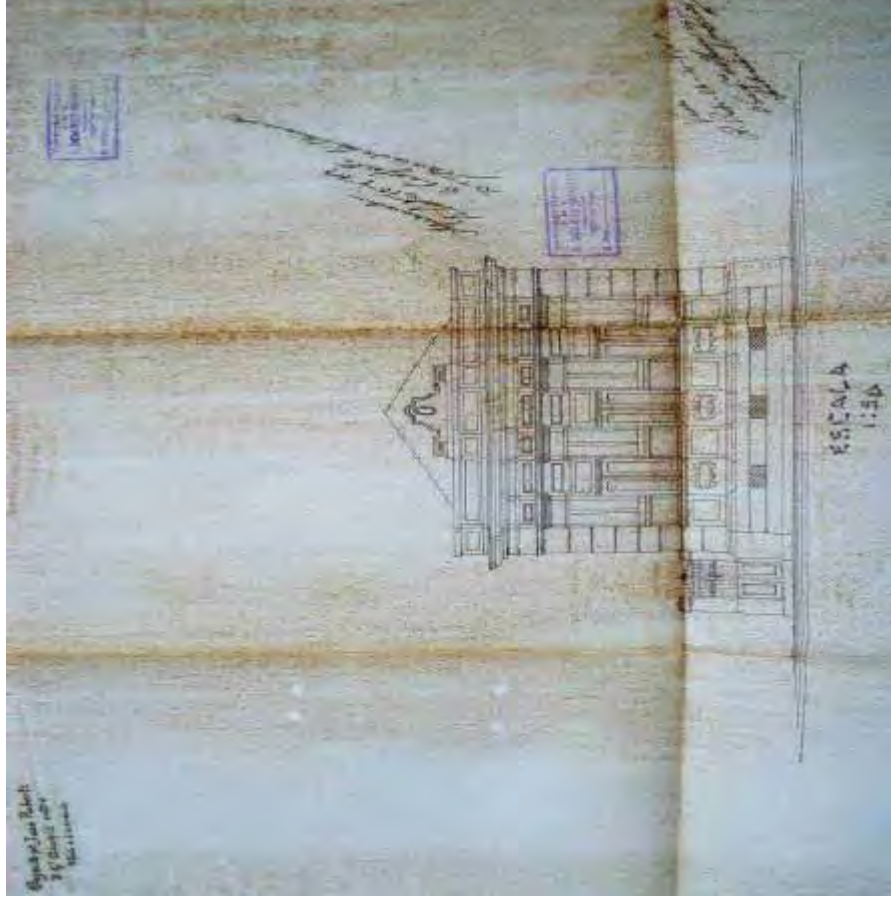
Planta 1 – Engenheiro Antônio Soares Romêo. Aprovação de Planta + Reforma / Residencial. Projeto de casa residencial – Aprovado em 02 de abril de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 80.



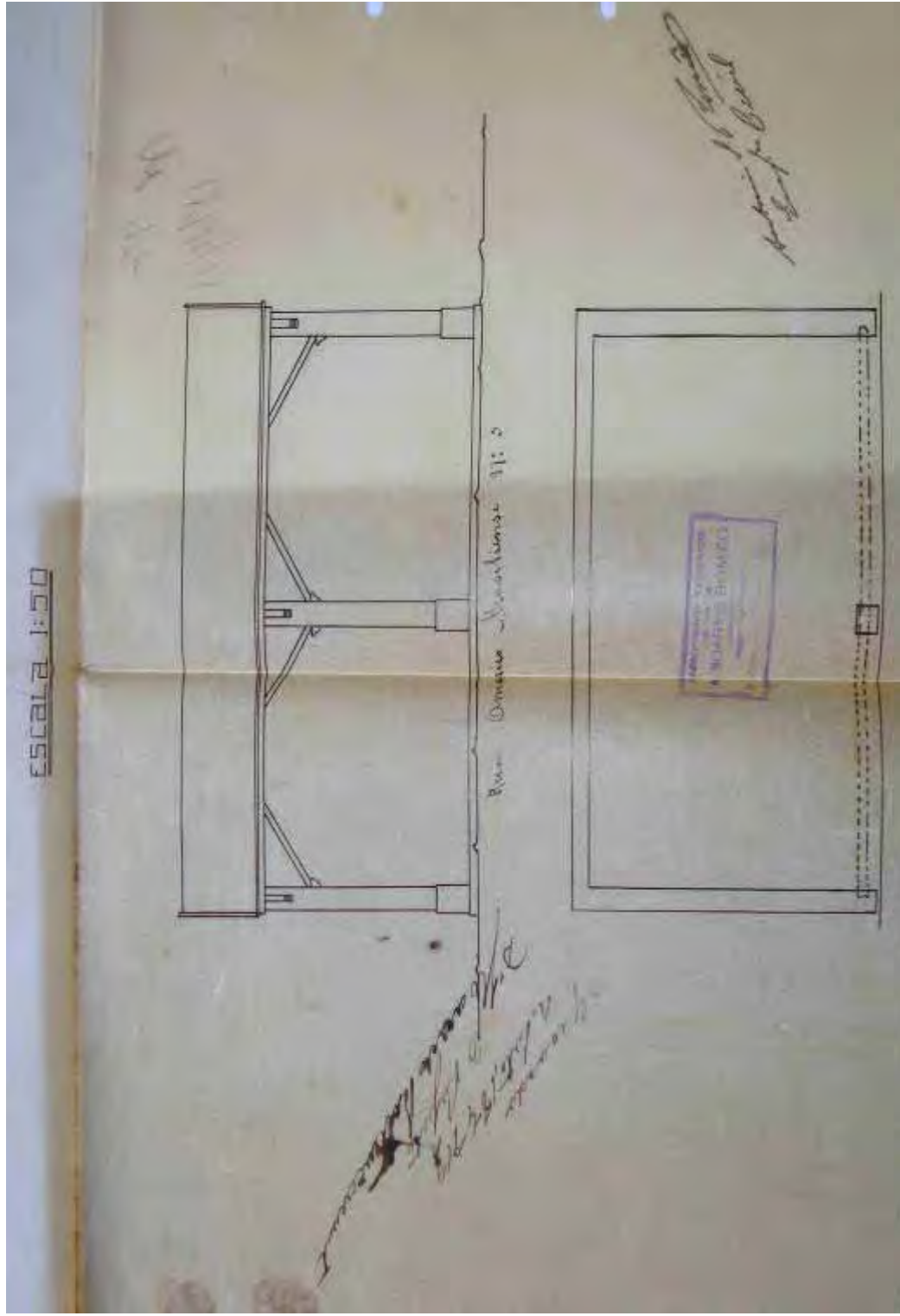
Planta 2 – Engenheiro Antônio Soares Roméo. Aprovação de Planta + Construção / Residencial. Projeto de casa residencial – Aprovado em 02 de abril de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 81.



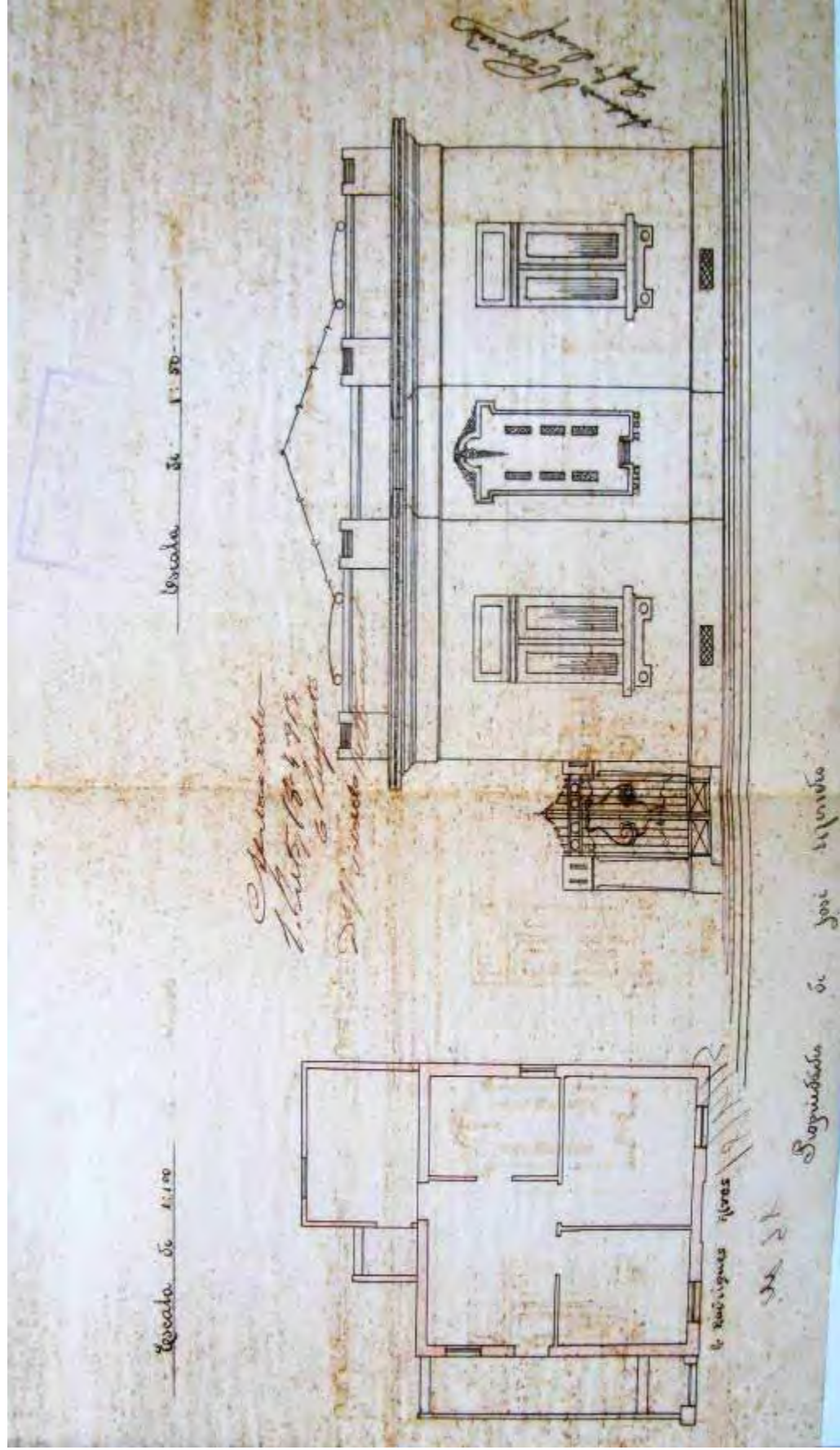
Planta 2 – Engenheiro Antônio Soares Romão. Aprovação de Planta + Construção / Industrial. Projeto de uma garrafaria – Aprovado em 05 de abril de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 82.



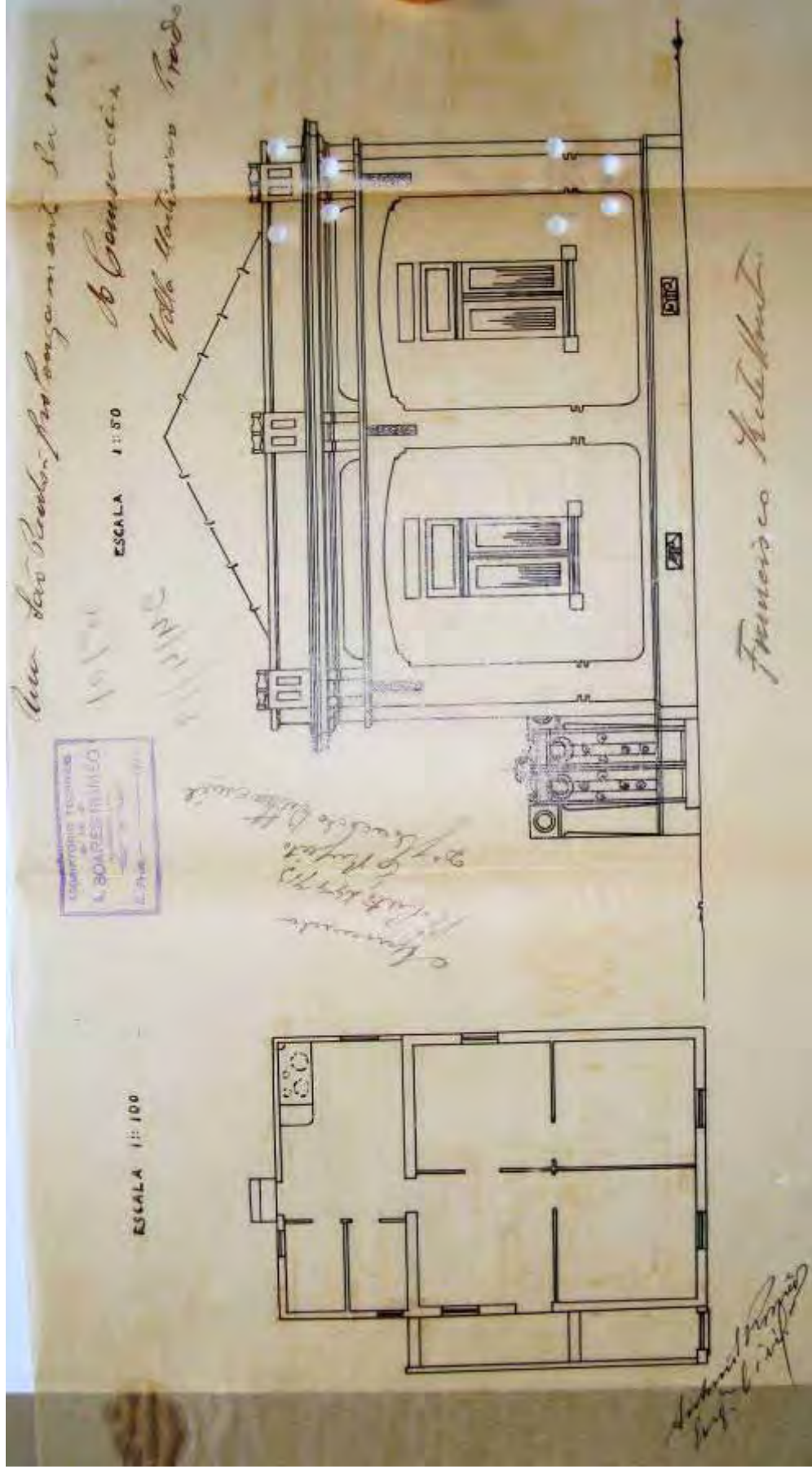
Planta 3 e 4 – Proprietário José Roberti. Engenheiro Antônio Soares Roméo. Aprovação de Planta + Construção / Residencial. Projeto de uma residência situada na rua General Osório, entre São João e Liberdade – Aprovado em 16 de abril de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel arroz – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Grupo: Prefeitura Municipal; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 95.



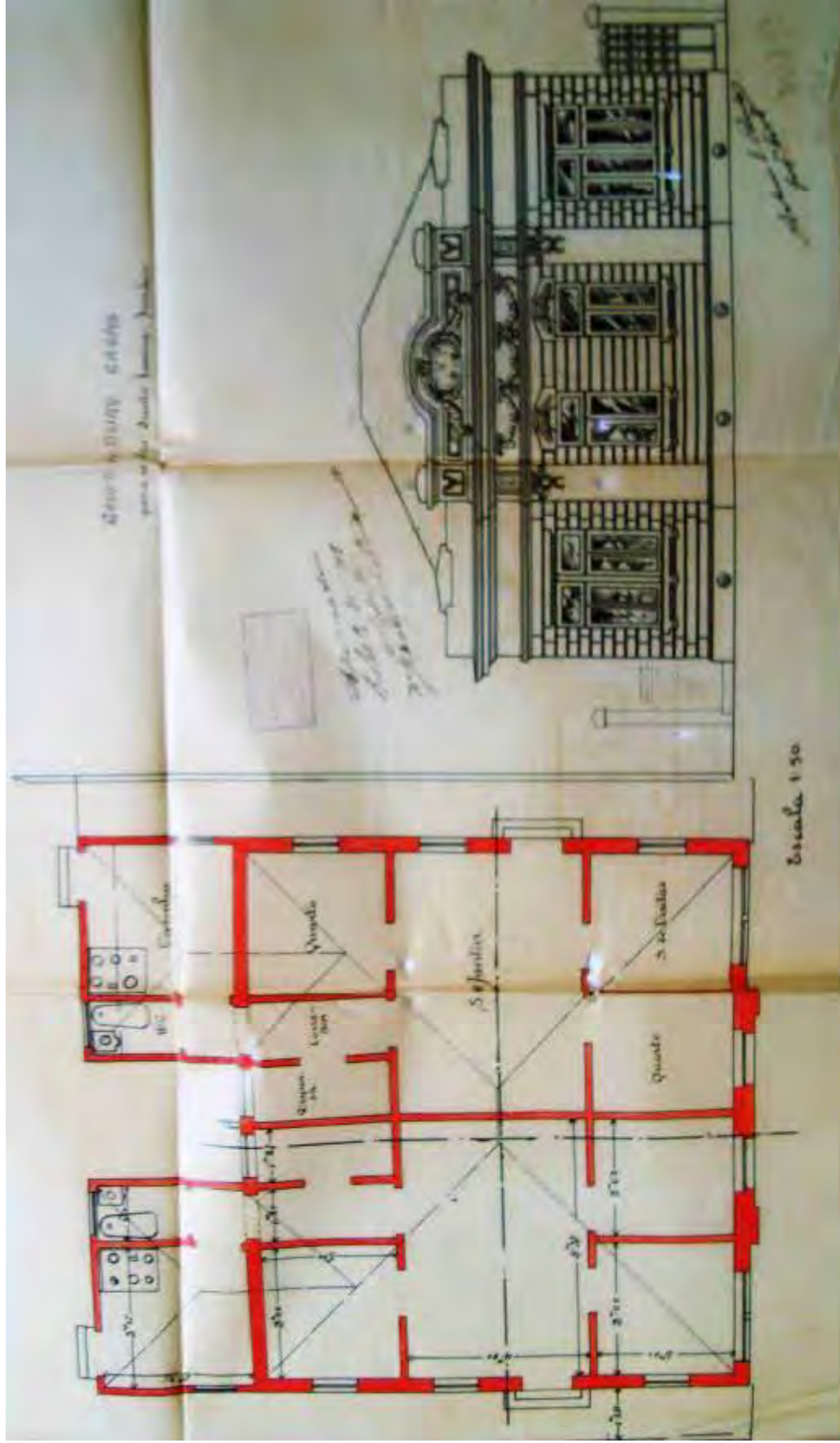
Planta 5 – Engenheiro Antônio Soares Romão. Aprovação de Planta + Construção / Residencial. Projeto de uma cobertura situada na rua Américo Brasileira, s/n – Aprovado em 18 de abril de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 98.



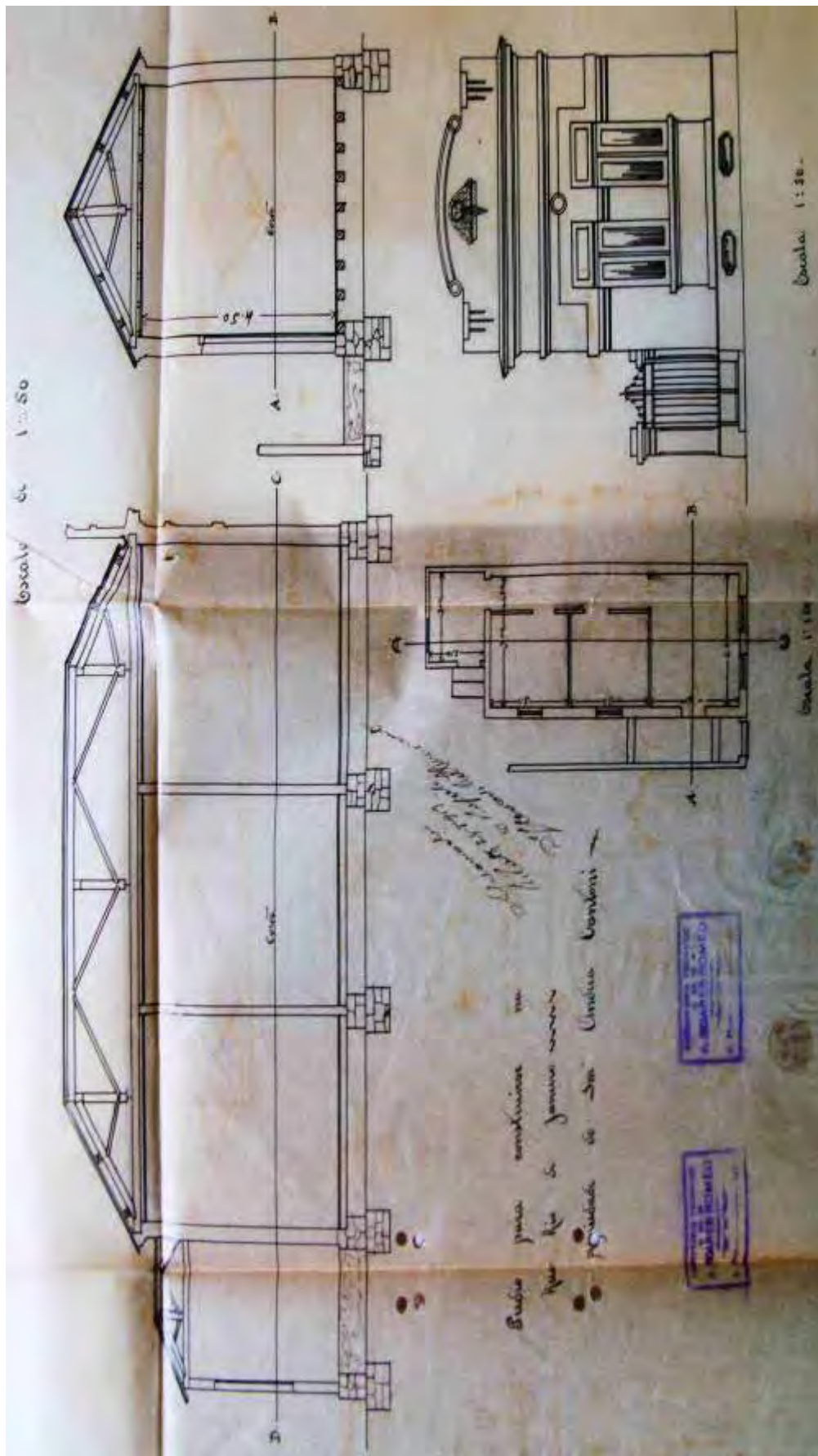
Planta 6 – Proprietário José Mendes. Engenheiro Antônio Soares Romão. Aprovação de Planta + Construção / Residencial. Projeto de uma residência situada na rua Rodrigues Alves, s/n – Aprovado em 18 de abril de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel arroz – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 99.



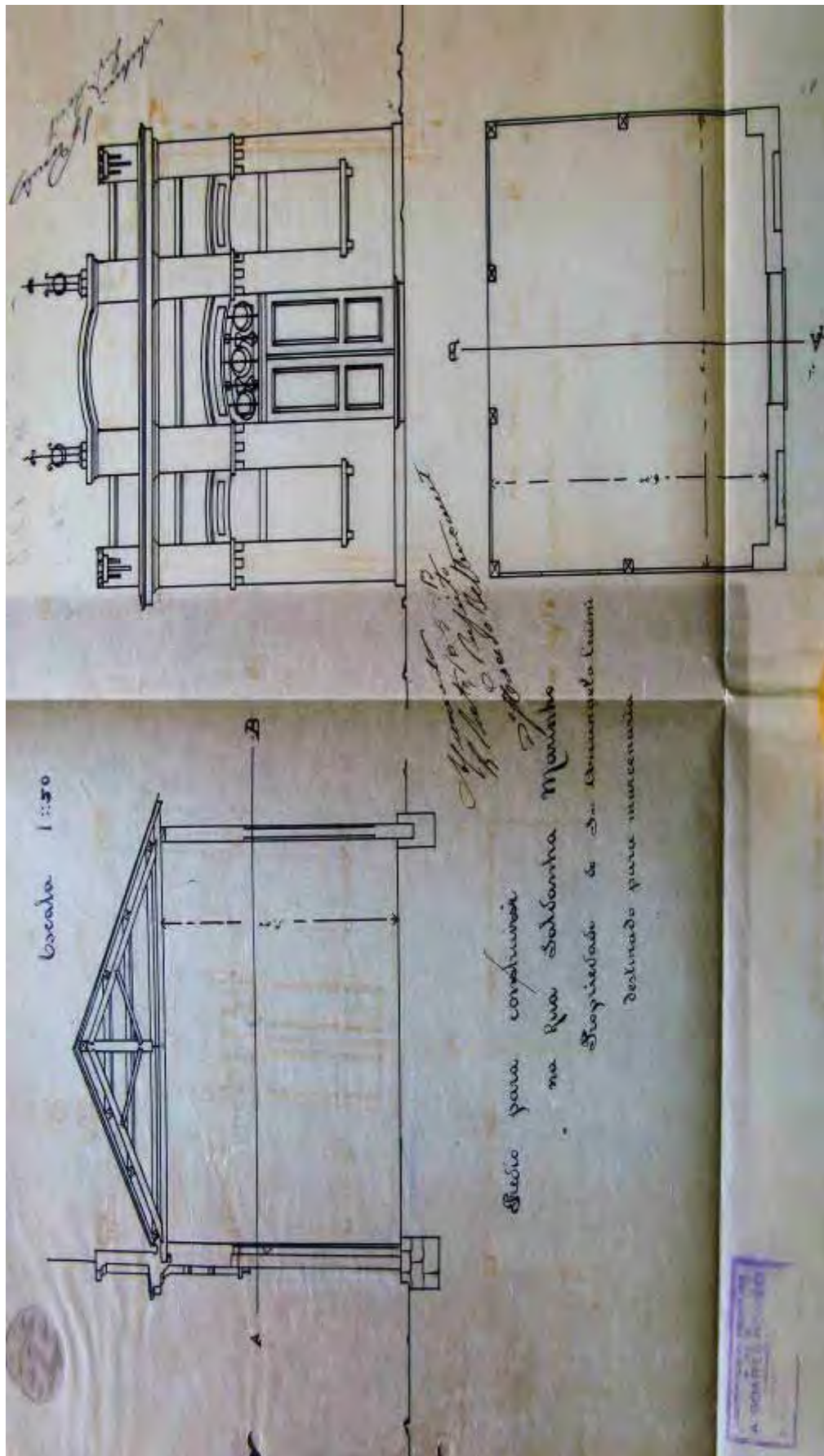
Planta 7 – Proprietário Francisco K. Engenheiro Antônio Soares Romão. Aprovação de Planta + Construção / Residencial. Projeto de uma residência situada na rua São Paulo, s/n, prolongamento da rua do Comércio, Vila Martinico Prado – Aprovado em 24 de abril de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 102.



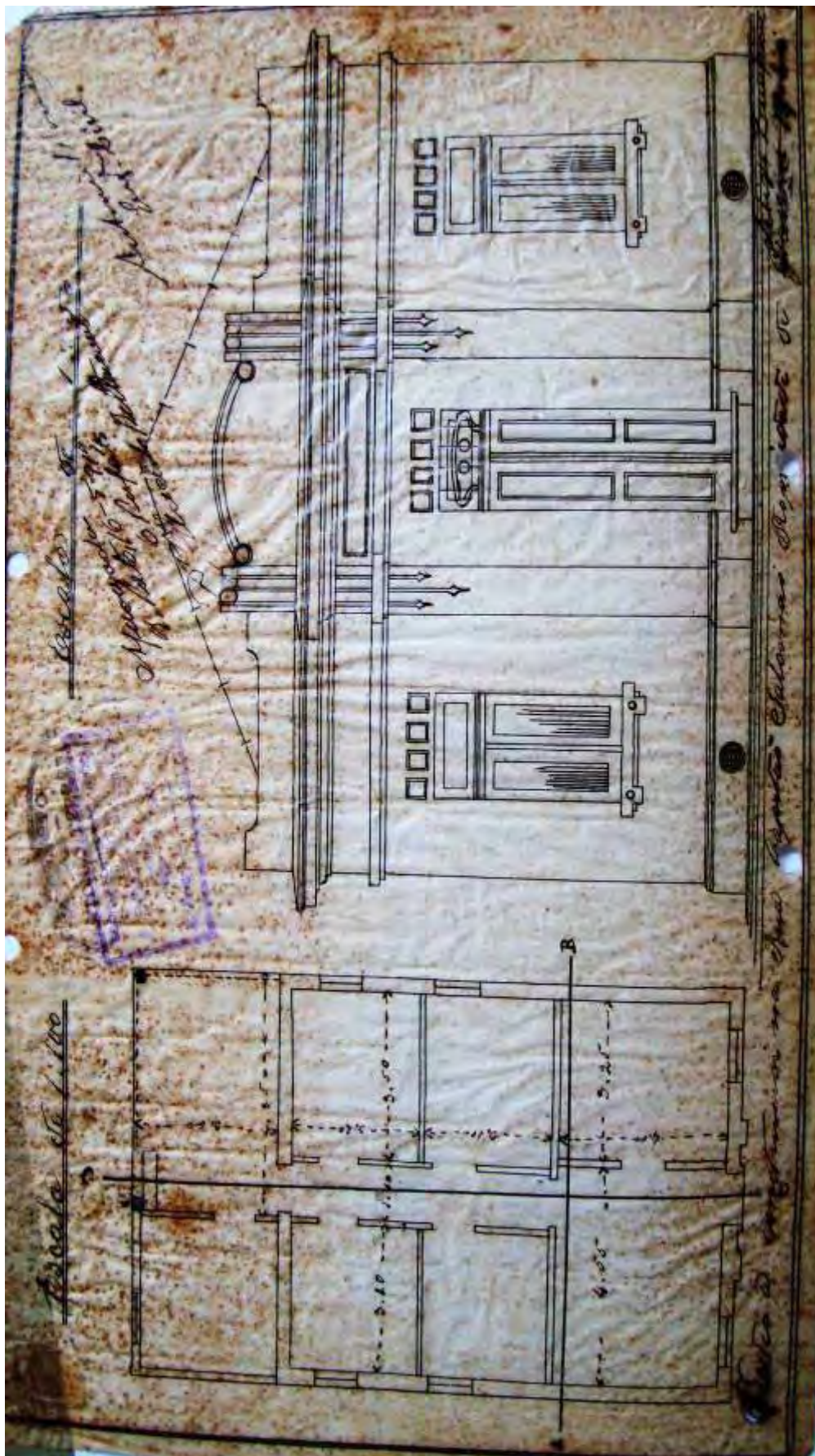
Planta 8 – Proprietário Santo Lania Irmãos. Engenheiro Antônio Soares Romão. Aprovação de Planta + Construção / Residencial. Projeto de duas residências – Aprovado em 30 de maio de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Pintura em aquarela na planta baixa e nos cortes – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 111.



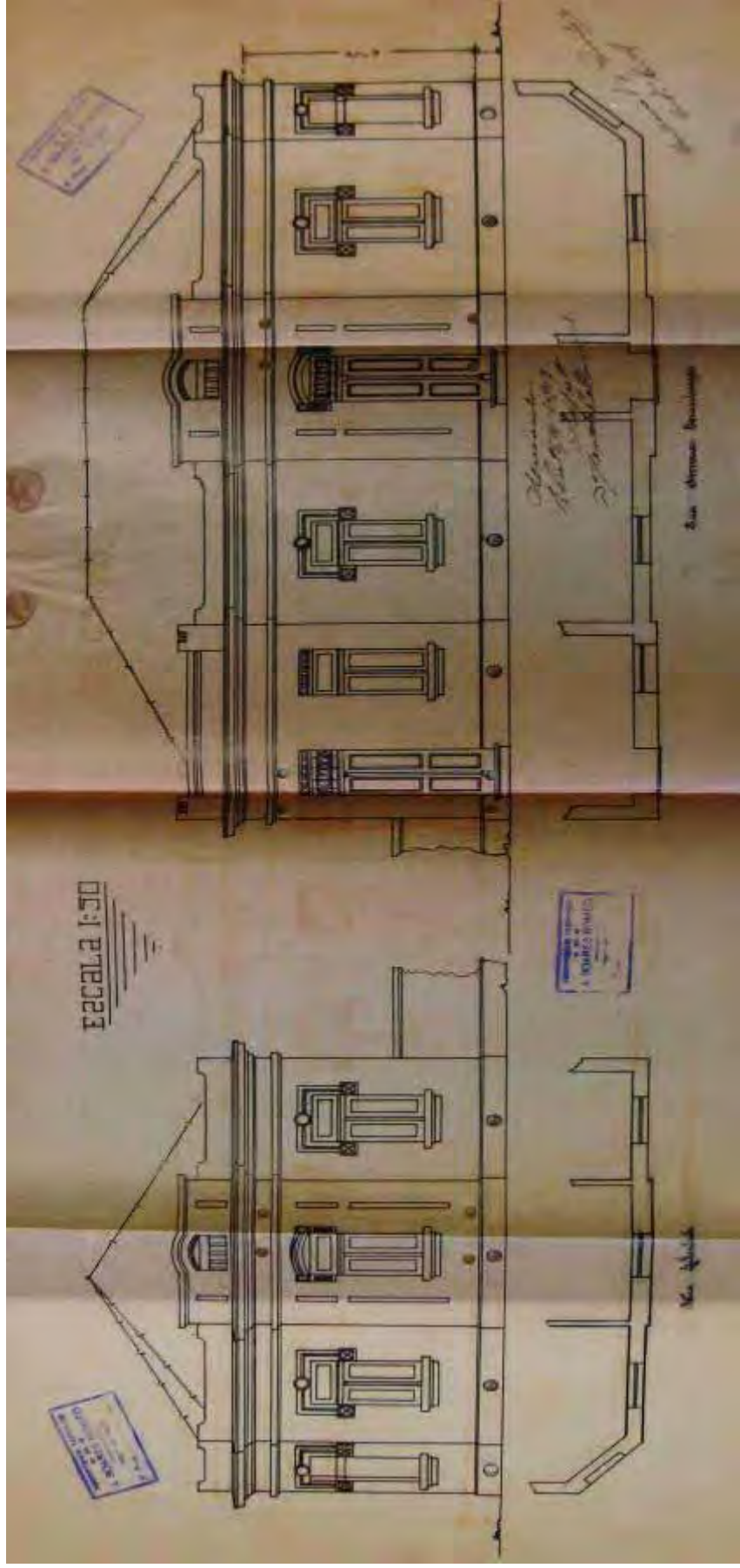
Planta 9 – Proprietário Andrea Cantania. Engenheiro Antônio Soares Romão. Aprovação de Planta + Construção / Residencial. Projeto de uma residência situada na rua Rio de Janeiro – Aprovado em 24 de maio de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Grupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 118.



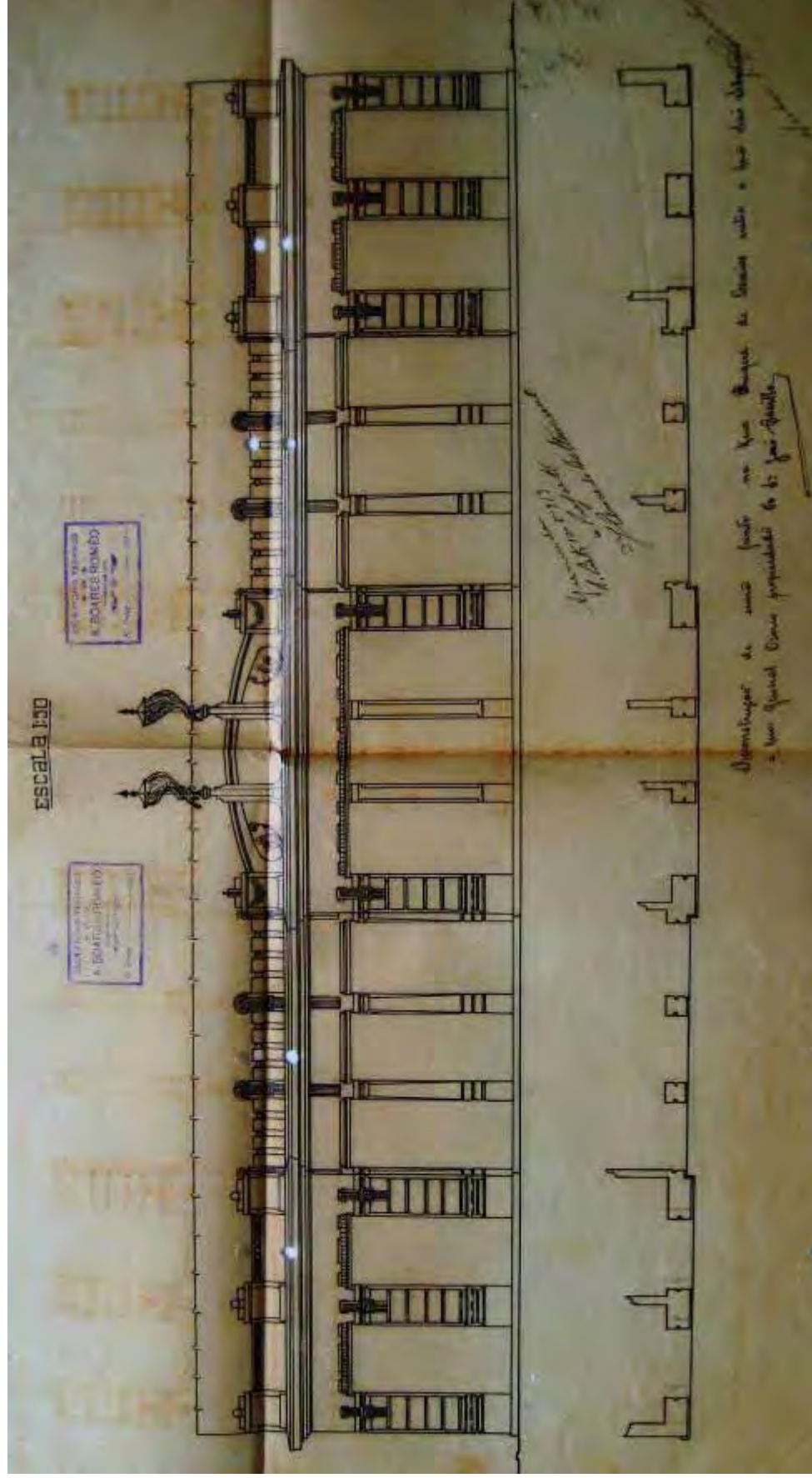
Planta 10 – Proprietário Arcângelo Cecconi. Engenheiro Antônio Soares Roméo. Aprovação de Planta + Construção / Industrial. Projeto de uma marcenaria situada na rua Saldanha Maranhão – Aprovado em 16 de maio de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 123.



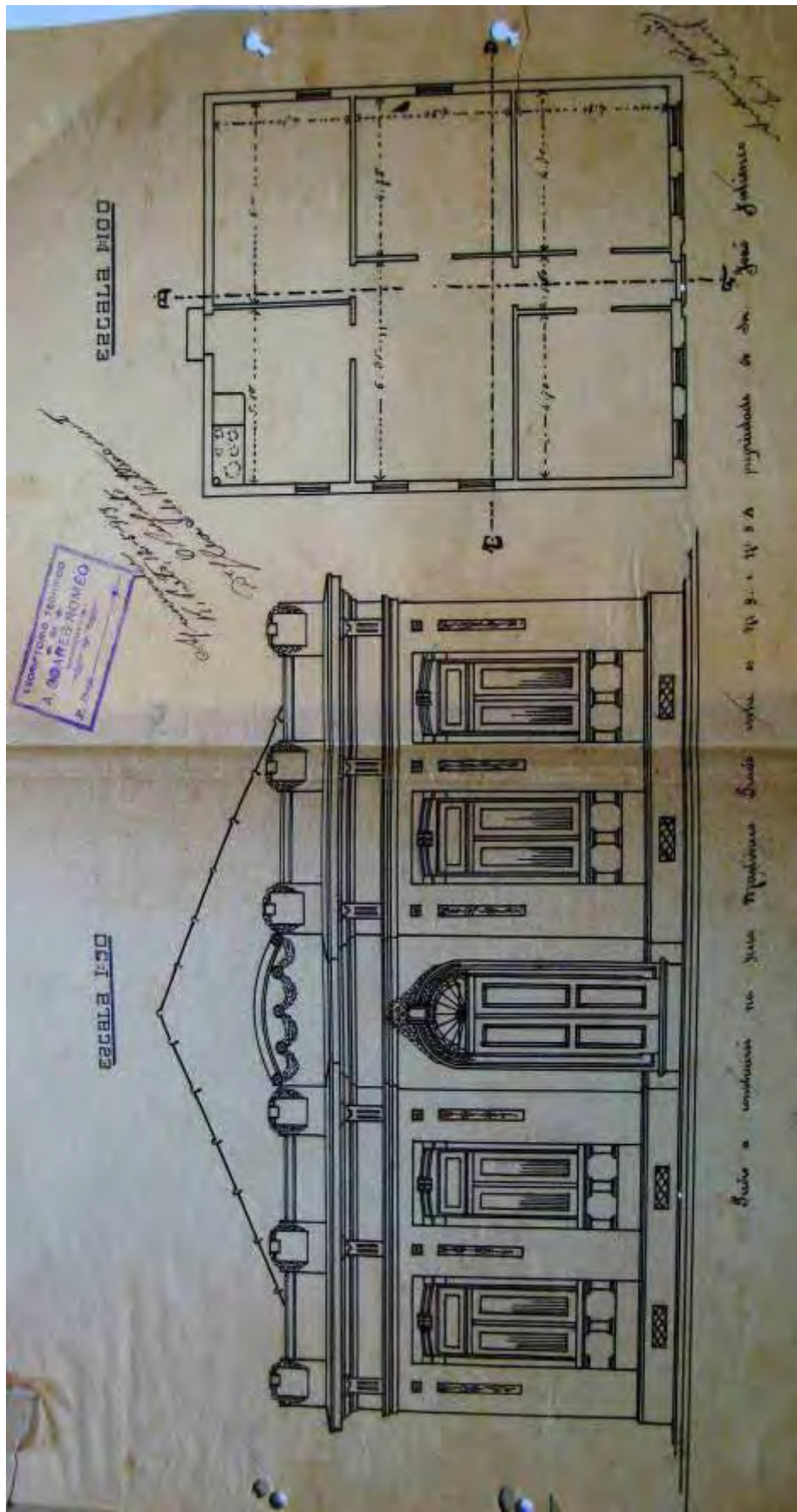
Planta 11 – Proprietário Letício Zamproni. Engenheiro Antônio Soares Romão. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de uma residência situada na rua Capitão Salomão – Aprovado em 16 de maio de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 125.



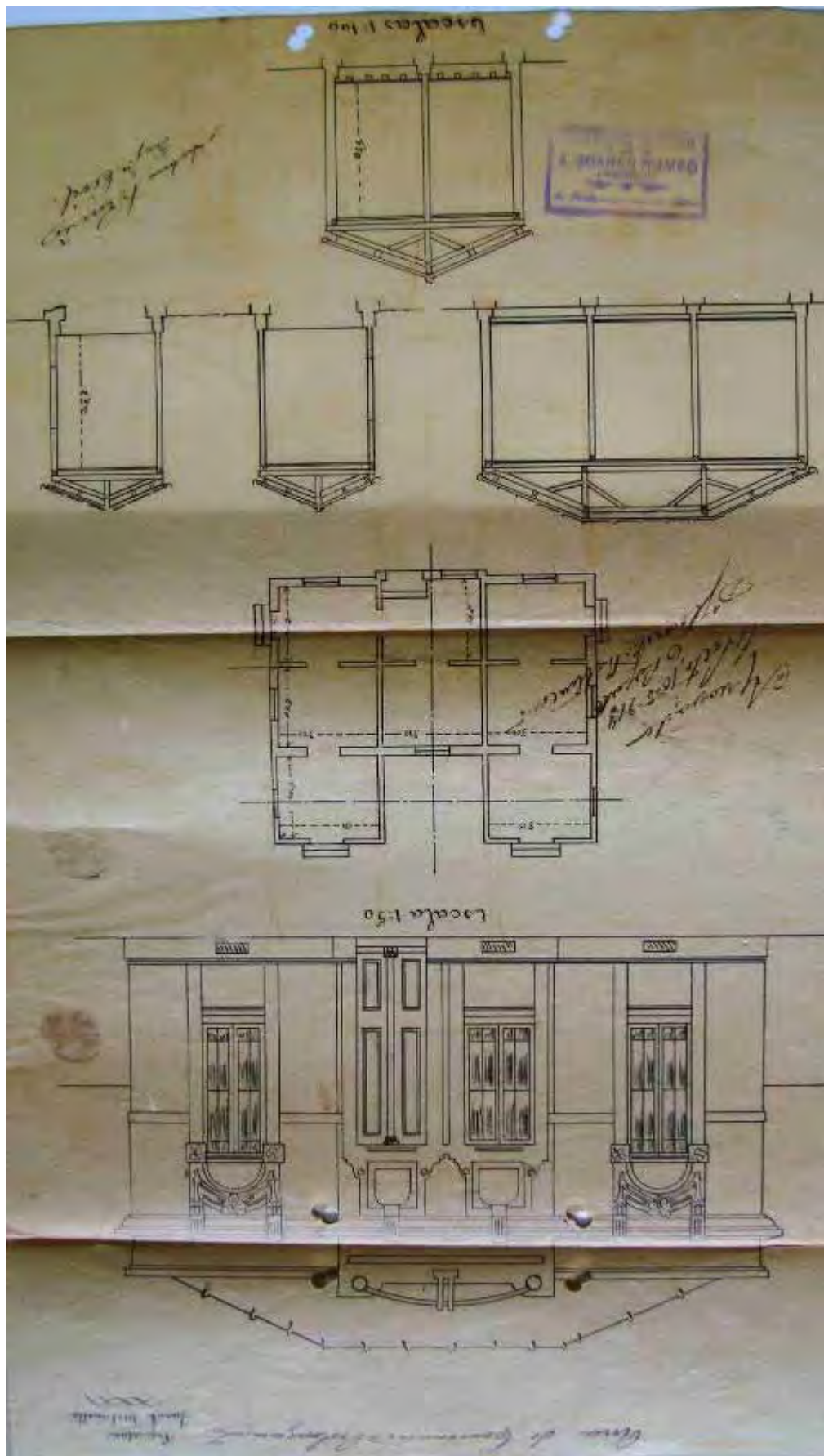
Planta 12 – Engenheiro Antônio Soares Romão. Aprovação de Planta + Construção / Residencial. Projeto de duas fachadas situada uma na rua Liberdade e outra na rua Américo Brasileiro – Aprovado em 16 de maio de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 126



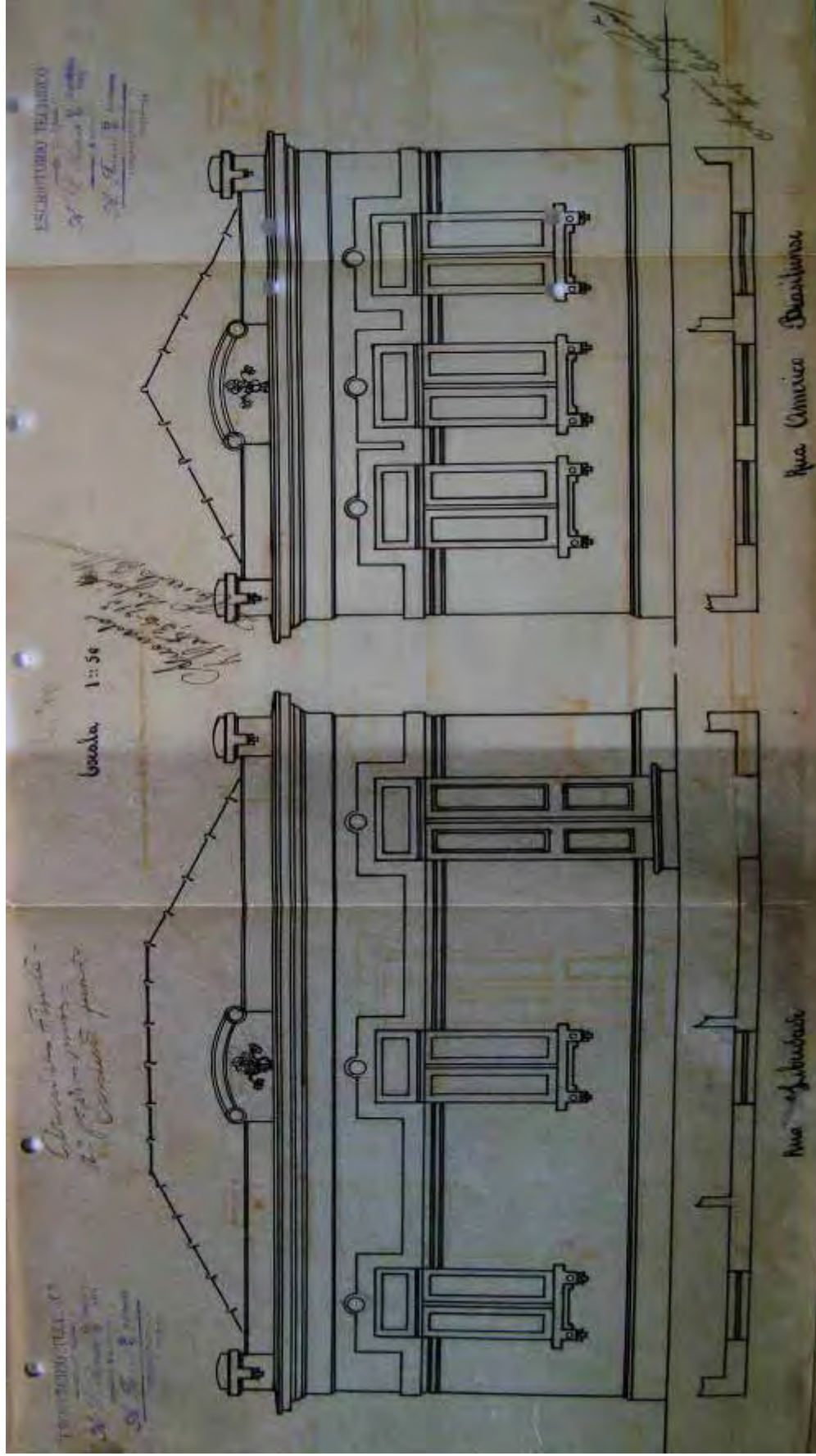
Planta 13 – Proprietário João Cossetto. Engenheiro Antônio Soares Romão. Aprovação de Planta + Construção / Residencial. Projeto de uma fachada situada na rua Duque de Caxias entre as ruas São Sebastião e General Osório – Aprovado em 10 de maio de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 127



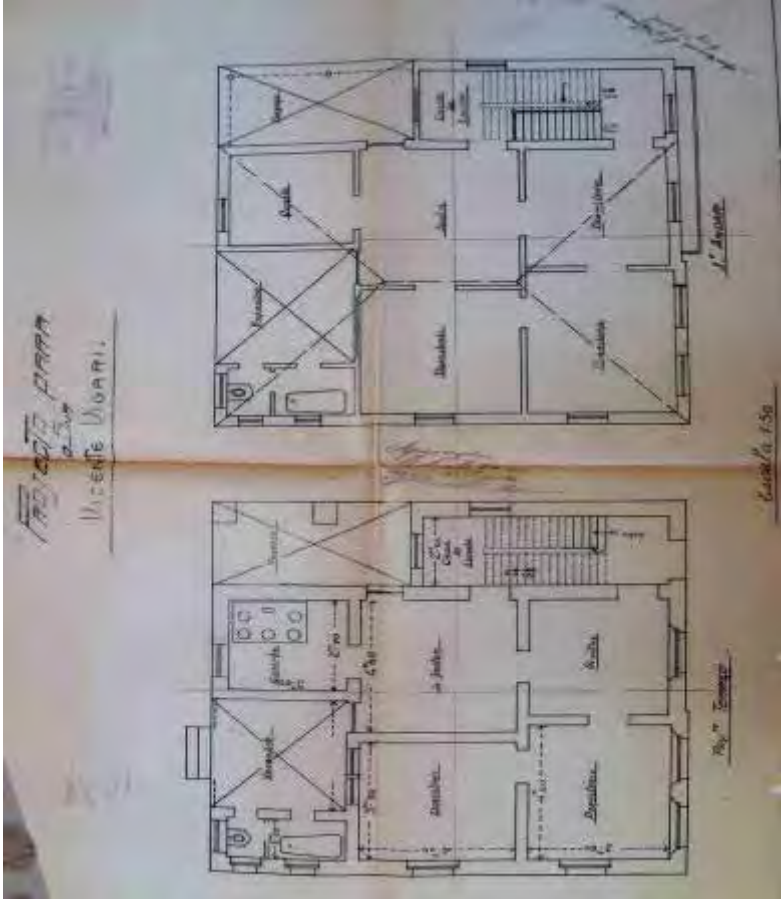
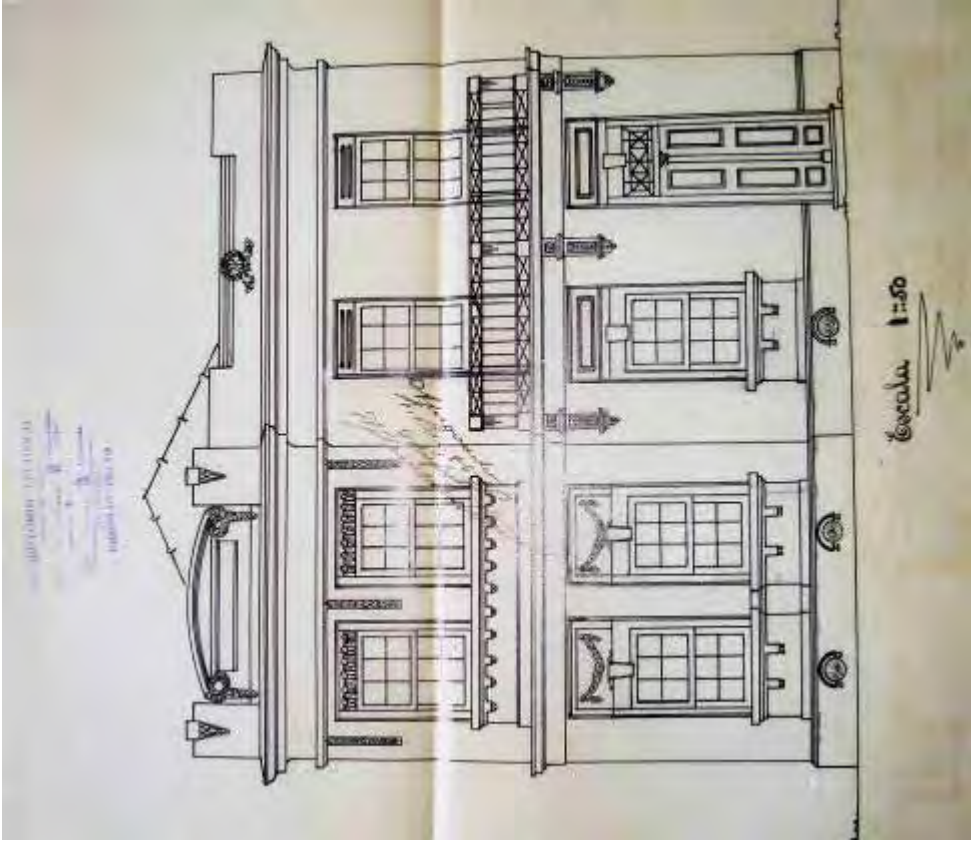
Planta 14 – Proprietário João Gulienes. Engenheiro Antônio Soares Romão. Aprovação de Planta + Construção / Residencial. Projeto de uma residência situada na rua Martinico Prado entre os nº09 e 09A – Aprovado em 12 de maio de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 128.



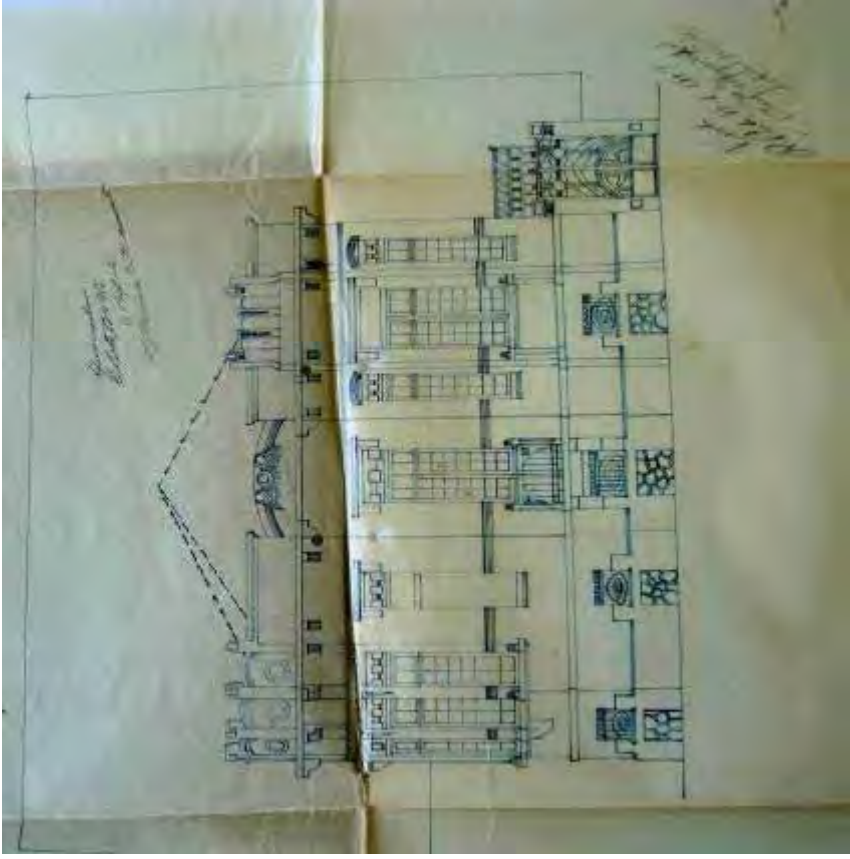
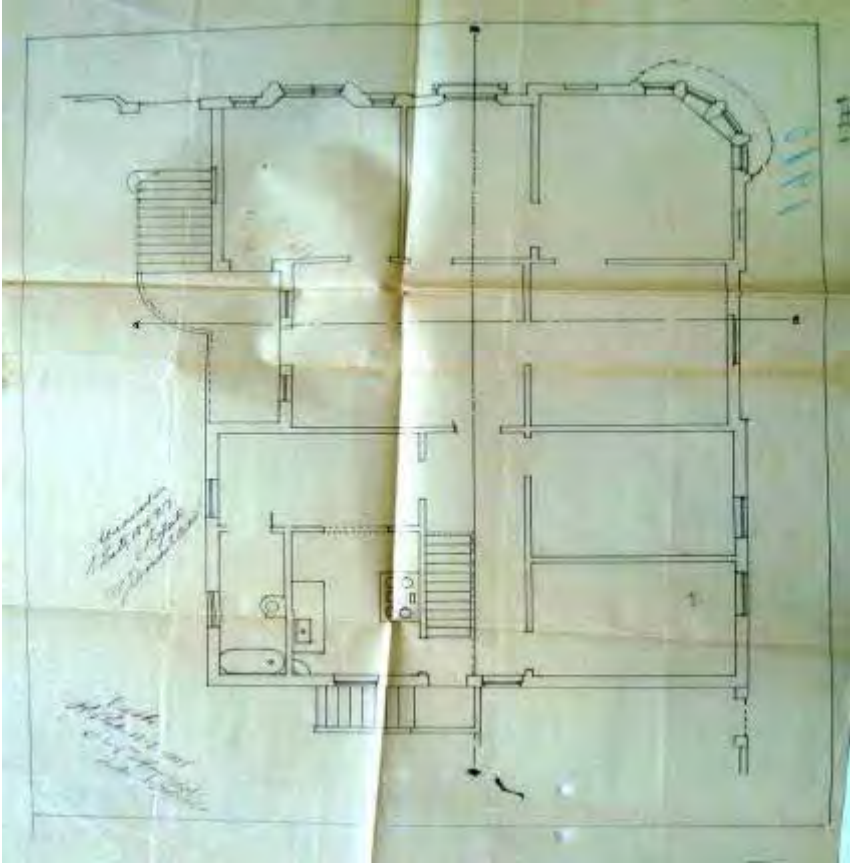
Planta 15 – Proprietário Jacob Furlamento. Engenheiro Antônio Soares Romão. Aprovação de Planta + Construção / Residencial. Projeto de duas residências situadas na rua do Comércio (prolongamento) – Aprovado em 10 de maio de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 129.



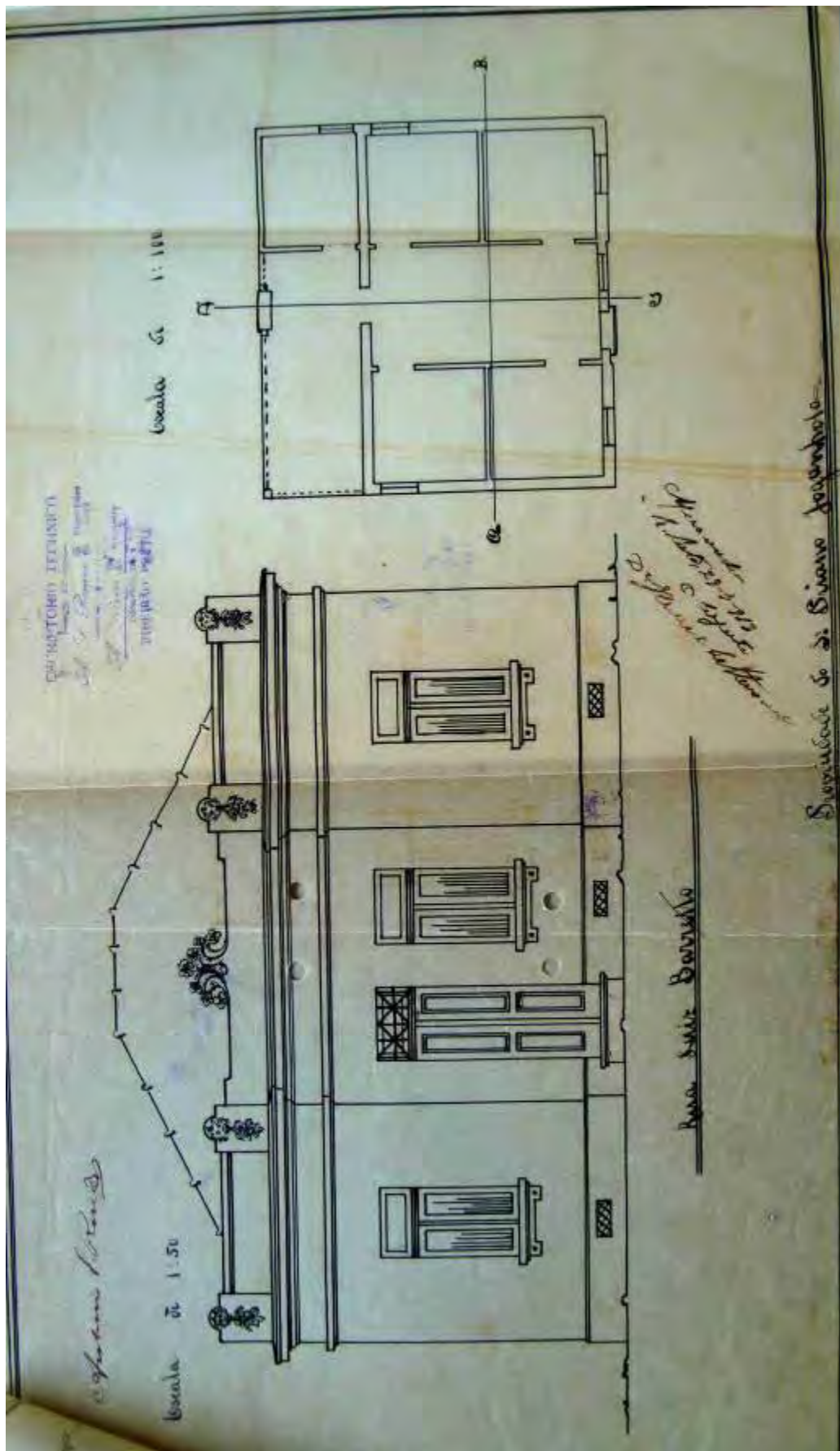
Planta 16 – Proprietários H.J. das Dolores Moraes, Cinurto Aprobato e Aristides Finoti. Engenheiro Antônio Soares Romeo e o Arquiteto Antônio Terrieri. Aprovação de Planta + Construção / Residencial. Projeto de duas fachadas situadas uma na rua Liberdade e outra na rua Américo Brasileiro – Aprovado em 03 de junho de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 139.



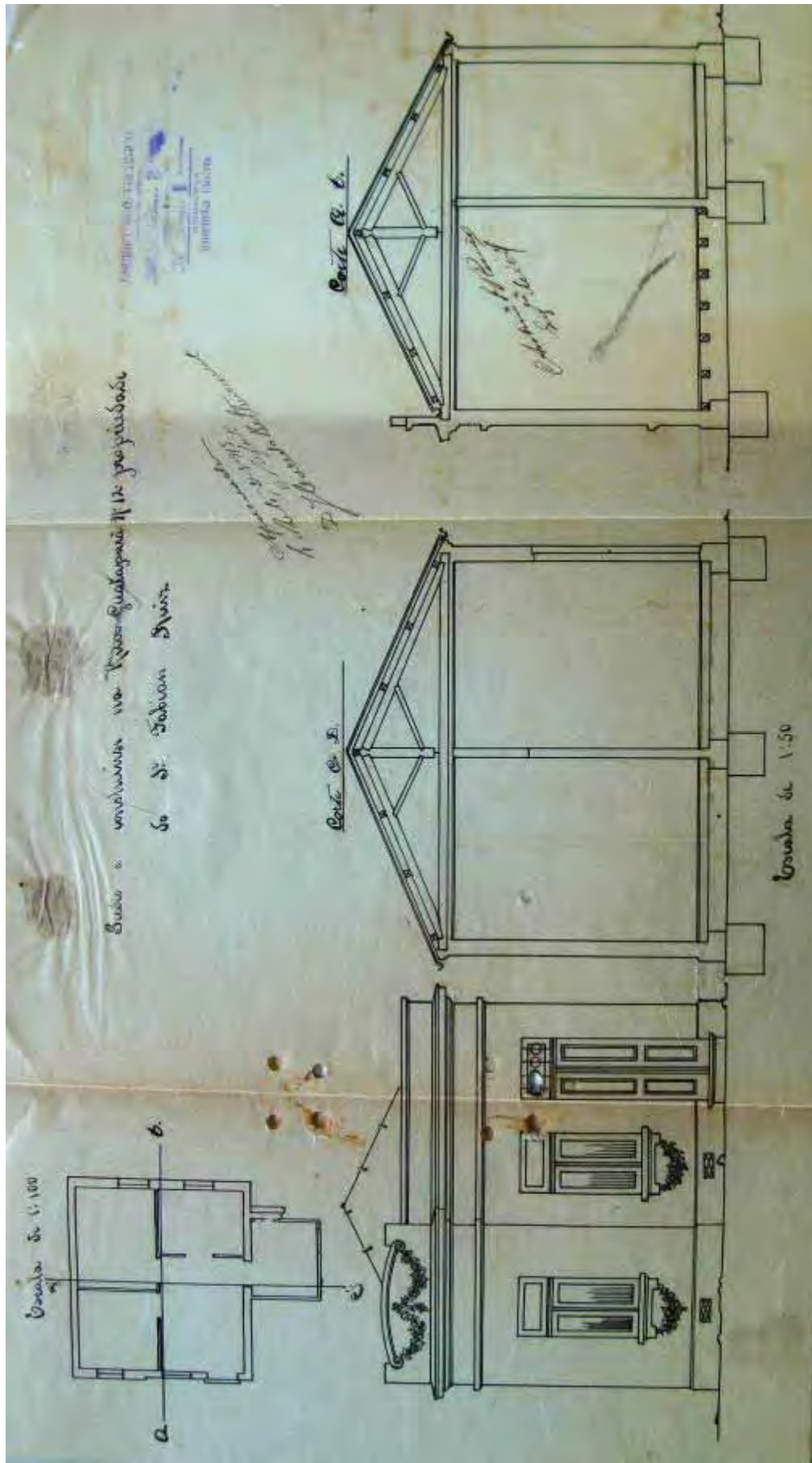
Planta 17 e 18 – Proprietário Vicente Vigari. Engenheiro Antônio Soares Romeo e Arquiteto Antônio Terreri. Aprovação de Planta + Construção / Residencial. Projeto de uma residência de dois andares – Aprovado em 8 de junho de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 140.



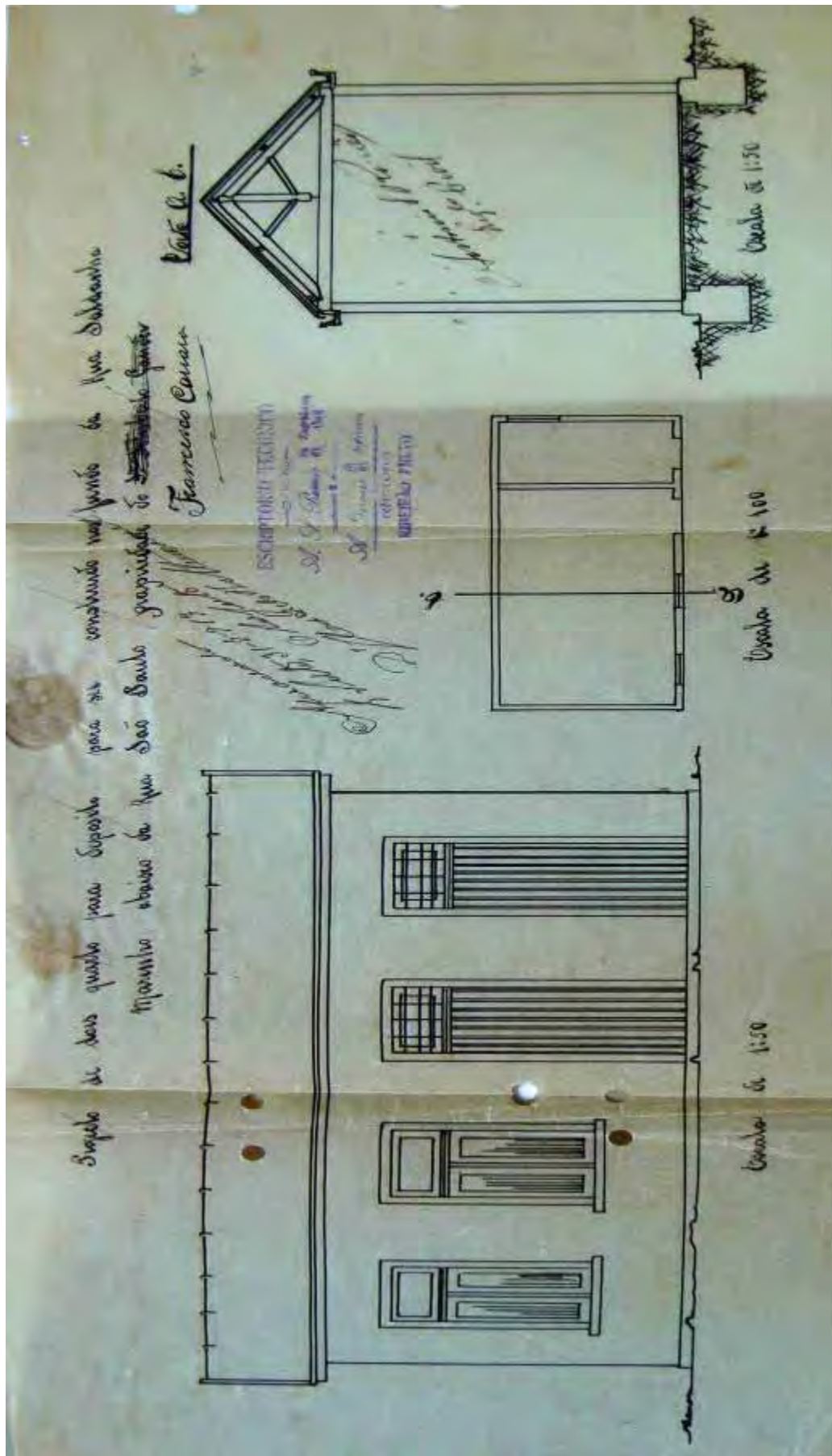
Planta 19 e 20 – Engenheiro Antônio Soares Romeo e Arquiteto Antônio Terrieri. Aprovação de Planta + Construção / Residencial. Projeto de uma residência – Aprovado em 13 de junho de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 143.



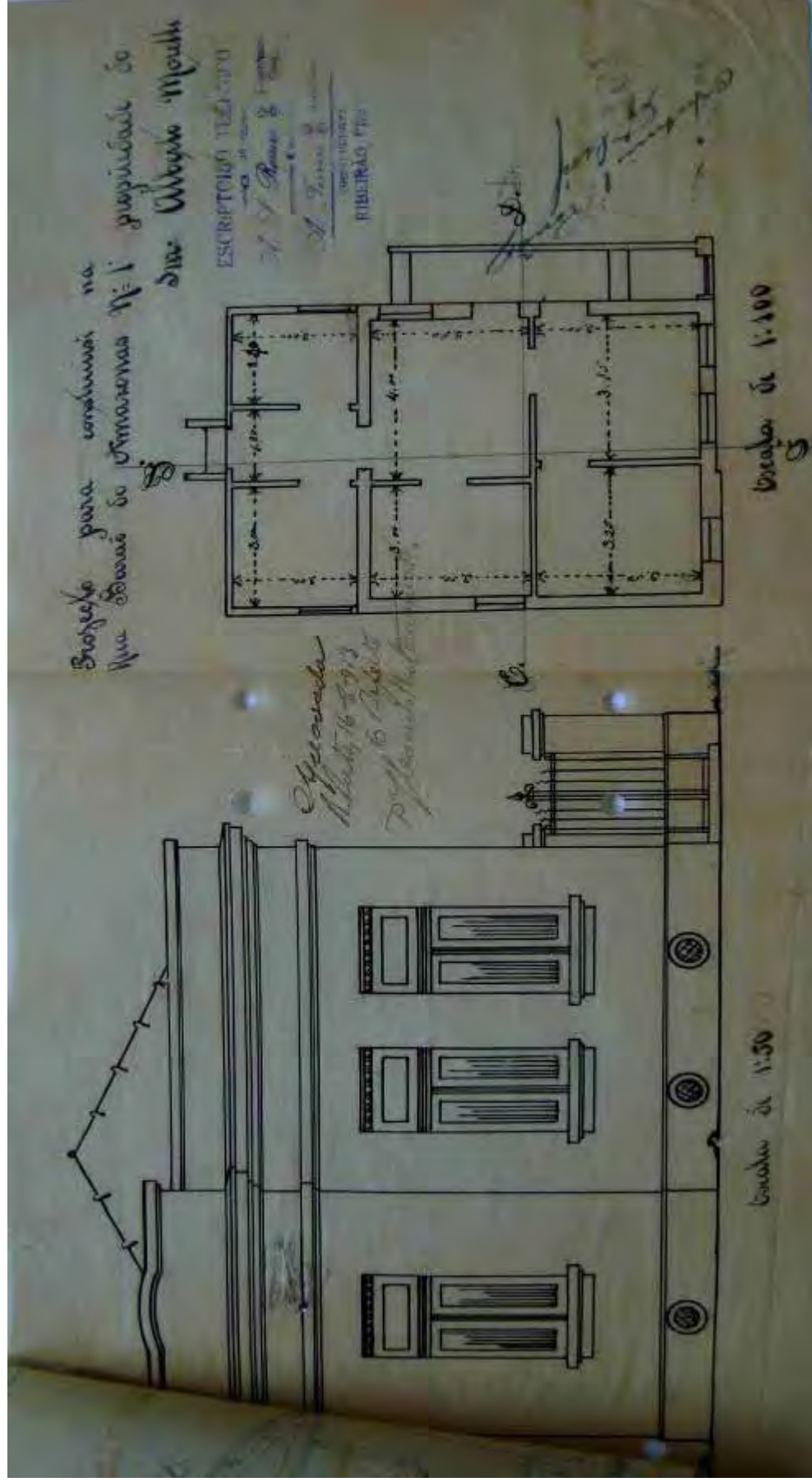
Planta 21 – Proprietário Primo Fogueirolo. Engenheiro Antônio Soares Romeo e Arquiteto Antônio Terreri. Aprovação de Planta + Construção. Projeto sem tipologia de uso situado na rua Luiz Barreto – Aprovado em 29 de julho de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 163.



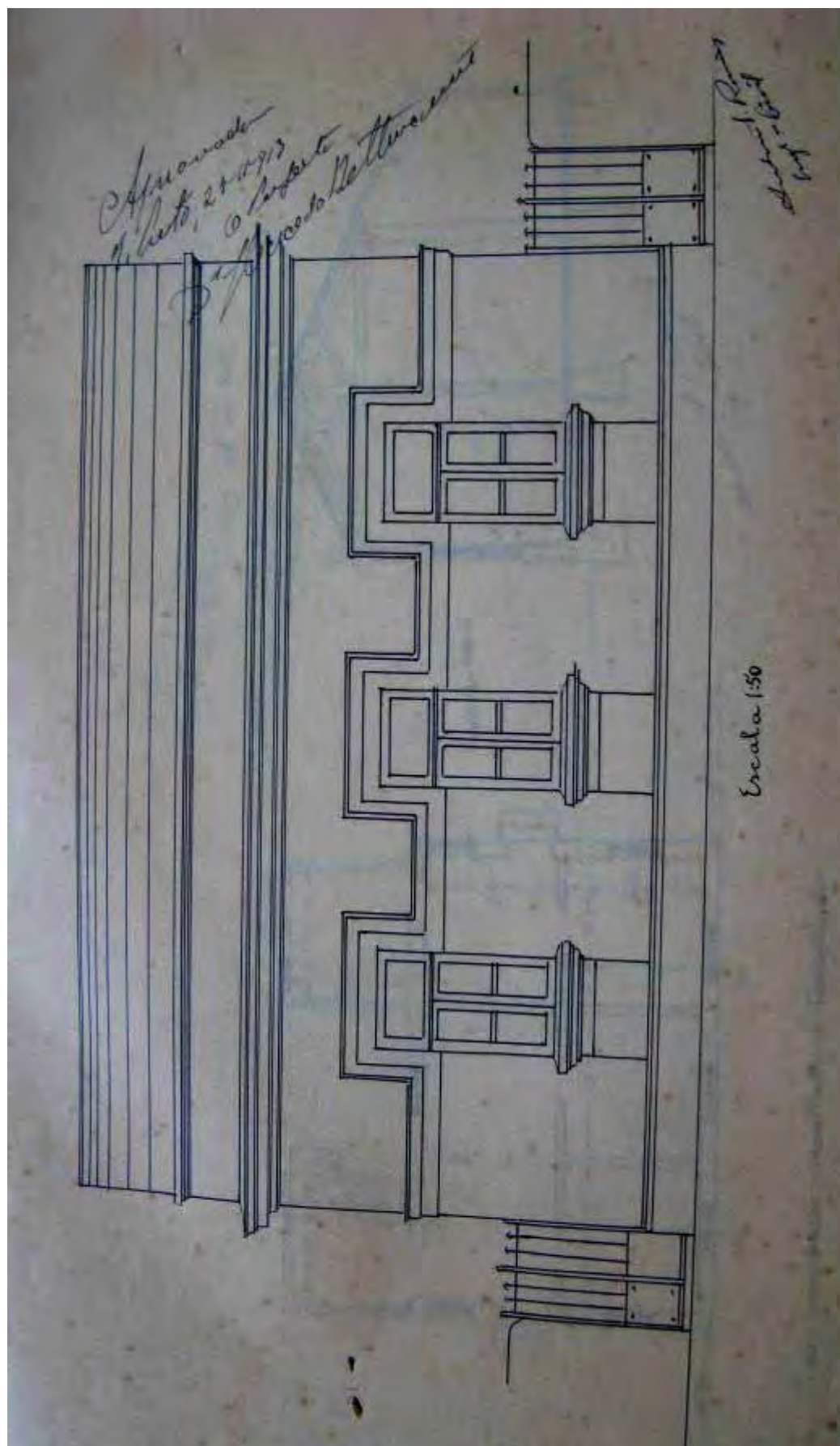
Planta 22 – Proprietário Fabian Ruiz. Engenheiro Antônio Soares Romeo e Arquiteto Antônio Terri. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de uma residência situada na rua Guataparã nº12 – Aprovado em 13 de julho de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Grupo: Prefeitura Municipal; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 164.



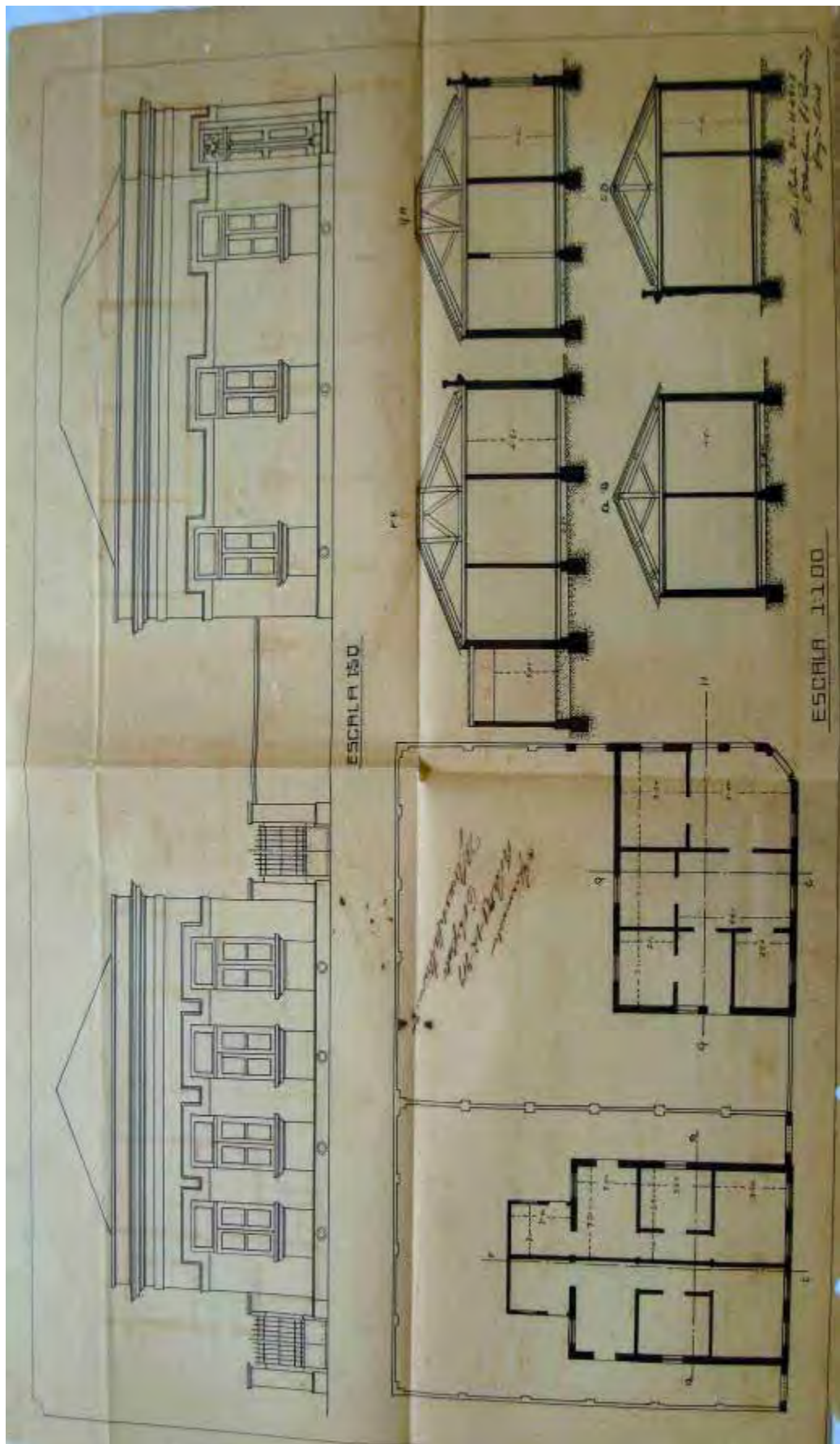
Planta 23 – Proprietário Francisco Carrara. Engenheiro Antônio Soares Romeo e Arquiteto Antônio Terrieri. Aprovação de Planta + Construção / Depósito. Projeto de um depósito na rua Saldanha Marinho abaixo da rua São Paulo – Aprovado em 31 de julho de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 165.



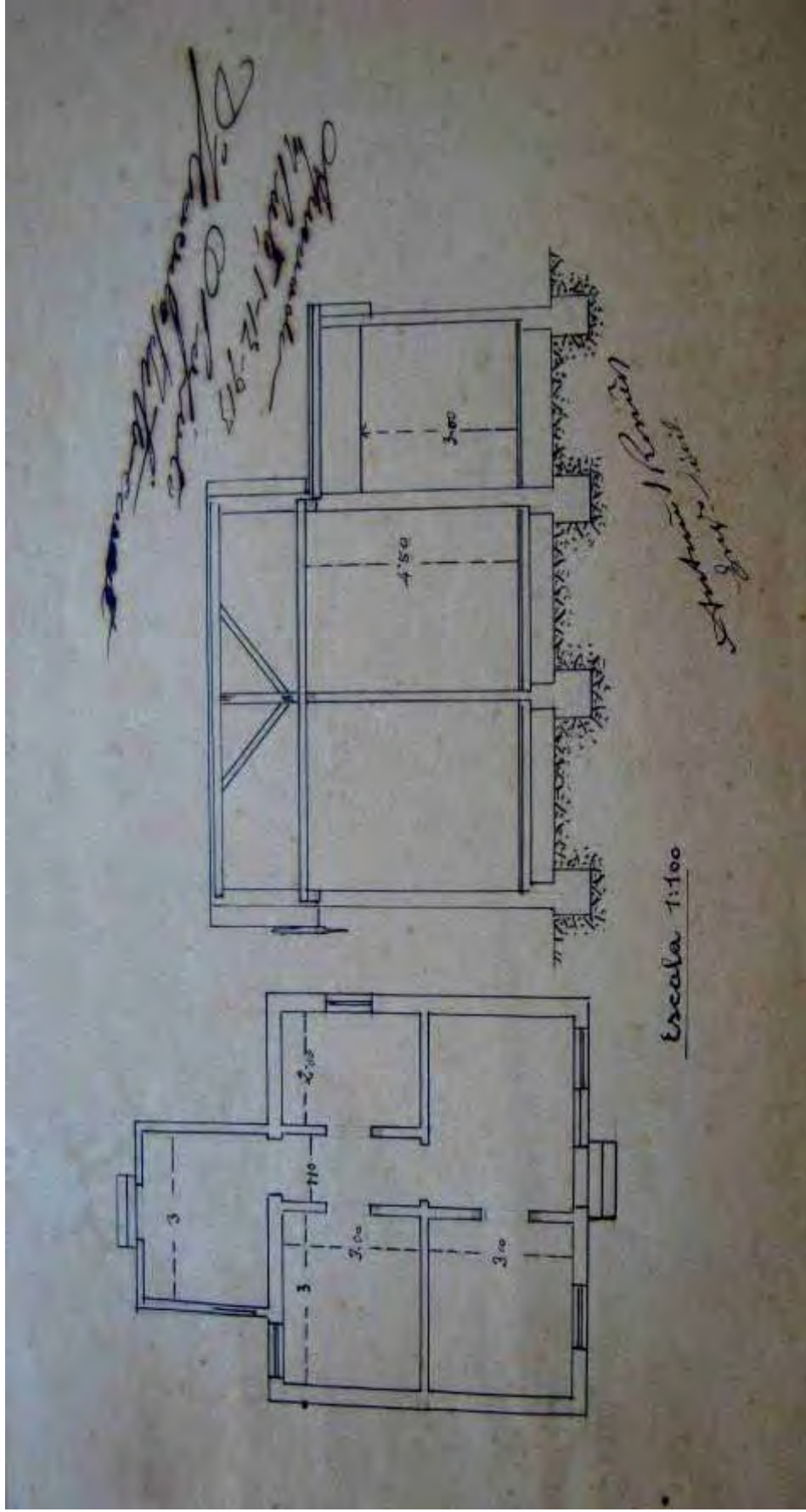
Planta 24 – Proprietário Alberto Morelli. Engenheiro Antônio Soares Romeo e Arquiteto Antônio Terrieri. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de uma residência situada na rua Barão do Amazonas nº01 – Aprovado em 16 de agosto de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 168.



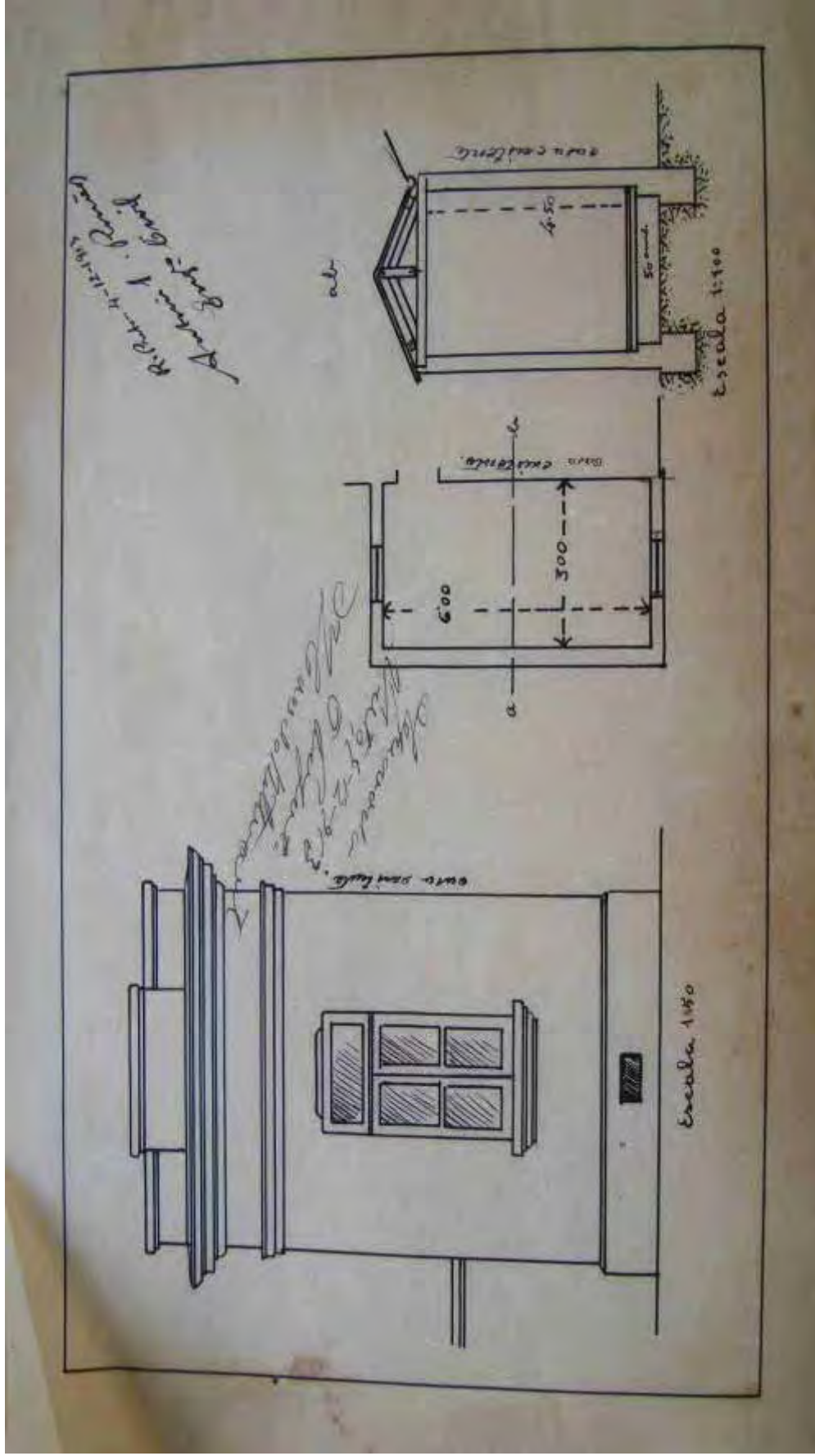
Planta 25 – Proprietário Osvaldo Rosalino. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de duas residências germinadas situadas na rua Minas, s/n – Aprovado em 27 de novembro de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 260.



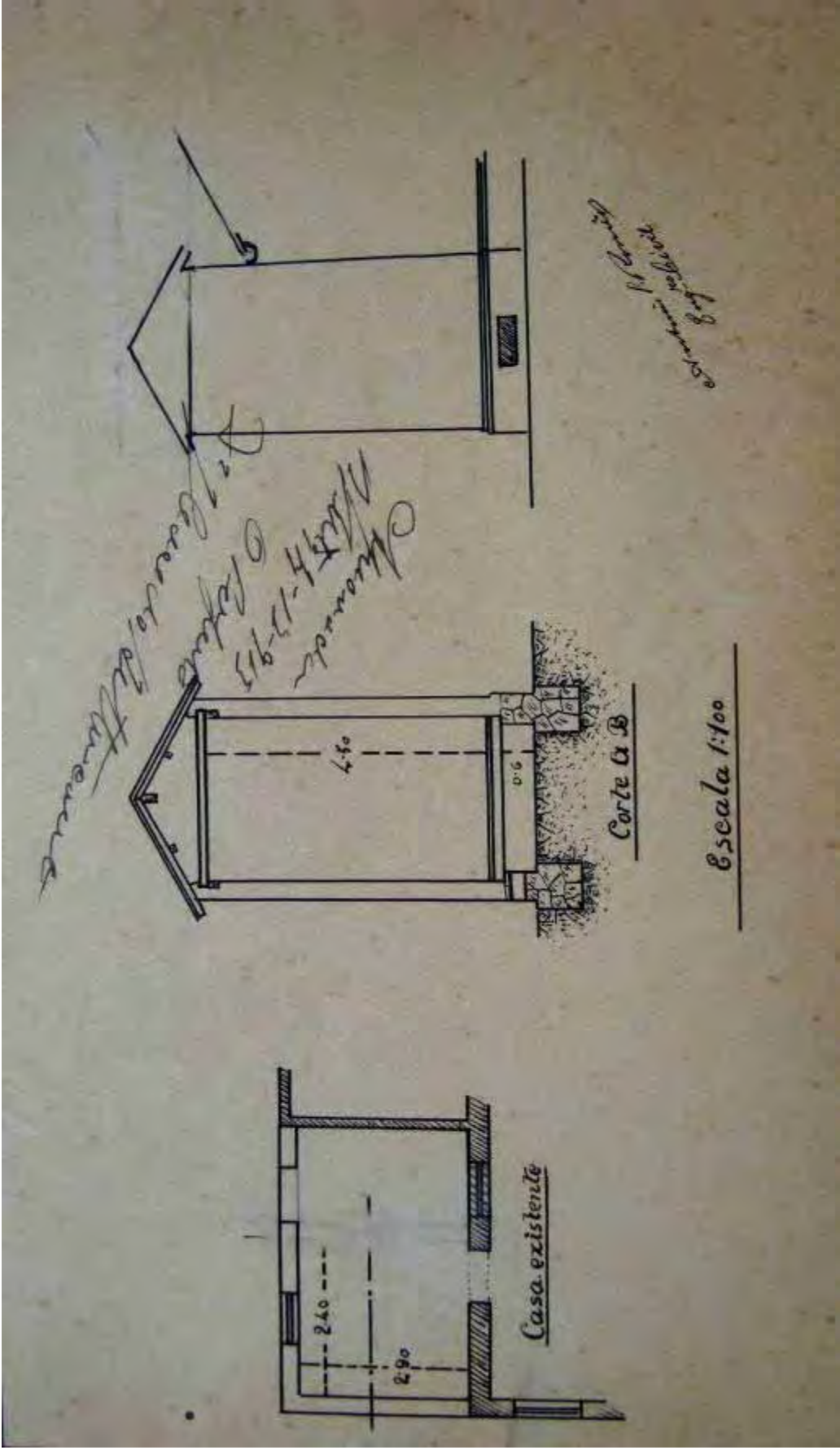
Planta 26 – Proprietário Antônio Papinelli. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de três residências situadas na rua Santos Dumont esquina com a rua Rodrigues Alves – Aprovado em 01 de dezembro de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 264.



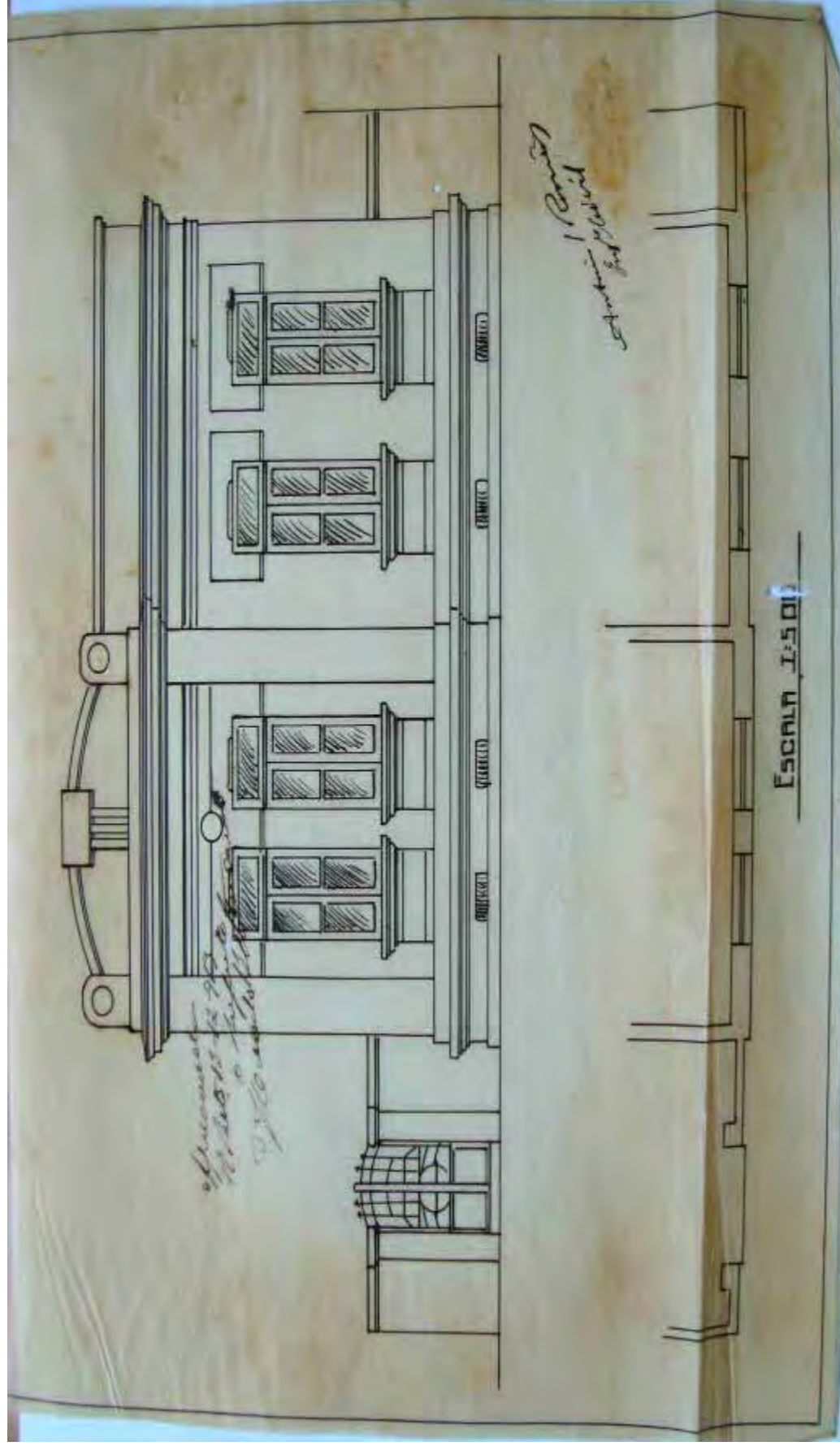
Planta 27 – Proprietário Joaquim Lopes. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de uma residência situada na rua Santa Cruz do Jacques – Aprovado em 01 de dezembro de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 265.



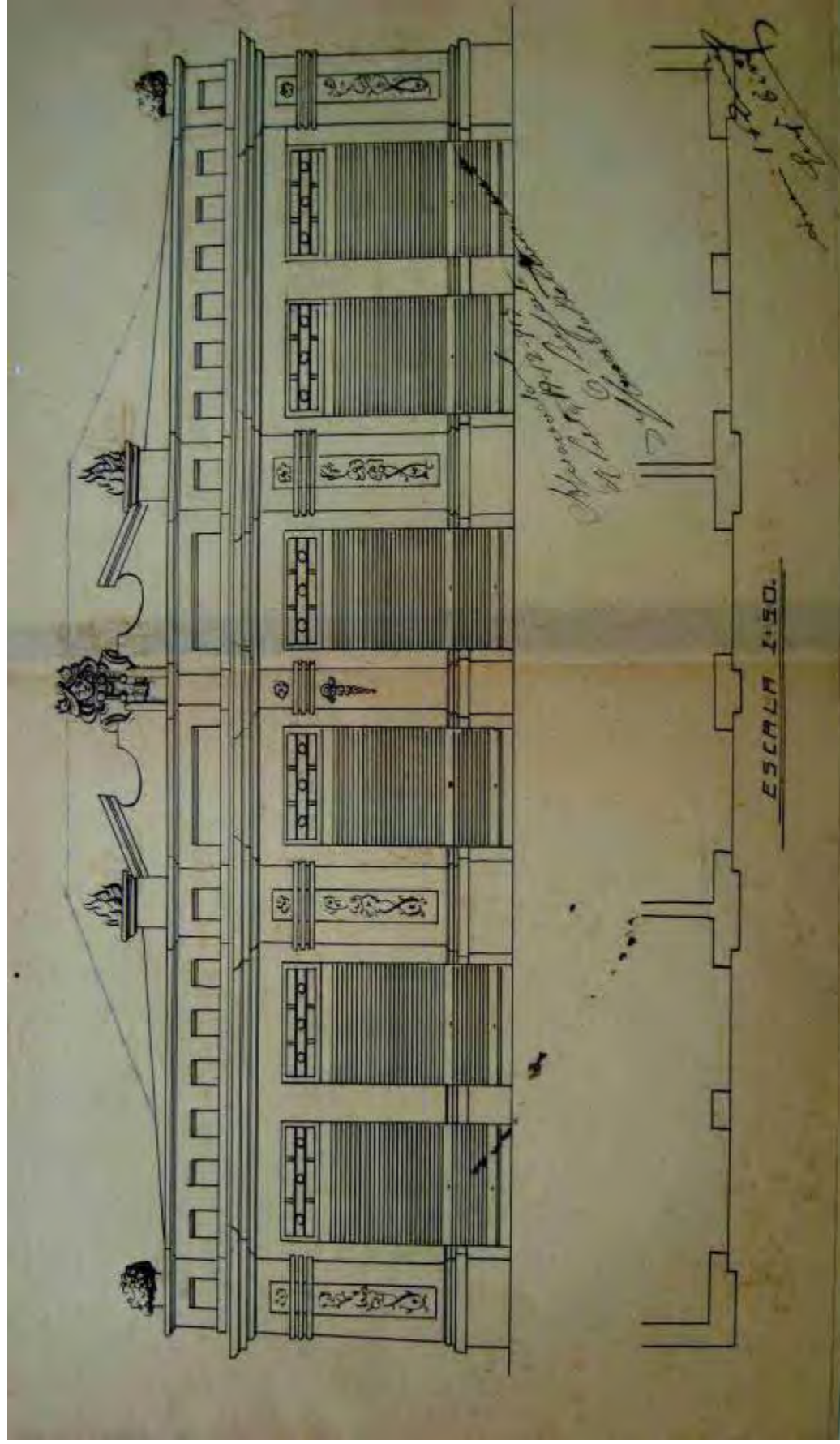
Planta 28 – Proprietário Antônio Bigini. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de um cômodo situado em uma residência na rua Prudente de Moraes, nº126 – Aprovado em 04 de dezembro de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 270.



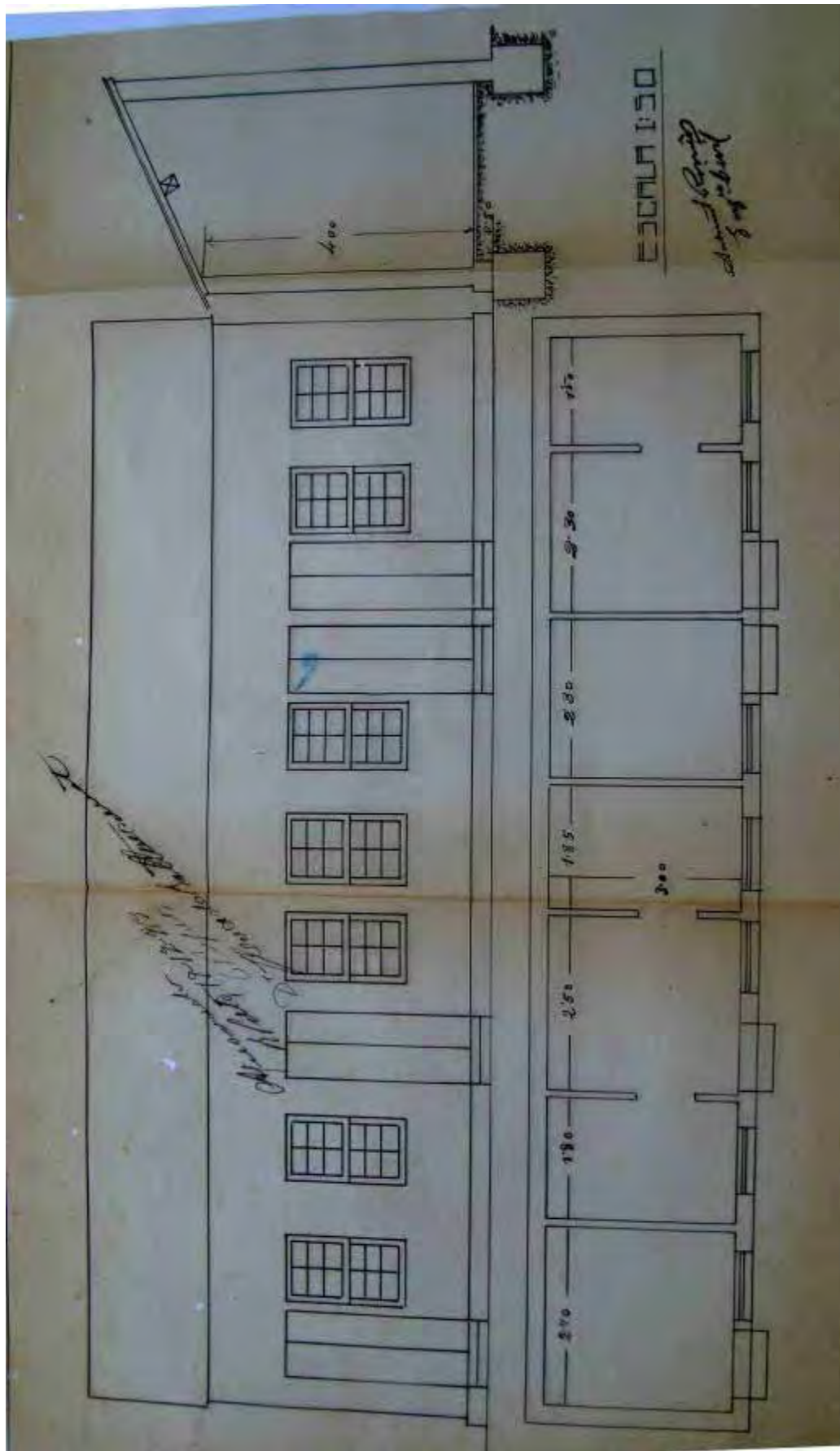
Planta 29 – Proprietário João de Jesus. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de um cômodo para ampliação situado em uma residência na rua Anita Garibaldi – Aprovado em 04 de dezembro de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 271.



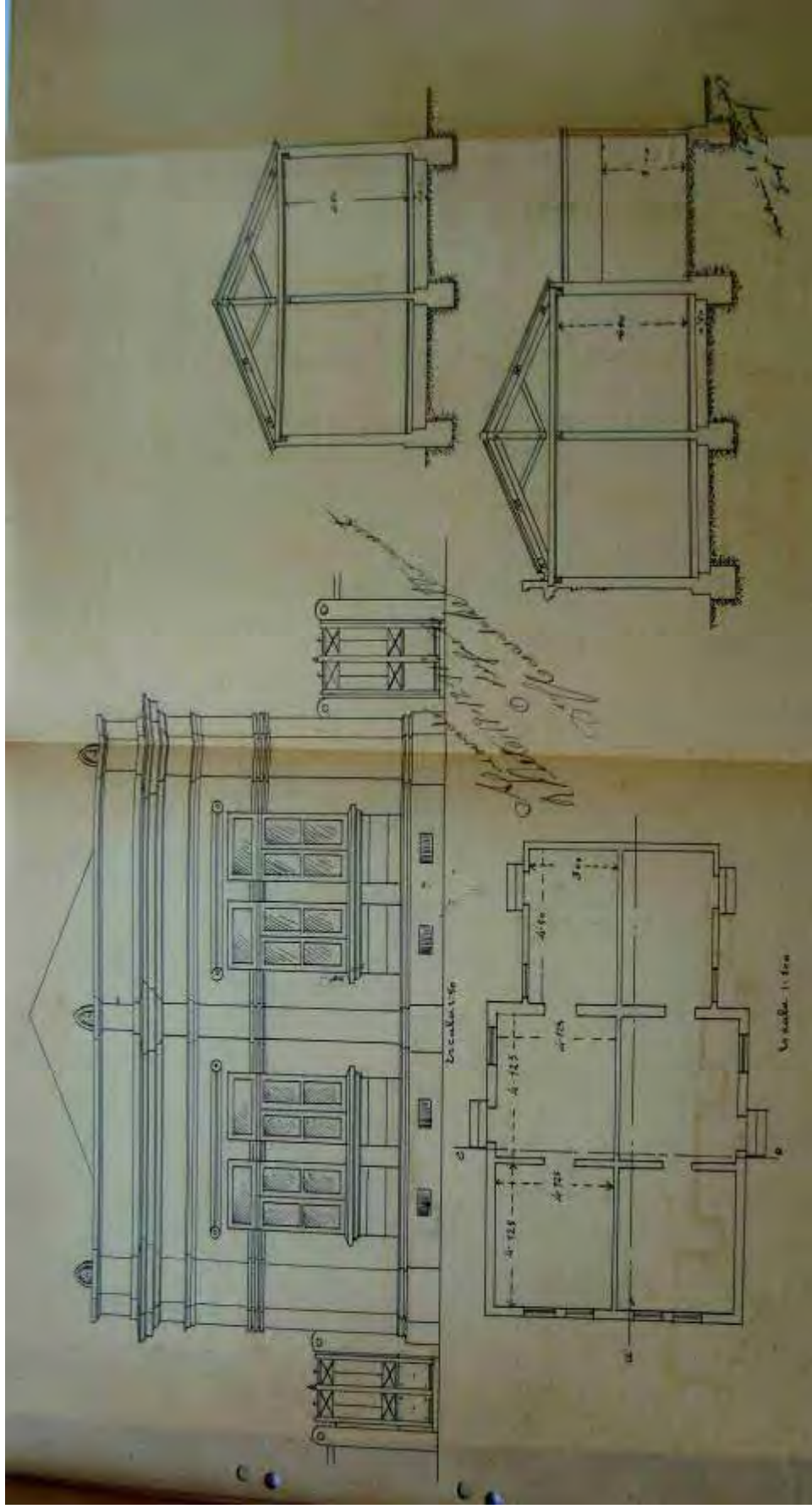
Planta 30 – Proprietário José Vendrusculo. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de uma fachada residência situado na rua Amador Bueno, nº110 – Aprovado em 13 de dezembro de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 283.



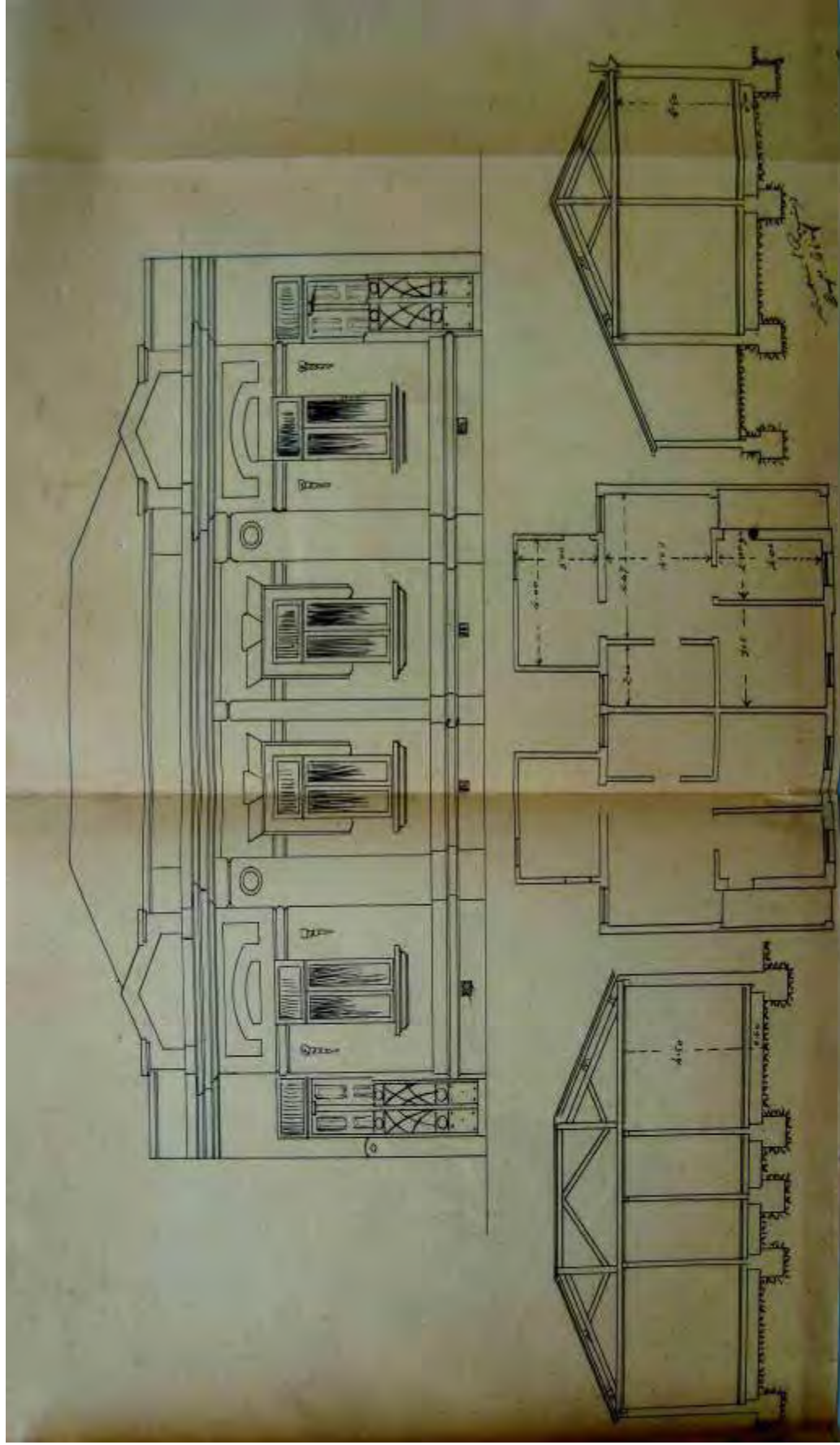
Planta 31 – Proprietário João D'Andrea. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Comércio. Projeto de uma fachada de um prédio comercial situado na rua Saldanha Marinho, nº59, 60 e 63 – Aprovado em 16 de dezembro de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 287.



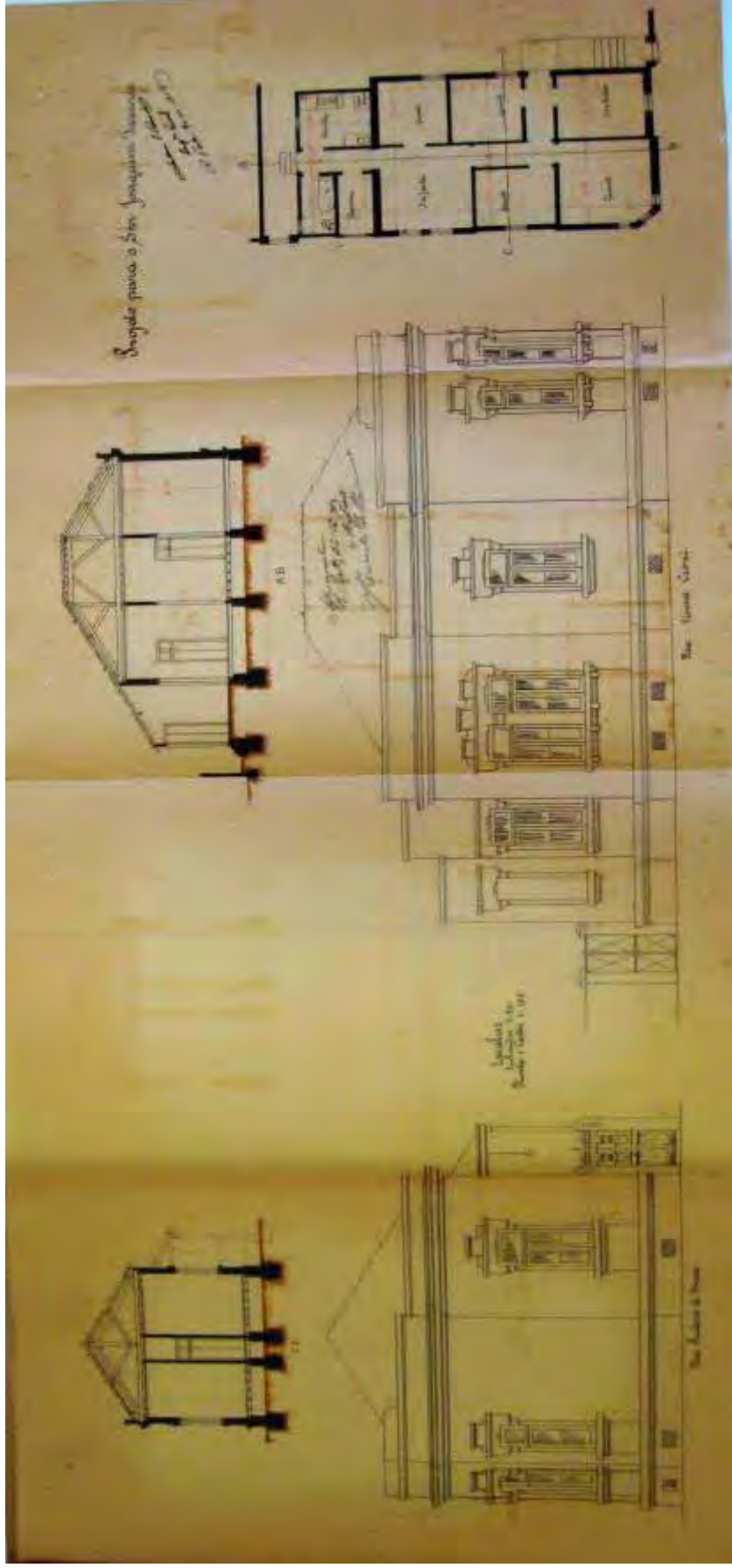
Planta 32 – Proprietário Antônio Labbanhaga. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Comércio. Projeto de um depósito no fundo do lote situado na rua Osvaldo Faria, nº18 – Aprovado em 19 de dezembro de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 288.



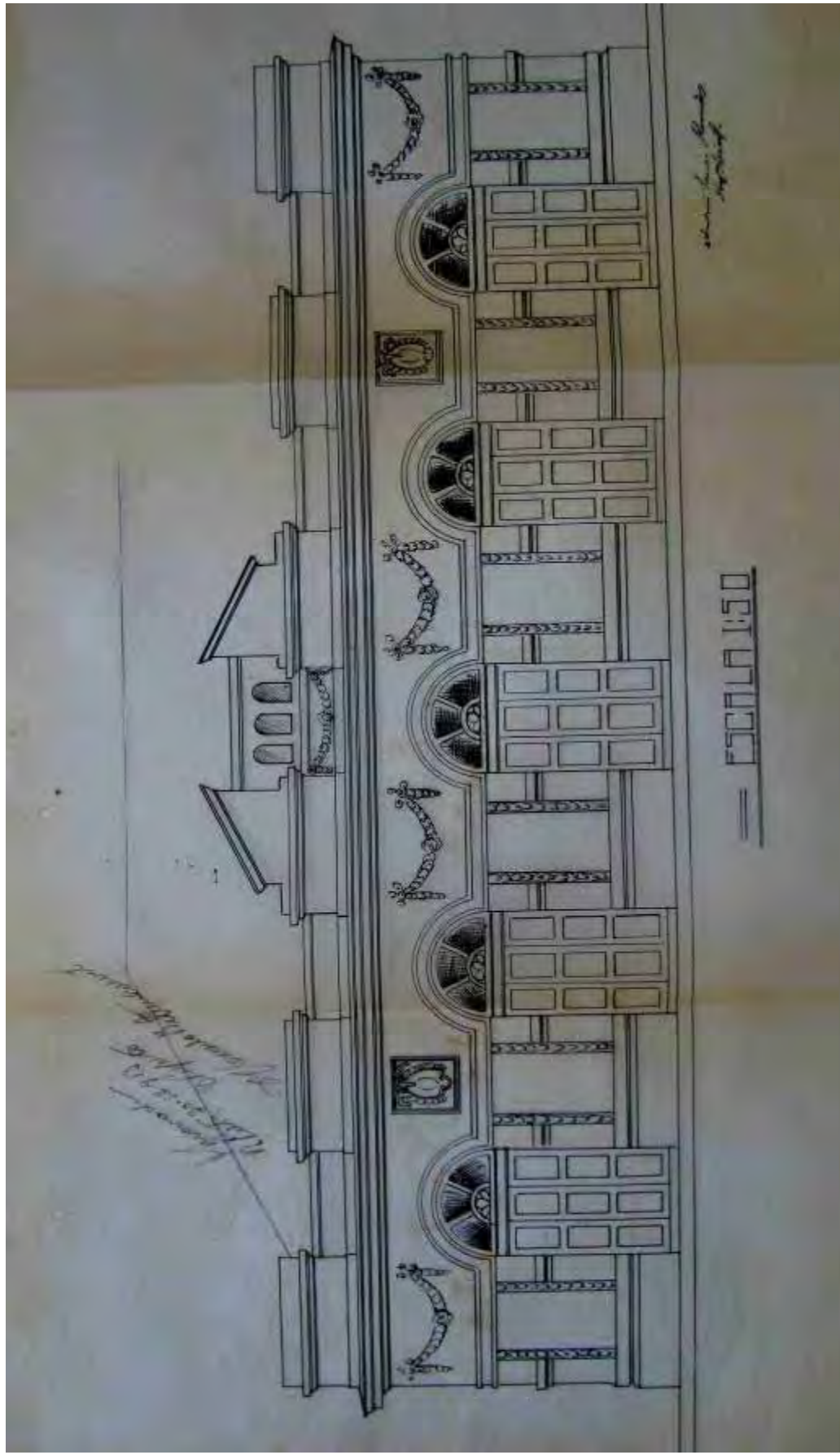
Planta 33 – Proprietário Francisco Crisci, Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de duas residências (germinadas) situadas na rua Coronel Luiz da Cunha – Aprovado em 19 de dezembro de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 289.



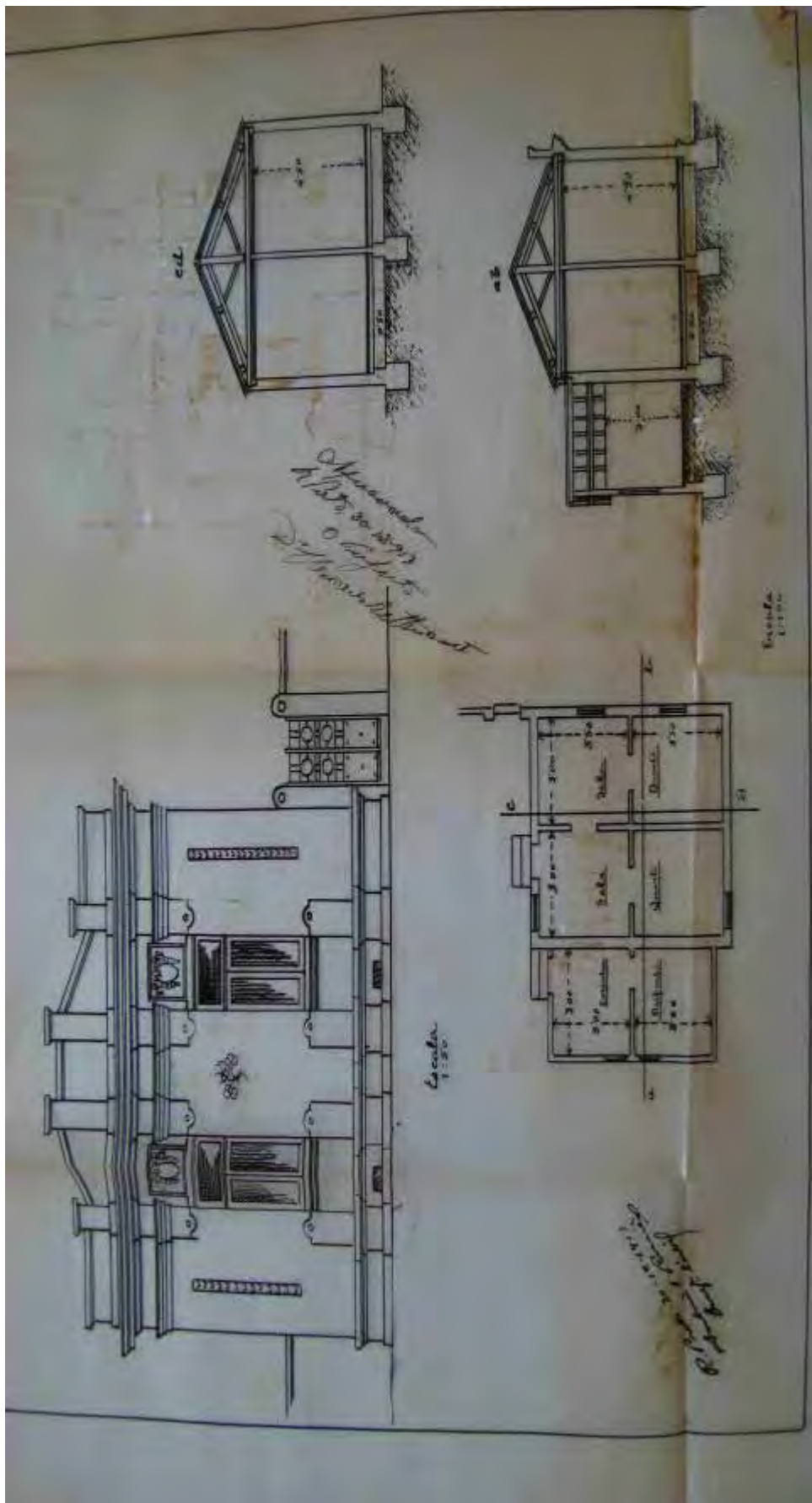
Planta 34 – Proprietário João D'Andrea. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de duas residências (germinadas) situadas na rua Visconde do Rio Branco, s/n – Aprovado em 19 de dezembro de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 290.



Planta 35 – Proprietário Joaquim Tavares. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de uma residência situadas na rua Álvares Cabral, esquina com rua Prudente de Moraes – Aprovado em 23 de dezembro de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 292.



Planta 36 – Proprietário Joaquim Tavares. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aproveção de Planta + Construção / Comércio. Projeto de uma fachada comercial situada na rua General Osório, nº88 – Aprovado em 30 de dezembro de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Grupo: Prefeitura Municipal; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 300.

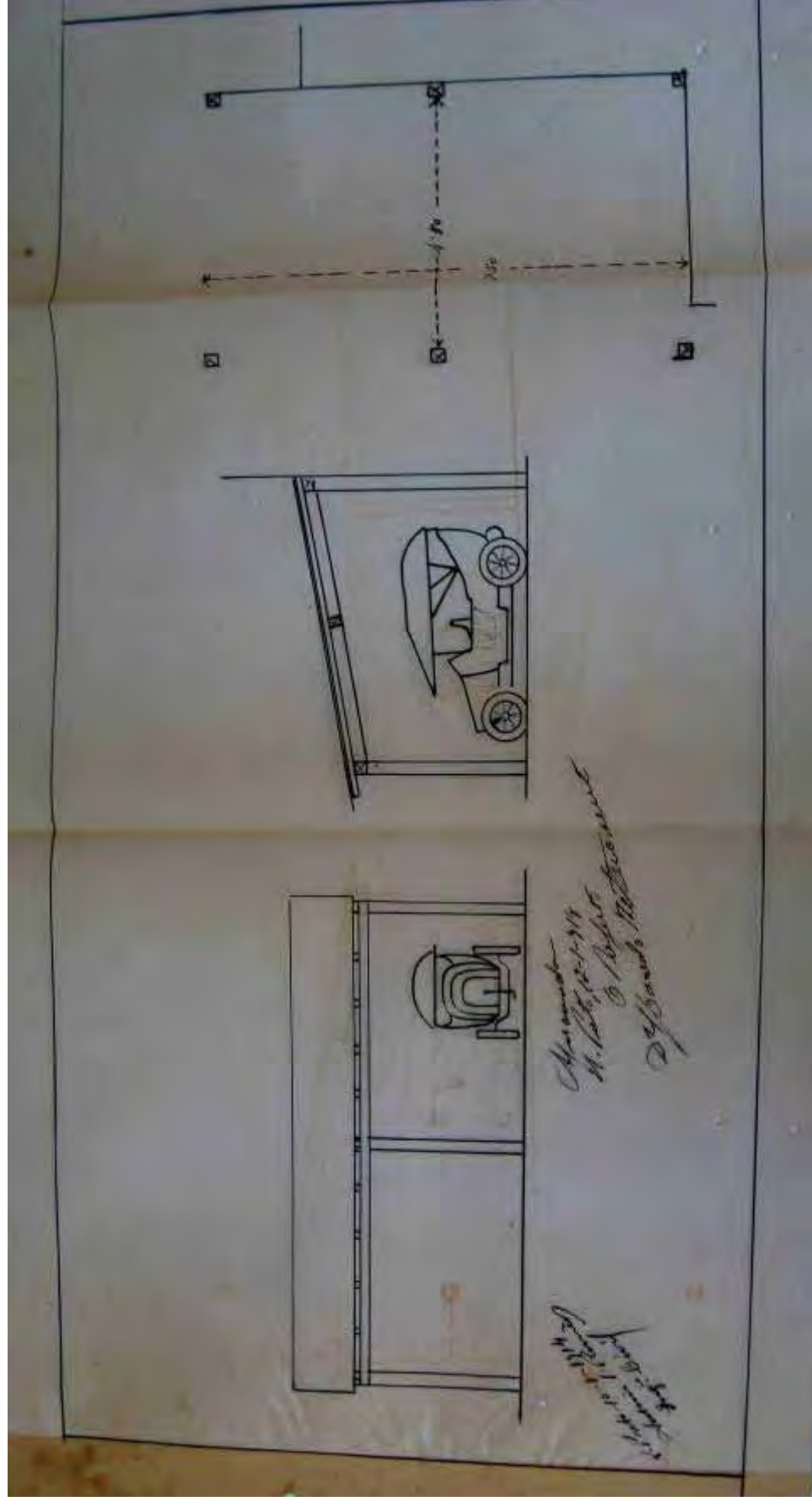


Planta 37 – Proprietário Francisco Vivacelauca. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de uma residência situada na rua Américo Brasileiro – Aprovado em 30 de dezembro de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Grupo: Prefeitura Municipal; Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 301.

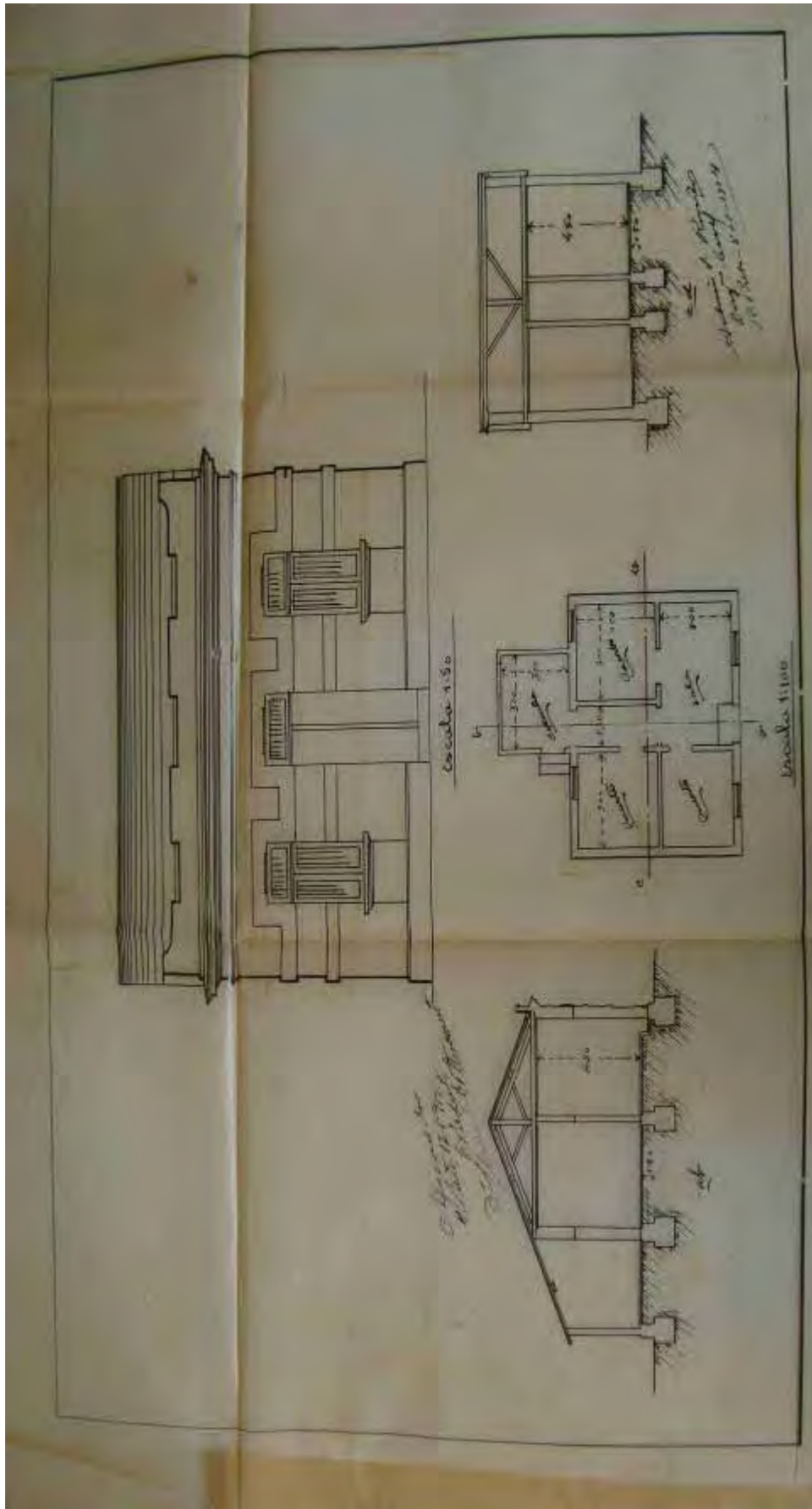


Planta 38 – Proprietário Casimiro Marino. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de uma fachada de residência situada na rua Castro Alves, n°24 – Aprovado em 31 de dezembro de 1913 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1913; pasta nº 302.

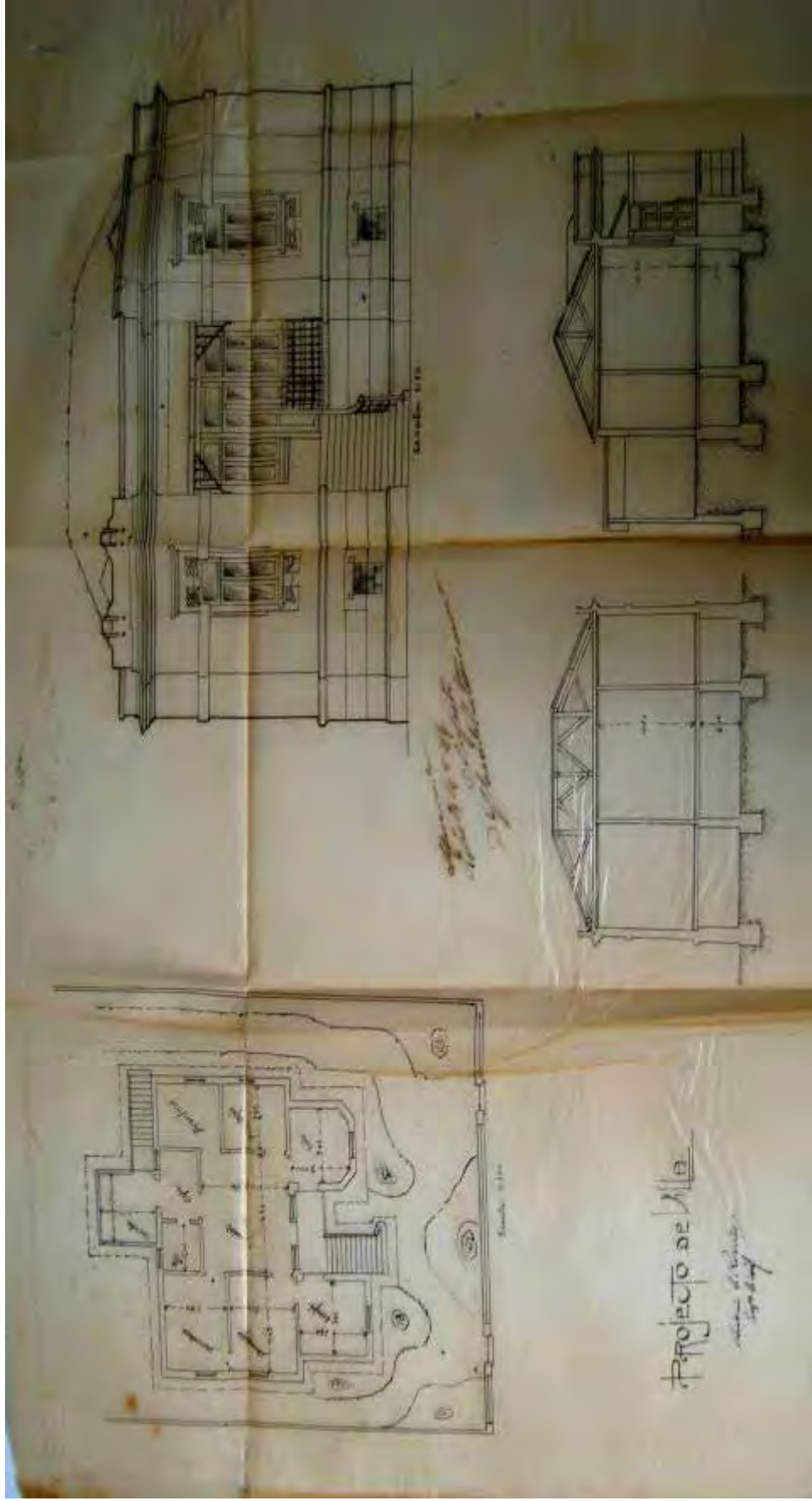
1.2 Plantas do ano de 1914



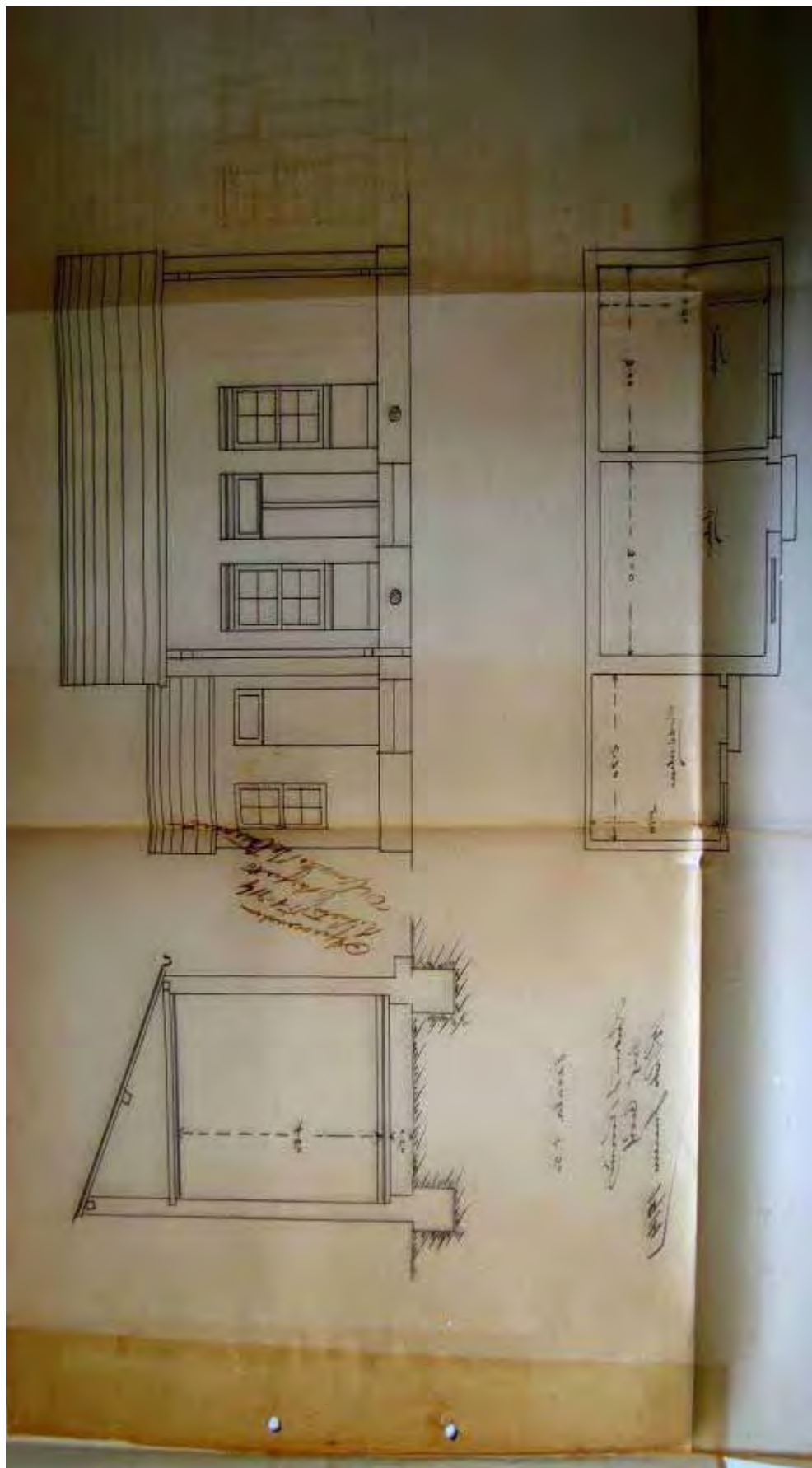
Planta 39 – Proprietário Arthur Fumagalli. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de uma garagem de residência situada na rua Prudente de Moraes, s/n – Aprovado em 12 de janeiro de 1914 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1914; pasta nº 3.



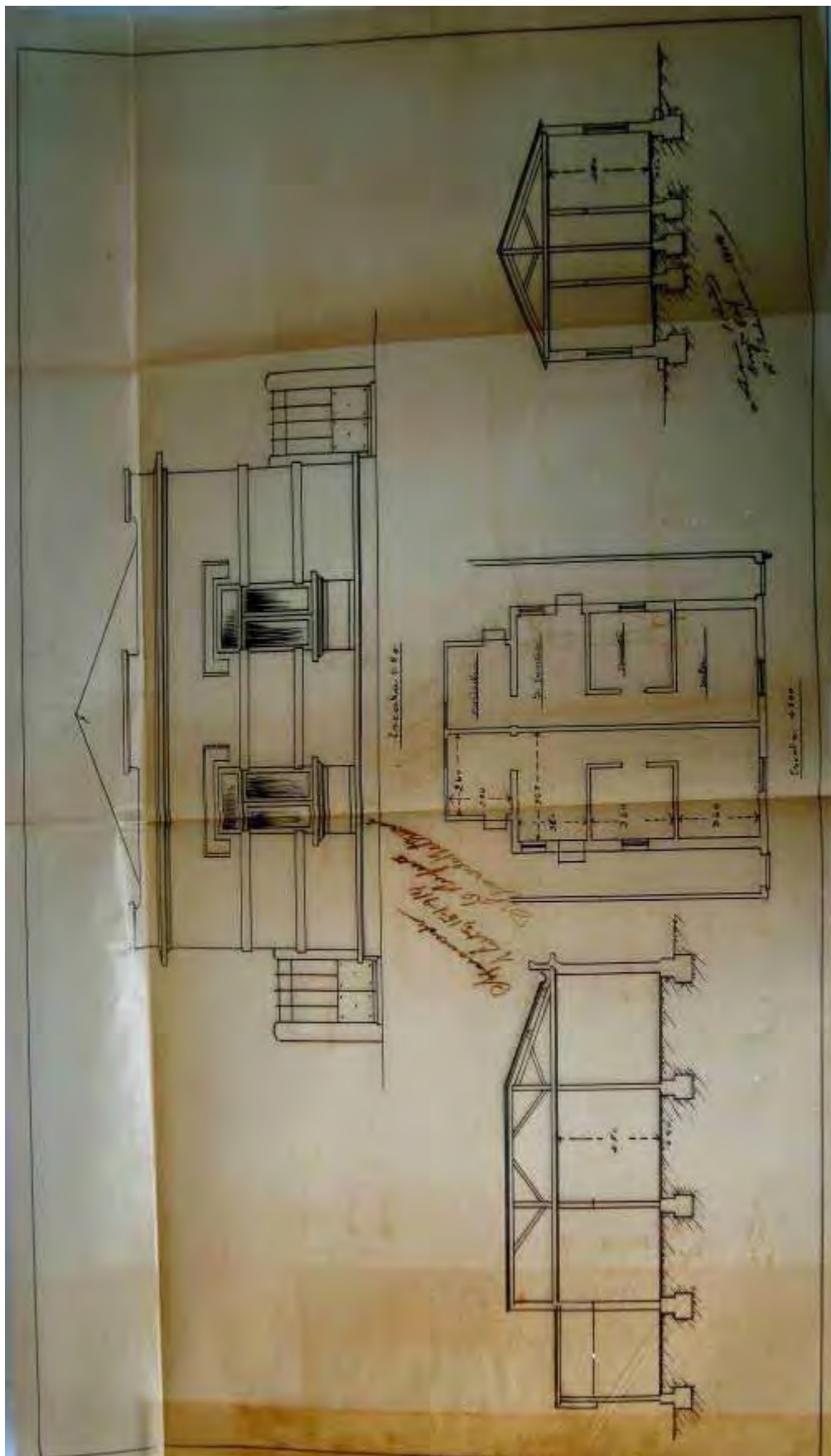
Planta 40 – Proprietário Jeremias Vidali. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de uma residência situada na rua Luiz Barreto, s/n – Aprovado em 12 de janeiro de 1914 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1914; pasta nº 4.



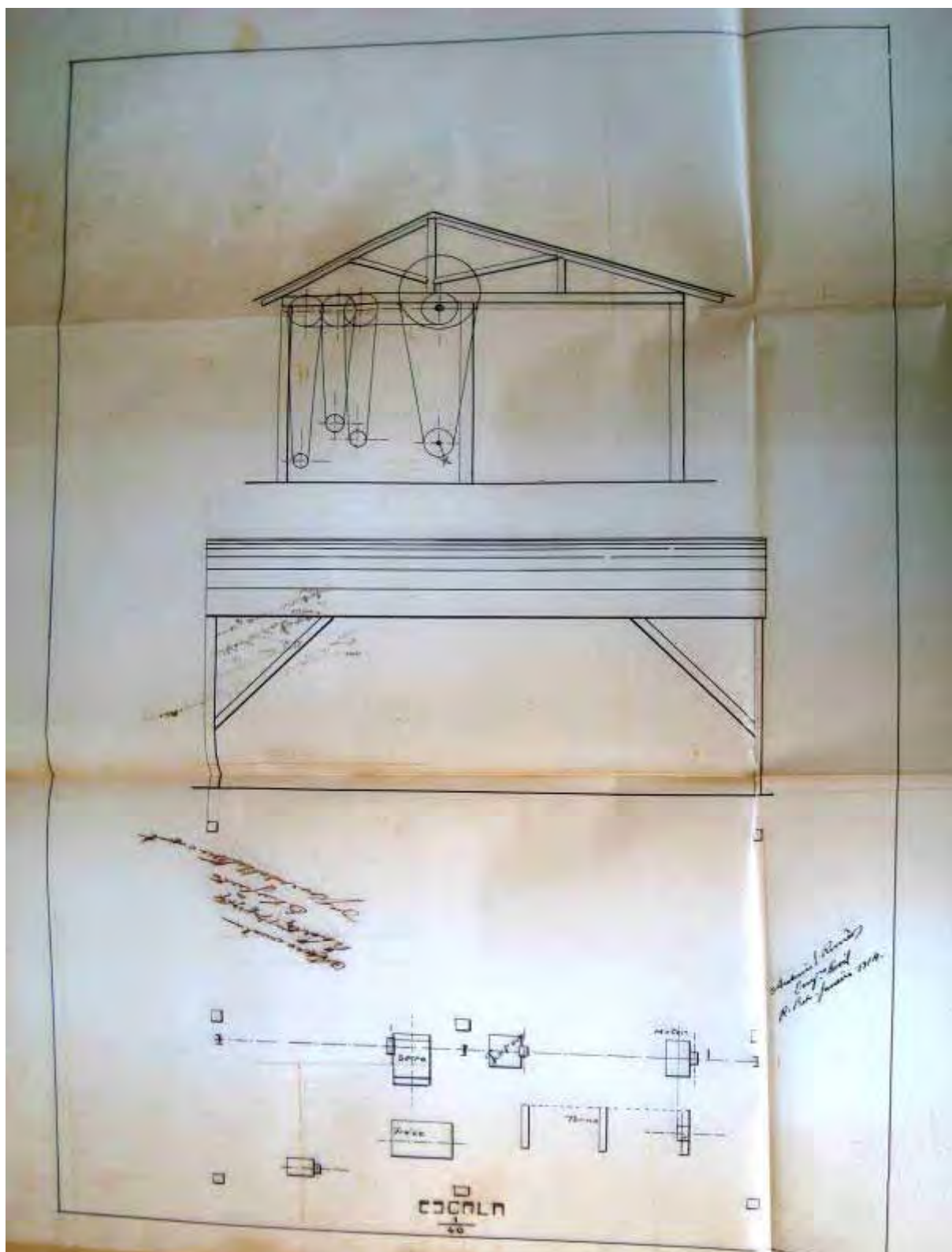
Planta 41 – Proprietário Mario de Assis Moura. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de uma residência situada na rua Prudente de Moraes, s/n – Aprovado em 14 de janeiro de 1914 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1914; pasta nº 5.



Planta 42 – Proprietário Ernesto Gallo. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de uma residência situada na rua Municipal, s/n – Aprovado em 15 de janeiro de 1914 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1914; pasta nº 6.



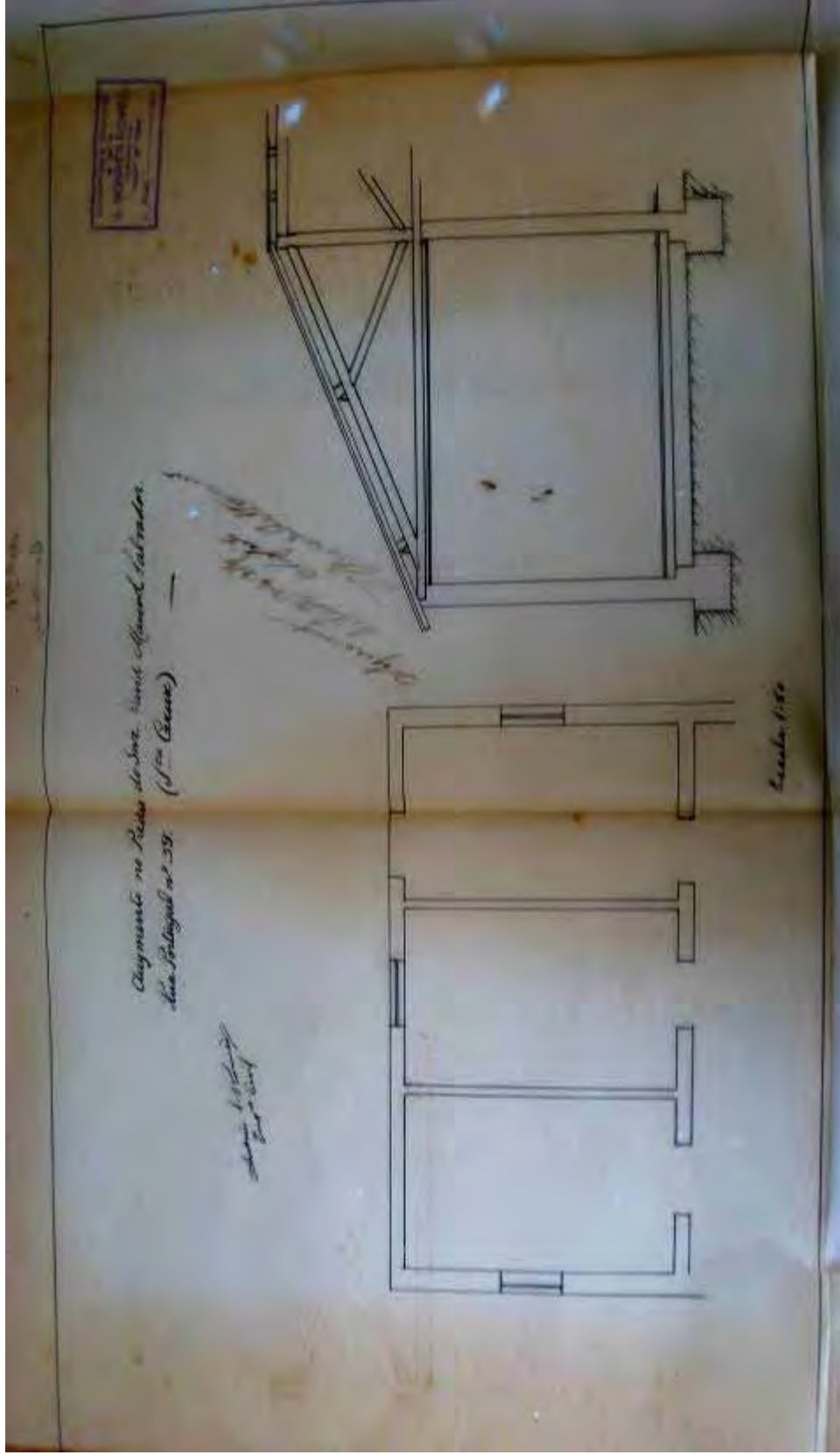
Planta 43 – Proprietário Emilio Moço. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de duas residências (germinadas) situadas na rua Prudente de Moraes, s/n entre as ruas Saldanha Marinho e Amador Bueno – Aprovado em 15 de janeiro de 1914 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1914; pasta nº 7.



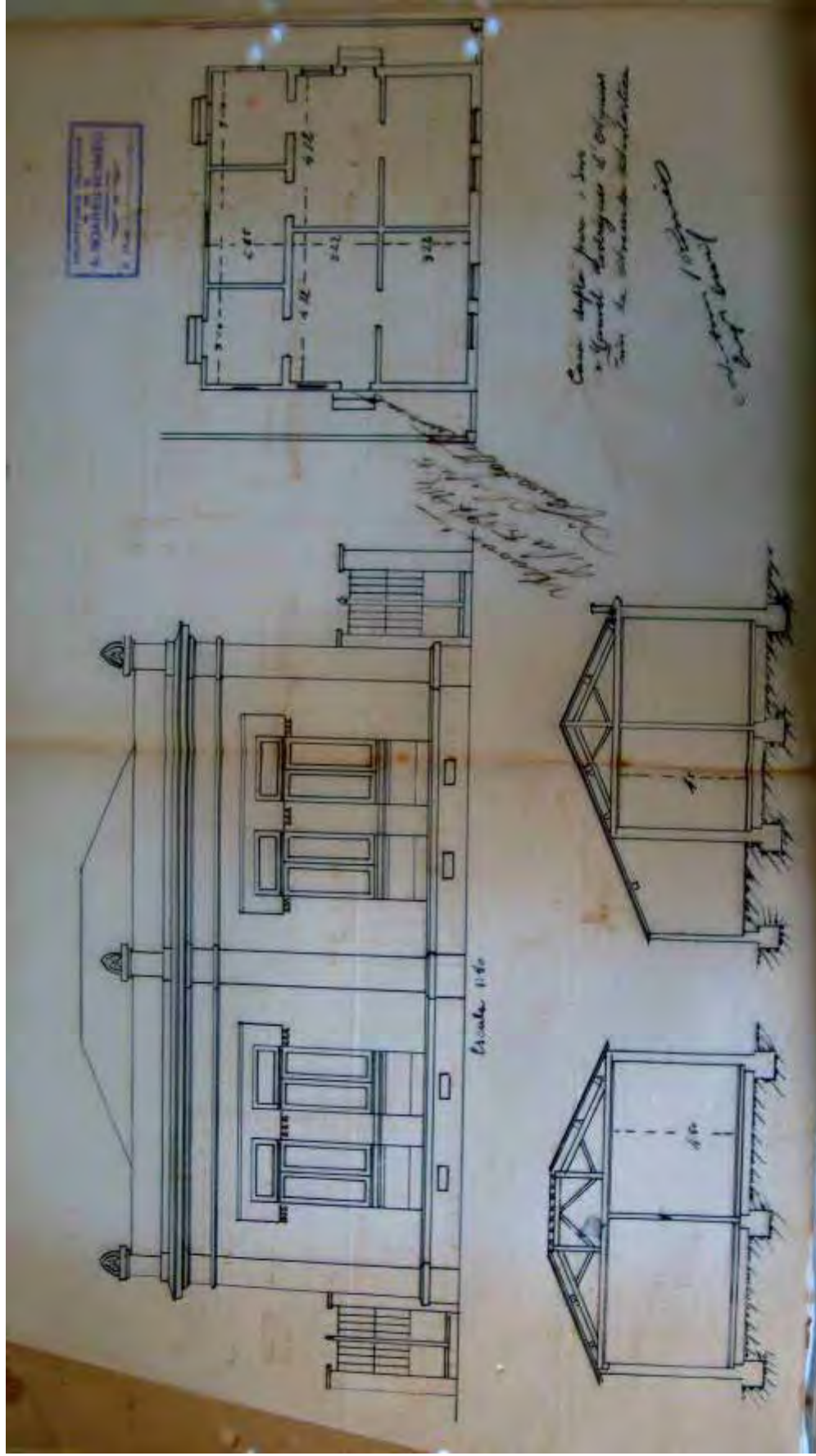
Planta 44 – Proprietário Alexandre Sartonio. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de aumento de garagem situadas na rua Álvares Cabral, nº42 – Aprovado em 17 de janeiro de 1914 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1914; pasta nº 12.



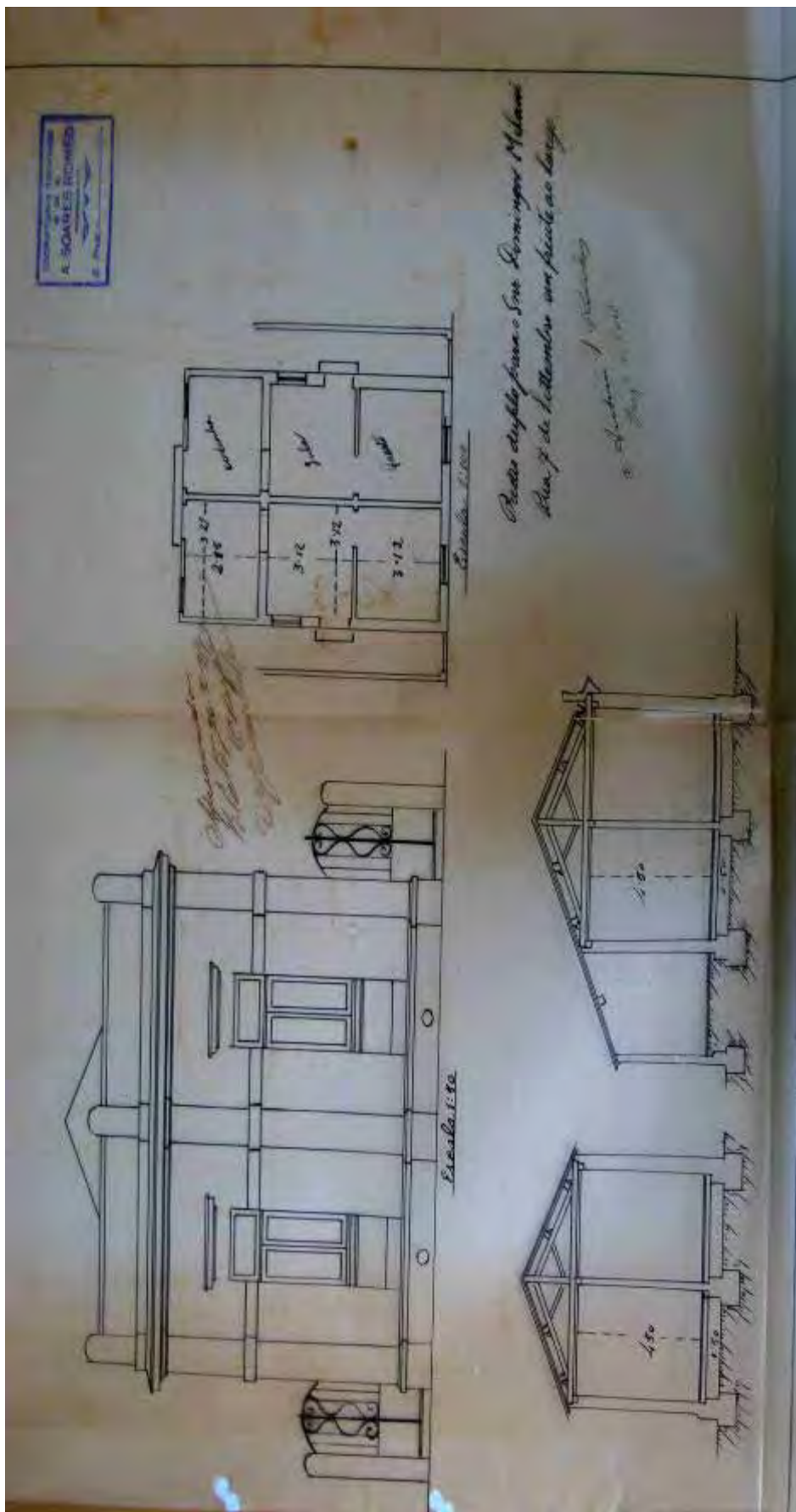
Planta 45 – Proprietário Patrício Crevelin. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de uma residência situada na última travessa esquerda da rua Minas, s/n – Aprovado em 11 de fevereiro de 1914 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1914; pasta nº 34.



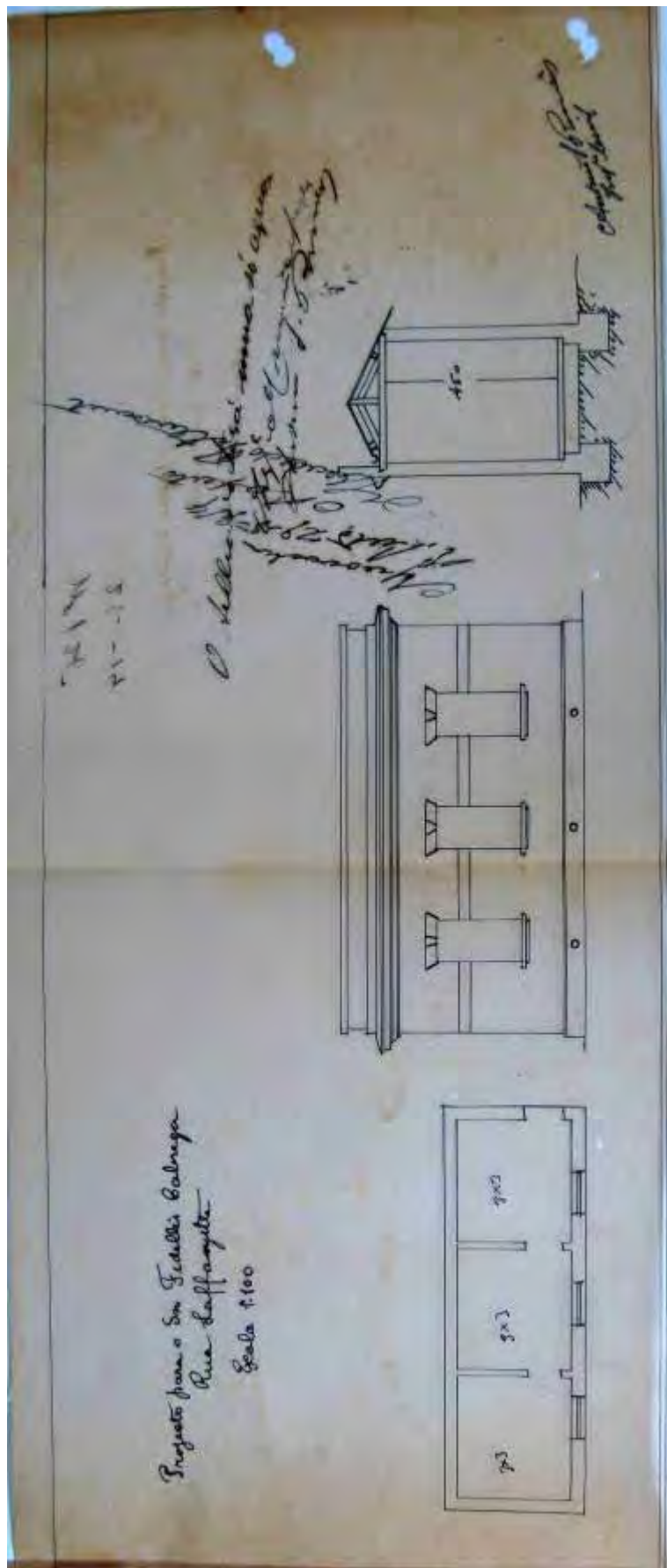
Planta 46 – Proprietário David Manoel Salvados. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de aumento do prédio situado na rua Portugal, nº39, Santa Cruz – Aprovado em 19 de abril de 1914 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1914; pasta nº 38.



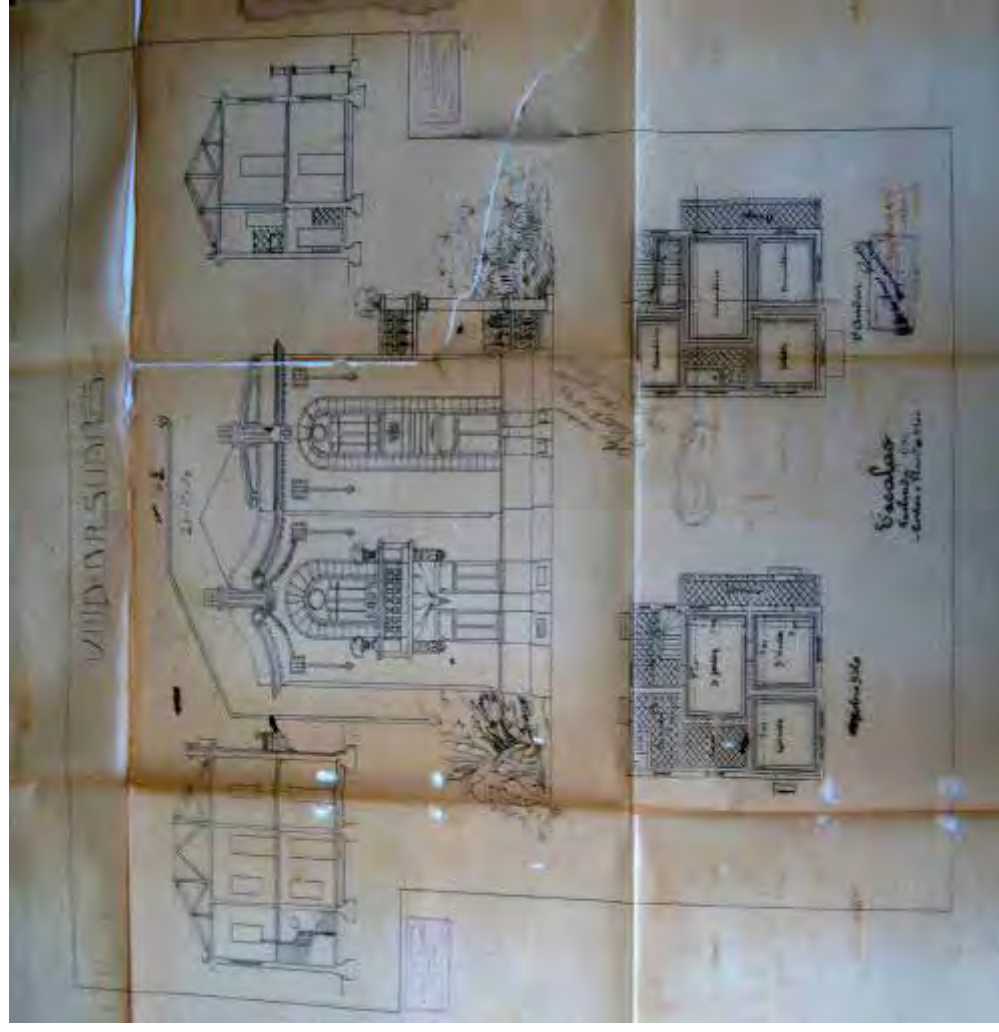
Planta 47 – Proprietário Manoel Rodrigues de Aguiar. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de duas residências (germinadas) situadas na av. Antártica, s/n – Aprovado em 19 de fevereiro de 1914 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1914; pasta nº 39.



Planta 48 – Proprietário Domingos Milani. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de duas residências (germinadas) situadas na rua 7 de Setembro, em frente ao largo – Aprovado em 26 de fevereiro 1914 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1914; pasta nº 43.

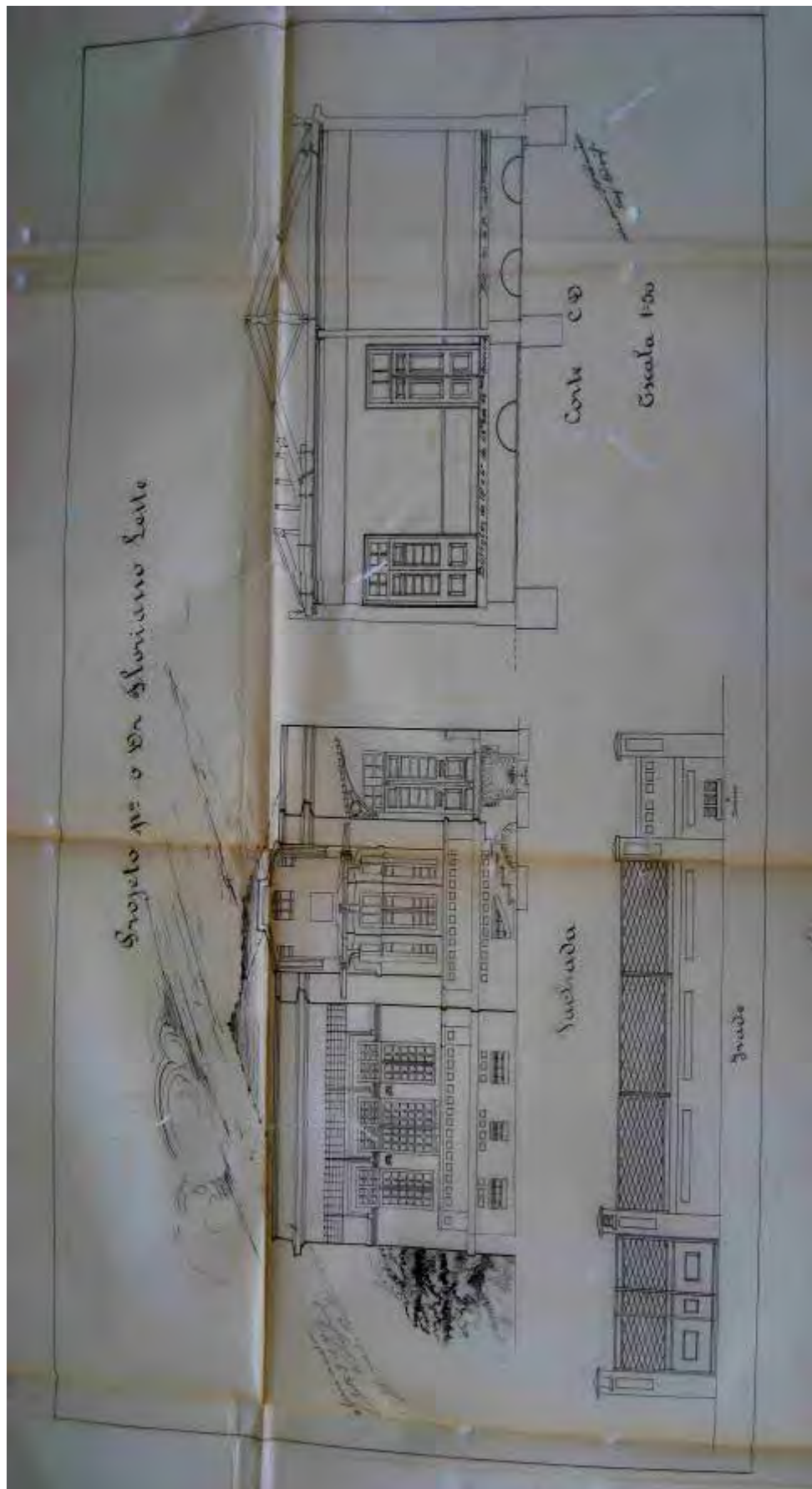


Planta 49 – Proprietário Fidélis Cabrega. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de um prédio situado na rua Lafaete, s/n – Aprovado em 19 de maio 1914 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1914; pasta nº 126.



Planta 50 – Proprietário Antônio Soares Romeo. Engenheiro Antônio Soares Romeo e Construtor Vicente Lo Giudice. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de um sobrado para uso residencial – projeto com contos – Aprovado em 23 de julho 1914 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1914; pasta nº 143.

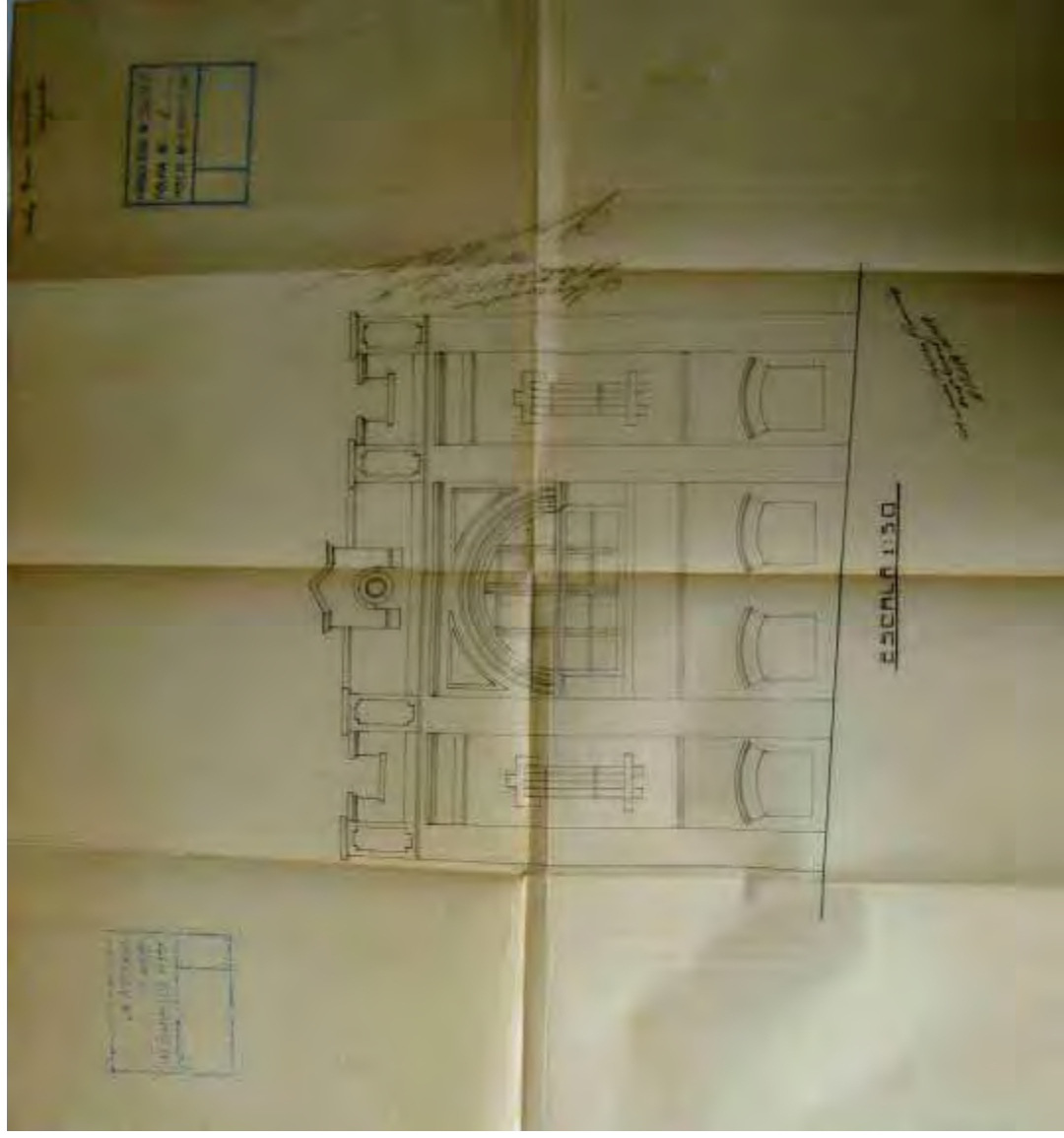
1.3 Plantas do ano de 1916



Planta 51A – Proprietário Floriano Leite. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de uma residência – Aprovado em 7 de junho 1916 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1916; pasta nº 79.

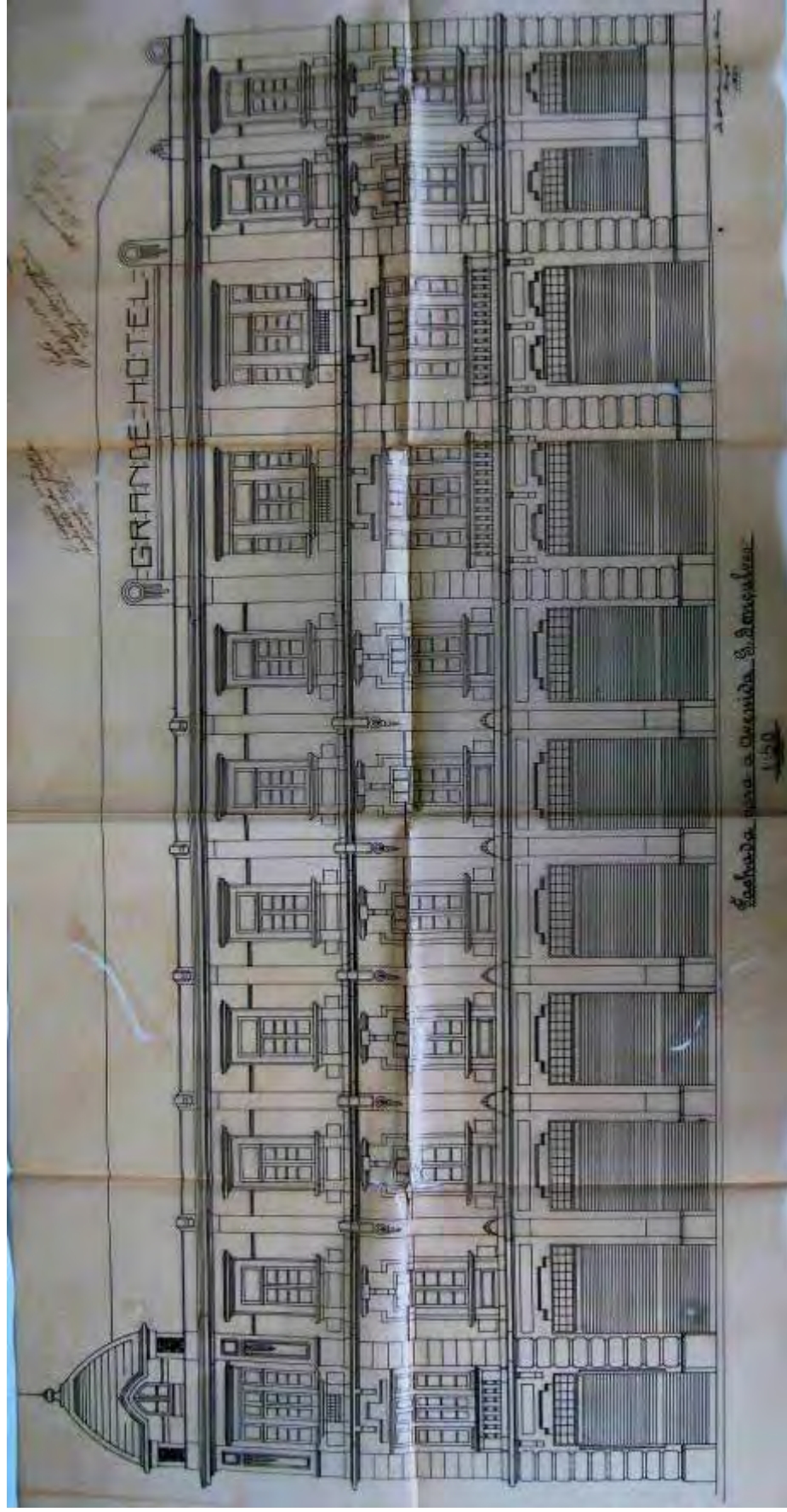


Planta 52 – Proprietário Cel. José Martiniano da Silva. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de uma residência situada na rua Liberdade – Aprovado em 3 de julho 1919 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1919; pasta nº 33.

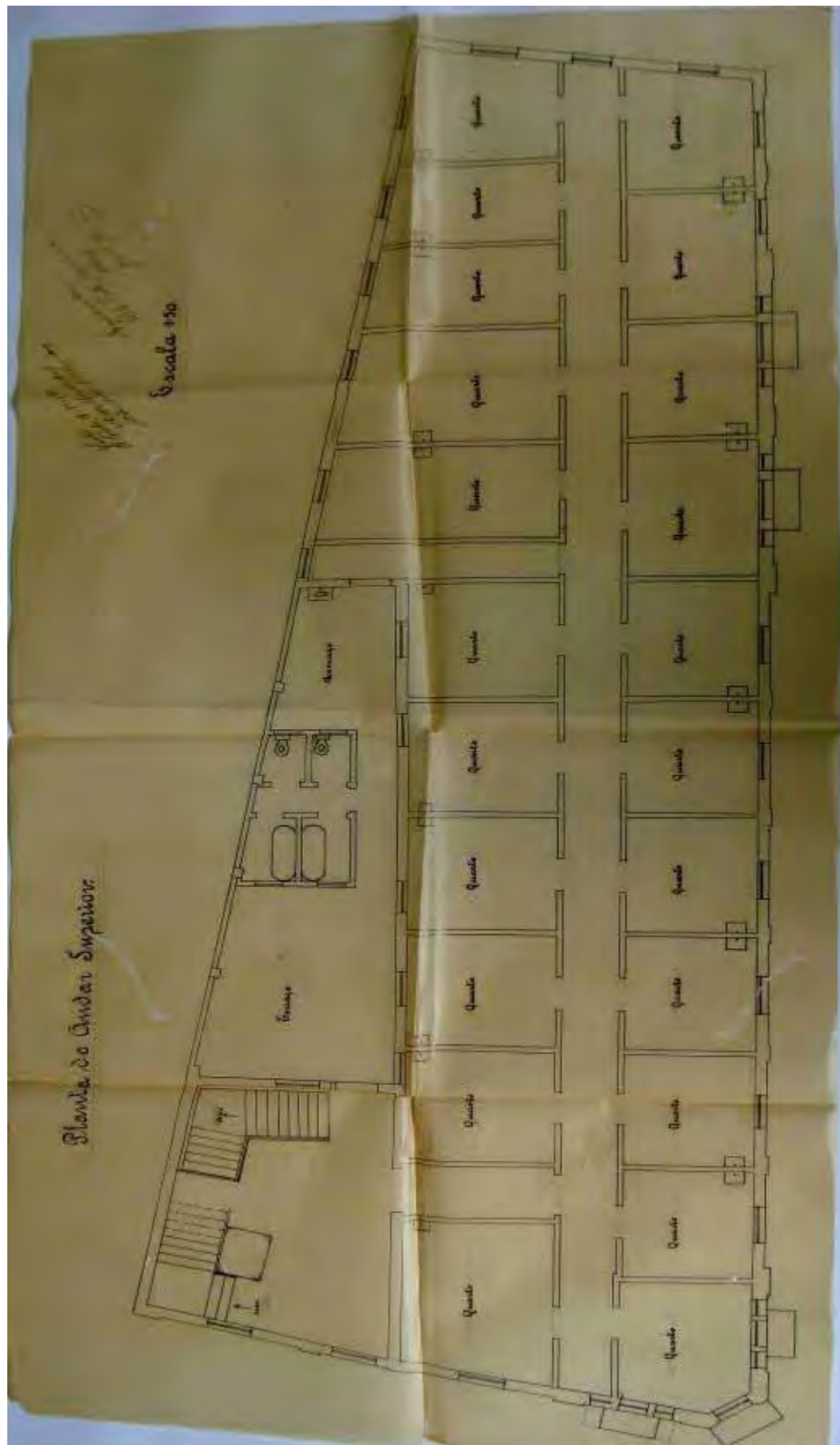


Planta 53 – Proprietário Banco Construtor. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de aumento de prédio – Aprovado em 24 de outubro 1919 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1919; pasta nº 58.

1.5 Plantas do ano de 1921

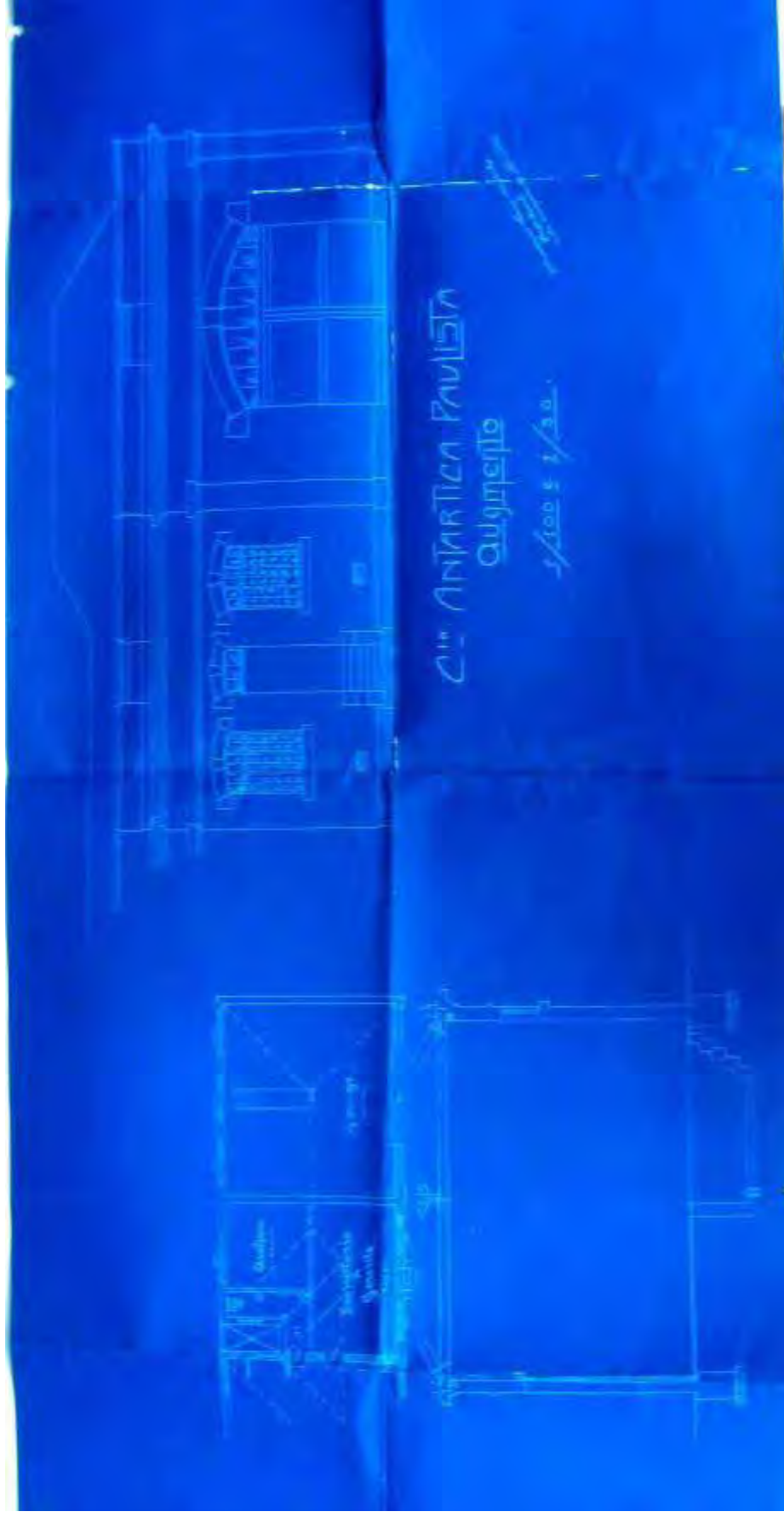


Planta 54A – Proprietário Vicenti Vicari. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Hotel. Projeto de construção do Hotel Brasil situado na av. Jerônimo Gonçalves – Aprovado em 18 de maio 1921 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1921; pasta nº 42.

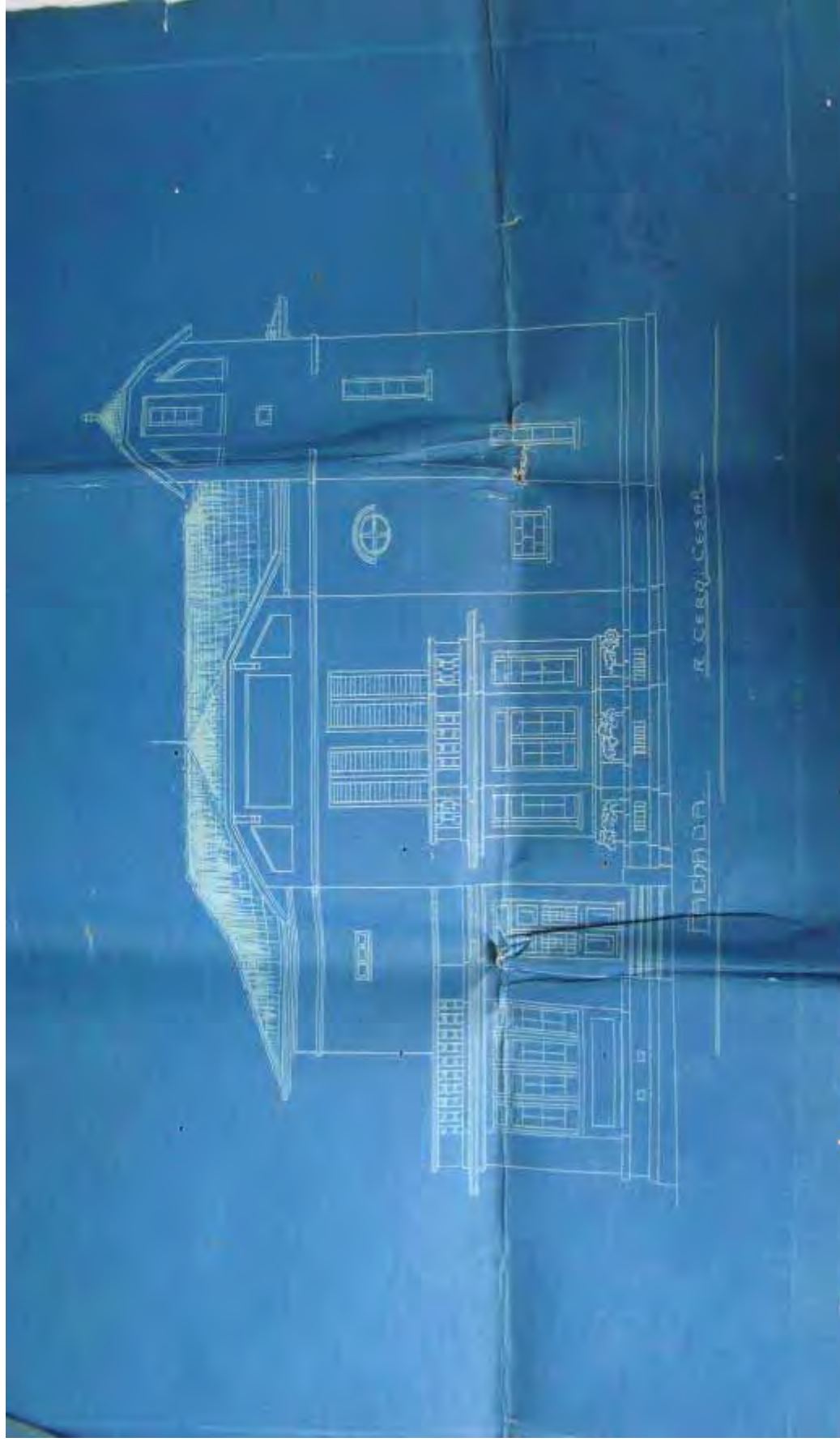


Planta 54B – Proprietário Vicenti Vicari. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Hotel. Projeto de construção do Hotel Brasil situado na av. Jerônimo Gonçalves – Aprovado em 18 de maio 1921 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1921; pasta nº 42.

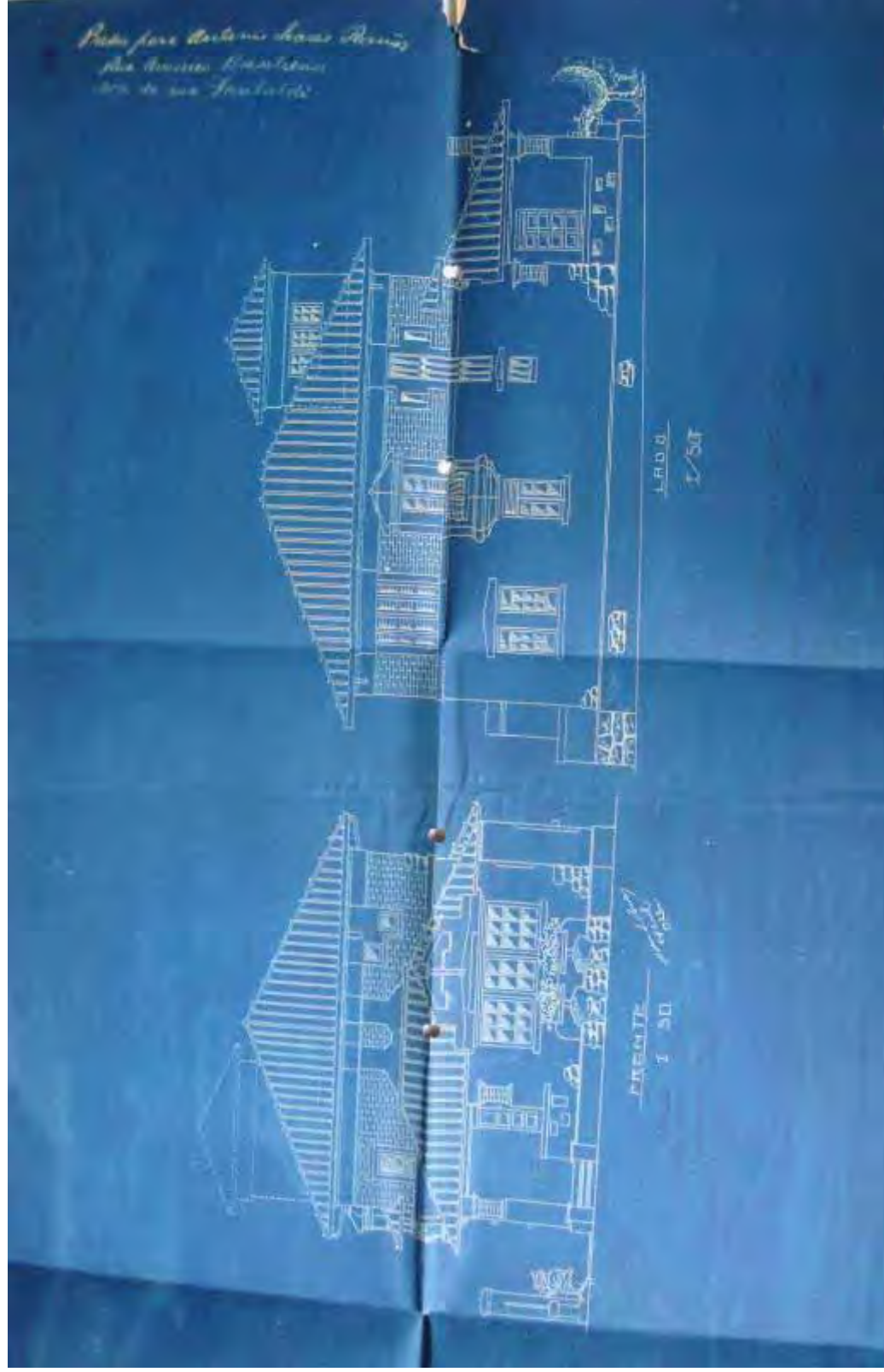
1.6 Plantas do ano de 1922



Planta 55 – Proprietário Cia. Antártica Paulista. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Industrial. Projeto de aumento do prédio situado na Vila Tibério – Aprovado em 16 de fevereiro de 1922 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1922; pasta nº 24.

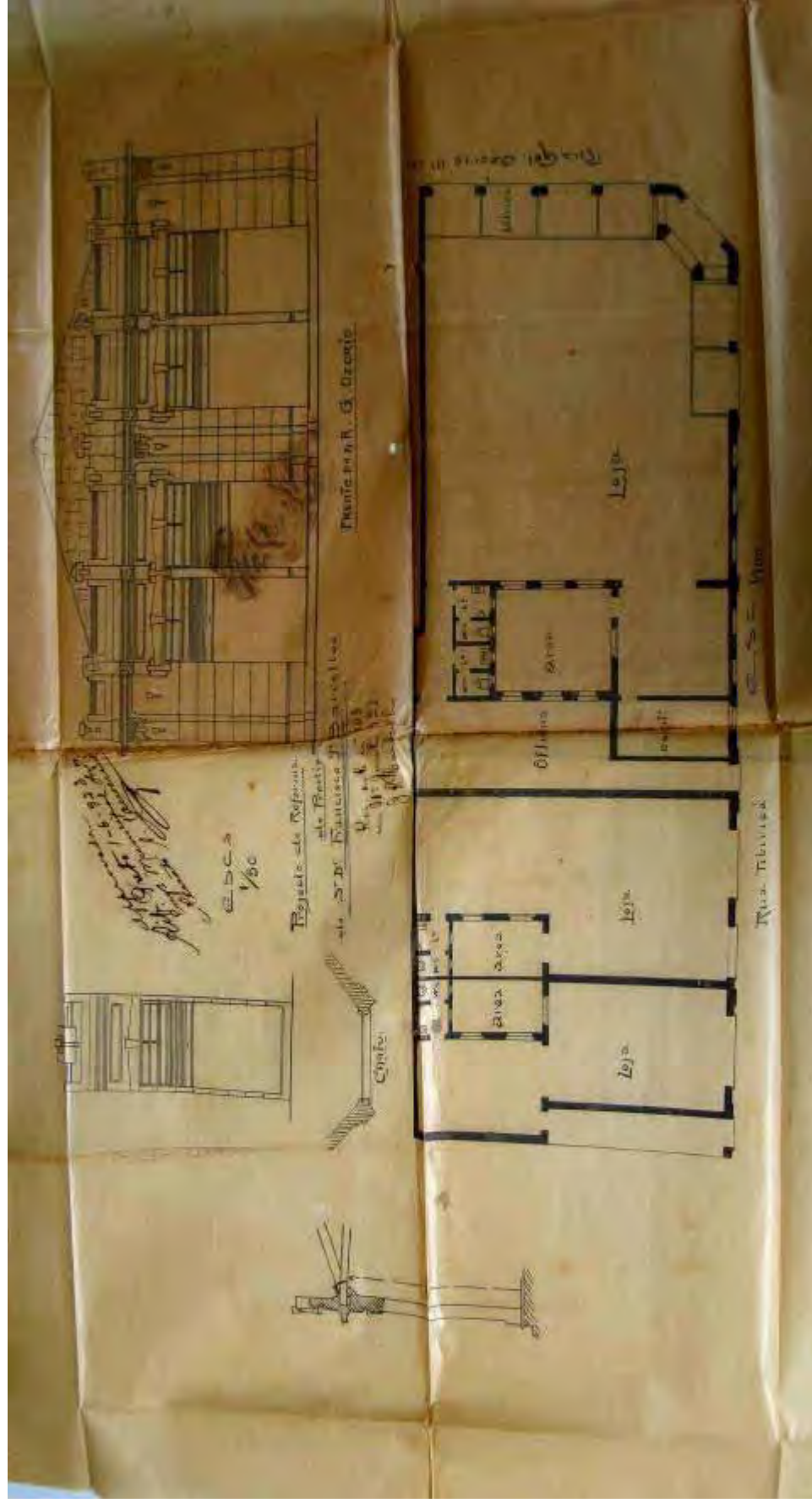


Planta 56 – Proprietário Sr. Daniel Kujfiski. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de uma residência situada na rua Cerqueira César esquina com São Sebastião – Aprovado em 25 de março de 1922 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1922; pasta nº 48.



Planta 57 – Proprietário Antonio Soares Romeu. Engenheiro Antônio Soares Romeu. Aprovação de Planta + Construção / Residência. Projeto de uma residência situada na rua Américo Brasileiro esquina com Garibaldi – Aprovado em 21 de junho de 1922 por Dr. Macedo Bittencourt / Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Prefeitura Municipal; Grupo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1922; pasta nº 114.

1.7 Plantas do ano de 1923



Planta 58 – Proprietário Dr. J. Barcelos. Engenheiro Antônio Soares Romeo. Planta + Construção / Comércio. Projeto da primeira reforma de um prédio comercial situado na rua General Osório, esquina com Tibiriçá – Assinada em 28 de julho de 1922. Sem aprovação e sem visto. Nanquim sobre papel vegetal – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Fundo: Desenvolvimento Urbano e Rural; Grupo: Prefeitura Municipal; Subgrupo: Obras Particulares; Série: Plantas; Data 1923; pasta nº 108.